

A Médium das Flores

Investigações no terreno dos fenômenos do Espiritismo pelo
Grupo Espírita Marietta

Pneumatografia * Bicorporeidade * Materializações Apports e
Outros Fenômenos Espíritas



Por Vizconde de Torres-Solanot

Presidente do Centro Geral do Espiritismo na Espanha



SEGUNDA EDIÇÃO

BARCELONA:

Imprensa da Casa Editorial Maucci

1878



Federación Espírita Española

www.espiritismo.es



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS

www.autoresespiritasclassicos.com

Data da publicação: 15 de maio de 2013

CAPA: Irmãos W.

TRADUTORA: Teresa da Espanha

REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

MEMÓRIA

SOBRE OS FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO E TRANSPORTE

NO GRUPO
MARIETTA DE MADRI

REDIGIDA

PELA COMISSÃO DO CENTRO FAMILIAR DE CÓRDOBA
QUE OS PRESENCIOU



CÓRDOBA
JANEIRO, ANO DE 1879



BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA

<http://www.bne.es>



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS

www.autoresespiritassclassicos.com

Data da publicação: 10 de junho de 2017

CAPA: Irmãos W.

TRADUTORA: Teresa da Espanha

REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil



"O Espiritismo é um fato de todas as épocas, não observado nem explicado racionalmente até hoje, e uma ciência que está a se formar na atualidade e cujas aplicações encarnam diretamente na esfera da Filosofia, da Religião e da Sociologia, e indiretamente na esfera das ciências físico-naturais.

Este fato é a origem de todas as religiões e serve de fundamento a todas as revelações; esse fato é a chamada constante que em virtude das leis naturais (explicadas umas e já pressentidas outras pelo Espiritismo moderno) foi preciso fazer ao espírito humano para que o sentimento espiritual não se desvanecesse com os prazeres materiais; esse fato, enfim, está consignado em todas as páginas da História e chegará a ser testemunhado em todos os capítulos da Ciência."

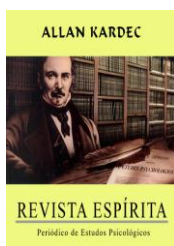
Vizconde de Torres-Solanot "Os Pioneiros do Espiritismo"



"Apesar de tudo o que foi e possa ser dito contra o Espiritismo, os seus partidários formam a avançada que inicia a marcha; a humanidade virá depois."

Vizconde de Torres-Solanot "Os Pioneiros do Espiritismo"

Apport é uma nomenclatura classificada na parapsicologia como fenômenos Psi-Kapa. Segundo o dicionário Larousse, a palavra apport vem do infinitivo do verbo apporter, que significa “trazer”. Na Doutrina Espírita é considerado fenômeno de efeitos físicos. Ou seja, introdução de objetos em locais ou móveis fechados. Por exemplo: uma flor, uma cadeira, uma pedra etc., são transportadas para uma sala totalmente fechada e sem nenhuma abertura por onde esses objetos possam passar. Segundo a Codificação, os objetos podem ser desmaterializados e transportados para outros locais e rematerializados, segundo Kardec, ou os objetos transportados são envolvidos numa espécie de fluidos perispirituais para neutralizar os obstáculos da dimensão física para trespassar as paredes etc, segundo o Espírito Erasto.



Transporte de Objetos e Outros Fenômenos Tangíveis (1)

(Sociedade Espírita de Paris. Mèdium, Sr. D'ambel)

Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei – sensitivos, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluído animalizado que lhes é próprio.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, à mais insignificante sensação; as que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza são muito aptas a se tornarem excelentes médiuns, para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. Efetivamente, quase de todo desprovido do invólucro refratário, que, na maioria dos outros encarnados, o isola, o sistema

nervoso dessas pessoas as capacita para a produção destes diversos fenômenos. Assim, com um indivíduo de tal natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à mediunidade, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes e mesmo a suspensão, no espaço, da mais pesada matéria inerte. A fortiori, os mesmos resultados se conseguirão se, em vez de um médium, o experimentador dispuser de muitos, igualmente bem-dotados.

Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção dos de transporte há um mundo de permissão, porquanto, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como, sobretudo, ele não pode operar, senão por meio de um único aparelho mediúnico, isto é, muitos médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede até que, ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que opera lhe obsta radicalmente a operação. A estes motivos a que, como vedes, não falta importância, acrescentemos que os transportes reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho eletromediúnico é o que melhores condições oferece.

Em geral, os fatos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar por que são e serão menos frequentes do que os outros fenômenos de tangibilidade; do que digo, vós mesmos podeis deduzi-lo. Demais, estes fenômenos são de tal natureza, que nem todos os médiuns servem para produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium influenciado exista certa afinidade, certa analogia: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido perispirítico (2) do encarnado se misture, se una, se combine com o do Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal essa fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, uma: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade.

Por que essa união, essa fusão, perguntareis? É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que

o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

Não me é permitido, por enquanto, desvendar-vos as leis particulares que governam os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem se tenha esgotado, a explicação destas leis e destes fenômenos vos será revelada e vereis surgir e produzir-se uma variedade nova de médiuns, que agirão num estado cataléptico especial, desde que sejam mediunizados.

Vedes, assim, quantas dificuldades cercam a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podeis concluir daí que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, e com tanto mais razão, quanto os Espíritos muito pouco se prestam a produzi-los, porque isso dá lugar, da parte deles, a um trabalho quase material, o que lhes acarreta aborrecimento e fadiga. Por outro lado, ocorre também que, frequentemente, não obstante a energia e a vontade que os animem, o estado do próprio médium lhes opõe intransponível barreira.

Evidente é, pois, e o vosso raciocínio, estou certo, o sancionará, que os fatos de tangibilidade, como pancadas, suspensão e movimentos, são fenômenos simples, que se operam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando secundados por Espíritos amigos e benevolentes, ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e necessitam, além do que a tangibilidade reclama, uma combinação muito especial, para isolar e tornar invisíveis o objeto, ou os objetos destinados ao transporte.

Todos vós espíritas compreendeis as minhas explicações e perfeitamente apreendeis que seja essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a taticidade da matéria inerte. Acreditais nisso, como

acreditais nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos têm grande analogia e de que são, por assim dizer, a confirmação e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos, não me compete convencê-los e com eles não me ocupo. Convencer-se-ão um dia, por força da evidência, pois que forçoso será se curvem diante do testemunho dos fatos espíritas, como forçoso foi que o fizessem diante de outros fatos, que a princípio repeliram.

Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são frequentes, mas os de transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem. Consequentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio Espírito se vê obstado na execução de sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque neste quase sempre se encontram elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que, na intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente, as mais das vezes à revelia dos médiuns e sem premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos. Deveis deduzir daí que há motivo de suspeição todas as vezes que um médium se lisonjeia de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como a servos seus, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a tais coisas; só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembraí-vos, espíritas, de que; se é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é de bom aviso aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de visibilidade, ou de transporte se opera espontaneamente e de modo instantâneo, aceitai-o. Porém – nunca o repetirei demasiado – não aceiteis coisa alguma às cegas. Seja cada fato submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, porquanto, crede, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas

manifestações, que prestidigitadores hábeis podem imitar.

Bem sei que ides dizer: é que estes são úteis para convencer os incrédulos. Mas, ficai sabendo, se não houvésseis disposto de outros meios de convicção, não contaríeis hoje a centésima parte dos espíritas que existem. Falai ao coração; por aí é que fareis maior número de conversões sérias. Se julgardes conveniente, para certas pessoas, valer-vos dos fatos materiais, ao menos apresentai-os em circunstâncias tais, que não possam permitir nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não vos afasteis das condições normais dos mesmos fatos, porque, apresentados em más condições, eles fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los. ERASTO.

(1) N. do T.: Vide O Livro dos Médiuns, 2ª parte, capítulo V, item 98.

(2) Vê-se que, quando se trata de exprimir uma ideia nova, para a qual falta o termo, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Os vocábulos eletromedianímico e perispírico não são nossos. Os que nos criticaram por havermos criado espírita, Espiritismo, perispírito, que não tinham análogos, podem também usar o mesmo processo contra os Espíritos.

Fonte: Revista Espírita de Agosto de 1861

LA MÉDIUM DE LAS FLORES

Investigaciones hechas en el terreno
de los fenómenos del Espiritismo por el grupo
espiritista MARIETTA

PNEUMATOGRAFIA :: BICORPOREIDAD :: MATERIALIZACIONES
APORTES Y OTROS FENÓMENOS ESPIRITISTAS

POR EL

VIZCONDE DE TORRES-SOLANOT

PRÉSIDENTE DEL CENTRO GENERAL DEL ESPIRITISMO EN ESPAÑA



BARCELONA

CASA EDITORIAL MAUCCI

Gran medalla de oro en las Exposiciones de Viena de 1903, Madrid
1907, Budapest 1907, Londres 1913, París 1913, y gran premio
en la de Buenos Aires 1910

Calle de Mallorca, núm. 166

A MÉDIUM DAS FLORES

Biografia de Vizconde de Torres-Solanot / 15

Prefácio da obra (Jorge Hessen) / 18

Introdução / 19

Capítulo I - Considerações gerais / 21

I. A obra de Allan Kardec. — II. Nova fase do Espiritismo científico. — III. Fato providencial

Capítulo II / 30

I. Achado de um grande médium. — II. Primeiras sessões de estudo.

Capítulo III - Desenvolvimento de uma mediunidade / 35

I. Sessões de efeitos físicos. Três fatos notáveis. — II. Princípio de uma materialização. Escrita direta. Considerações. — III. Várias manifestações. Baixada da temperatura. — IV. Notável fenômeno. Perna e mãos materializadas. Desdobramento de um corpo.

Capítulo IV / 50

I. Mudança do local das sessões por excesso de precaução. — II. Continuam as manifestações. — III. Experiências Sonambúlicas. — IV. Outros membros materializados. — V. Transportes de objetos e apports de flores e doces. — VI. Apport de um arbusto. — VII. Outros apports.

Capítulo V / 66

I. Apport de flores a plena luz. — II. Comunicação do espírito de Estrela por escrita direta. — III. Espíritos brincalhões. — IV. Última sessão da primeira série. — V. Manifestações fora de sessão.

Capítulo VI / 78

I. Inauguração da segunda série de sessões. — II. Novos assistentes. — III. Repetidas mostras do poder dos espíritos. — IV. Em sessão permanente. — V. Chuva de flores, doces e frutas da América. Formação do Grupo “Marietta”. — VI. Imenso apport. Manifestações luminosas.

Capítulo VII / 93

I. Forma fluídica e comunicação por escrita direta. — II. O melro. — III. A lanterna Espiritual.

Capítulo VIII - A materialização de Marietta / 102

I. Sessão magna. — II. Notável apport. — III. Imperecível lembrança. Sons musicais. Espíritos brincalhões. O Beato Simon Rojas. Espíritos

Familiares. Comunicação do Beato, obtida por escrita direta. Certificação. — IV. Carta a dona Amália Domingo Soler. — V. Comunicação de Victor Manuel. — VI. Fala o espírito de Marietta. — VII. Aniversário. Notável Sessão. — VIII. Considerações sobre os apports. — IX. Assistência de representantes de Barcelona, Tarragona e Navalmoral de la Mata. — X. Excursão. O espírito de Marietta em presença de todos corta um anel de seus cabelos, dando-o de presente. Representantes de Alicante, Cuenca e Valladolid. — XI. Duas atas de sessões de comprovação. O fenômeno de bi corporeidade. — XII. Clausura da primeira série de sessões de materialização. Considerações e comentários acerca dos fenômenos observados. Sessão enciclopédica.

Capítulo IX / 175

I. Sessões de comprovação com o Grupo “La Paz” de Barcelona e grupo de Navalmoral. Um artigo de Fernández-Colavida. — II Resenha dos trabalhos. — III. Comunicações e fenômenos por irradiação entre Madri e Barcelona. — IV. Telegrafia humana. O espírito da Rua Cardeal Cisneros. — V. Exatidão das comunicações psico-telegráficas. — VI. Comprovações com o grupo de Navalmoral. Novos espíritos visíveis para todos os assistentes à sessão. — VII. A casa dos duendes. Um infanticídio. — VIII. História do espírito de Laura ou o duende da Rua Cardeal Cisneros. — IX. Considerações acerca da aparição deste espírito, visível para todos.

Capítulo X / 199

I. Sessões de estudo teórico-prático. A médium concorre por segunda vez à Exposição de plantas e flores. Premio obtido. — II. Notáveis apports de flores. — III. Suspensão de trabalhos. Viagem a Paris. Notável decaimento de faculdades mediúnicas.

Capítulo XI / 206

I. Reabertura dos trabalhos. Outra vez o espírito de Marietta. — II. Ata da sessão de 3 de abril de 1880. Manifestações espontâneas. Assistência de D. Segundo Oliver. — III. Várias sessões sem incidentes notáveis. — IV. A materialização torna a acontecer. Observações e conjecturas sobre a produção do fenômeno. — V. Últimas sessões.

Capítulo XII / 226

I. Explicações, particularidades e detalhes. — II. Vigilância cuidadosa.

Conclusão / 229

Apêndice / 231

Adendo / Memória sobre os fenômenos de materialização transporte, no Grupo Marietta, de Madri, redigida pela comissão do centro familiar de Córdoba que os presenciou. / 237



VIZCONDE DE TORRES-SOLANOT (1840 - 1902)

Torres-Solanot y Casas (Sr. Antônio).— Vizconde de Torres-Solanot, originário da província de Huesca, nasceu em Madri em 20 de Janeiro de 1840, porque sua família estava acidentalmente na Corte e porque o senhor seu pai, Sr. Mariano, ex deputado e senador do reino, ocupava um alto cargo político, passando depois a desempenhar a pasta de Governação em um dos ministérios da regência de Espartero.

Em Huesca recebeu a instrução primária destacando sempre, na escola e no curso ginásial; estudou Pedagogia e Latim e Humanidades, terminando Filosofia e estudando em Zaragoza os dois primeiros anos da carreira de Direito, que continuou em Madri, estudando também Administração.

Não sentindo vocação para o exercício da advocacia a que fora destinado, mergulhou inteiramente no estudo particular das Ciências Morais, Políticas e Filosóficas, para as quais sentia constante inclinação e afã, que não decresceu ao longo da sua vida laboriosa.

Esgotado intelectual e fisicamente, quando apenas contava quatro lustros, iniciou a época de suas viagens, que empreendeu tanto para recuperar as forças perdidas, como para completar sua ilustração.

Sendo ainda criança, mostrava suas inclinações para o jornalismo, redigindo jornais manuscritos e fazendo parte do grupo dos colaboradores de uma modesta publicação fundada por escolares em Zaragoza, com o título de O Ateneu.

A partir de 1867 dedicou-se à carreira de jornalismo, dirigindo em Huesca O Alto Aragón, publicação de interesses materiais no início, e políticos mais tarde, e que defendia as ideias do Partido Progressista; além disso, colaborava em vários jornais literários.

Participou ativamente na revolução de 1868, sendo secretário da Junta

Revolucionária de Huesca, e continuando na direção daquele jornal até 1870.

Em 1871, encontrando-se em Zaragoza, abraçou o Espiritismo, que conhecia desde 1862; fundou e dirigiu durante alguns meses a revista O Progreso Espírita, órgão da sociedade do mesmo nome, e pouco depois passou a Madri, chamado para fazer parte da redação de A Constituição, jornal fundado pelo Sr. Nicolás Maria Rivero.

Desde 1872, sendo presidente da “Sociedade Espírita Espanhola”, dirigiu em Madri O Critério Espírita, órgão daquela Sociedade e o “Centro Geral do Espiritismo na Espanha”, que fundou em 1873, como também a “Sociedade Propagandista do Espiritismo”, que visava editar obras referentes a essa escola filosófica.

Em defesa da filosofia espírita sustentou animadas polêmicas e escreveu artigos em As Novidades, O Universal, O Imparcial, O Povo, O Tribuno e O Globo, colaborando assiduamente nesse último antes de que se tornasse um jornal político.

Em 1872 publicou seu primeiro livro, intitulado “Preliminares ao Estudo do Espiritismo”. - Considerações gerais para a doutrina, filosofia e ciência espírita”. Um volume de 400 páginas, em 8º, impresso em Madri.

Nos quatro anos seguintes, deu ao prelo:

“Controvérsia Espírita”, sobre os irmãos Davenport. Defesa do Espiritismo com notícias e testemunhos que demonstram a realidade dos fenômenos espíritas. Um volume de 300 páginas, em 8º, Madri.

O folheto “Atualidade.- Os fenômenos espíritas”. Notícias sobre as pesquisas realizadas nos anos de 1870-73 por William Crookes, publicadas no “Quarterly Journal of Science” (de Londres), tradução do francês, com um prefácio, notas e conclusão do tradutor.

“Estudos orientais”.- O Catolicismo antes do Cristo”. Resumo das obras de Luís Jacolliot e outros orientistas. Um volume de cerca de 400 páginas, em 8º, que atingiu sete edições, sendo traduzido ao francês e ao italiano.

“Ch. Fauvety.- A religião leiga.- Estudo expositivo”. Folheto publicado em 1876 após ter visto a luz em forma de artigos na Revista Europeia.

Em 1878 fundou e dirigiu O Espírita, revista científica de estudos psicológicos, que teve uma vida de dois anos, sendo publicados os últimos

quatro números em Zaragoza, em formato de suplemento e com a finalidade de dar resposta aos sermões do cônego Sr. Codera, no templo do Pilar, contra o Espiritismo.

Com esse mesmo objetivo sustentou polêmicas na imprensa com o padre Sanchez e o cônego Sr. Manterola.

Prepara a publicação de outras obras, dentre elas, o volumoso livro intitulado “Positivismo Espiritualista, onde tem trabalhado por vários anos para dar a conhecer a história dos trabalhos científicos realizados no terreno da psicologia experimental, e suas pesquisas e investigações nessa área, à que tem consagrado principalmente suas atividades o Sr. Torres-Solanot, sendo hoje presidente honorário da maior parte das associações espíritas espanholas, e membro honorário das principais, na Europa e na América.- Os vinte primeiros capítulos do “Positivismo Espiritualista” viram a luz na Revista de Estudos Psicológicos de Barcelona.

Foi presidente e promotor do I Congresso Espírita Internacional de todos os tempos, em 1888, ocorrido em Barcelona. Tinha como presidente honorário Fernández Colavida e como vice-presidentes Amália Domingo Soler e Miguel Vives, entre outros. Foi o representante espanhol no Congresso Internacional de Paris, no ano seguinte.

Inaugura na Espanha as primeiras Escolas Leigas junto com Fabián Palasí Martín.

Por último fundou em Huesca, em 1883, e dirige O Íris de Paz, jornal espírita; dirige em Zaragoza Un Periódico Más, decenal, livre-pensador, e colabora em várias publicações periódicas.

Fontes: Federación Espírita Española

PREFÁCIO

"LA MEDIUM DE LAS FLORES" foi escrita pelo esforço de valorosos espíritas espanhóis em 1878, portanto dez anos após a desencarnação de Allan Kardec. Interessante é que dezessete anos antes (1861) cerca de trezentas obras espíritas foram queimadas no patético Auto de fé de Barcelona, expressão essa notabilizada por Allan Kardec no subtítulo do artigo "O resto da Idade Média", publicado na "Revue Spirite. Em verdade o livro confirmava a força da Codificação que ganhava espaço valiosos na terra de Miguel de Cervantes.

A partir da Capital das luzes (Paris) O Consolador haveria de conquistar todos os espaços no Velho Continente, inicialmente pelos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos através do movimento e materializações de objetos e seres espirituais. Atualmente o Espiritismo propõe estudos avançados sobre a reencarnação, imortalidade e a comprovação da manifestação e natureza dos desencarnados através da mediunidade de efeitos inteligentes.

Sendo a programação espírita um apelo para compreendermos o Evangelho, os Benfeitores, através dos médiuns consagrados, têm trazido para a sociedade os sublimes ensinamentos do Mestre da Galileia, que há dois mil anos, assegurou nos para o tempo de grandes transições um "Novo Consolador" que iria erguer o véu do "mistério", revelando ao homem a sua natureza, sua origem e seu destino.

A Doutrina Espírita vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados de conhecimento da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

São Paulo, 15 de maio de 2013

Jorge Hessen

Introdução

Este livro, primeiro em seu gênero que é publicado na Espanha e na Europa, é um extrato dos sete cadernos onde estão recolhidas as atas das minhas sessões e as anotações tomadas nos quatro anos (1877-80) que funcionou o notabilíssimo Grupo “Marietta”. Acho que vai despertar a atenção daqueles que gostam destes estudos e poderá servir de guia, como serviram para mim os artigos intitulados A Médium Amélia, publicados pela Revue Spirite dando notícia das experiências do Coronel Devolnet, que também encontrou e desenvolveu a faculdade dessa médium.

Tenho logo de manifestar que estas experiências não são – nem muito menos – o Espiritismo, onde não se deve entrar pela fenomenalidade, que é secundária, e sim pela razão, pela doutrina, que é o transcendental.

Ao relatar fatos tão insólitos como os que são contados neste livro, julgo muito oportuno reproduzir a seguinte passagem tomada das conclusões ou notas do doutor Carlos Richet, catedrático de Medicina de Paris e diretor da Revue Scientifique, a respeito das experiências que presenciou com a médium Eusápia Paladino, de Nápoles. Assim falava o sábio Richet: “Se estivéssemos tratando de provar algum fato simples e natural, quase evidente a priori, ou então que não estivesse em contradição com as vulgares noções científicas, eu ficaria plenamente satisfeito; porém trata-se de demonstrar a realidade de fenômenos absurdos, contrários a tudo aquilo que o vulgo e os sábios têm admitido há centenas de anos. Trata-se de um radical transtorno do pensamento e da experiência humana; é um mundo novo que nos é aberto, e, por conseguinte, não é possível nos mostrarmos afirmativos demais na conclusão destes estranhos e surpreendentes fenômenos.

“Sei muito bem que esses fatos, no suposto de estarem justificados, poderão estar de acordo com algumas verdades que já são patrimônio da ciência; entretanto, devemos ser prudentes não aceitando estas novidades antes de serem submetidas a escrupuloso exame”.

“No terreno das provas, aceitar-se-ão com menos dificuldade os fenômenos químicos, fisiológicos e astronômicos do que os espíritas, pois para admitirmos estes últimos haverá exigências bem maiores”.

Já li o principal que foi escrito a respeito da médium Eusápia Paladino, já assisti algumas das suas sessões em Nápoles, com meu caro amigo e irmão de crenças, Dr. Sanz Benito (quando assistimos ao terceiro Congresso da Paz, que teve lugar em Roma, representando o Comitê de Barcelona. Nós dois éramos os únicos espanhóis). Portanto, afirmo e disso o leitor poderá ficar convencido, que os fenômenos da médium napolitana são verdadeiramente insignificantes se comparados com os graciosíssimos da Médium das Flores, à altura da qual acredito que ninguém na Europa chegou, e, no que diz respeito aos apports de flores, nem sequer na América, mesmo existindo ali também uma médium que era chamada das Flores.

A grande mediunidade – como disse um elevado Espírito – reside em nós na discussão prudente que traz a luz, no estudo.

“Trabalhem a sua inteligência, trabalhem sua razão. Querem Espiritismo? Então tenham paciência, perseverança, resignação para saberem sofrer, e assim vocês ficarão em condições de abordar o grande problema, o problema de estarmos aqui e de sairmos daqui.”

Busquem a Deus e o encontrarão. A sua existência está sendo proclamada pela Natureza, em todo o momento e em todas as coisas. Não estão muito desencaminhados aqueles que a proclamam como Deus, pois ela o seria, se não tivesse sido criada por Ele. Dito isto como introdução (completaremos estas indicações com as de outro elevado Espírito no final do livro, resumindo o principal objeto deste), dou início ao meu interessante relato.

Capítulo I

Considerações gerais

I. A obra de Allan Kardec. — II. Nova fase do Espiritismo científico. — III. Fato providencial

I

A obra de Allan Kardec

O espiritismo, que em seu sentido mais lato abraça o estudo do mundo espiritual, do mundo material e das relações de ambos os mundos, é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica.

O primeiro compilador desta doutrina, o venerável mestre Allan Kardec, a quem é devido, por sua iniciativa e ímprobos trabalhos, o conjunto de ensinamentos que a tirou do empirismo para elevá-la à categoria de ciência, Allan Kardec, repetimos, deixou assentadas as bases sobre as quais seria desenvolvido o Espiritismo, e traçou para nós o caminho por onde deveriam enveredar o estudo e a propaganda. Com um senso prático, a que nenhum filósofo chegou ainda, e com uma previsão que, dir-se-ia, excede o alcance humano, marcou profeticamente as fases que teria de passar o Espiritismo, apontou com certo juízo os escolhos que era preciso evitar, e teve a singular prudência de não penetrar no campo que deveria ficar reservado aos continuadores da sua obra. Não é possível conhecer Kardec somente estudando suas obras fundamentais; é preciso segui-lo passo a passo nos dez tomos da sua Revista (campo neutral, como ele dizia, onde aquilatava tudo) para apreciar em seu verdadeiro valor a obra daquele gigante, cuja grandeza será julgada com justiça pelas gerações vindouras. É verdade que ele forneceu mais alimento do que podiam digerir seus contemporâneos, mas não poderia ser diferente, em se tratando de uma ordem de fenômenos, que, sendo tão antigos quanto o homem, dar a eles uma base experimental ficou reservado à nossa época;

é verdade também que ele deixou pontos embrionários para que no tempo e no lugar oportunos adquirissem o conveniente desenvolvimento; mas isto é, sem dúvida alguma, o que faz imperecível a obra do mestre, que nos legou bases e princípios fixos, imutáveis como as leis da natureza são, deixando, porém, aos discípulos um vastíssimo campo para novas investigações, que, longe de destruir nada do que foi edificado, completarão o monumento do Espiritismo.

Dez anos transcorreram da desencarnação de Allan Kardec (1) (*Isto foi escrito no ano de 1878*); nesse tempo, pelo caminho que ele traçou, e conforme deixou previsto, a doutrina propagou-se tanto como nenhum outro exemplar na história; a raça latina e os povos impressionáveis, cuja imaginação se houvesse extraviado começando a conhecer o Espiritismo através dos fenômenos, basearam sua propaganda até agora na parte doutrinária, contando somente com médiuns escreventes que expuseram, desenvolveram e ainda ampliaram a teoria, dispondo-se a entrar na parte essencialmente experimental com um conhecimento prévio, sem o qual teriam se desviado do caminho; a raça anglo-saxônica e os povos reflexivos ingressaram no Espiritismo, amparados sempre do fenômeno, e os médiuns de efeitos físicos que eles tiveram por milhares, foram ali o grande elemento de propaganda, e permanecem até nossos dias sendo refratários à noção reencarnacionista e por tanto à doutrina compilada por Allan Kardec; porém as obras deste, recentemente traduzidas ao inglês, ao alemão e ao holandês, penetraram nesses países, sendo acolhidas com calor e defendidas pela mesma imprensa espírita que antes se manifestava bem mais hostil. Note-se, por último, outro significativo movimento. A chegada à Europa do médium norte-americano Dr. Slade, que depois do ruidoso processo de Londres e de sua estada na Inglaterra, acolhido pela Sociedade Central Espírita Inglesa, visitou as primeiras nações do continente, deixando entre nós o germe da propaganda pela via dos fenômenos; a chegada daquele médium, que despertou no mundo científico o estudo do Espiritismo experimental, coincide com o surgimento nos povos europeus de outros médiuns de efeitos físicos, chegando como obra providencial no tempo oportuno para acelerar o triunfo da nossa doutrina, apresentando o comprovante da consoladora crença com a força brutal do fato, que faz calar o mais recalcitrante

materialismo.

Observe-se aí patentemente cumprida a predição de Allan Kardec, e também como as coisas se concatenam no plano da Providência. No momento em que os povos refratários à parte especulativa acolhem a doutrina filosófica do mestre, começa a desenvolver-se a parte fenomenal nos povos antes refratários a esse aspecto do Espiritismo.

Os médiuns Eglinton, Monck, Williams, Firman, Isabel, Amélia, Bredif e outros na Europa e na América Latina, oferecendo hoje ao estudo portentosos fenômenos, ao mesmo tempo em que a noção reencarnacionista entra nos povos anglo-saxões; esses fatos simultâneos assinalam o terceiro acontecimento na história do Espiritismo moderno. O primeiro foi a sua divulgação na América, trinta anos atrás; e o segundo o surgimento das obras de Allan Kardec.

II

Nova fase do Espiritismo Científico

O sentido e o alcance daquele acontecimento que determina o caminho que o Espiritismo deve seguir, não somos nós os primeiros em indicá-lo; antes de nós isso foi feito por nossos irmãos de além-mar.

A Ilustração Espírita, importante revista que era publicada no México, fazendo uma eloqüente chamada aos espíritas daquela República, expressava-se nestes termos:

“Ainda não concluiu a missão dos espíritas. Pode-se dizer que ela só está começando. Ela está justamente em um desses períodos em que não avançar é mais ainda do que retroceder.”

“Não basta a persuasão individual da verdade da nossa crença; é necessário, para sermos conseqüentes com um dos seus mais grandiosos princípios, o princípio do progresso indefinido, levá-la até as últimas aplicações que hoje nos é dado alcançar.”

“Partindo de um fenômeno natural tão complicado, é necessário, já no terreno particular, já no coletivo, fazer constantes estudos no terreno experimental, e não nos conformarmos apaticamente com os ensinamentos que nos foram legados pelo laborioso Allan Kardec, os quais, apesar do seu imenso valor, estão bem longe de ser a última palavra em tão importante assunto.”

“Ao lado dos ensinamentos morais que as comunicações espíritas nos oferecem, e às quais não é possível dar outra aplicação do que a moral, nós temos uma variedade de fenômenos, já sejam puramente físicos, ou de um caráter misto, que poderão perfeitamente ser aplicados a mil diversos objetos, com proveito para a humanidade.”

“Sejam cultivadas em boa hora as proveitosas relações com espíritos que, ao mesmo tempo em que podem nos guiar como mestres nos nossos trabalhos, também um apoio eficaz para o crente nas horas da prova;

porém é preciso dedicar também algum tempo, e esse é um dever do espírita, ao estudo teórico e prático de tantos fenômenos que até hoje jazem em profundo mistério.”

“Desta maneira, na nossa luta constante contra os elementos adversos, teremos para aquele que acredita em alguma coisa e aceita a razão e o sentimento, os argumentos e o amor; e para aqueles que em nada crêem, somente naquilo que é possível tocar, o testemunho irrecusável dos fatos produzidos e observados conforme ao mais rigoroso método experimental.”

A revista *Constancia*, primeira campeã do Espiritismo em Buenos Aires, depois de reproduzir o relato tomado da imprensa norte-americana, de notáveis fenômenos, dizia:

“No país onde teve seu berço o moderno Espiritismo, ali onde médiuns falantes científicos se desenvolvem, e onde já se contam mais de quinze milhões de espíritas, não se desdenha de nenhuma mediunidade; antes todas são cultivadas, porém todas servem o primordial objetivo que todo espírita jamais deve perder de vista: a maior, mais rápida e mais eficaz propaganda da nossa salvadora doutrina.”

“A redação da *Constancia* permite-se perguntar de novo: Não valem estes fenômenos para comover os céticos, os incrédulos, os ateus e os fanáticos inimigos do Espiritismo, mais do que todos os volumes, revistas e jornais espíritas de doutrina meramente raciocinada que possam ser escritos?”

“Muito mais é feito para provar a realidade da comunicação com o mundo espiritual, e por tanto, para provar a imortalidade da alma, em um minuto destas manifestações visíveis, palpáveis e audíveis, do que em anos de pregação e de discussão de homem a homem, onde nunca se poderia, sem estes fenômenos, travar discussão de homem a espírito, como acontece com estas maravilhosas mediunidades onde a comunicação com o mundo espiritual é, por assim dizer, material, um fato como qualquer outro da nossa vida terrena peculiar a nós, na matéria encarnados. Queira Deus permitir o desenvolvimento dessas

mediunidades entre os indivíduos da raça latina, como concede aos da raça anglo-saxônica, que estão tirando muito partido delas!”

Ao mesmo tempo em que assim se exprimem nossos colegas de além-mar, a imprensa espírita européia, que antes quase não se atrevia a comentar os extraordinários fenômenos que encham as colunas dos jornais da nossa doutrina, ingleses e norte-americanos; a imprensa espírita européia consagra preferente atenção a aqueles fenômenos, já comprovados entre nós pelo surgimento de notáveis médiuns de efeitos físicos; e a começar pela Revue Spirite, o jornal fundado por Allan Kardec, e continuando pelas revistas da Bélgica, Holanda, Alemanha e Itália, em todas elas são encontrados relatos e estudos sobre a parte fenomênica do Espiritismo, assinalando a nova face que revestem os trabalhos e propaganda das associações espíritas do continente.

Seguindo essa corrente imposta pelo caminhar da idéia, nós começamos algum tempo atrás a dar cabida nas colunas do Critério Espírita ao relato de fenômenos e notícias sobre estudos experimentais, e hoje temos a imensa satisfação de poder informar sobre notáveis fatos compilados, não em publicações estrangeiras e sob testemunho alheio, mas sim da nossa própria experiência, graças ao surgimento de um dos poderosos médiuns que providencialmente aparecem agora na raça latina para reavivar nossa fé, para impulsionar nossas pesquisas e propaganda, para contrabalancear a avalanche materialista, para realizar as previsões do mestre Allan Kardec, e para assinalar, enfim, entre nós, o terceiro grande acontecimento na história do Espiritismo moderno.

III

Fato providencial

Temos indicado as razões e os fatos que determinam a nova fase em que entra o Espiritismo, respondendo aos seus antecedentes históricos e às necessidades do momento atual, e que observamos principalmente naquilo que ao esforço humano devem os trabalhos e a propaganda da racional e consoladora crença.

Porém o Espiritismo é sobre tudo uma verdadeira revelação que nos dá a conhecer o mundo invisível que nos cerca, em meio ao qual vivemos sem nos darmos conta disso; as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e estado dos seres que o habitam, e, por conseqüência, o destino do homem após a morte. O que caracteriza a revelação espírita, é que a origem é divina, que a iniciativa pertence aos espíritos, e que a elaboração é produto do trabalho do homem. (Allan Kardec. – A Gênese, cap. I. Caracteres da revelação espírita).

“A revelação espírita tem um duplo caráter pela sua natureza: caráter de revelação divina e caráter de revelação científica ao mesmo tempo. Do primeiro, enquanto que o seu advento é providencial e não o resultado da iniciativa ou do desígnio premeditado do homem, e que os pontos fundamentais da doutrina são os fatos do ensinamento dado pelos espíritos encarregados por Deus de instruir os homens sobre coisas que eles ignoravam e que não podiam aprender por si mesmos, e que hoje é importante que conheçam porque já estão preparados para compreendê-las. Participa da segunda espécie de revelação, enquanto que este ensinamento não é privilégio de nenhum indivíduo, mas foi dado a todos através do mesmo meio, e que tanto aqueles que o transmitem como quem o recebe não são seres passivos dispensados do trabalho de observação e de investigação; que não fazem abstração de seu juízo e de seu livre-arbítrio; que não estão proibidos de fazer comparação, a qual, pelo contrário, é muito recomendada; e, enfim, que a doutrina não foi ditada de uma só vez, nem imposta à credulidade, que ela é uma dedução da observação dos fatos que os espíritos manifestam à vista de todos e das

instruções que dão sobre eles; fatos e instruções que o próprio homem estuda, comenta, examina e compara, e dos quais ele mesmo tira conseqüências e aplicações.” (Obra citada).

Essa condição primordial do Espiritismo confere um papel indisputável aos espíritos em nossa obra, por isso, lá onde particular ou coletivamente se trabalhar, ali aparece um ou vários espíritos protetores, auxiliados por um núcleo de seres de além-túmulo, cujo número e elevação estão sempre em razão direta da moralidade dos encarnados e da bondade dos fins a que se propõem. Este fato é tão constante, que conseguimos elevá-lo à categoria de verdade axiomática.

A revelação espírita, como muito bem disse Allan Kardec, é de origem divina; a iniciativa pertence aos espíritos, e a elaboração é o trabalho do homem.

Nestes concisos termos estão perfeitamente definidos os caracteres fundamentais do Espiritismo. O autor de tudo o que foi criado, o Infinito Absoluto e Absoluto Infinito, o Ser Supremo, que é, a se, Deus, manifesta-se em sua obra, revelação permanente, falando-nos em todos os momentos em que o ser inteligente quer contemplar a majestosa Criação, sábia, perfeita, como produto da Perfeição absoluta; inescrutável, perfectível e progressiva com relação ao ser que no espaço e no tempo deve verificar o desenvolvimento de sua essencialidade. E manifesta-se também a través dessas essências ou entidades que são o elemento ativo do Universo. Daí a revelação constante, porém com caracteres de acidentalidade, devida aos espíritos, colaboradores, mais ou menos conscientes, no grande concerto dos destinos e cumpridores mais ou menos poderosos, segundo seu grau de adiantamento, das leis eternas que tudo regem. Mas assim como a Natureza permanece muda quando não é interrogada com olhar inteligente e investigador, do mesmo modo o mundo dos espíritos parece silencioso como os túmulos que guardam os restos materiais, se não é perguntado pela nossa inteligência, lendo nos fatos que são a manifestação daquele mundo.

Agora, esses fatos, efeitos inteligentes e, por tanto, produto de uma causa inteligente, devem sua origem aos espíritos, aos seres que viveram neste planeta; porém permaneceriam como letra morta, se o homem não aplicasse a ciência para chegar a ter conhecimento deles. Esses fatos,

patrimônio de todas as eras e países, somente há muito pouco tempo estão sendo submetidos à observação e analisados com o escalpelo da razão; por isso o Espiritismo empírico existiu sempre, e o Espiritismo científico data dos nossos dias, erguendo-se sobre a antiga Magia como sobre a Astrologia e a Alquimia ergueram-se a Astronomia e a Química.

À imoderada pretensão de ler nos astros o segredo dos acontecimentos terrenos, seguiu a descoberta de grandes leis da Natureza física, reveladoras do concerto universal e que patenteiam a existência do Supremo Criador; à insensata idéia de encontrar a pedra filosofal, seguiu o princípio do conhecimento da estrutura íntima de tudo o que nos cerca; do mesmo modo à prática inconsciente do que é tido por sobrenatural e às absurdas crenças exploradas pelo homem para afundar os semelhantes na servidão e na escuridão, seguiu a descoberta das grandes leis do Mundo espiritual, como suprema base da crença racional que vai nos reabilitar na ordem moral, restabelecendo o perdido equilíbrio.

Esta é a missão do Espiritismo, que providencialmente se desenvolverá, porque estriba nas leis eternas a que tudo se sujeita. Por isso reveste-se dos caracteres que assinalamos nestas considerações, que julgamos necessárias por via de introdução a este livro, e que ampliaremos em outros vindouros, onde publicaremos detalhadamente e com abundância de testemunhos, aquilo que só em extrato podemos publicar agora, para satisfazer a natural ansiedade daqueles que desejam ir conhecendo o resultado das nossas investigações no terreno dos fenômenos espíritos.

Capítulo II

I. Achado de um grande médium. — II. Primeiras sessões de estudo.

I

Achado de um médium

Lá pelo ano de 1873 encontrei em Madri um antigo amigo e patrício, o senhor M.D.S., quem me relatou algumas manifestações que ele e sua família presenciaram em sua casa-residência da Rua de Serrano. Pediu-me explicação dessas manifestações, como consulta ao presidente da “Espírita Espanhola”, e disse a ele que possivelmente fossem fenômenos espíritas que não tinham nada de estranho para quem conhecesse a racional e consoladora doutrina, da qual podia informar-se estudando as obras de Allan Kardec.

Meu amigo não era espírita naquela época, e não se deu por satisfeito com as minhas lacônicas explicações, e também não resolveu estudar Espiritismo.

Tive de consultar o caso com um médium daquela Sociedade, e creio lembrar que ele me respondeu que eram, com efeito, manifestações espíritas aquelas que aconteciam na casa da Rua de Serrano, e que a família que as presenciara veria outras, mais notáveis ainda. Procurei o senhor M.D.S. para dizer-lhe isso, e não mais o encontrei em Madri. Também tinha o projeto (que abandonei por não ter tornado a vê-lo) de tomar o mencionado quarto do bairro de Salamanca, para observar se as manifestações tornavam a se reproduzir.

Nem me lembrava mais do assunto, quando, em Outubro de 1877, tornei a encontrar em Madri o meu amigo senhor M.D.S., e nessa ocasião ele me falou que toda a família, com ele à frente, eram espíritas, convencidos por uma longa série de espantosos fenômenos que aconteceram em sua casa de Aragão desde Dezembro de 1876.

O seu interessante relato chamou a minha atenção e, conhecendo a

seriedade e bom senso do senhor D.S., logo cheguei ao convencimento de que na sua família devia existir um ou vários poderosos médiuns, e propus-me a averiguá-lo em meu constante e determinado afã de utilizar tudo em favor da doutrina cujo estudo, propagação e prática constituem a única ocupação e todas as aspirações da minha vida planetária.

Passaram-se alguns dias esperando uma prometida visita do meu amigo; porém, como ele não aparecia lá por casa, resolvi ir visitá-lo na sua. Ali me foram dados mais alguns detalhes e mostradas algumas notáveis comunicações, e com isso cresceu meu desejo de aproveitar aquela ocasião de estudo que se apresentava.

Passou mais algum tempo sem poder vencer a resistência da família a se prestar às minhas pesquisas, e em especial a da respeitável senhora, na qual me persuadi de existirem enormes faculdades medianímicas. Mas não desisti diante da obstinada negativa, e obtive finalmente o almejado consentimento.

Julguei, pelos relatos que me foram feitos, e pelo que descobri nas comunicações lidas, que a aludida senhora seria uma grande médium de efeitos físicos e concebi o projeto de tentar a materialização de uma forma espírita. (1)

(1) Julgo oportuno recordar aqui uma coincidência notável. Desejando estudar as manifestações produzidas por um médium de efeitos físicos, vários amigos pensaram em levar a Madri o médium inglês Mr. Monk, a quem tinha visto um nosso irmão, o incansável propagandista vice-cônsul da Espanha na Inglaterra, Palet y Villava.

Parece que naquele dia ele perdeu a mediunidade, como muitas vezes acontece, e tentou simulá-la, sendo logo apanhado em flagrante. Então foi preciso desistir de trazer o médium Monk à Espanha.

Então resolvi viajar a Londres para estudar as mediunidades de efeitos físicos e presenciar a materialização dos espíritos. Para tanto escrevi aos espíritas londrinos redatores do The Spiritualist, com quem estava em relações, os quais me ofereceram facilidades para cumprir o meu propósito, e até procuraram para mim um quarto naquela capital, 18, Fitzroy Square, W. C. Obtive o passaporte, que era necessário naquela época, estava com todos os preparativos para a viagem prontos, e até os cartões com o meu endereço em Londres e Madri. (Naquela época eu

morava no mesmo local da “Espírita Espanhola” – Cervantes, 34 – cuja presidência exercia, e ao mesmo tempo a do “Centro Geral do Espiritismo na Espanha”. (Este último título ostentava-se nos cartões).

Estava eu, pois, em Outubro de 1877, com o pé no estribo, como se costuma dizer, para viajar à Inglaterra com o exclusivo objeto de estudar as mediunidades de efeitos físicos, quando dei com o achado do grande médium que desenvolvi, e me permitiu estudar nas melhores condições que poderia desejar o mais experiente pesquisador.

Como o acaso não existe, precisei atribuir aquela feliz coincidência a causas que a nossa racional doutrina explica. A minha gratidão aos bons espíritos não tem limite, pois me permitiram selar meu arraigado convencimento com o exame e comprovação dos mais notáveis fenômenos espíritas que são produzidos pelos melhores médiuns na atualidade.

Previamente, tornei a ler tudo aquilo que já tinha lido sobre o assunto; estudei tudo aquilo que, em livros e jornais espíritas da minha biblioteca, era conveniente aos meus propósitos, e em 30 de novembro de 1877 aconteceu a primeira sessão.

É de se advertir que nem o meu amigo e nem a sua família tinham visto nada sobre Espiritismo fora da própria casa, e não conheciam livro algum. Seus primeiros conhecimentos foram pelas explicações e livros que dei a eles. É preciso advertir também que eles pressentiram que anuir às minhas repetidas súplicas ia ocasionar a eles muitos desgostos; mas eram espíritas, e diante da ideia de trabalharem em prol do Espiritismo, cederam todas as outras considerações. As pesquisas que eu ia empreender, não tinham outro objeto que não fosse oferecer algum dia os resultados ao estudo da “Espírita Espanhola” para fornecê-las mais tarde ao público se a corporação que me elegeu presidente concordasse.

II

Primeiras sessões de estudo

Adotando o procedimento que eu sempre seguia para estas experiências, dispus realizar as sessões isolando o médium no aposento escuro.

Com efeito, serviu-me para isso a alcova de um pequeno aposento da casa dos meus amigos; na porta pendurei uma cortina preta, valendo-me para tanto de um lenço grande de merino; fiz a médium sentar em uma poltrona, no interior, a um metro da cortina, e na parte exterior, ao lado dessa cortina, sentamos nós, cada um em sua cadeira, o senhor D.S. e eu. Convidei-o para evocar os espíritos, e eu fiz o mesmo, e ficamos aguardando. No aposento estávamos à luz de uma lamparina.

Dali poucos instantes da nossa evocação, um suspiro da médium indicou-nos que fora adormecida pelos espíritos. Estes comunicaram conosco pela boca da médium e disseram: “¿Tendes fé e confiança?” E como nós respondêssemos afirmativamente, redargüiram: “Conseguireis o vosso objetivo”. Este objetivo, como já disse, era obter a materialização de uma forma espírita.

Após alguns instantes de silencio, ouviram-se vários barulhos no aposento ou gabinete escuro, e alguma coisa parecida com o arrastar de um vestido pelo chão; soam leves pancadas; as duas palavras “fé e constância” nos são lembradas e o Espírito dá-nos o seu nome, que é Marietta.

Este nome chamou-me muitíssimo a atenção, porque eu vim ao Espiritismo pelas comunicações de Marietta, que em minha presença e a meu pedido foram dadas em Zaragoza na Sociedade Espírita, fundada ali pelo general Bassols: aquele espírito foi sempre para mim o mais simpático de todos os que se comunicaram comigo; eu presidi a impressão em Zaragoza da primeira parte do seu livro; eu editei as duas partes em Madri; eu publiquei em O Globo um artigo bibliográfico enumerando suas principais belezas; eu copiei extensos trechos dele no meu primeiro livro “Preliminares ao Estudo do Espiritismo”; e eu, em fim, senti como quem mais sentisse, um indescritível entusiasmo pelo livro Marietta,

tendo falado aos críticos espanhóis que ele é uma das primeiras produções literárias desta época.

A médium enxergava vários espíritos, que se ofereceram para auxiliar a obra dirigida por Marietta. É preciso advertir que a médium ignorava por completo as circunstâncias enumeradas antes. Ao acordar sente-se bastante abatida.

A terceira sessão durou treze minutos. Apresentam-se mais espíritos. Um deles, ligado a mim por vínculos estreitos nesta encarnação, dá-me detalhes que só ele e eu conhecíamos. Os barulhos e pancadas são mais repetidos e pronunciados, e a médium fala um pouco mais do que em dias anteriores.

Fora da sessão existe translação de alguns objetos no mesmo aposento, e outras manifestações, que a vizinhança percebe.

Capítulo III

Desenvolvimento de uma mediunidade

I. Sessões de efeitos físicos. Três fatos notáveis. — II. Princípio de uma materialização. Escrita direta. Considerações. — III. Várias manifestações. Baixada da temperatura. — IV. Notável fenômeno. Perna e mãos materializadas. Desdobramento de um corpo.

I

Sessões de efeitos físicos

Quarta sessão. — 3 de Dezembro de 1877. — Quinze minutos. — Dois assistentes. — Ruídos e pancadas; nas primeiras sessões, só à direita da médium; agora, à direita e à esquerda.

Sem duvidar de que esses efeitos sejam mediúnicos, mentalmente faço a reflexão de que podem ser produzidos pela médium; respondendo ao meu pensamento, a cortina é levantada, sem mão alguma a tocar, e observo a médium sentada na poltrona e adormecida. Por mais duas vezes a cortina é levantada, e a médium aparece na mesma posição. Trocamos a luz da lamparina por uma lâmpada sobre a mesa, com luz tênue, alimentada por petróleo.

Quinta sessão. — Quinze minutos. — Pancadas muito fortes e ruídos indefiníveis. Aparece projetado na cortina, a uma altura de um metro e meio do chão, um vulto como de uma cabeça que passasse roçando. Nesta sessão, como em todas as seguintes, a cortina é levantada várias vezes, para podermos ver, durante as manifestações, a médium no seu lugar, e adormecida com um sono magnético-espiritual, produzido pelos espíritos.

Respondendo a um desejo meu, mentalmente expressado, somos advertidos de que preparemos para amanhã uma corda. Oferecem uma fórmula concisa de evocação. Esta, como o recolhimento e a prece, tem por objeto provocar a união de pensamentos e vontades para um mesmo

fim, condição necessária para dispor a ação dos fluidos, a través dos quais se verificam as manifestações espíritas, obedecendo a certas leis, das quais me ocuparei mais adiante.

A médium acorda, e estando ela, o meu companheiro e eu sentados ao redor de uma mesa, manifesta-nos que durante a sessão um espírito segurou as mãos dela, fazendo que se cruzassem, e disse: “assim é como devem te imobilizar” Eu disse: “Será que é assim que devemos amarrar as mãos dela com a corda?” e naquele instante a mesa se elevou sobre duas de suas pernas, e caiu, dando uma forte pancada.

- Quer dizer sim? – acrescentei, e repetiu-se outro movimento igual, como resposta dos espíritos por intermédio da mesa, sem que nenhum de nós a tivesse tocado.

Durante a noite também houve manifestações que deixaram consternados o porteiro e a vizinhança da casa, que começaram a chamá-la de casa das assombrações.

Não poderia ser mais ostensível a realidade dos fenômenos espíritas.

Três fatos bem notáveis, que me impressionaram bem agradavelmente e espicaçaram o meu afã de investigação, fazendo pressagiar grandes resultados, aconteceram nas três últimas sessões mencionadas. Esses fatos constituíram patente de fé ou provas inconcussas da realidade do fenômeno, que os Espíritos dão quando podem e devem, e geralmente quando ninguém as pediu.

Primeiro fato. Na terceira sessão, um dos espíritos que se comunicaram, ligado a mim por vínculos estreitos desta encarnação, como antes disse, deu-me detalhes sobre uma coisa completamente desconhecida para a médium, e na qual eu nem de longe pensava, e que só o Espírito que se manifestava e eu sabíamos.

Segundo fato. A elevação da cortina na quarta sessão (depois acontecia muitas vezes durante as sessões, sem que nenhum ser humano a estivesse tocando, e respondendo ao meu pensamento que desejava ver se a médium estava sentada na poltrona, para ter a certeza de que nem consciente nem inconscientemente ela dava as pancadas ouvidas na alcova ou aposento escuro.

Terceiro fato. Apesar de que quando a cortina se levantava eu enxergava a médium sentada e adormecida, pensava que eram os espíritos que

podiam fazer que ela se levantasse quando estava descida fechando a entrada do aposento escuro, e produzir barulhos e pancadas, e formulava na minha mente esta reflexão: se a médium estivesse amarrada, eu teria certeza de que ela não se mexia. Imediatamente depois de conceber este pensamento, foi quando os espíritos, por boca da médium, disseram que preparássemos para o dia seguinte uma corda, sendo confirmado depois pela mesa, que se elevou sem contacto, que a corda serviria para amarrar a médium, como eu desejava, a fim de evitar as dúvidas que sempre me assaltavam quando não podia comprovar o fato, e no meu costumeiro sistema de tomar as precauções compatíveis com a natureza destas investigações e a índole destas pesquisas, onde caminharíamos a cegas se não nos deixássemos guiar prudentemente pelos seres que provocam as manifestações e, sobretudo, pelos espíritos elevados que as dirigem para um fim proveitoso do ponto de vista moral; instruir-nos e impulsionar-nos ao nosso aprimoramento e à prática do bem.

II

Princípio de uma materialização

Sexta Sessão. – Dezessete minutos. – Prendo a médium, de mãos cruzadas, com um forte cordão, amarrando as pontas nos braços da poltrona. Esta precaução é tomada por mim em todas as sessões sucessivas. As mesmas manifestações dos dias anteriores. Apresentam-se nove espíritos. Pedem à médium um doce, para a sessão de amanhã, dizendo que vão pegá-lo no bolso ou onde ela o tiver.

Sétima sessão. – Dezenove minutos. – Coloco um grande pedaço de bolo embrulhado em um papel, dentro do vestido da médium. Durante a sessão é ouvido o barulho de pegá-lo e desdobrá-lo; a cortina é levantada e posso vê-lo sobre a saia da médium, que permanece com as mãos cruzadas e amarradas, como eu as colocara, e não faz qualquer movimento.

Quando ela é desamarrada vemos que desapareceu um pedaço do bolo sem que apareçam migalhas por perto.

Oitava Sessão. – Vinte e cinco minutos. – Além dos barulhos e pancadas corriqueiros, são notados certos movimentos, oscilações e roçaduras na cortina, que por várias vezes é levantada, algumas vezes em forma diferente dos dias anteriores.

Pedem para amanhã um doce, papel e lápis para experimentar uma coisa.

Quando a sessão termina vemos que colocaram uma almofada trazida da cama ao lado, atrás da cabeça da médium.

Depois de acordar, a médium fala que durante a sessão viu sobre a cômoda um pé, como que modelado em cera. É o princípio da Materialização.

Nona Sessão. – Trinta e cinco minutos. – Sendo que em cada sessão repetem-se quase todas as manifestações das sessões anteriores, somente mencionarei aquelas que se apresentem pela primeira vez.

A atmosfera do aposento fica impregnada de um aroma muito forte e agradável, nada parecido aos perfumes que conhecemos.

Eu colocara um “bom-bocado” trazido por mim, embrulhado em um papel, no bolso da médium; sobre suas mãos amarradas uma folha de

papel e um lápis.

Ao começar a sessão, ouve-se um barulho de desdobrar papel, e levantando-se a cortina, aquele que tinha servido para embrulhar o “bom-bocado” apareceu ao lado dos meus pés. Devo lembrar que as duas pessoas assistentes àquelas sessões, estavam sentadas perto da cortina, uma em cada lado da porta da alcova que serve de gabinete escuro.

Quando entramos na alcova, no final da sessão, encontramos a médium ainda adormecida e, sobre sua saia, o doce, ao qual faltava uma terceira parte, dividido com tal delicadeza, que não dava para perceber sinal alguma no doce, mesmo sendo de dia e ele sendo coberto de uma camada açucarada muito mole.

Sem que fosse possível desamarrar as mãos da médium, sem ninguém antes de nós ter entrado no gabinete escuro, e sem possibilidade humana de ninguém ter suplantado aquele papel, apareceu nele uma comunicação em escrita direta, assinada por “Marietta”, que dizia assim:

“Em nome de Deus: Oh, esperança! Tu és lampejo da divindade. Esperar! Como é penoso! Porém seria muito mais penoso, depois, não ter esperado o suficiente! Lembrem sempre as minhas primeiras palavras: Esperar e confiar.”

O papel apareceu completamente liso, sem marca de dobradura. A mensagem são frases do capítulo de MARIETTA, Páginas de duas existências, intitulado “Esperança e amizade”.

Com essas palavras fomos saudados pelo Espírito, por boca da médium, na primeira sessão ao inaugurar nossos trabalhos. Foram aquelas palavras o lábaro do Grupo “Marietta” que tomou seu nome do Espírito diretor, e que com esperança sempre crescente e com a confiança absoluta que dão a fé inabalável e a certeza de se trabalhar para o bem, chegou, neste ano, a conseguir a materialização daquele espírito que hoje (Novembro de 1878) é formado diante de nós, e à plena luz nós vemos e tocamos; essa verdadeira estátua de carne, obra dos fluidos e do poder dos espíritos, fenômeno altamente maravilhoso, que pela primeira vez acontece em um círculo espírita na Espanha.

Essa prova física da existência da alma, sanção suprema da racional e consoladora doutrina que o Espiritismo ensina, é sem dúvida, a coisa mais portentosa que hoje pode ser oferecida ao estudo do homem, e será

altamente frutífera em suas múltiplas e fecundas conseqüências, porque à produção desse fenômeno acompanham todos aqueles que estudam a nossa ciência, sendo ao mesmo tempo sua síntese absoluta, como o homem é nos organismos terrestres.

Essa demonstração inconcussa da existência e da sobrevivência do espírito será o grande aríete que destruirá o materialismo, porque não mais se trata de teorias e doutrinas filosóficas, mais ou menos novas, mais ou menos fundadas e aceitáveis; trata-se de fatos inconcussos, submetidos à pesquisa científica e que nos têm servido para determinar algumas das leis de ordem física e moral a que obedecem, chegando através da análise a corroborar o princípio científico que a priori foi sentido pelo Espiritismo em virtude das revelações que, em pontos diferentes e ao mesmo tempo, foram ditadas pelos espíritos, cujo primeiro corpo de doutrina está formado pela compilação metódica feita por Allan Kardec, o venerável apóstolo da crença espírita, o infatigável propagandista da doutrina do futuro, que à cabeça das suas pesquisas colocou os aforismos seguintes: “Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente reconhece uma causa inteligente. A potência da causa inteligente está em razão da magnitude do efeito”.

Pois bem, os fatos que estudamos, as pesquisas que constituem o fundo deste livro nos levaram às conclusões antes apontadas, selando o convencimento adquirido primeiramente pelo estudo teórico e a observação de pequenos efeitos, de fenômenos menos transcendentais, porém valiosos o suficiente para sustentar a verdade dos princípios e, por conseguinte, da doutrina que os proclama.

O que importa se a ignorância e a malevolência negarem os fatos? O que importa se certos fenômenos, rudimentares, por assim dizer, entre aqueles que até agora me ocuparam e aqueles de que continuarei a me ocupar no relato das primeiras sessões do Grupo “Marietta” forem tomados como coisa à toa por aqueles que esquecem que para ler corretamente é preciso começar soletrando o abecedário?

Aos seus inimigos declarados, diremos somente que as verdades fundamentais do Espiritismo estão na Natureza, sem que nenhuma de suas leis possa ser destruída pela negação dos homens.

Aos espíritas que, pondo em dúvida nossas afirmações, sentiram prazer

em nos ridicularizarem, dizemos: Quando vocês tiverem fé e esperança e pratiquem o bem, então enxergarão, porque terão a consciência iluminada pelos eflúvios da luz da Verdade, da Beleza e da Bondade.

E a todos responderemos com palavras de um profundo pensador:

“As dúvidas dos homens não podem mudar um fato; porém um fato pode mudar as dúvidas dos homens”; e responderemos também com o pensamento do sem par Espírito de Marietta, reproduzido na primeira comunicação conseguida por escrita direta nas sessões que estou relatando e que motivaram esta longa digressão:

“É penoso esperar, porém mais penoso será, depois, não ter esperado o suficiente”.

III

Várias manifestações

10ª Sessão. – 9 de dezembro de 1877. – 25 minutos. – Dois assistentes. – Reproduzem-se as manifestações das sessões anteriores, porém com mais intensidade.

Desde a sessão de ontem percebo, quando a médium acorda, que ela está mais abatida do que antes. Preciso fazê-la voltar em si com alguns passes e fornecer-lhe fluido.

Fora da sessão, quase todos os dias temos manifestações de barulhos, pancadas, vozes e objetos que mudam de lugar sem contacto.

11ª Sessão. – 29 minutos. – Toca uma campainha que eu levava e colocara sobre a cômoda do gabinete escuro.

A médium diz que viu o pé e a perna, materializados até em cima do joelho.

Em todas as sessões recebemos ensinamentos morais dos espíritos, e o diretor, Marietta, conversa conosco por conduto da médium, cujo timbre de voz em tais momentos é muito mais doce do que a sua própria, expressando idéias que, tanto na forma como no fundo, são muito superiores à sua capacidade intelectual e à sua instrução.

Marietta fala que se com fé e constância prosseguimos nossos trabalhos, conseguiremos a almejada materialização.

12ª Sessão. – 32 minutos. – Por indicação dos espíritos coloco dois galhinhos de amor-perfeito em cima da cômoda.

A campainha toca, correndo velozmente pelo aposento.

Em uma das vezes que a cortina se levanta, observo sobre a saia da médium os dois galhinhos que eu tinha colocado em cima da cômoda. Sem que ninguém o tocasse, um deles sai lançado com força e vem bater no meu braço. Posso vê-lo distintamente, e também posso ver a médium amarrada e adormecida. O outro galhinho faz a mesma coisa, com a cortina levantada no lado do meu companheiro.

Acordar a médium hoje dá muito mais trabalho do que nos dias anteriores. A médium vê a perna materializada até a metade da coxa e

também uma mão.

As manifestações mediúnicas continuam fora da sessão.

13ª Sessão. – 32 minutos. – Houve uma leve perturbação causada pela presença de dois espíritos que chegaram atrasados.

14ª Sessão. – 35 minutos. – Pela primeira vez sinto a pressão de duas mãos fluídicas sobre a minha testa através da cortina.

15ª Sessão. – 35 minutos. – A partir desta sessão S. P. assiste como médium psicógrafo e vidente. A cortina levanta-se mais vezes do que nos dias anteriores. Sinto a pressão de uma mão, sem vê-la, sobre a minha perna.

16ª Sessão. – 45 minutos. – Coloco um prato de farinha em cima da cômoda. Barulhos, pancadas, roçados e movimentos como de várias pessoas no gabinete escuro; tudo é ouvido simultaneamente, e, às vezes, enquanto estão falando conosco pela boca da médium. Pouco antes da sessão, eu lera para a médium o relato das sessões que teve em Paris o coronel de artilharia Mr. Devoluet, para desenvolver a médium Amélia, das quais a Revue Spirite informou, e onde houve apports de rosas frescas e formosas trazidas pelos espíritos; a nossa médium queria muito ver esse fenômeno. Oferecem-nos tentar o frio que é produzido no gabinete escuro. Pousa-se na minha testa a pequena mão mais solidificada, que já tinha sentido por trás da cortina.

Alça-se um pavilhão, o qual não nos foi dado imitar; aparece um pé pequenino não muito bem modelado, que é o princípio da materialização, segundo eles nos dizem, e do qual somente temos notícias pelo que a médium falava.

Depois, disseram-me estas ou parecidas palavras: “Se quiser ver como está indo a obra da materialização, olhe aqui dentro, quando a cortina se elevar”.

Alça-se a cortina, e vejo a médium sentada na poltrona e amarrada. À sua direita, no chão, uma preciosa mão pequenina, que podemos contemplar durante todo o tempo em que a cortina ficou levantada.

Quando entramos no gabinete escuro, uma vez terminada a sessão, vimos que sobre a cabeça da médium, profundamente adormecida, aparecia um lindo botão de rosa com o talo que indicava ter sido cortada recentemente. Note-se que a idéia das flores nasceu na médium momentos

antes da sessão; que na casa não existia nenhuma roseira, e que no nosso gabinete não entrou ninguém.

No prato com a farinha apareceu bem marcada a pegada da palma de uma mão, da eminência ténar ao extremo da região digital, que media, na sua linha vertical terminada no dedo médio, 14 centímetros, e de largura na sua parte média ou região côncava da mão, 7 centímetros. Na mesma farinha fiz a médium projetar a sua mão, a qual mediu respectivamente 17 e 9 centímetros.

Nesta sessão, como em quase todas, houve transportes de objetos no gabinete escuro.

17ª sessão. – 16 de dezembro. – 55 minutos. – Por indicação dos espíritos, coloquei dois lenços de cambraia sobre a cômoda, e sob as mãos da médium, papel e lápis. Revistei tudo escrupulosamente. Manifestações e ruídos que para serem produzidos precisariam a concorrência de várias pessoas.

Antes de terminar a sessão, eles nos avisaram para chamarmos a família e entrar no gabinete da médium para a virem adormecida e amarrada, e o que íamos encontrar lá. Era um magnífico apport de flores artisticamente colocadas, e os dois lenços que eu colocara na cômoda estavam um embaixo e outro em cima das flores; sobre eles o lápis e o papel com uma mensagem assinada “Estrela” com o estilo que conhecemos como desse espírito. O apport era composto por sete formosíssimas rosas de cores variadas, ramalhetes de heliotrópio, e no centro uma magnífica camélia cor de rosa. Os lenços estavam úmidos, e as flores como que salpicadas de orvalho. Não havia flores nem água no gabinete quando a sessão começou.

18ª Sessão. – 45 minutos. - Por indicações dos espíritos, com mais uma corda amarro a médium, que fica presa à poltrona pela cintura, e coloco um guardanapo sobre a cômoda.

A cortina afasta-se pelo meu lado na parte alta, e por ali saem alguns objetos em sentido horizontal, que depois caem sobre a minha cabeça: era um punhado de rosas e outras flores vermelhas.

O médium S., sentado ao meu lado, diz que viu perfeitamente o espírito que enfiou o braço pela abertura da cortina e lançou as rosas. Isto foi confirmado pela médium. Do outro lado da cortina saiu mais um grande

punhado de belos e grandes botões de rosa. Alça-se a cortina e posso ver a médium amarrada e ostentando no peito duas magníficas rosas brancas.

Quando a sessão termina, encontramos no gabinete o pequeno guardanapo estendido e contendo uma erva desconhecida para nós. Serve para acalmar a insônia que há vários dias a médium está sofrendo. Eles nos explicam como usá-la. Feito isso, a médium ficou curada do mal que sofria. – A materialização continua.

19ª Sessão. – 60 minutos. – Apronto papel, lápis e prato com farinha. Vemos a mão, materializada com um desenvolvimento maior; também vemos o pé, e para melhor enxergá-lo, somos autorizados a aumentar a luz. Aparece uma extensa e preciosa mensagem assinada “Estrela”. É muito grande o abatimento da médium quando esta longa sessão termina.

Manifestações fora da sessão.

20ª e 21ª Sessões. – de 42 e 52 minutos respectivamente. – Fenômenos ordinários: a materialização fica mais adiantada.

22ª Sessão. – 42 minutos. – A cortina levanta-se formando novos e caprichosos pavilhões. As mãos materializadas aplaudem percorrendo o gabinete escuro inteiramente.

23ª Sessão. – 60 minutos. – Vemos a perna materializada até a metade; é bem magra; o pé está calçado com um sapato, de cetim branco, ao parecer; não podemos afirmá-lo porque não o tocamos. M. e S., quando a cortina é levantada, vêem no gabinete escuro ora luzes, ora claridade, ora sombras como se fossem espíritos; eu nada enxergo. – Comunicação.

24ª Sessão. – 53 minutos. – Vejo pé materializado fazer movimentos. Transportes de objetos fora da sessão.

25ª Sessão. – 24 de Dezembro. - 70 minutos. – Além dos três assistentes costumeiros, um menino de oito anos, que possui faculdades mediúnicas. Coloco em cima da cômoda, além da campainha, uma zabumba, um reco-reco e um acordeom: sob as mãos amarradas da médium, papel e lápis. Ruidosas manifestações; soam consecutivamente todos aqueles instrumentos; grande queda da temperatura. Vemos a perna, até o joelho que, já quase completamente formada, faz movimentos musculares.

Apport de flores formando um grupo precioso demais, composto por rosas, heliotrópios, folhagem verde, três buquês armados com arames, de um botão de rosa e heliotrópio, e duas maravilhosas camélias, uma

vermelha e outra branca, formando buquês combinados com gerânios perfumados. – Comunicação.

À noite, muitas manifestações.

26ª Sessão. – 55 minutos. – Assiste também uma menina de dez anos. Vemos a perna e o pé materializados.

27ª Sessão. – 40 minutos. – Vemos a perna melhor modelada e fazendo movimentos não efetuados antes.

28ª Sessão. – 55 minutos. – As mãos que nos tocam por trás da cortina já têm consistência completa. Grande queda de temperatura. Quando a cortina é levantada, vemos as mãos no chão, começando a aplaudir quando a cortina desce. Também vemos a perna no chão, e podemos apreciar perfeitamente os avanços da incipiente materialização.

IV

Notável fenômeno

29ª Sessão. – 55 minutos. – Mesmos cinco assistentes da sessão anterior. – Aconteceu um notável fenômeno que as minhas anotações registraram assim: “Levantou-se a cortina recolhendo-se em forma de artístico pavilhão, deixando completamente descobertos os dois terços inferiores da boca da alcova ou porta do gabinete escuro. A médium estava amarrada e adormecida, e coberta dos joelhos até o chão por uma nuvenzinha branca. Foi-nos dito então, pela boca daquela: - ¿Estão vendo bem a médium? – Sim, respondemos. – “Mas não enxergam bem seu rosto; olhem muito bem o que vai acontecer diante dos seus olhos; prestem muita atenção.” Naquele momento o rosto de Isabel (a médium), avançou até nós, como impulsionado por uma estranha mola, mas sem abandonar a poltrona; e seu rosto, em sentido horizontal, e como se a cabeça tivesse sido momentaneamente separada do tronco, veio até a frente da cortina, em cujo fundo preto destacava-se aquele rosto inundado de vivíssima claridade, claridade que se limitava ao círculo do rosto de Isabel.

O efeito que este fato produziu em M.S., nas crianças e em mim, foi indescritível...

30ª Sessão. – 45 minutos. – Preparativos ordinários; papel e lápis sob as mãos da médium, para dar uma comunicação. Os fenômenos costumeiros; a perna completamente formada com o começo da coxa; já está com as dimensões normais de uma mulher de boa estatura: pisa o pé do M. e o meu, dirigindo-se sucessivamente a um e outro com movimento indefinível.

Por trás da cortina, as mãos materializadas pegam nas nossas dando umas pequenas batidas de leve.

Ouvimos pegar com força o papel que estava sob as mãos da médium e trazê-lo até quase roçar a cortina no ponto onde a minha cabeça toca nela, e distinguimos perfeitamente o barulho do lápis que corre muito depressa pelo papel; escrita totalmente a primeira face, notamos desdobrar o papel

e começar a escrever ao dorso; outro barulho claro faz-nos compreender que a escrita passa à terceira face do papel. Também percebo quando a assinatura é colocada.

Terminada a escritura, que dura menos de dois minutos, dizem-nos: “Escreveram as mãos materializadas; escutem como fecham a carta, que seria colocada em um envelope, que também seria fechado, se vocês tivessem deixado um com o papel; aquelas mesmas mãos vão ser as portadoras”. Ouvimos, com efeito, de maneira claríssima, dobrar o papel em quatro dobras; a cortina foi afastada do meu lado e o papel caiu em cima de mim; pouco depois jogaram o lápis, que veio bater nas minhas costas. O papel continha uma extensa comunicação dirigida a mim, e assinada com o nome daquele que fora meu íntimo amigo “Palet”.

Depois disso manifestou-se a nós por duas vezes o rosto da médium, como na sessão anterior, porém durante muito tempo.

À noite temos várias manifestações na sala de jantar e no gabinete, a plena luz.

31ª Sessão. – 40 minutos. – Manifestações comuns. Outra comunicação, também do meu interesse, na mesma forma do dia anterior, que podemos considerar como escrita direta ou sem a intervenção mecânica da médium.

Depois de terminada a sessão, quando entramos na alcova ou gabinete escuro, a médium foi encontrada amarrada conforme nós a deixamos, e o papel sobre a cama, tendo em cima dois galhinhos de uma flor branca, para nós desconhecida. Acordada a médium, disse-nos que a comunicação foi escrita no ar.

32ª Sessão. – 31 de Dezembro de 1877. – 45 minutos. – Assistentes: M.S., a menina e eu. Por trás da cortina as mãos materializadas nos tocam; ela se levanta deixando completamente ao descoberto a metade inferior da porta do gabinete escuro. A médium está adormecida e na sua posição costumeira. Pergunta se estamos vendo o que está à sua direita. Eu diviso coisa assim como uma túnica branca, curta e com mangas que, ora aparece bastante clara, ora desvanece-se. Os médiuns (S. e a menina) enxergam que é um espírito que está sentado.

Ao mesmo tempo, para nossa surpresa e estupor, sem o corpo da médium se mexer da poltrona, sua cabeça adianta-se até a cortina, irradiando claridade em seu rosto. A nossa surpresa sobe de ponto porque

aquela cabeça nos fala, e diz que podemos beijá-la, que estaremos beijando o espírito. Assim é feito pelos quatro sucessivamente e ela nos devolve o beijo. A impressão física é exatamente igual àquela que causa beijar um cadáver; a impressão moral é indefinível.

33ª Sessão. – 1º de Janeiro de 1878. – 70 minutos. – Além dos cinco assistentes costumeiros, dois estranhos. Antes de começar a sessão eles são convidados para inspecionar cuidadosamente a alcova ou gabinete escuro, inclusive as gavetas da cômoda. Assim é feito por eles. Amarro a médium como sempre, com duas cordas; com uma, os pulsos cruzados, ligando os cabos aos braços da poltrona, e com a outra pela cintura ao encosto. Por ordem dos espíritos colocamos dois lenços em cima da cômoda, na cama uma bandeja, e sob as mãos da médium duas folhas de papel e um lápis.

Quase todas as manifestações das sessões comuns; o espírito de Marietta, por boca da médium, cumprimenta todos nós individualmente. Por duas vezes lançam flores sobre nós. Borrifam a cortina com um líquido de delicioso aroma. Por duas vezes vemos as mãos materializadas: uma quando a cortina é levantada, e depois no chão, de onde começam a aplaudir, quando a cortina é baixada, percorrendo o gabinete escuro, como sempre. Interessante comunicação do espírito de Marietta, por escrita direta. Notabilíssimo apport de flores. À noite transporte de objetos e outras manifestações, com luz.

Até 10 de janeiro realizamos as sessões 34ª a 42ª, de 30 a 40 minutos. A materialização vai adiantando. Passo uma grande parte do dia em casa dos meus amigos, e pode-se dizer que estamos quase em sessão permanente, pois a toda hora apresentam-se manifestações mais ou menos surpreendentes, mas que devem estar ligadas com o trabalho da materialização.

Capítulo IV

I. Mudança do local das sessões por excesso de precaução. — II. Continuam as manifestações. — III. Experiências Sonambúlicas. — IV. Outros membros materializados. — V. Transportes de objetos e apports de flores e doces. — VI. Apport de um arbusto. — VII. Outros apports.

I

Mudança de local por excesso de precaução

Apesar de não me ser lícito duvidar da boa-fé da família que a meu pedido se prestara às minhas investigações espíritas, e de que toda a minha suspicácia não tinha conseguido surpreender nem a mais leve tentativa de fraude, eram tão insólitos os fenômenos produzidos na casa dos meus amigos, que eu precisava que eles se produzissem na minha própria casa e sob a minha constante vigilância, a fim de poder certificar sem escrúpulo a sua realidade. Para tanto, propus a eles que viessem morar comigo. Eles concordaram, contratei um quarto em uma casa isolada, situada nos arredores de Madri, e desde o dia 10 de Janeiro de 1878, instalei-me no novo quarto, com a médium, três filhas dela e um filho, o primo dela que era o chefe da família e aquele que depois foi seu genro. Além disso, isolei-me em minha casa para poder exercer a mais escrupulosa e assídua vigilância.

As últimas sessões na casa da médium, devido ao estado físico e moral da mesma foram de escassos resultados. Obtiveram-se, no entanto, algumas boas comunicações por escrita direta. Entre os fenômenos o mais notável foi introduzir no gabinete escuro o gato da casa, que fora enxotado no começo da sessão. Tudo estava fechado, e nenhuma abertura existia por onde o animal pudesse entrar. Parecia atordoado e como sem saber o que tinha acontecido com ele. Também foi atenuada algumas vezes a luz das lâmpadas pelos invisíveis.

Nos dias 14 a 17 de janeiro celebramos as sessões 46^a a 49^a, primeiras no

novo local, de trinta e cinco a quarenta minutos de duração, estando presentes M., eu, e uma ou duas das crianças.

Poucas manifestações e de escassa intensidade; nada de novo. Nota-se a influência do novo local, não impregnado ainda o suficiente, sem dúvida, dos fluidos necessários para os invisíveis poderem operar; também contribui para isso a baixa temperatura, segundo eles nos disseram.

Todo dia sai da cortina a mão materializada, que toca a nossa cabeça e podemos vê-la perfeitamente. É como uma preciosa mão grande de menina. Ao contacto com a minha careca noto impressão de frio. Ela puxa a minha orelha às vistas dos outros. Quando toca em M., posso vê-la e também parte do braço.

Na sessão 50^a e na 51^a, em 18 e 19 de janeiro, em uma das quais a médium S. está presente, dão-se muito poucos fenômenos. Os espíritos dizem que estão guardando as forças da médium para a sessão no domingo 20, dia do meu aniversário, na qual me presentearão com alguma coisa não vista antes em nossas sessões.

II

Continuam as manifestações

Eis aqui o relato da notável sessão de 20 de janeiro de 1878, copiado literalmente do meu caderno de anotações:

52ª Sessão. – 50 minutos. – Assistentes encarnados: M., S. e eu. – Em presença de todos fiz o mais minucioso dos registros no gabinete escuro ou alcova do local onde celebramos as nossas sessões. Uma por uma, todas as gavetas da minha cômoda, que está naquela alcova, foram revistadas; do mesmo modo o criado-mudo e as duas camas que nela existem. Selei e lacrei a porta de saída da alcova e os nós da corda com que amarro a médium. Sob suas mãos deixei papel e lápis, diferentes daqueles que costumeiramente usamos para esse fim; uma bandeja, um lenço branco meu, um carretel de linha e um macete de arame fino ficaram também na alcova.

Suavizei a luz da lâmpada que fica sobre a mesa em todas as sessões no gabinete, deixando uma frouxa claridade, e ocupamos todos três assistentes os nossos respectivos assentos diante da cortina preta que nos separa do gabinete escuro, e cada um por si fez a evocação dos espíritos protetores.

Momentos depois, um suspiro da médium, precursor nela do sono espiritual ou sonambúlico, e o rumor de vestidos arrastando no chão indicou a presença dos espíritos, que nos cumprimentaram, invocando o nome de Deus por boca da médium, e dizendo-nos alguma coisa a respeito do estado dela e dos fenômenos que naquela sessão iam tentar fazer, se na médium existiam as forças e condições necessárias, visto que seu estado moral não era dos mais satisfatórios, por causa dos desgostos que, segundo nos contaram, sofria em silêncio, produzidos pelos julgamentos aventurados e as suposições falsas feitas por certas pessoas que se dizem espíritas, os quais, se antes de formar opinião, tivessem se dignado a me perguntar, saberiam, entre outros importantíssimos detalhes, que fui eu quem propôs estes trabalhos, que tudo foi feito sob a minha direção, que estudei tudo aquilo que dentro e fora do Espiritismo é

conhecido no terreno científico no assunto, e, acima de tudo, que tive de lutar alguns dias até vencer a repugnância da médium para se prestar aos meus estudos espíritas.

Ouvimos dentro do gabinete escuro barulho e movimento como de muitas pessoas, e repetidas batidas em móveis e paredes; percebemos delicadíssimo aroma e sentimos muito frio e corrente de ar. A cortina foi levantada várias vezes, formando pavilhões inimitáveis e pudemos ver a médium adormecida a amarrada como fora deixada por mim. Soou, percorrendo o gabinete escuro a pequena campainha que sempre deixo em cima da cômoda, e as mãos materializadas aplaudiram percorrendo também o aposento, sendo escutada ora perto ora longe de nós, ora perto do chão, ora perto do teto.

Ruído de roçar de papel indicou-nos que aquele que estava colocado sob as mãos da médium aproximava-se de mim, por trás da cortina, e o riscar do porta-lápis no papel indicou-nos que estava sendo obtida uma comunicação. Esta comunicação, de caráter particular e dirigida a mim, é a melhor prova da comunicação dos espíritos e da verdade de tudo aquilo que nestas sessões acontece.

Ouvimos enrolar o papel e, levantando-se a cortina, uma mão, para mim invisível, colocou na minha o papel com o porta-lápis dentro; ele estava como impregnado de uma substância fria e viscosa; fiz notar essa circunstância ao M.; isto durou somente alguns momentos.

Uma das vezes em que a cortina se alçou pela parte inferior, em direção a nós saíram as duas pernas materializadas, ao parecer cobertas com meias brancas muito finas e em um estado de desenvolvimento maior do que até então tínhamos visto. Da primeira vez que elas se mostraram a nós, estavam quase sem musculatura; fomos notando sucessiva e paulatinamente seu desenvolvimento. Sempre as tínhamos visto apoiadas no chão; hoje apareceram no ar e com uma flexibilidade e movimentos que antes não tinham; a direita pousou o pé sobre o meu um tempinho, apertando e fazendo movimentos; assim foi como pude apreciar sua força e jogo muscular. Quando as pernas apareceram pedimos licença para avivar a luz da lâmpada e foi-nos concedida, de maneira que vimos perfeitamente bem tudo o que descrevi.

Também saíram de trás da cortina as mãos materializadas e inclusive a

metade do antebraço. São umas mãos pequeninas de mulher, muito suaves e muito bem modeladas; sua cor é mais esbranquiçada do que rósea, e com um pouquinho menos de calor natural, segundo pude apreciar quando uma delas tocava acariciando a minha careca, e passando depois por trás da minha cabeça para puxar de leve a minha orelha direita. Quando a mão tocava em mim, isso era visto por M. e S., e também S. e eu víamos quando M. era acariciado em sua cabeça.

As duas mãos também tocaram nossa cabeça e braços, por trás da cortina, e apertaram as nossas.

Segundo nos disseram, o espírito da médium afastara-se para tomar parte no apport de flores que estávamos prestes a obter.

Pouco antes de terminar a sessão, indicaram-me que entrasse no gabinete escuro com luz, e assim fiz, para revisar os selos de lacre que tinha colocado e que estavam intactos: vi em cima da cama o magnífico apport de flores. Depois tornei a entrar com toda a família da médium para testemunhar que os selos estavam intactos e admirar o presente de flores que os espíritos me deram.

A médium estava muito abatida. Tive de passar a ela uma grande quantidade de fluido para que recuperasse um pouco as forças.

III

Experiências sonambúlicas

Naquela noite houve diversas manifestações de ruídos e vozes em diferentes cômodos, onde nenhum ser humano se achava.

Continuo com as sessões noturnas para magnetizar a médium e dar a ela fluido restaurador. Com ela consigo boas experiências sonambúlicas; chego a dominá-la e ela me obedece muito bem, salvo se os espíritos não querem influenciá-la, em cujo caso seu magnetismo é mais poderoso do que o meu.

Apesar de que a médium sempre teve um estômago privilegiado, agora suas digestões são pesadas, pela falta do calor ou vitalidade que os invisíveis tomam dela para as sessões e o trabalho de materialização. Por causa do estado da médium, nas cinco sessões seguintes, 53^a a 57^a, houve poucas manifestações. A uma delas assistiram as filhas da médium M., H. e B. e o menino R. Também assistiram à sessão 58^a, de 42 minutos, na qual vimos à plena luz, a perna materializada com parte da coxa. Houve um magnífico apport de flores: uma camélia branca, algumas preciosas rosas e vários buquês formados com arame e linha que deixei no gabinete escuro no começo da sessão, e depois de minucioso registro, por isso é possível certificar que lá não existia flor alguma.

As sessões 59^a a 64^a aconteceram de 27 de janeiro a 1^o de fevereiro, sendo de 30 a 40 minutos de duração. Poucas manifestações; comunicações por escrita direta, colocando o papel e o porta-lápis sob as mãos amarradas da médium; a escrita é colorida quando o porta-lápis que coloco é de cor. Em uma delas deram-me instruções a respeito das minhas sessões de magnetização. O Espírito diretor diz que estavam pensando em suspender as sessões por causa do estado delicado da médium, porém decidiram que fossem continuadas, contando com o auxílio dos espíritos e com o meu fluido, que devo passar a ela.

IV

Mais membros materializados

65ª Sessão. – 2 de Fevereiro de 1878. – 55 minutos. – Assistentes: os seis membros da família da médium e eu.

Por indicação dos espíritos é revistada minuciosamente a alcova ou gabinete escuro, em presença de todos; passei o trinco na porta de escape e depois a lacrei, e também lacrei os nós da corda com a qual amarro a médium. Do mesmo modo, deixei sobre a cama uma bandeja, um meu lenço branco, um guardanapo, arame fino e um carretel de linha branca.

Pancadas, ruídos, aroma, movimentos da cortina, forte descida da temperatura.

O braço direito materializado afasta a cortina do meu lado e enlaçando-me o pescoço leva a minha cabeça para a parte interior do gabinete escuro. Cai depois a cortina, e quando o braço sai em posição vertical pela borda da cortina e à altura da minha cabeça quase roçando nela, vemos o braço fazer toda sorte de movimentos, sendo que ele é de grande brancura, corretamente modelado e com um pouco menos do calor natural.

As mãos materializadas foram tocando em todos nós, um por um, por trás da cortina, e o espírito, por boca da médium, dirigiu sucessivamente algumas palavras a cada um de nós.

Percebemos o ruído do papel e do lápis, escrevendo a comunicação dirigida à médium; depois deram de presente a ela belíssimas e variadas flores, e alguns doces chamados dos Alpes.

Um pouco antes de a sessão terminar entrei com luz no gabinete escuro, examinei a fechadura e os selos da porta assim como os das amarrações, que estavam intactos, e afastei a cortina para todos verem.

Sobre a cama existia um magnífico apport de flores, consistente em uma preciosa camélia branca arrumada em buquê com arame e linha, dois lindos buquês de violetas, quatro magníficas rosas brancas e outras tantas vermelhas, e doze galhos de jasmim branco.

Nas sessões 66ª a 77ª, de 3 a 13 de Fevereiro, de 30 a 40 minutos de

duração, nada de novo aconteceu. Na última vimos o começo da materialização de outra mão direita.

V

Transporte de objetos e apports de flores e doces

As vinte sessões seguintes, da 78ª à 98ª inclusive, acontecem de 14 de Fevereiro até 8 de Março. Assistentes: a médium, M. e eu. De 30 a 40 minutos de duração. Algumas são feitas dentro do gabinete escuro e sem luz, sentados todos três ao redor de uma mesinha e com as nossas mãos entrelaçadas formando uma corrente.

Os fenômenos costumeiros e também transportes de objetos, dentro do quarto e às vezes trazidos de outros cômodos apesar das portas fechadas, apports de flores e de doces, e sinais de mãos materializadas sobre farinha. Fora de sessão também acontecem diversas manifestações. Eis aqui as anotações mais relevantes de algumas dessas sessões:

80ª Sessão. – 16 de fevereiro de 1878. – 25 minutos. – 1ª sessão às escuras no gabinete. – Colocamos a mesinha lá dentro; a médium, M. e eu ficamos sentados formando corrente, e colocamos sobre a mesinha, por ordem dos espíritos, um novelinho de seda azul.

Batidas na porta e nas paredes, algumas muito fortes; roçar de vestidos; movimentos da mesinha. Encontramos sobre esta, quando a luz foi acesa, um precioso buquê de violetas amarradas com seda azul como aquela do novelinho (é de se advertir que os espíritos pediram trancinha, mas não tendo, colocamos seda), e à frente da médium, uma flor desconhecida para nós. Depois soubemos que o nome daquela flor é bretanha.

81ª Sessão. – 56 minutos. – Apport de flores: dois cravos, um vermelho e outro branco, uma camélia cor de rosa, doze heliotrópios e treze galhos de jasmim branco.

82ª Sessão. – 19 minutos. – Quando a sessão no escuro acabou encontramos sobre a mesinha três doces daqueles chamados dos Alpes.

84ª Sessão. – As mãos materializadas lançam doces para fora da cortina. Transporte de um exemplar do livro Marietta, que é colocado sob as mãos amarradas da médium, aberto no capítulo intitulado “Esperança e amizade”, tendo reproduzido para nós vários parágrafos nas comunicações por escrita direta.

86ª Sessão. – 24 de Fevereiro de 1878. – Também lançam doces. Diariamente, quando a sessão começa, coloco em cima da cômoda do gabinete escuro a pequena campainha e um acordeom (que comprei para estas sessões), que os espíritos sempre fazem soar. Naquele dia esqueci-me de colocar o acordeom, que está no meu quarto, dentro de uma caixa de papelão. Os invisíveis o transportaram. A partir de então, não cuidei mais de levar o acordeom para dentro; os espíritos se encarregavam de levá-lo, apesar das portas fechadas.

93ª Sessão. – No gabinete escuro. – Comunicação tiptológica por intermédio da mesinha. Apport de um doce parecido com as amêndoas finas de Alcalá, com uma fruta de além-mar no centro, e duas balas, encaracoladas, que eram excelentes. Os doces estavam feitos recentemente e nunca tínhamos comido nada igual. Em outra sessão, em comunicação por escrita direta, disseram o nome desses doces: fraises Pralu.

95ª Sessão. – No escuro. – Eles pedem para revistarmos o quarto e nossos bolsos. Escutamos o barulho de objetos que caem sobre a mesinha. Quando acendemos a luz encontramos treze doces, daqueles desconhecidos para nós, que não são vendidos em casa Prast, nem em Levi, nem em Pecastain, nem na Dupla Aliança, nem em outras das principais confeitarias onde perguntei, e não existindo nesses estabelecimentos, é possível garantir que eles não existem em Madri.

96ª Sessão. – No escuro. – Quando a luz é acesa encontramos sobre a mesinha um rolinho de arame, alguns alfinetes, em cima de um pedaço de acolchoado o relógio e a corrente da médium, que estavam no seu bolso, e um embrulho (feito com uma folha de papel, que me foi mandado colocar sobre a mesinha no começo da sessão) muito bem feitinho e preso com alfinetes. Dentro do pacote encontramos um precioso grupo de flores, artisticamente colocadas, borrifadas com gotas de água e embrulhadas no acolchoado. Duas belíssimas camélias arrumadas em buquê, dois cravos, cujas pétalas estavam presas com um pedaço de naipe, um buquezinho de violetas, duas francesinhas duplas e quatro galhos de gerânio cheiroso.

As condições em que este apport chegou, mesmo sendo no escuro, excluem toda possibilidade de fraude. Somos impressionados agradavelmente. O arame, o acolchoado e os alfinetes parecem ser

trazidos de outro cômodo. Nem M. ou a médium, cujas mãos eu estava segurando, tinham feito movimento algum.

VI

Apport de um arbusto

99ª Sessão. – 9 de março. – 32 minutos. – Apport de uma planta no seu próprio vaso. – Faz uns dias que a médium anda muito preocupada com o desejo de que os espíritos a apresentassem com uma planta de camélia com seu vaso. Vários incidentes do dia de hoje e principalmente o abatimento da médium, precursor sempre de algum fenômeno notável na sessão, fizeram-me suspeitar, com caráter de segurança quando, antes de começar a sessão, os espíritos me convidaram para revistar minuciosamente todos os quartos, até o último recanto da casa, e me mandaram fechar, como assim fiz, as duas portas que comunicam com a escadaria e a varanda exterior, guardando as chaves no meu bolso. Também deixei incomunicado o quarto onde a sessão ia ter lugar.

Colocada a cortina e sentados nós três formando corrente ao redor da mesinha, apaguei a luz. Ruídos e batidas em distintos pontos do gabinete escuro dentro do qual nós nos encontrávamos. Pedem-nos que com a nossa vontade mandemos fluidos para o gabinete exterior à cortina. Depois de um tempinho, escutamos um barulho muito estranho no gabinete. Eu sinto uma forte impressão que me faz imaginar que os desejos da médium foram cumpridos.

Obtém-se a través da mesinha e sem que seja tocada por nossas mãos, a seguinte comunicação: Presente para a médium, dos seus espíritos protetores. – Estrela. – Somos advertidos para não nos alarmarmos se a médium demora muito para acordar. Houve um apport de treze doces (fraises Pral.) como em sessões anteriores.

Terminada esta sessão, e enquanto dou fluido à médium, que está sumamente abatida, M. afasta a cortina para entrar no gabinete exterior e retrocede como assustado por ter visto um objeto branco que antes não estava lá. Então vou olhar e enxergo que o objeto que de repente parecia uma forma humana, é só qualquer coisa embrulhada em papel.

Depois de acordar a médium vamos examinar o apport. Cuidadosamente embrulhado em três folhas de finíssimo papel e amarrado com uma

cordinha; era um vaso de dois decímetros de altura e dois de diâmetro, com uma planta de camélia de nove decímetros de altura. Estava com duas flores abertas, grande parte das suas pétalas acabavam de se soltar, de cor isabela, sarapintada com cor de rosa forte. O arbusto estava resguardado com três pauzinhos. (Para acreditar em um fato assim é preciso vê-lo, e sobre tudo nas condições de vigilância sob as quais aconteceu).

VII

Outros apports

As 24 sessões seguintes, que aconteceram até 30 de março, constituíram a primeira série daquelas pesquisas experimentais. Distinguiram-se principalmente pelo apport de doces e flores. A materialização avançou pouco por causa do delicado estado da médium. Continuo com as sessões de magnetização. Fora de sessão obtêm-se comunicações, ora verbais, ora escritas, e diversos fenômenos.

Eis aqui os apports que obtivemos:

100ª Sessão. – Doze doces (fraises Pral.).

101ª Sessão. – Apports de flores como na sessão 96ª; 8 jacintos, em quatro cores; 6 francesinhas duplas, vermelhas; 4 cravos, dois cor de salmão e dois brancos; e duas camélias, uma branca e outra vermelha, arrumadas em buquê com folhagem da mesma planta. Duas dúzias de pílulas de dois tipos diferentes.

Na noite daquele mesmo dia, enquanto eu estava no escritório redigindo a ata da sessão, e tendo diante de mim a médium do outro lado da mesa, e M. à minha esquerda, ouvi um barulho à minha direita, na mesma mesa. Enquanto procurávamos o que tinha feito esse barulho, alguém diz à médium: Um espírito trouxe para vocês uma tabuleta tirada do vaso. Com efeito, na lata de lixo à direita da minha mesa, onde fora ouvido o barulho, achei uma tabuleta com um número apagado onde podia ser lido, escrito com tinta: Duchesse de Visconti, que sem dúvida era o nome da planta de camélia. O arbusto conservava o arame a que se adaptava perfeitamente aquele rótulo.

112ª Sessão. – Apport de vários doces e um vaso de begônia, que media um decímetro de altura e doze centímetros de diâmetro na sua parte superior. A planta estava com 4 decímetros de altura. É um presente para a médium.

113ª Sessão. – Apport de doces e outro vaso que faz conjunto com o do dia anterior. Comunicação tiptológica sem apoiar as mãos na mesinha, presente oferecido também à médium.

114ª Sessão. – Apport de um buquê que mede três decímetros de diâmetro, composto por três camélias, uma branca e duas vermelhas, arrumadas com folhagem de gerânio e amarradas com arame; três buquezinhos de violetas, oito cravos de diferentes cores, e muitos jacintos de variadas cores; em torno a eles, musgo artificial e plumagens; também uma fita, que no início da sessão estava em uma gaveta da minha mesa no escritório, fechada com chave. Comunicação tiptológica oferecendo-me o presente dos espíritos.

115ª Sessão. – Apport de duas camélias, cor de rosa e branca; quatro cravos, branco, salmão, vermelho e branco e cor de rosa; quatro bretanhas francesas, duas lilás e duas cor de rosa; oito francesinhas duplas, quatro vermelhas e quatro furta-cor, cor de rosa e branco, desconhecida para nós. Apport de doces.

Nesta sessão os invisíveis colocaram na médium, em um dos dedos da sua mão direita, que eu segurava na minha, dois anéis que estavam na gaveta de uma cômoda fechada com chave.

117ª Sessão. – Cai sobre a mesinha, embrulhado em um número de O Globo que estava sobre a mesa do escritório, um apport de flores, composto de duas camélias, branca e vermelha, arrumadas em dois buquês com arame e linha transportada de outros cômodos; quatro cravos, amarelo, branco, cor de rosa e salmão; doze bretanhas, cinco rosas (três nuances), sete lilás (três nuances também), e gerânio. Apport de doze fraises Pralu.

118ª Sessão. – 23 de março. – 50 minutos. – Ouve-se grande estrondo no gabinete exterior, como quando aconteceu o apport do vaso com a camélia; o barulho vai se aproximando e percebe-se que alguém afasta a cortina e o objeto entra no gabinete escuro onde nos encontramos, ficando do meu lado e roçando o meu braço esquerdo. Com grande estrépito caem doces de bastante altura; são doze fraise Pralu. O objeto aportado é um vaso perfeitamente embrulhado em finos papéis; ele mede dois decímetros de altura e 22 centímetros de diâmetro na sua parte superior; e a planta, nove decímetros de altura, sendo um lírio aquático, preciosa planta de largas folhas verdes e uma flor branca, campanulácea, de grande tamanho.

119ª Sessão. – Da mesma maneira que no dia anterior, apport de outro lírio aquático; o vaso é igual, a planta é mais alta em um decímetro, um

pouco mais frondosa e a flor é um pouco maior.

Parece que esse apport respondia ao desejo da médium de ter duas plantas iguais para a entrada do escritório, onde deixamos colocados esses dois notabilíssimos apports. É de se advertir que no estabelecimento de plantas e flores da Carreira de S. Jerônimo, da Quinta Esperança, onde fui perguntar, disseram-me que plantas como aquelas não são vendidas em Madri.

Apport de seis fraises Pralu. Sobre a terra do vaso vieram seis lindas rosas de diferentes cores. Não existem rosas como essas hoje em Madri.

120ª Sessão. – 25 de março. – Apport de flores; uma camélia branca, outra cor de rosa com pintas brancas, arrumadas em buquê, com folhagem verde diferente das outras vezes; quatro cravos; oito marimonias (*ranunculus asiaticus*), espécie de francesinhas duplas de um vermelho bem forte; seis jacintos duplos cor de rosa. Apport de doces, seis fraises Pralu. As flores estavam como sempre embrulhadas em acolchoado e em um número de O Globo preso com alfinetes.

Hoje não vieram borrifadas com água. Os espíritos desconfiavam do apport por causa das poucas forças da médium.

Comunicação tiptológica oferecendo o presente à médium e dizendo que seus desejos serão cumpridos. Estes desejos são ter muitas flores para o aniversário de Allan Kardec, em 31 de março.

121ª Sessão. – 40 minutos. – Sem luz, no gabinete escuro – como sempre, ficamos sentados todos três ao redor da mesinha. Seguro as mãos de M. e da médium. Em cima da mesinha eu deixara duas pequenas folhas de papel que marquei, e um lápis, com uma ponta azul e outra vermelha. Apports de doces.

Quando a sessão termina, encontramos as folhas escritas, por uma face com lápis vermelho e pela outra com o lápis azul, alternativamente. É uma comunicação dirigida aos sócios da Espírita Espanhola, assinada pelo espírito de Estrela. Não completa o pensamento, contém erros e palavras riscadas. Eles dizem que foi por causa da falta de força fluídica da médium.

Capítulo V

I. Apport de flores a plena luz. — II. Comunicação do espírito de Estrela por escrita direta. — III. Espíritos brincalhões. — IV. Última sessão da primeira série. — V. Manifestações fora de sessão.

I

Apport de flores a plena luz

27 de março de 1878. — Primeiro apport de flores a plena luz. — Estávamos às nove horas da noite no gabinete onde fazemos as sessões, a médium sentada em uma poltrona, M. em pé, perto de mim, as crianças V. e R. brincando, e eu tocando piano. M., a filha mais velha da médium, acabava de sair.

Quando mais eu me enlevava com a música que estava executando, uma forte pancada, que nem percebi, foi seguida de outra mais forte ainda, ao mesmo tempo em que M. chamava a minha atenção para a primeira. Deixei de tocar, olhei para trás, e vi todos estupefatos, e a médium em sono profundo.

A primeira detonação foi de aviso, e na segunda a médium ficou profundamente adormecida, e no mesmo instante M. e as crianças viram cair do alto um grupo de objetos que se esparramaram pela mesinha e pelo chão: era um apport de flores, arame e acolchoado. Não tenho como descrever a impressão que isto produziu em mim: uma mistura de assombro e alegria, ao ver o primeiro apport de flores à plena luz, pois a sala estava completamente iluminada pela luz da lâmpada.

Desde os cômodos interiores, as pessoas que lá estavam ouviram barulho como de uma fortíssima detonação que ressoasse no gabinete.

Incorporado na médium o espírito de Estrela, que produziu o apport, deu explicação do fato, dizendo que aquele apport estava preparado para essa sessão (que nós suspendemos por causa do estado da médium, ainda que sem consultar com os nossos espíritos protetores); que a primeira pancada

foi para nos avisar; que imaginou, por falta de condições favoráveis, que o apport não poderia ser realizado; que não tinham chegado todas as flores preparadas; e que na sessão de amanhã procuraria reproduzir e completar sua comunicação para a Sociedade, esperando encontrar a médium com mais forças do que hoje. Do chão e da mesinha recolhi duas lindas camélias, uma branca e outra vermelha, arrumadas em um buquezinho; cinco cravos, de cores diferentes; seis marimonias e alguns talhinhos de gerânio; também recolhi o arame e o acolchoado, que antes estavam no quarto e por tanto foram transportados. As flores estavam como sempre, borrifadas com gotas de água.

II

Comunicação do espírito de estrela por escrita direta

122ª Sessão. — 28 de Março de 1878. — 20 minutos. — Coloco sobre a mesinha duas pequenas folhas de papel, uma delas marcada com o carimbo de “O Critério”, e um lápis. Com menor dificuldade do que na sessão anterior, o espírito de Estrela repete a sua comunicação por escrita direta, que diz assim:

Médium I. V. Mãe.

Aos sócios da “Espírita Espanhola”, com o motivo da celebração do nono aniversário da desencarnação de Alan Kardec.

Se alguma coisa digna vós encontrais no meu espírito que se preste à vossa admiração, é sem dúvida alguma a franqueza nobre com que, envolvida na minha própria consciência, lanço ao mundo o passado borrascoso de uma existência preenchida de imaginários prazeres. Por isso hoje, regenerada pela humildade e a gratidão ao ser que martirizei impiedosamente, quero dirigir-me a vós, investida com legítima autoridade (1). *Lembrem-se as duas existências deste espírito, descritas por ele mesmo, com os nomes de “Estrela” e de “A Sombra” no livro Marietta. (À venda nesta Casa Editora ao preço de 4 pesetas)*

Pouco valem, nada são e menos ainda significam, as homenagens tributadas ao grande mestre do Espiritismo, se, à ataviada e donairoza forma, não se unirem com broche de ouro as preciosas virtudes que brotando daquela claríssima inteligência foram praticadas com admirável precisão. Mas se com diáfana transparência mostrais a alma depurada no crisol da verdade: se realmente (sem artificiosa astúcia) aspirais a vos dizerdes discípulos de Allan Kardec, filhos do Espiritismo, e apóstolos da boa nova; serão mais do que prováveis as censuras de muitos, certos os aplausos de poucos, evidente o fruto espiritual, e entusiasta a bênção que em nome de Deus vos dirige “ESTRELA”

Caíram depois, sobre a mesinha com grande estrépito, objetos mais

pesados do que aqueles vindos até agora; eram cinco bom-bocados de cinco tipos diferentes, todos eles recentes.

Comunicação tiptológica oferecendo o presente à médium.

III

Espíritos brincalhões

Segundo apport de flores, a plena luz. – Lá pelas sete horas da tarde do mesmo dia 28, impressionou-se logo a médium e disse que vira passar flores pelo ar, entre elas muitas rosas. Eu percebi como uma lufada que se dirigisse de uma das sacadas da sala de jantar até a porta. Segundo nos disseram, eram os espíritos, fazendo entrar o apport que íamos ver mais tarde.

Às nove horas e quinze, com a médium no gabinete, e também M., as três crianças, e eu tocando piano, ouviu-se um barulho e ao mesmo tempo caíram sobre o teclado do piano, em cima dele e também no chão, grande porção de flores lançadas do alto e às minhas costas (atrás de mim não havia ninguém naquela hora), algumas das quais roçaram a minha orelha na queda.

A médium adormeceu no mesmo instante e em cima de sua saia apareceu cuidadosamente colocada uma magnífica camélia branca, formando um buquezinho com folhas de marimonia. Do piano e do chão recolhemos as seguintes flores: 12 rosas, 6 marimonias, 14 francesinhas e 5 galhos de gerânio cheiroso.

199ª Sessão. – 29 de Março. – 30 minutos. – No escuro. – Colocamos em cima da mesinha um exemplar encadernado do livro “Marietta”, e dentro dele, sob a pasta de cima, duas folhas de papel branco e um pedaço de lápis (mina), de pouco mais de um centímetro. Sobre o livro, nós colocamos uma em cima da outra as nossas mãos esquerdas, a médium, eu e M.; as mãos direitas entrelaçadas como para nos vigiarmos mutuamente. Aparece logo uma comunicação de um médico, a respeito do estado da médium.

As mãos materializadas põem um doce na minha boca e outro na boca de M. ao mesmo tempo. Depois colocam dois anéis na mão da médium que eu estou segurando; assim sendo, noto perfeitamente essa operação. Esses anéis estavam dentro da gaveta da cômoda.

M. percebe a influência de um espírito brincalhão; por causa dele

quebra-se uma perna da mesinha.

Nestes dias freqüentam a casa três espíritos retrasados (um deles aludido anteriormente), que causaram alguns sustos com suas manifestações. Os nossos protetores encomendam-nos orar por aqueles espíritos, procurando atrai-los à conversão, que é obra meritória.

Apport de seis fraises Pralu.

IV

Última sessão da primeira série

124^a Sessão. – Última da 1^a série. – 30 de Março de 1878. – Notabilíssima. – 75 minutos. – Às 5 horas da tarde; com o sol entrando no gabinete das sessões.

Assistentes: M., a filha mais velha da médium M., a menina V., o menino R e eu.

Colocamos a cortina na entrada do gabinete escuro, e os raios do sol batiam nela. Na frente colocamos uma mesinha e em torno a ela sentamos os cinco assistentes e a médium. Ela, M. e eu colocamos as mãos como na sessão anterior, sobre um exemplar de Marietta, dentro do qual, e sob a capa eu colocara duas folhas de papel branco e uma pontinha de lápis, de menos de meio centímetro. As duas meninas e o menino formavam corrente com as mãos sobre a mesinha. Os espíritos adormecem a médium depois da nossa habitual evocação. Passados dez minutos acordam-na e pedem para olharmos o papel. Nele havia uma comunicação que ocupava cinco faces, assinada “Allan Kardec” e dirigida à médium e a mim.

Durante os dez primeiros minutos desta sessão, tínhamos colocado sobre os ombros da médium, de Manuel e meus, a corda que nos serve para amarrar a médium quando ela senta na poltrona. Os espíritos recomendaram-nos não deixar a corda cair para não interromper a corrente fluídica. Depois de cinco minutos voltamos a retomar a sessão. A cortina que colocamos era formada por dois xales pretos de merino, de modo a poder abrir no centro. No gabinete escuro a poltrona estava pronta. A médium sentou-se e coloquei sobre ela a corda dobrada. Antes de voltar ao meu assento, abri a cortina para que todos os assistentes pudessem ver a disposição em que a médium estava.

Nós cinco formamos corrente com as mãos sobre a mesinha, M. e eu sentados nos nossos respectivos lugares, de frente para a cortina. Depois de um tempinho escutamos barulho de pegar a corda e amarrar. O espírito diretor, falando pela boca da médium adormecida, disse-nos que achava certa dificuldade por causa das poucas forças da médium, e por isso não

garantia que acontecesse tudo aquilo que ele ia tentar fazer.

Depois de cinco minutos afastei a cortina e vimos médium, amarrada pelos espíritos, do mesmo jeito que eu costumo fazer. M. e eu entramos no gabinete escuro (que agora não estava escuro), examinamos as amarrações, selamos os nós depois de lacrados, e precintamos e lacramos a porta de saída. Antes de começar a sessão, o quarto tinha sido revistado minuciosamente.

Continuando a sessão, de volta nos nossos respectivos assentos, ouvimos ruídos e pancadas, alguns deles muito estrepitosos, manejar arame, cortá-lo com tesouras, abrir uma caixa de papelão e procurar alguma coisa dentro dela (era a caixa de linhas das meninas, que antes estava no outro quarto); ouvimos também ruído de papel e coisa assim como várias pessoas que se movimentavam ocupadas em fazer alguma coisa.

Transcorrido bastante tempo, falaram para M. e eu afastarmos um pouco a cortina, cada um do seu lado. Feito isso, saíram pela abertura, despedidos com força, alguns doces (fraises Pral.) que caíram sobre a mesinha, indo muitos deles parar no chão.

A sessão terminou, transcorrida uma hora a partir do reinício, e quando entramos no gabinete escuro apresentou-se diante de nós um assombroso espetáculo. A médium ainda estava adormecida e amarrada; os selos intactos. Em cima da sua saia havia uma preciosa coroa de flores naturais e loureiro. No chão, diante da poltrona, um penteador branco da médium, estendido formando semicírculo e contendo multidão de flores e alguns doces; na parte exterior do semicírculo havia alguma coisa coberta com finíssimo papel.

Acordei a médium, o qual demorou um bom tempinho, segundo nos anunciaram antes, e descobrimos o que estava sob aquele papel. Era uma estrela formada com oito bom-bocados cônicos de cerca de um decímetro de comprimento, oito fraises Pral., com seus respectivos ângulos, e quatro camélias naturais; tudo graciosamente colocado. Quando recolhemos as flores, contamos as seguintes: 6 camélias, 12 cravos, 19 rosas, 9 marimonias, 9 francesinhas duplas, 12 jacintos, 12 goivos brancos e 11 galhos de gerânio aromático; no total, 89 flores, todas frescas, lindas e borrifadas com gotas de água.

A coroa estava arrumada com arame coberto de papel verde que as

meninas guardavam na gaveta da cômoda em seu quarto; também o arame, o acolchoado e a linha foram transportados de outros quartos. A coroa continha as seguintes flores: 7 camélias, 6 cravos, 2 flores raras amarelas (uma com uma espécie de enxerto vermelho), 24 bretanhas e jacintos de várias cores; feno artificial, “plumitis” de Paris e loureiro natural. Este, procedente segundo me disseram, do jardim da casa ao lado. Ao todo 128 flores de apport.

Sobre o penteador, no qual flores e doces estavam, havia, dos dois lados, artisticamente colocados dois grupinhos de seis fraises Pralu cada um.

O conjunto deste notabilíssimo apport, obtido em sessão à plena luz do sol, era verdadeiramente maravilhoso.

Digna sessão para comemorar o aniversário do desencarne de Allan Kardec, em cuja honra era destinada a coroa.

Por causa do estado da médium e por uma enfermidade minha, a consequência dos desgostos que nos foram dados por certas pessoas que se dizem espíritas, as sessões foram interrompidas.

V

Manifestações fora de sessão

Mesmo sem celebrar sessões, não deixamos de manter comunicação com os espíritos, nem deixam de acontecer manifestações, algumas delas muito dignas de estudo como a seguinte:

2 de abril de 1878. – Grave incidente. – Comparecem em casa, com o motivo das pesquisas e trabalhos que estamos realizando, multidão de espíritos, conhecidos muitos deles, desconhecidos alguns, não faltando entre estes últimos muitos atrasados e ainda perturbadores. Os nossos diretores nos disseram repetidas vezes, que lá aonde vão os espíritos bons, costumam ir também os maus e atrasados a caminho do aprimoramento, umas vezes de boa vontade, e outras, a maioria, impulsionados por uma força para eles desconhecida, que costuma ser do seu espírito protetor, visando que eles aprendam e entrem em vias de arrependimento. Costumam provocar prejuízos, mesmo contra sua vontade, e em ocasiões fazem o mal pelo prazer de o fazerem ou empurrados pela vingança e as más paixões por que são dominados. Assim pudemos comprová-lo repetidamente no decorrer destas pesquisas e sessões de desenvolvimento de mediunidade e materialização.

Dias atrás se apresentaram em uma sessão três espíritos perturbadores, cuja influência a médium percebeu logo, vendo-os depois muitas vezes. Os nossos protetores nos avisaram para estarmos de sobreaviso, e encomendaram-nos orar pedindo a Deus por aqueles infortunados seres que se comprazem em fazer mal pelo prazer de causá-lo.

Barulhos fortes e extemporâneos, umas vezes de pisadas e outras de vozes, sustos dados à doméstica e às crianças, soar da campainha sem ninguém aparecer ao abrir a porta e sem que nenhum ser humano a tivesse tocado; simular um grito, aumentar ou atenuar a luz das lâmpadas, interromperem alguma comunicação tiptológica que estivéssemos mantendo, e quebrar em uma sessão uma das pernas da mesinha (justamente aquela do meu lado, e por isso mesmo eu posso atestar o fato muito bem); esses e outros pequenos contratempos análogos, eram até

agora obra dos espíritos perturbadores, mas no dia 2 a coisa foi mais séria. Acabávamos de nos deitar, quando gritos desgarradores deixaram-se ouvir no corredor, fazendo-me pular da cama. A médium e M. correram a prestar auxílio à filha mais velha da primeira, que estava envolta nas chamas de suas próprias vestes. Estava na cozinha ocupada em fazer umas rosquinhas; sua irmãzinha a iluminava segurando uma lâmpada de petróleo, que a pancada de um ser invisível no braço da menina fez cair no chão, incendiando o líquido e, pegando nas vestes de Mari, como era chamada por nós a vítima dos espíritos perturbadores. A empregada, que também estava na cozinha, viu uma sombra cruzando, sem dúvida a sombra do espírito que causou o mal. O menino também estava na cozinha; mas todos ficaram atordoados e ninguém soube prestar auxílio à pessoa que se incendiava, avivando-se o fogo com a fugida dela para o corredor. Sua mãe, a médium, lançou-se sobre as chamas, queimando a mão esquerda e ficando ileso no resto.

M. conseguiu dominar as chamas com um cobertor quando Mari saiu para o corredor pedindo socorro. Percebendo a queimadura da médium, M. correu para auxiliá-la, enquanto eu rasgava as vestes de Mari, que continuavam queimando, até deixá-la só de camisa.

Do vestido de Mari só restou um pedaço sem queimar; o saiote estava calcinado até a cintura e intacto embaixo; o avental saiu ileso, apesar de ter no bolso uma caixa de fósforos, que não se inflamaram; apesar de as chamas subirem a princípio por cima da cabeça de Mari, a roupa da cintura para cima não queimou, aliás, nada queimou não sendo um cachinho dos cabelos e a mão direita, como para testemunhar que atuavam causas extraordinárias. A médium que se lançara sobre as chamas abrasando uma de suas mãos, também não sofreu mais queimaduras, nem sequer um fio de cabelo... Enfim, existe toda uma série de detalhes admiráveis, que só vendo dá para acreditar, e que demonstram muito claramente a intervenção dos espíritos; primeiro os maus ou perturbadores causando o dano, e depois os bons, nossos protetores, evitando até um ponto inconcebível as conseqüências. Foi avisado imediatamente o médico do Pronto-Socorro, que tomou as primeiras providências, e depois continuou passando por ali diariamente; mas logo deu alta às suas doentes, maravilhando-se e não podendo explicar como

tão repentinamente foram curadas aquelas queimaduras, principalmente as de Mari, que eram graves. Os invisíveis disseram que era obra deles. Isto nos explicou aquilo que o médico tomava por um milagre.

Nos dias sucessivos continuam as manifestações daqueles espíritos, porém incomodando-nos menos.

Na noite do dia 3 incomodaram-me um pouco, simulando barulho de gente que subisse e descesse a escadaria conversando. Evidentemente, não havia ninguém ali.

Enquanto escrevo isto, dia 5 à tarde no meu escritório, ouço barulho de pisadas no quarto de cima e pancadas no teto (ninguém habita esse quarto); e pancadas nas paredes, que as pessoas que estão comigo também escutam.

Nos dias 5,6,7 e 8 dedicamos as sessões aos espíritos retrasados. Na sessão do último dia comunicam que nesta semana continuarão as sessões de materialização interrompidas no dia 30.

No dia 10 temos uma sessão com a mesinha, à plena luz da lâmpada; assiste o Sr. Pedro Galo Montero. Obtém-se uma comunicação por escrita direta com o livro, como das vezes anteriores. Assina “Soledad”, o espírito de uma filha do Sr. Pedro Galo.

Repetem que vão continuar as sessões de materialização, duas ou três semanais, a depender do estado e da força da médium.

Capítulo VI

I. Inauguração da segunda série de sessões. — II. Novos assistentes. — III. Repetidas mostras do poder dos espíritos. — IV. Em sessão permanente. — V. Chuva de flores, doces e frutas da América. Formação do Grupo “Marietta”. — VI. Imenso apport. Manifestações luminosas.

I

Inauguração da segunda série de sessões

125^a Sessão. — A 1^a da segunda série. — 11 de abril de 1878 — 55 minutos. — Seis assistentes: as cinco pessoas da casa e o Sr. Montero; mais tarde, a empregada.

Depois de uma escrupulosa revista, fechado de portas e lacrado, senta-se a médium na poltrona do gabinete escuro e coloco a corda sobre seus ombros. Nós seis sentados em semicírculo diante da cortina. A lâmpada com toda a sua luz. Ouve-se barulho de manejar a corda; depois de cinco minutos entramos no gabinete escuro e encontramos a médium, amarrada como eu costumo fazer. Lacro e selo os nós e a sessão continua. Na primeira parte já se ouviam batidas e barulhos, alguns deles bem fortes, no gabinete e no escritório contíguo a ele. Muito mais repetidos na segunda. Quando esta segunda sessão ia lá pela metade, ouvimos a voz da empregada, que tinha ficado sozinha nos cômodos interiores, chamando com voz de alarme a senhorita Mari. Mari sai e encontra a moça assustadíssima, sentada em seu quarto, porque tinha visto passar rapidamente pela frente da porta uma sombra que se dirigia à sala de jantar. Era, sem dúvida, o espírito, indo buscar uma bandeja de porcelana que quando a sessão começou estava na sala de jantar e depois apareceu no gabinete escuro. Ao entrar, a empregada disse que quando tentou levantar do lugar onde estava sentada, sentiu como alguém a segurava pelo vestido; também ouviu no corredor, onde não havia ninguém, um barulho como se alguém estivesse varrendo. Muito barulho no gabinete

escuro. Ouvimos alguém escrever uma comunicação. Tiram as chaves da cômoda e as lançam contra nós. Sai por um lado da cortina uma das mãos materializadas, pequenina e branca, que distingo perfeitamente, e joga em mim um punhado de pílulas pequeninas, em forma de lentilhas. A mesma coisa repete-se do outro lado.

Afasta-se a cortina, mas antes disso pediram para atenuar a luz da lâmpada, que depois tornamos a aumentar, e vemos um magnífico apport de flores e doces artisticamente colocados, na bandeja de porcelana que os espíritos trouxeram e sobre um papel no chão, diante da médium; e na cabeça dela colocaram um lápis e um rosário em forma de diadema. Também colocaram nela os seus anéis, que eu deixara em cima da cômoda, no começo da sessão.

O apport era formado de flores, recentemente cortadas e borrifadas com gotas de água, 4 camélias, 6 marimonias, 8 lindíssimos cravos de cores diferentes, 20 preciosas rosas, 10 narcisos e 6 galhos de gerânio. O apport de doces: 7 bom-bocados e 11 fraises Pralu formando uma estrela e vários punhados de pílulas pequeninas.

A médium saiu muito abatida desta sessão e depois passou mal à noite, exausta de forças. A comunicação, de caráter particular, estava assinada por “Marietta”.

No dia seguinte, por falta de forças na médium, estragou-se um apport.

No dia 13 vieram me visitar os senhores Couillaut e Escarpizo. Em sua presença produziram-se várias manifestações, e depois tivemos uma sessão de 20 minutos, onde, além das manifestações costumeiras, houve o apport de um cravo e doces.

Poucos dias depois, no dia 18, aqueles dois senhores presenciaram outra sessão, que durou 60 minutos; houve apport de doces e de flores, consistente em 4 magníficos cravos brancos, 2 vermelhos e dois galhos de gerânio.

II

Novos assistentes

No dia 19 à tarde comparecem os Sres. Escarpizo, Rodríguez, Diéguez, Clunié e Gil, membros de um círculo espírita de Chamberi, presidido pelo primeiro deles, obedecendo a uma comunicação obtida naquele centro, convidando-os para a minha sessão. Antes chegou o Sr. Couillaut e depois veio o Sr. Moreno.

Autorizados pelos espíritos para começar a sessão, os colchões e roupas de cama foram tirados da alcova que serve para nós de gabinete escuro, revistou-se a cômoda, gaveta por gaveta, a mesma coisa foi feita com o criado-mudo, e depois de um exame meticoloso, para que todos ficassem convencidos de que ali não havia aparelho nem preparação alguma, a alcova foi fechada com chave, que um deles guardou no bolso, e também a porta do escritório (quarto contíguo àquele onde celebramos as sessões, com uma porta de comunicação); lacrei a porta de saída da alcova, amarrei a médium na sua poltrona, que também foi inspecionada, lacrei os nós, a cortina foi colocada e a sessão começou, a qual durou 75 minutos. A luz da lâmpada foi abatida e sentamos, na primeira fila, M., Couillaut, Escarpizo e eu, e na segunda fila Gil, Diéguez, Montero, Rodríguez e Clunié.

Barulhos e pancadas, algumas no escritório; o espírito de Marietta, falando pela boca da médium, dirige-se a alguns dos assistentes. Afasta-se muitas vezes a cortina formando pavilhões inimitáveis. Todos vêm a médium, sem que as pancadas cessem, enquanto a cortina está levantada. Como respondendo a uma dúvida, fazem a médium colocar por diante da cortina as mãos amarradas, que todos nós vemos distintamente. Alguns vêm outra mão, que é uma das materializadas.

O acordeom ressoa percorrendo o gabinete escuro. Obedecendo aos espíritos coloco diante da cortina uma mesinha, e sobre ela uma bandeja e um lenço que peço ao Sr. Diéguez. Levanta-se a cortina e, avançando em nossa direção, esconde a mesinha de nós. Aumentamos a luz da lâmpada.

O espírito de um médico examina a médium e diz alguma coisa sobre

uma doença que ela sofre. Aprova aquilo que mediunicamente foi ditado pelo pêndulo ou pesinho a Mr. Coullaut, que é médico.

Levantando-se a cortina vemos sobre a mesinha um magnífico apport: 12 lindas rosas brancas, 2 vermelhas, 8 cravos, 4 brancos e 4 cor de salmão; 2 galhos de lilás brancos duplos, e 2 de loendro americano perfumado.

Pelos dois lados da cortina aparece uma mão e lança-nos doces, uma fraise para cada um (a da médium é colocada na sua boca), e mais de cem pílulas pequeninas de hortelã, que também caem, esparramando pelo chão do gabinete escuro.

Mandam que eu acenda uma vela e entre no gabinete; depois vou ao escritório levando um exemplar do Marietta encadernado, uma folha de papel e o carimbo de “O Critério”. Fazem a médium carimbar o papel, que fica colocado dentro do livro em cima da saia dela, como também um lápis, emprestado por uma das pessoas presentes.

Quando entro no gabinete escuro observo em um canto a mesinha com o apport de flores.

Todos nós saímos satisfeitiíssimos, principalmente os novos assistentes, que nunca tinham presenciado fenômenos desta índole. O Espírito pediu a eles que perguntassem em suas sessões sobre aquilo que aconteceu nas nossas, como comprovante da realidade dos fenômenos, que alguém sem conhecimento de causa ousou por em dúvida.

III

Repetidas mostras do poder dos espíritos

No dia 20 (Abril) acontece o apport de um vaso de begônia, que aparece à noite na sacada do gabinete, tendo eu ficado depois do almoço tocando piano perto daquela sacada.

No dia 21, sessão de 90 minutos, com assistência dos senhores Escarpizo, Couillaut, Diéguez, Clunié e Paso, e M. e eu. Revista minuciosa do quarto, fechado de portas e lacrado de nós das amarrações da médium.

Além das manifestações habituais, podem ser vistas as mãos e as pernas materializadas, como fora anunciado mediunicamente a M. Couillaut; apport de doces e de flores borrifadas de água, consistente em duas preciosas camélias, 14 rosas, 8 heliotrópios, 6 galhos de gerânios de pluma, 4 loendros perfumados e 4 cravos. A médium fica muito abatida.

No dia 22 veio almoçar conosco o meu caro amigo senhor Francisco Migueles, da “Espírita Espanhola”, onde exercera o cargo de secretário quando eu era presidente; excelente propagandista pelas suas condições especiais e por ser representante de comércio. Depois do almoço viu algumas manifestações, e a seguir tivemos uma sessão de 20 minutos, assistindo ele e M., comigo, no escuro, sentados ao redor da mesinha e com as mãos entrelaçadas, tendo fechado e lacrado as portas. Várias manifestações, algumas de comprovação da realidade para Migueles. Acesa a luz, encontrou sobre seus joelhos um cravo vermelho, que antes os espíritos tinham prometido a ele, e amarrada nele com uma fitinha vermelha uma folha de gerânio pluma; outro cravo igual apareceu sobre a minha mão esquerda e, além disso, houve o apport de mais dois cravos, 4 heliotrópios e 4 folhas de gerânio. Na noite daquele dia e no seguinte, houve também apport de doces e de flores. Quase diariamente objetos desaparecem e tornam a aparecer; são brincadeiras dos invisíveis.

No dia 24, M. Couillaut assistiu à sessão, de 30 minutos, com cortina. Longa comunicação por escrita direta, de Marietta, apport de doces e de flores. À noite, apport de 6 cravos, 4 heliotrópios, 4 folhas de gerânio e

um punhado de pequenas pílulas de hortelã, que caem com um barulho estranho no gabinete, enquanto eu estava tocando piano, com todas as pessoas da casa presentes. Instantaneamente a médium adormeceu, sentada na poltrona. Em alguns apports de parecida índole, a médium adormeceu, porém sempre vi que ela realizava uma involuntária contração muscular, como um movimento nervoso. Ela disse que nesses momentos percebe uma força estranha arrebatando todo o seu fluido. Sempre fica abatida e sentindo fraqueza e ainda dor, como hoje, nas articulações; quando dou fluido a ela, recupera-se um tanto.

No dia 25 à tarde, quando sentamos à mesa para almoçar, a médium me diz que os espíritos pedem para eu ver o que tem em cima da cabeça dela; olho e não acho nada de extraordinário; passado um instante, e com assombro de todos, vemos como ela ostenta no lado direito do seu penteado uma magnífica flor que não conhecemos e parece que é a vulgarmente chamada “veludo” da Andaluzia; em poucos momentos, outra flor igual é colocada no lado direito.

À noite, enquanto escrevia o que antecede, às dez e meia, na minha mesa de escritório, com a porta do gabinete contíguo aberta, volto os olhos e vejo a mesinha que serve para as nossas sessões, colocada diante da mesa do gabinete; como momentos antes ela não estava lá e ninguém, em minha presença, a trouxera da ante-sala, que é o seu lugar, perguntei a todas as pessoas da casa, mas ninguém a tocara. Os espíritos me dizem que eles a transportaram. A médium volta a colocá-la no seu lugar, contra a minha vontade, pois imaginava que eles a trouxeram por algum motivo.

Minutos depois e continuando a escrever, sou chamado pelo menino R., que acabava de se deitar em sua caminha na alcova do gabinete, banhada pela débil claridade da lâmpada que está em cima da minha mesa. Encontro sobre a cama de sua mãe, que fica ao lado, em cima de uma folha de papel impressa (tomada de um pacote que está no meu escritório), um magnífico apport de flores, consistente em 12 rosas lindíssimas, 2 soberbos cravos, 2 buquês de hortênsias brancas, um deles de três flores e o outro de quatro, e as folhas de gerânio, colocadas de forma inimitável e borrifadas com gotas de água. O menino, de nove anos de idade, que possui faculdades de médium vidente (a família toda da médium possui algum tipo de mediunidade) disse que aquilo não entrou

por lugar algum, mas ouviu como um barulho ou roçar de vestido de seda; que a sombra colocou-se diante da cama de sua mãe, onde as flores apareceram; que achou que a sombra descia do alto, e que desapareceu como se saísse pelo teto.

Apesar de estarmos acostumados a ver diariamente estes notabilíssimos fenômenos, o nosso assombro não diminui, nem decresce a nossa gratidão aos bons espíritos que tão assinaladas e repetidas mostras do seu poder nos dão, fazendo-nos sempre exclamar: ¡Louvado seja Deus!

Deram-nos algumas instruções a respeito da admissão de novos assistentes às sessões, que não levamos em conta e que nos ocasionaram algumas contrariedades.

IV

Em sessão permanente

Sucedem-se tão frequentemente as manifestações de todo tipo, que pode dizer-se que estamos em sessão permanente. Diariamente acontecem notáveis apports de flores, em sessão e fora de sessão, e também apports de vasos com belíssimas plantas. Estes apports multiplicaram-se no mês de Maio, mês das flores. Está muito justificado o título que demos à nossa médium, de Médium das Flores. Neste gênero de fenômenos, nenhum outro médium pode superá-la na Europa nem ainda na América, o país das mediunidades de efeitos físicos.

Lecionados por esta experiência, restringimos a entrada de novos assistentes às sessões; agora, com raras exceções, somente assistem Couillaut, Migueles e Diéguez, que aparecem também fora de sessão para nos visitar e presenciam manifestações espontâneas daquelas que, como em família, os espíritos nos oferecem. Dentre aqueles que costumam se comunicar encontra-se o espírito de uma filha da médium, de nome Isidra, que é de bastante elevação.

Notabilíssimo apport. – Em 14 de Maio, faltando quinze minutos para a meia-noite, com a médium, M. e eu no escritório, e como respondendo uma afirmação minha, ouve-se o barulho que costuma acompanhar um apport, a médium agarra-se a mim como assustada, e fica desvanecida por uns instantes. Demos a ela água para beber e quando voltou a si, disse que ao mesmo tempo de ouvir o barulho, sentiu agarrarem-na pelos ombros como querendo arrastá-la para o gabinete. Indica-nos entrar na alcova; assim o fazemos, e encontramos sua cama, que mede 2 metros por 1m30, repleta de flores artisticamente colocadas e borrifadas com água, que molhou por inteiro a colcha de seda, e, misturadas com as flores, algumas pequenas pílulas, das quais muitas caíram no gabinete e no escritório. São tantas as flores, que nem posso contá-las. Disseram-nos que era um obséquio do espírito de Isidra no começo do dia do seu santo (São Isidro).

No dia 15, desde bem cedinho, houve várias manifestações; almoçou conosco M. Couillaut. Às três horas da tarde, quando ele estava no

escritório com M. e com a médium, tiveram um apport sobre a mesinha do gabinete, aparecendo em cima de uma folha de papel de seda um abacaxi em calda e quatro bom-bocados cônicos. Sobre a mesma mesinha duas rosas, cuidadosamente colocadas; no piano, rosas em profusão, uma flor muito rara e muito bonita em um candeeiro; e no outro um buquezinho com onze magníficos botõezinhos de rosa; pelo chão do gabinete muitas rosas; três no escritório e duas pílulas pequeninas ao pé da mesa de M. e quatro rosas e outras duas pílulas ao pé da minha mesa. Muitas pílulas também espalhadas pelo gabinete e o escritório, e neste, quatro fraises. À noite, segundo apport em campo aberto. – O primeiro teve lugar poucos dias antes, mas eu não o presenciei. Saímos, após o almoço, todas as pessoas da casa para dar uma volta; quando estávamos no Passeio de La Castelhana, pouco acima dos hotéis de Indo, e quando a médium falou que a noite tão agradável e a lua convidavam para um apport, caem sobre nós 6 cravos brancos, 6 vermelhos, 6 galhos de reseda e várias pílulas que batem no meu chapéu. Nós as recolhemos iluminando o local.

Nesse dia e no seguinte, 16, podemos dizer, com mais precisão que nunca, que estamos em sessão permanente de apports. Parece que os espíritos querem nos obsequiar por causa das festas de São Isidro e festejar o restabelecimento da médium. Seu melhor estado de saúde e sua maior tranquilidade de ânimo refletem-se bastante na quantidade e intensidade das manifestações.

Obtivemos flores por centenas, doces com profusão, e mesmo o apport de um melro, que às três horas da tarde de hoje 16, foi-nos colocado em uma gaiola vazia que estava na sacada do gabinete, enquanto a médium, M. e eu permanecíamos no escritório. O fato aconteceu com todas as garantias necessárias. A médium foi adormecida alguns minutos para esse apport.

Há poucos dias visita-nos madame Smolinska, uma senhora polonesa que a médium curou de uma tremenda obsessão, e que ao parecer, fora tratada em vários centros espíritas do estrangeiro, porém sem sucesso.

No dia 27 também obtemos repetidas manifestações. À tarde, sessão de 55 minutos no gabinete escuro, com a presença de M. Couillaut, Diéguez, Escarpizo, Migueles, madame Smolinska e eu. Várias manifestações;

comunicação por escrita direta, e apport de 16 magníficos cravos e doces. À noite, apport de doces e flores, entre elas, 30 rosas.

No dia 18, na volta da romaria de São Isidro, às treze horas, e estando todas as pessoas da casa, nove em total, no escritório, cai sobre nós, como do teto, uma chuva de muitos doces, dentre eles nove grandes amêndoas banhadas. Mais tarde, lá pelas cinco horas, apport de 12 cravos e doces, em presença dos senhores Couillaut e Gil.

Apesar de ter dado de presente muitíssimas flores daquelas que recebemos nos apports, hoje temos em casa 76 rosas, todas elas belíssimas, 32 magníficos cravos e uma porção de flores de diferentes tipos, em quantidades menores.

V

Chuva de flores, frutos e doces da América

Nos meses de Abril, Maio e Junho (1878) repetem-se os apports diários de flores, geralmente à tarde, sempre às mesmas horas, lá pelas cinco, à plena luz.

Na sessão do dia 25 de Junho, apport de um abacaxi fresco da América. Não estando ainda no tempo desta fruta, dizem-nos que ela ainda está um pouco verde; também está queimada pelo fluido, na parte de baixo. Nesse mesmo dia, grande apport de flores sobre uma cama.

NOTÁVEL APPORT. – 30 de junho de 1878. – Às cinco horas da tarde, com a médium, Manuel, Couillaut, Diéguez e eu no escritório, e o menino Ramón (de oito anos) na alcova, deitado em sua caminha, pois está doente, caíram sob as nossas vistas alguns docinhos, e ao mesmo tempo, na alcova por cima das camas e no chão um dos mais notáveis apports de flores com que se dignaram a nos obsequiar os nossos espíritos protetores.

Eis aqui o número de flores e plantas:

125 cravos

47 gerânios

36 dalias

26 galhos de gerânio de pluma

25 galhos de hortelã

22 rosas

18 heliotrópios

12 galhos de erva cidreira

11 galhos de Artemisa

11 galhos de esporinha

1 muda de manjeriço com raiz

1 muda de segurelha

Total = 335

Além disso, o apport continha cinco amêndoas cristalizadas e muitos docinhos.

Como sempre, a colocação era notável e significativa, pelo tipo e disposição das flores, principalmente aquelas que estavam na cama grande da médium. Na cama do menino, apareceu toda coberta de flores a almofada, que está colocada aos pés. No chão, grande quantidade de galhos verdes.

Dia 1º de Julho. – Às onze horas da noite. – Eu chamara Isabel e Manuel ao escritório, para ouvirem a leitura da primeira miscelânea, que acabara de corrigir, do número de Junho de “O Critério Espírita”, intitulada “Grupo Espírita Marietta”; gostaram, e como eu dissesse que desejava saber a opinião dos espíritos, caiu no gabinete e no escritório, passando por cima das nossas cabeças, um apport de flores, como em sinal de aprovação, e alguns docinhos. – 105 cravos, 22 gerânios, 12 dalias, 7 mudas de manjerição com raiz, 13 galhos de cidreira e 11 preciosíssimas rosas. Deste apport foi tirada uma fotografia.

VI

Imenso apport manifestações luminosas

Após assistir inúmeras sessões e me acompanhar nas minhas investigações, tinham entrado para formar parte do grupo Marietta os meus amigos o senhor Eugênio Couillaut, da Sociedade Espírita Espanhola, e o senhor Joaquim Diéguez, o primeiro, médico e mecânico (relojoeiro), e o segundo também mecânico, capitão de cavalaria e encarregado do gabinete de foto-lito-zincografia do Depósito da Guerra e depois diretor de um grupo espírita.

Em 3 de Julho tive de sair de Madri. Na minha ausência continuaram em casa os notáveis fenômenos, e o grupo, composto pela família da médium e esses dois indicados membros, celebrou algumas sessões, entre as quais merecem ser citadas as do dia 7 do referido mês, em que houve um notabilíssimo apport, composto de uma coroa perfeitamente tecida com 11 dalias brancas, 10 rosas vermelhas e 10 galhos de dicamelia, planta italiana; além disso, 4 galhos de abricó com 34 dessas frutas, um galho com uma romã, 1 galho de gradiela com 14 flores, 4 plantas de manjerição, 20 dalias brancas, 10 vermelhas, 20 gerânios duplos, 18 goivos duplos, 36 galhos de heliotrópio, 32 rosas, 26 galhos de cidreira, 12 de sândalo, 6 gerânios brancos, 1 galho de dicamelia, 1 de difieri (planta napolitana), 6 galhos de gerânio pluma, um vasinho pequeno com a chamada planta terrestre e um grande abacaxi da América com seu correspondente fruto. Dentro dele um galho de dicamelia, outro de difieri e uma magnólia. Total 232 flores e plantas.

Dia 14 de Julho. – Apport de dois vasos com loendros de flor vermelha e mais dois de ambas as flores. Os invisíveis podam as folhas baixas do abacaxi aportado no dia 25 do mês anterior.

Dia 15. – apport de 58 flores, entre elas uma açucena napolitana amarela.

Dia 20. – Apport de 90 flores.

Retorno a Madri em 21 de julho.

No dia 25, para festejar o aniversário de uma menina da médium, hoje

desencarnada, espírito familiar que se comunica frequentemente, e para festejar também o meu retorno, os protetores oferecem nos obsequiar. Couillaut e Diéguez passam o dia todo entre nós.

Imenso apport. – Quando fomos almoçar nada havia de estranho no gabinete e no escritório. Quando o almoço terminou, a médium sentiu-se impressionada; saiu da sala de jantar com uma taça de canja para dar à menina V., que estava doente e deitada, e adormeceu sonambulicamente na cadeira da cabeceira da cama, com a taça de canja na mão. Tirei a taça da sua mão e nós quatro ficamos ao seu redor (M., C., D. e eu). Um sorriso aflorou aos seus lábios e deixou ouvir várias expressões: ‘Quanta água! Vai perder-se...! Não, salvou-se. Nápoles! Granada! Que belas flores!’, etc., tudo isso como seguindo com ansiedade as evoluções do apport que estava acontecendo. Acordada a médium, entramos no escritório, onde nos aguardava indescritível surpresa, o apport mais notável de todos aqueles que até agora tivemos.

Três metros da superfície do chão estavam cobertos de plantas, flores e doces artisticamente colocados. O quadro a óleo de Marietta, que está dependurado no escritório, fora colocado direito, encostado no pé da mesinha do gabinete, olhando para o escritório; na frente estava um vaso com um abacaxi próximo a amadurecer; encostado no vaso o quadrinho fotografia do apport do dia 7, quadro que antes estava colocado junto ao retrato de Marietta; mais adiante, flores, depois uma manteigueira que trouxeram da sala de jantar, com um abacaxi em calda; mais flores e plantas, uma estrela formada com nove bom-bocados cônicos e 212 pílulas, em primeiro termo, e já no escritório mais flores e plantas de manjerição. Uma vez contadas, as flores foram:

- 65 rosas
- 56 cravos
- 40 gerânios duplos
- 40 dalias brancas
- 26 dalias vermelhas
- 33 galhos de heliotrópio
- 29 mudas de manjerição
- 16 galhos de erva-cidreira
- 12 nardos

12 alfieri marinhos

Total = 319

A colocação era assombrosa.

Pouco depois e sem que percebêssemos como, apareceu um vaso junto à estante de livros que existe no escritório; era uma planta com flor desconhecida para nós.

A partir de 6 de junho começaram a produzir-se manifestações luminosas, que foram em progressão crescente, em sessões no escuro, apresentando-se sob diversas formas.

Na sessão de 24 de julho, ouviu-se pela primeira vez uma caixa de música executando a Mandolinata. Essa música produziu-se primeiro no escritório de Diéguez, ou seja, gabinete fotográfico do Depósito da Guerra, onde várias pessoas a ouviram, sem nunca terem visto o instrumento que a produzia. Depois de ser ouvida em casa, nunca mais foi produzida lá.

Pela primeira vez na mencionada sessão de 25 de Julho, de 50 minutos, no escuro, sentados no escritório, ao redor da mesinha todos cinco indivíduos do grupo, a médium, Salvador, Couillaut, Diéguez e eu, vemos levantar-se de trás da mesa do gabinete um vulto envolvido em gazes; este vulto, que irradia luz clara, segura em sua mão a luz que vimos na sessão anterior e que chamamos de lanterna espiritual. Ficamos contemplando esse vulto por alguns minutos e depois ele desaparece. Antes vimos no gabinete por duas vezes grande claridade, como os raios de uma luz elétrica. Também vimos claridade ao redor do relógio ao pé do qual estávamos sentados.

Celebramos em casa de Diéguez algumas sessões e ali também ocorrem notáveis manifestações, principalmente pelo motivo do desencarne de uma sua filha de três anos de idade. Nessas sessões, e naquelas que continuamos celebrando em Julho e Agosto, toma parte o médium A. R., com quem são obtidas muito boas comprovações.

Capítulo VII

I. Forma fluídica e comunicação por escrita direta. — II. O melro. — III. A lanterna Espiritual.

I

Forma fluídica e comunicação por escrita direta

Ata da sessão do dia 4 de Agosto de 1878. – 45 minutos.

Reunidos, como toda tarde, os cinco membros do grupo, pouco antes das quatro horas os espíritos nos avisaram para estarmos prontos para a sessão. Fechamos à chave a porta da sala (que é o meu escritório), onde celebramos as sessões; lacramos e fechamos a porta de saída do gabinete contíguo a essa sala; e prévio um minucioso exame e uma escrupulosa revista do quarto, porque assim nos é ordenado, ficamos no escuro, depois de sentarmos ao redor da mesinha formando corrente com a médium. Esta cai no sono sonambúlico provocado pelos invisíveis (transe, como os ingleses dizem), pouco depois da evocação, e o Espírito diretor do grupo nos dá, pela boca da médium, oportunas instruções e saudáveis conselhos morais. Anuncia-nos também que a esta sessão comparece um extraordinário número de espíritos que ajudam com seus fluidos.

Ouvem-se notas longínquas como de uma caixa de música (em casa não existe nenhuma caixa de música), que vai se aproximando até ressoar no ar bem pertinho de nós. Aparece ao fundo do gabinete uma leve claridade que vai se condensando aos poucos, até formar um disco avermelhado de cerca de dez centímetros de diâmetro, que projeta luz branca no gabinete inteiro; disco que um vulto fluídico de contornos vagos, revestido de gazes brancas, segura em sua mão.

O vulto some ocultando dentro de si a luz que se extingue instantaneamente para reaparecer logo após; então o ser fluídico, cuja estatura excede a humana, avança deslizando pelo chão, sem que a mesa à sua frente possa lhe oferecer resistência alguma, chegando ao dintel da

porta do quarto onde nós estamos; leva a luz para o alto, que fica oculta, junto com o vulto, atrás de uma gaze que aparece a modo de cortina; depois, extingue-se a luz e a aparição, que duraram uns dois minutos.

O Espírito diretor continua se comunicando conosco; vários doces e um punhado de pílulas caem por cima da mesinha, sempre respondendo a alguma afirmação daquilo que eles falavam pela boca da médium, ou daquilo que nós falávamos. Borrifam as nossas mãos com um líquido de delicioso aroma.

Ouvimos pancadas, também afirmando, em diversos pontos, algumas delas tão fortes, que causam comoção em nós; então os bons espíritos dão as batidas de jeito muito mais suave, para provar que são eles que produzem essas pancadas.

Os seres invisíveis agitam-se ao nosso lado; imaginamos que estão preparando algum apport, e, corroborando a nossa suposição, várias flores começam a cair por cima de nós. A música toca de novo.

Ao lado de uma das mesas do escritório, vemos durante um bom pedaço de tempo um objeto como uma nuvem esbranquiçada.

O quarto é iluminado por várias vezes com uma claridade que algumas pessoas acham mais intensa do que outras.

As pancadas repetem-se, não somente dentro do cômodo como também fora dele.

Anunciam-nos que vamos receber uma comunicação por escrita direta, que encontraremos em cima da mesa que está no centro do escritório. O papel e o lápis foram trazidos pelos espíritos; depois de escrita a comunicação, eles jogam o lápis em cima da mesa, anunciando esse fato de antemão.

Mãos materializadas tocam nas pernas de todos nós simultaneamente. Quando a sessão termina, vemos o chão coberto de flores artística e graciosamente colocadas. Recolhemos:

36 galhos de heliotrópio

10 galhos de erva-cidreira

6 galhos de nardo

5 plantas de manjerição

40 cravos

14 magníficas dalias, 9 brancas e 5 vermelhas.

30 gerânios duplos
5 rosas
146 no total

Um porta-fósforo de porcelana e outro objeto para limpeza de canetas, que no começo da sessão estavam em cima das mesas do escritório, são transportados para outro quarto, e encontramos esses objetos sobre uma cômoda.

Em cima da mesa, conforme anunciado, encontramos uma pequena folha de papel com a seguinte comunicação escrita a lápis:

Ao grupo Marietta, seu Espírito diretor:

“Em nome de Deus: Terrível demais tem sido a cruzada formada contra nós, sem que para destruí-la servissem as mais evidentes provas; porém a verdade, como pérola desprendida da coroa de Deus, ergue-se um dia potente e majestosa, atropelando a paixão indigna que ousadamente pretendesse arrancar-lhe o refulgente brilho.

A dor sem medida que os espíritos levianos vos fizeram sofrer, há de ter seu prêmio na escala da real evolução.

Contra as armas da deslealdade e da inveja, tendes mostrado o pendão da fé; e, como rocha de granito, vós tendes desafiado a bravura das ondas assoberbadas.

Perdoai aqueles que vos têm conduzido pelo áspero caminho de um calvário, sem pretender jamais marcar em seu rosto o estigma da abominação; que, sendo eles tão infortunados como nós felizes, logo terão de regar com lágrimas as portas da morada, onde, por se ter sofrido resignado os embates de uma dor sem medida, desfruta-se a doce, bela e tenra existência que o Supremo Fazedor guarda para aqueles que souberam depurar-se no cadinho da virtude.

Impotentes éreis vós para triunfar de tão encarniçados inimigos; mas é chegada a hora em que o meu espírito tem demonstrado em Córdoba que, nem se encontra perturbado, como se tem pretendido fazer acreditar, nem sabe abandonar os mártires da fé.

Se o vento soprar mais forte, não temais; que protegerá o seu predileto grupo aquela que vos abençoa em nome de Deus: - Marietta.

Esta comunicação, de caráter severo, porém justo, e ao mesmo tempo de consolação e alento, vem, com a notabilíssima sessão onde foi dada, nos momentos mais críticos que temos atravessado e quando já estávamos acreditando que as nossas forças iam fraquejar na indigna cruzada contra nós levantada.

Tendo-se combinado a publicação da ata desta sessão, foi assinada em Madri pelos componentes do grupo em 4 de agosto de 1878. – O presidente, Vizconde de Torres-Solanot.- E. Couillaut. – Joaquim Diéguez. – M. de Salvador Madre. Esta sessão é a primeira de uma série onde começam trabalhos de materialização.

Sessão de 11 de Agosto. – 50 minutos. – Novas manifestações luminosas; transporte de objetos; comunicação por escrita direta; apport de mais de 70 flores.

Dia 13. – 45 minutos. – Música, aroma, rajadas luminosas, transporte de objetos. Apresenta-se o vulto materializado ou forma fluídica. Pela primeira vez a escrita direta a tinta, trazendo para isso o papel, tinteiro e pena que a médium guardava na sua cômoda.

Dia 15. – Diéguez não assiste, por estar adoentado. Manifestações costumeiras. Aparição de um vulto que se esvai logo, sem dúvida por causa do delicado estado de saúde da médium. Apport de 100 flores. Na mão de cada um de nós é colocada uma belíssima dália, e deixam uma em cima da mesa, para o Diéguez. Pílulas pequeninas e cinco doces grandes. Transporte de um quadro.

Dia 16. – 35 minutos. – Música, aromas, pancadas respondendo, doces, mãos materializadas, rajadas luminosas e apport de 234 flores; muitas delas apareceram sobre uma bandeja transportada da sala de jantar, tendo os invisíveis de tirar de cima da mesa que está do nosso lado e que eu toco com o cotovelo, uma grande quantidade de objetos, para poder colocar essa bandeja sobre ela.

Dia 18. – 45 minutos. – Com assistência dos cinco indivíduos do grupo e a esposa de Diéguez. Notável sessão com que fomos obsequiados pelos invisíveis, porque era o dia de São Joaquim, santo do nome de Diéguez. Como sempre, as portas são fechadas e lacradas, e o cômodo revistado. Diversas manifestações. Apport de doces e de 277 flores: 100 cravos; 50

rosas, 30 dalias, 30 gerânios duplos, 6 nardos, 10 galhos de heliotrópio, 15 cidreira, 6 manjerição, 10 jasmim, e 20 celeste. Fora de sessão acontecem frequentemente diversas manifestações.

II

O Melro

Dia 20 de Agosto 1878.—Apport, enquanto almoçamos, de dois pedaços de abacaxi em conserva, com a sua calda, que colocam em um manteigueiro no escritório. Serviu-nos de sobremesa. Esse apport é obra do espírito de uma filha da médium que desejava mostrar-nos o que podia fazer. Diz que tentou trazer o abacaxi inteiro, mas não conseguiu.

À noite, chega a família Diéguez inteira e o médium Anton (Ricord). Música e outros fenômenos enquanto eu toco piano.

Nestes dias começamos as notáveis sessões de comprovação, com Barcelona, objeto de um capítulo à parte.

Dia 22. — Sessão com a família Diéguez e o médium Anton. Várias manifestações e apport de doces e flores.

Dia 23. — Assistem à sessão as mesmas pessoas que em dias anteriores, e o pai daquele médium.

Morte do melro que tinham aportado no dia 16 de maio. Copio do meu caderno de anotações:

“Como aqui tudo é estranho e até no menor dos fatos existe motivo de pesquisa para as minhas investigações, chama a nossa atenção a posição estranhíssima na qual o pássaro ficou morto. O médium Anton fica encarregado de fazer o desenho; pega papel e lápis e começa a fazê-lo mediunicamente, concluindo em nove minutos um magnífico desenho, assinado “Goya”. O médium percebe que não está desenhando por si e que o próprio lápis da, segundo convém, um nuance de lápis de diferente numeração.

“Alguns dos assistentes ficaram impressionados e estavam preocupados pela morte do melro. Para sair de dúvidas, resolvemos consultar a través de meio copo d’água. Colocado o copo em cima da mesinha, vem olhá-lo a menina mais velha de Diéguez, que possui certa mediunidade; nada vê; Anton sente-se impulsionado a olhar e dá detalhes, que ele desconhecia e que nós sabíamos, a respeito de como o melro fora trazido. A seguir viu um quadro que o deixou tão impressionado, que derrubou o copo; notável

particularidade: a água não derramou, mas evaporou-se instantaneamente.

Outra particularidade. Vasculho no meu diário para ver o dia em que trouxeram o melro e não encontro, apesar de que lembro tê-lo escrito e que I. e M. lembram de me ouvir ler esse trecho. Naquele dia, enquanto estávamos na sala de jantar para o almoço, fizeram-me deixar uma gaiola (que tínhamos comprado, à espera de algum pássaro) na sacada do gabinete. Quando voltamos do almoço examinamos a gaiola; estava vazia. Entramos no escritório, I., M. e eu. Dali a pouco, a médium adormece; com gestos, palavras entrecortadas e sorrisos vai seguindo o apport até dizer: Já está aqui. Então ouvimos no gabinete o bater de asas de um pássaro. A médium acorda e olha em torno procurando alguma coisa do que viu. Entramos no gabinete e vemos na gaiola um belo melro; no chão, algumas penas; o animalzinho estava como atordoadado, efeito sem dúvida do fluido em que o envolveram para o apport. No dia seguinte, o melro, já refeito, começou a cantar, e continuou muito bem; porém logo começou a piorar; com água magnetizada melhorava; coincidindo com o agravamento do estado da menina da médium ele deixou de cantar. Desde ontem estava muito abatido.

III

A lanterna espiritual

Dia 20.— Notável sessão à tarde. — 60 minutos. — Assistentes: Manuel, Diéguez, a esposa dele, a médium e eu. Couillaut não pôde comparecer por estar doente. Esta sessão é para comemorar o aniversário do passamento de Ceferina, a menina da médium, desencarnada há 16 anos, que nós chamamos de “sapatos” e “sapatinhos”, porque esse espírito mostrou com insistência desejos de que fossem levados sapatos para uma sua ama-de-leite. Manifestações luminosas, aparição de água fluidificada, apport de doces e flores, transporte de objetos; no final da sessão encontramos sobre uma mesa, em uma bandeja grande, um belíssimo e artístico grupo das mais lindas flores: dalias, rosas, gerânios, heliotrópios, flor de cera e no centro uma espécie de açucena branca, completamente aberta. Em um vaso uma magnífica rosa, sem fragrância. Além disso, um vasinho com uma preciosa planta, completamente desconhecida para nós, com dez folhas duras, lanceoladas, de um decímetro e outras um pouco mais compridas, verdes na frente e roxas atrás; entre essas folhas existem quatro flores muito estranhas, de aparência semelhante a sapatinhos, que parece ser o nome vulgar da planta (calceolária), o mesmo nome que demos ao espírito.

Em um prato, transportado da sala de jantar, como também a bandeja (é de se advertir que as portas estavam fechadas), apareceu um pequeno queijo americano, de frutas. No chão, muitas flores e docinhos. Uma das flores, no dizer dos invisíveis, não foi colhida na planta, mas fabricada no espaço. Eles chamam a nossa atenção ao respeito.

A médium ficou muito abatida depois desta notabilíssima sessão. Ela foi cumprimentada por todos nós, pela sua extraordinária potência mediúnica, e demos graças a Deus e aos bons espíritos que nos oferecem estas sessões de estudo, que tanto contribuem ao nosso melhoramento moral pelos ensinamentos e conselhos dos seres de além-túmulo, e das quais muito esperamos para a propaganda do Espiritismo.

À noite, assistindo também D. Manuel Ricord e o filho, o médium

Anton, houve uma sessão combinada com a do Sr. Fernández Colavida, de Barcelona.

Continuam diariamente as sessões até o dia 31 de Agosto, assistindo a família Diéguez, o médium Anton com o pai, M. I., e eu. A duração é de uma hora, ou pouco mais. Geralmente acontecem sempre os mesmos fenômenos: Conselhos morais e instrutivos do Espírito diretor, Marietta; pancadas, barulhos, translação de objetos, música, aromas, rajadas de luz, apports de doces e flores e o vulto materializado.

Este vulto se apresenta segurando em sua mão uma luz que chamamos de lanterna espiritual, porque, com a aparência de uma lanterna, é somente uma combinação fluídica. Em um grupo de Córdoba o espírito de Marietta deu uma extensa comunicação tiptológica, explicando o que era aquela luz.

No mês de setembro continuamos celebrando as sessões chamadas de comprovação, às quais assistem pessoas estranhas, e sessões de materialização, com assistência exclusiva dos membros do grupo. Estas sessões continuam durante o mês de outubro, aumentando em intensidade as manifestações e adiantando o trabalho da materialização. Nesse tempo retornam a Madri três indivíduos do grupo que estavam ausentes; Migueles vem de Paris e, de Barcelona, a filha da médium, Hilária (Lara), e o esposo, o médium Simón P. de Ramón.

Dentre estas sessões houve algumas bem notáveis, como em 8 de setembro, de 90 minutos de duração; no dia 15, de 75 minutos, onde apareceram dois vultos materializados; e nos dias 22 e 23, de 120 minutos e 80, respectivamente, com os grupos de Madri e Córdoba reunidos.

Em todo esse tempo e fora de sessão, acontecem notabilíssimas manifestações que mostram o portentoso desenvolvimento das faculdades da médium e o avanço da materialização; laborioso trabalho com auxílio dos protetores do grupo, dirigidos pelo elevado espírito de Marietta, cuja materialização completa saiu pela primeira vez do gabinete escuro, na sessão de 22 de setembro de 1878, que acontecia com o motivo do aniversário da médium, obsequiada com vários presentes pelos seus admiradores encarnados, e pelos invisíveis com profusão de notabilíssimas manifestações.

Capítulo VIII

A materialização de Marietta

I. Sessão magna. — II. Notável apport. — III. Imperecível lembrança. Sons musicais. Espíritos brincalhões. O Beato Simon Rojas. Espíritos Familiares. Comunicação do Beato, obtida por escrita direta. Certificação. — IV. Carta a dona Amália Domingo Soler. — V. Comunicação de Victor Manuel. — VI. Fala o espírito de Marietta. — VII. Aniversário. Notável Sessão. — VIII. Considerações sobre os apports. — IX. Assistência de representantes de Barcelona, Tarragona e Navalmoral de la Mata.— X. Excursão. O espírito de Marietta em presença de todos corta um anel de seus cabelos, dando-o de presente. Representantes de Alicante, Cuenca e Valladolid. — XI. Duas atas de sessões de comprovação. O fenômeno de bi corporeidade. — XII. Clausura da primeira série de sessões de materialização. Considerações e comentários acerca dos fenômenos observados. Sessão enciclopédica.

I

Sessão magna

Na sessão de 22 de setembro de 1878, saiu pela primeira vez do gabinete escuro a materialização de Marietta. Com um grande trabalho anterior preparatório, em sessão e fora de sessão, materializando-se paulatinamente o vulto, sentindo a médium como estava se processando aquele trabalho, e manifestando-nos as suas impressões, tendo eu ajudado consideravelmente, dando fluido à médium, fazendo-a adormecer magneticamente, e conservando-a por vezes inúmeras horas sob esta influência, graças à qual ela recuperava as suas perdas fluídicas, que em algumas sessões eram muito grandes, e dando a ela novas forças.

Copio dos meus cadernos de anotações o seguinte relato:

Sessão magna dos grupos reunidos de Madri e Córdoba. — 120 minutos.

Das cinco às sete horas da tarde. – Por indicação dos espíritos, o quarto é revistado e as duas portas são fechadas com chave pelas pessoas que assistem pela primeira vez. Isto é feito depois de Solano escrever, muito invadido de fluido e com excitação incomum nele, algumas indicações de Marietta, corroboradas pela médium.

Pela primeira vez fazem-nos colocar a cortina na porta do gabinete. (Antes ela era colocada na boca da alcova que serviu de gabinete escuro).

Sentados nos lugares costumeiros, ao redor da mesa, formando corrente com a médium, as seis pessoas de Madri (Diéguez, esposa e filho, Manuel, Couillaut e eu), Pedrero, Solano e Moreno, indivíduos do grupo de Córdoba, e García Torres e Antero Pérez, agregados àquele grupo; depois de apagarmos a luz, dali a pouco o suspiro da médium indicou-nos que estava adormecida sob a influência dos espíritos. O diretor, Marietta, cumprimentou os dois grupos reunidos, parabenizando-nos pelo acontecimento e dirigindo-se a cada um de nós em particular. Depois da sua costumeira dissertação doutrinária, começaram os fenômenos; foram reproduzidos aqueles que aconteciam em todas estas sessões de materialização.

A favor de algumas rajadas luminosas produzidas no gabinete, pudemos ver que tinham afastado a cortina para o lado direito.

Do gabinete saíram duas formas materializadas, envolvidas em roupagens brancas, uma delas com a luz avermelhada na mão, e que se adiantaram até as mesas do escritório. A outra segurava a estrela de seis pontas que sai do quadro de Estrela. Seu brilho era escasso; não conseguiu refulgir mais intensamente por causa da fraqueza da médium, cujas forças fluídicas estavam gastas para todos os fenômenos que estavam sendo produzidos e para aqueles que ainda estavam para acontecer. Das outras vezes, esta estrela iluminava por completo o gabinete.

Seguiram-se diversas manifestações, como aquelas das sessões onde festejávamos alguma solenidade.

Mandaram que acendêssemos a lâmpada que tínhamos deixado em cima da mesa. Dando à cadeira da médium um quarto de conversão para a esquerda, ela fica colocada de modo que seu coração fica de frente para a cortina da porta do gabinete. Tendo falado o Espírito diretor pela boca da médium, esta caiu em completo sono sonambúlico espiritual ou transe.

Agita-se a cortina, sai pelo flanco direito uma mão branca; afasta-se a cortina, e no limiar da porta aparece um vulto de mulher. Um grito escapou de nossa boca: Marietta! Era ela, com efeito, aquela aparição. De elevada estatura, ligeiramente inclinada à frente, como as flores de longo caule; de dourados cabelos que descansavam sobre seus ombros em longos cachos, como na descrição que Marietta faz no seu famoso livro.

Vestia uma espécie de traje branco de desposada, com seu véu nupcial de finíssimo tule. Não consegui enxergar suas feições, porém alguns dentre os assistentes conseguiram. Saudou-nos com a mão direita; depois levantou os braços em atitude de mandar fluido para a médium, que com a cabeça apoiada nas costas da cadeira, estava muito agitada, e com suor escorrendo pela testa.

Contemplamos durante alguns minutos a aparição tangível, vendo ao mesmo tempo a roupagem branca e o outro espírito que estava à esquerda de Marietta, e era quem afastava a cortina.

Acordaram a médium por breves momentos. Depois de apagarmos a luz, a sessão continuou, e ela tornou a adormecer.

Vários fenômenos costumeiros destas sessões aconteceram: ruídos, pancadas, movimentos de móveis, translação de objetos, música, aromas, mãos materializadas tocando em nós, delicados docinhos que eles trazem para nós comermos, vinho envelhecido (que não existe em casa) em uma taça que eles trouxeram da sala de jantar, etc., etc. Passam uma fita pelo nosso rosto, que é da cruz de Marietta, e depois um cacho de cabelos.

Colocam sobre a mesa uma bandeja de metal. Lançam-nos doces e flores. Atendendo o desejo da médium, apport de um anel; com ele, ao parecer, fora enterrada em Zaragoza, faz 18 anos, uma filha da médium. Eu não podia comprovar esse fato; mas a verdade é que o ourives onde levaram o anel para limpeza falou que dava para ver que ele permanecera longos anos em algum subterrâneo.

Obteve-se um princípio de comunicação direta, a ser continuada em outra sessão, segundo disseram.

Rajadas luminosas no gabinete, menos intensas e de menor duração do que em outros dias, por causa do muito fluído arrebatado à médium.

Quando a sessão acabou, ela estava muito abatida e banhada em suor - sendo que nunca antes acontecera isso - porque a materialização nunca se

apresentou com tanta luz e tão completa como hoje.

Encontramos o chão do escritório e parte do gabinete cobertos de flores. Duas bandejas (transportadas pelos espíritos da sala de jantar), cheias de excelentes doces, artisticamente colocados. Dois vasos de abacaxi, em cima de cada mesa do escritório.

Notabilíssimo fenômeno. – Em cima da mesa, ao redor da qual estamos sentados, aparece uma preciosa coroa de flores naturais e um magnífico buquê. No buquê, a seguinte dedicatória:

Para a médium Isabel.

Marietta.

Estava escrita a tinta, em um pedacinho de papel, com a minha própria letra. Para efetuar este fenômeno roubaram-me fluido do braço direito, onde senti uma impressão especial. Colocaram uma mão sobre a parte superior do meu antebraço; ficou ali por um pequeno espaço de tempo e depois desceu aos poucos, como me dando fluido, cuja impressão eu senti até o pulso.

Dia 23. – Diversas manifestações durante o dia.

Sessão de materialização (à tarde), 80 minutos. – Assistentes: as seis pessoas do grupo e quatro do grupo de Córdoba. – Do mesmo modo que ontem.

Aparição do vulto da lanterna, que sai até a mesa do escritório, como envolvido em um tecido indefinível; podemos vê-lo em diferentes cores. Ao mesmo tempo, a estrela, encravada em uma espécie de lanterna, aparece conduzida por outro vulto que vemos pela primeira vez. Era o Beato (era assim que chamávamos o espírito de Simon de Rojas, protetor do médium Simon), com sua veste talar e capuz, segundo o retrato dele que conhecemos.

Após algumas manifestações, acendemos a luz, ou seja, a médium a acende por atuação do espírito. Ao colocar o tubo na lâmpada, a médium deixa os dedos na chama por alguns instantes. Tendo nós feito observações sobre isso, o Espírito diz: Não temais; ela não se queimará.

Afasta-se a cortina e aparece Marietta, como aconteceu ontem. Avança dois ou três passos; mostra-nos seus cabelos cacheados e sua cruz dourada; balança a cabeça; levanta o vestido para nos mostrar o pé; manda fluido para a médium; acena com a mão e despede-se.

A princípio não podíamos enxergá-la completamente bem, porque a luz estava mais fraca do que ontem. Fazem a médium aumentar a luz da lâmpada.

Como sempre, é notável o avanço nas manifestações.

Lançam-nos docinhos e flores. Rumor como de água. Várias brincadeiras dos nossos amigos invisíveis. Escrita direta terminando a comunicação começada ontem.

II

Notável Apport

Do dia 24 até o 29 as sessões ficam interrompidas, pela fraqueza da médium e como necessário descanso, após o esgotamento de forças nas duas sessões anteriores.

Dia 29. – Na hora do almoço, colocam um magnífico apport no gabinete: docinhos, nardos, rosas, cravos, dalias, heliotrópios, gerânios e muita cidreira, e um abacaxi em calda. Presidindo o apport, retratos da médium, Maria Vitória, Beato Simon de Rojas, Manuel e o meu.

Sessão à qual só assistimos Couillaut, Manuel e eu.

A partir das primeiras sessões do mês de Outubro, assistem Migueles, a filha da médium, Hilária (Lara) e seu esposo Simon P. de Ramón; ambos são ótimos médiuns.

Em 11 de outubro deram-nos uma belíssima sessão com o motivo do aniversário de Migueles, 90 minutos; assistentes: Manuel, Couillaut, Migueles, Simon, Lara e eu. As manifestações das sessões de materialização; apport de doces que caem por cima da mesa ao redor da qual estamos sentados, sem tocar a lâmpada colocada no centro e sem tocar nenhum dos assistentes. Por cima de nós e no chão cai uma grande quantidade de flores. Como presente especial, eles nos oferecem algumas, que são colocadas, na cabeça de um, na lapela de outro, na boca de outro ainda, e nas mãos de outros. Entre os meus dedos é colocada uma magnífica flor, para todos desconhecida.

Fenômeno notável. – Acabada a sessão, com plena luz e às vistas de todos, fui presentear a médium com a grande flor que me fora dada na sessão; a médium estendeu a mão para pegá-la, e nesse momento os espíritos colocaram em suas mãos outra flor igual, só que mais bela ainda do que a minha, sem que ninguém pudesse ver de onde essa flor tinha saído. É de se notar que media cerca de três decímetros de altura e seu peso era equivalente a um buquê de tamanho regular.

No dia 12, por ser a Festa de Nossa Senhora do Pilar, feriado para os aragoneses, os espíritos nos obsequiaram com um magnífico apport de

treze maçãs, colocadas em uma canastrinha, apport também.

Colocaram o apport sobre a mesa do gabinete enquanto almoçávamos. Eu fui o último a sair desse cômodo e ninguém entrou nele até que voltei com a médium e Simon para buscar o apport.

No dia 13 à tarde, magnífica sessão, à qual assistem a médium do círculo espírita de Navalmoral de la Mata (Cáceres), Encarnación García e Manuel Hernández, do mesmo círculo.

À noite. – Estava eu tocando piano, e sentadas, uma à minha esquerda e a outra à minha direita, as duas filhas mais velhas da médium e esta dançando com a menina menor, quando cai sobre o teclado um apport de flores que batem na minha cabeça; cinco rosas (uma sobre os meus joelhos), amores-perfeitos magníficos e heliotrópios. Em uma dobra do acortinado da sacada, um racemo com três grãos de uma fruta vermelha. Este foi o primeiro dos inúmeros apports de flores que recebi enquanto tocava piano, sempre com luz, algumas vezes estando sozinho. A uma polca-mazurca que compus e que estava sem nome, dei o nome de “Polca dos Apports”, porque quando a executava, em muitas ocasiões caíam apports de flores em cima do piano.

No mês de outubro continuam as sessões de materialização e notáveis fenômenos fora de sessão.

III

Imperecível lembrança

28 de outubro de 1878. — Sessão inesquecível para mim. — 12 minutos.
— Assistentes: Manuel, Diéguez, esposa e filho, Couillaut, Migueles, Simon, Lara e eu, sentados ao redor de uma mesa no centro do escritório, formando corrente com a médium.

A sessão começou às quatro horas e meia da tarde, após fechar à chave as duas portas, deixando as chaves nas fechaduras e selando as ditas portas com duas faixas de papel, lacradas e assinadas por Couillaut e Migueles. Após a costumeira evocação, e tendo apagado a luz, um suspiro da médium indica-nos que ela acaba de ser adormecida pelos espíritos.

Pequenas e leves pancadinhas ao redor de nós. Marietta, nosso Espírito diretor, fala-nos pela boca da médium a respeito do grupo de Córdoba. Longínquo som de uma caixinha de música que se aproxima.

Fortes pancadas nas portas. São efeitos de um espírito bagunceiro. Evocamos e ele vai embora.

Ouvimos dar corda a uma caixinha de música (não há nenhuma em casa) e ela toca a Mandolinata.

Automaticamente afasta-se a cortina colocada na porta do gabinete, e aparece o Beato (Simon de Rojas) com o disco avermelhado, que despede grande resplandecência, na sua mão direita.

Apresentou-se a estrela com clara luz, como em sessões anteriores.

Marietta pergunta: Está vendo a estrela, Migueles? — Não, responde ele, e então a estrela avança.

O Beato avança, e três minutos depois gira o disco sobre si mesmo e desvanece-se, do mesmo modo que o vulto. Cessa toda a manifestação. A médium fala com cada um de nós. Passam alguns instantes.

A médium pede-nos muito fluido, para tentar a materialização de Marietta.

Manda acender a lâmpada.

Como em outras vezes, afasta-se a cortina e aparece Marietta vestindo a roupa com que foi vista nas três sessões anteriores. Avança em direção ao

escritório, até uma distância de um metro da mesa onde estamos.

A médium está muito agitada; a luz da lâmpada aumentou. Então foi quando o vulto acabou de avançar.

O espírito acena com a mão e manda fluido para a médium.

Levanto do meu assento e aproximo-me do espírito, que me oferece uma preciosa camélia arrumada em buquê com três folhas verdes (gerânio), como anunciara dias atrás a notável médium de Naval moral de la Mata (Cáceres).

Ao me dar a flor com a sua mão direita, o espírito aperta a minha. É indescritível a minha impressão naquele momento, de memória imperecível para mim. Tocar o espírito materializado era todo o meu desejo, e já foi conseguido. Diante daquela maravilhosa verdadeira estátua de carne, eu não sei o que foi que passou por mim... Dá para sentir, mas não para descrever.

Volto para o meu assento deixando a camélia na mesa na frente de Isabel, pois para ela foi esse apport do espírito. Ele acena para nós e desvanece-se. Todos choram de felicidade. Apagamos a luz e anunciam-nos que estão chegando espíritos familiares, cujas manifestações vão nos alegrar.

Ressoam leves barulhos em diferentes pontos da mesa e na lamparina, e com persistência, muitas vezes dando três batidinhas.

Ouvimos pisadas ao nosso redor; vários de nós são tocados simultaneamente em mãos, pernas, cabeça, etc.; remexem os papéis na minha mesa.

Colocam o carimbo em dois pedacinhos de papel, que voam pelo ar até nós, escrevem uma comunicação no espaço e apoiando na minha careca e na cabeça de Manuel; às vezes ouve-se o contato do lápis. Migueles pede que coloquem a comunicação escrita no tubo da lamparina, e isso mesmo é o que eles fazem.

No gabinete ressoa a caixa de música e o acordeom, que antes da sessão estava no meu quarto. Abrem o piano, mudam a banquetta de lugar, e ouvem-se esses três instrumentos e, ao mesmo tempo, harmoniosas vozes de timbre humano.

Saem para o escritório o acordeom e a caixa de música, soando como se estivessem sendo agitados com grande violência.

Há muitos espíritos e eles nos festejam. Aroma delicioso.

A médium disse para o Migueles que um espírito estava se aproximando dele. No mesmo ato, recebe uma flor em sua mão, seu ombro é tocado; pergunta se é o Espírito da bela e bondosa M., e quase todos escutam uma espécie de voz que parece dizer: Sim; ao pedido de Migueles esse monossílabo é repetido e todos podem ouvi-lo distintamente. Ao mesmo tempo, dão-lhe três batidinhas no ombro e passam umas mãos pelo seu rosto e cabeça.

Tornam a dar corda à caixa de música e ela toca a Mandolinata. Lançam-nos uma porção de flores.

Levantam a lâmpada, e pedindo a eles para deixá-la, tornam a colocá-la no seu lugar. Todos nós somos tocados por eles, nas mãos, nos braços, nas pernas, nas orelhas, na cabeça.

Depositam sobre a mesa duas cestinhas de flores.

Nos ombros de todos nós, sucessivamente, é colocado um pesado vaso de planta.

Lançam, caindo em cima de Migueles, inumeráveis flores, luzulas.

Como voltassem as crianças, e agitassem fortemente a campainha das escadarias, pedimos para concluir a sessão, e quando a médium acorda, cai sobre nós uma chuva de doces.

A médium está sem forças no fim da sessão. Todos nós vamos cumprimentá-la com verdadeiro carinho e entusiasmo, pois às suas portentosas faculdades mediúnicas é que devemos aquela tão maravilhosa sessão.

Em cima da mesa de Manuel aparece um roliço abacaxi da América, no vaso de planta que antes nos fizeram conhecer.

Sobre a minha mesa a grande bandeja do jogo de café, que estava na sala de jantar, cheia de doces simetricamente colocados.

Em uma das cestinhas de flores aparece um envelope daqueles que uso para cartões, que reza: Para o seu grupo. – Marietta; na outra cestinha um envelope igual, no qual se lê: Para a minha médium. – Marietta. A primeira escrita é letra do Manuel; a segunda é minha. A tinta ainda está fresca. Quando os espíritos escreveram aquelas dedicatórias, percebemos a perda de fluido no braço, e uma mão materializada tocava em nós. Assim foi a sessão que o Beato nos deu, com o motivo do seu aniversário

e o de Simon.

A comunicação obtida por escrita direta diz o seguinte:

“Em nome de Deus, meus filhos: Tudo se entrelaça por comunidade de origem, de meios e de fim; e sobre tudo as partes do Universo limítrofes e simpáticas. A partir da origem da história da humanidade até hoje, em todos os povos são encontrados sinais evidentes de intervenções sobre-humanas. A proibição de evocar os mortos existia primitivamente; e pode ser perfeitamente explicada a razão que existe para tanto. Antes de a Terra evoluir e do nível moral dos seus habitantes estar à altura correspondente, pululavam grande número de espíritos atrasados; e sendo que o número dos desencarnados recebe o seu contingente daqueles que já viveram, evocá-los poderia causar um perigo maior do que o benefício.

Nos mundos superiores, a relação entre encarnados e desencarnados é constante; essas proibições podem ser compreendidas somente em mundos inferiores. Deus, que não quer que seja violentado em modo algum o livre-arbítrio dos habitantes terrestres, inspirou em seus primeiros legisladores a idéia de estabelecer certos entraves para a evocação do além-túmulo. Hoje aquela barreira já desapareceu, e nos altíssimos desígnios da sua Sabedoria, prepara uma nova manifestação, para dar início às instruções da sua divina pedagogia, combatendo em primeiro lugar o materialismo com provas palpáveis e físicas, e pregando a seguir a sublime moral evangélica.

Eis aqui por que já é generalizada a revelação entre os desencarnados e os encarnados. Deus, que não falha naquilo que é necessário, nem sobra naquilo que é supérfluo, não teria permitido que espíritos tão elevados como aqueles que compõem este grupo, levantassem uma estátua sobre um pedestal de argila para ser derrubada e posta em cacos ao menor embate dos ventos.

As dúvidas, as calúnias, as contradições dos inimigos da ideia, darão maior relevo à vossa obra perseverante.

Combatei, então, o erro com a ciência; o ódio com o amor; o rancor com a benevolência; a vaidade com a modéstia e o egoísmo com o sentimento social. Contra o histórico mal que entorpece o carro do progresso, opõe a vossa firmeza de ânimo, o vosso esforço e confiança, até conquistar o triunfo que Marietta vos prometeu.

Adiante, então, meus filhos. Nunca é mais bela a Natureza do que no laço misterioso que une a tempestade com a bonança. Nunca o triunfo é mais ruidoso do que quando o combate foi encarniçado.

Que sejais perseverantes é o desejo do vosso Pai. – Rojas.”

CERTIFICAÇÃO. - Os abaixo-assinados, indivíduos do grupo Marietta, certificamos que o estrato que antecede concorda exatamente com aquilo que presenciamos na sessão de 28 de outubro de 1878, celebrada no Centro Espírita Espanhol (Rua Almagro, 8, sobreloja, direita, Madri), pelo referido grupo. Como testemunho, assinamos esta ata em Madri em 29 de outubro de 1878. – Vizconde de Torres-Solanot. – M. de Salvador Madre. – Joaquim Diéguez. – F. Migueles. – Lara S. de Ramon. – Paula Diaz de Diéguez. – S. P. de Ramon. – E. Couillaut.

IV

Carta para Dona Amália Domingo e Soler

Nos dias que seguiram e nos primeiros de Novembro, tivemos várias sessões, nas quais foi possível notar os avanços da materialização.

Carta para dona Amália Domingo e Soler

No dia 13 dirigi à dona Amália Domingo e Soler, que acompanhava com muita atenção os trabalhos do grupo Marietta, a carta a seguir:

“Cara Amália: Ontem à noite tivemos uma grande sessão à qual assistiu o novo indivíduo do grupo, o irmão Agramante. Vimos pela primeira vez o segundo dos dois vultos que vêm se materializando paulatinamente a partir do começo das nossas sessões. Também obtivemos até três vultos fluidificados, apports, luzulas e outra porção de fenômenos, sendo de se notar que boa parte da sessão foi com o quarto iluminado com diversos tipos de luz, que à nossa vista eram formados e se desvaneciam, com a particularidade, por exemplo, de que um disco avermelhado projetava luz azulada, e de um foco intenso de luz se desprender somente determinados feixes luminosos, etc., mostrando tudo isso o quanto ainda precisamos estudar e aprender, para poder por nossa vez ensiná-lo a outros, no campo das ciências físicas.

E, apesar da notabilidade que sob esse aspecto apresentam as nossas sessões, é incomparavelmente maior o fruto que obtemos no terreno moral, porque os espíritos elevados não produzem fenômenos, seja da ordem que for sem um fim eminentemente moral. Como são cegos e quanta ignorância do Espiritismo é demonstrada por aqueles dos nossos irmãos que querem proscrever o fenômeno, que foi a base e o constante companheiro da doutrina, e é e será a sua aprovação!

Pois se prescindirmos do fenômeno, que seria tanto como prescindir da comunicação, o que restaria de espírita para esta doutrina? Qual a necessidade de existir a nossa filosofia, se todos os outros princípios são proclamados pelas mais adiantadas escolas do espiritualismo moderno? Só seríamos meros plagiários do krausismo e ainda seríamos adiantados

por Anahrens e Tiberghien. Além disso, a que ficaria reduzido o primeiro e principal caráter do Espiritismo, que é a revelação?

Tão insensato seria prescindir do fenômeno como prescindir da doutrina cujo conhecimento deve preceder o estudo daquele.

Também esquecem aqueles extraviados irmãos, que os fenômenos que lhes causam mais alarme, apresentam-se comumente de maneira espontânea; não foram buscados por mim, só foram encontrados e aproveitei tão feliz ocasião para o meu próprio aprimoramento, e para tirar todo o proveito possível para o bem da causa. Porém o pior não é que aqueles irmãos antes aludidos esqueçam os caracteres essenciais do Espiritismo; o pior é que eles se esquecem de praticar os fundamentais princípios da caridade e da fraternidade. Deles prescindiram por completo na injustificada e inconcebível guerra que têm declarado ao grupo Marietta, fazendo-se instrumentos do maquiavelismo jesuítico, que, se bem não originou a cruzada contra nós e contra mim especialmente levantada, soube aproveitá-la muito bem e agora continua atijando a discórdia.

Através do bom irmão Fernández terá chegado ao seu conhecimento parte do nosso calvário, porém também a notícia de que estamos dispostos a não retroceder, começando pela mártir da doutrina, a nossa incomparável Isabel, continuando com todos os indivíduos do grupo e concluindo comigo, o último de todos, mas que deseja ser o primeiro enquanto houver necessidade de se estar na trincheira.

Mas os fenômenos ou manifestações dos bons espíritos, (para cujo julgamento está o nosso raciocínio) seja qual for o caráter que revestirem, sempre envolve aprendizagem moral conforme com a nossa sublime doutrina. Da leve pancada ou o movimento de objeto que nos avisa quando passa por nós um pensamento mau, ou quando vamos cometer uma má ação, até a comunicação oral ou escrita, impregnada de moral evangélica; do apport com o qual os nossos amigos invisíveis premiam as boas ações, até os tratados ou livros mediúnicos que encerram tanta instrução, em tudo existem grandes ensinamentos morais, que muito ganhamos se soubermos aproveitar.

E em outra ordem de coisas, no terreno das ciências físico-naturais que tanto contribuem para o avanço da indústria e o melhoramento social, que

campo os fenômenos espíritas não poderiam oferecer?

Imbuído de tudo isto, louvo diariamente a Deus e aos bons espíritos, que me depararam uma família espírita, no seio da qual encontrei os maiores elementos de pesquisa e propaganda; e hoje, mais do que nunca, estou disposto a sustentar, sem que contrariedade alguma venha a me arredar, a bandeira do Espiritismo, moral e científico, sob a qual todos os bons irmãos trabalham e lutam pelo seu triunfo.

“Do irmão de crença e servo seu, Torres-Solanot.”

V

Comunicação de Víctor Manuel

Resumo desta mesma sessão, feito por Migueles. – Pancadas que ressoam na porta da entrada e no gabinete. Soa levemente a caixa de música, que vem se aproximando. Diante da porta da sala apresenta-se o espírito de Laura com sua pequena luz; cumprimenta-nos; e com acenos responde ao que perguntamos, atravessa a sala e entra no gabinete, estando estendida a cortina preta que nesse dia colocamos, e lá desaparece.

Durante este fenômeno a médium estava natural, pois tinha pedido aos espíritos ver Laura sem ter de adormecer.

Notamos a presença de vários espíritos. A caixa entra no gabinete. A médium adormece. Nosso espírito vem nos cumprimentar e como de costume, dirige a palavra a cada um de nós em particular. Vemos saindo do gabinete uma coisa parecida com uma nuvem de grande claridade, que passa por trás de nós e fica parada sob o relógio. Marietta fala que vai acontecer uma materialização, que para si atrai o fluido de nós. Com assombro vemos elaborar-se este fenômeno. Como se apresentando às nossas vistas, o peito de um homem contendo em suas entranhas um vulcão de luz vermelha, nós vemos lindas luzes de variadas cores; esse vulto vai ficando envolvido em gases fluidas, e fica reduzido a um pequeno disco aquele centro luminoso e afinal, admirados, contemplamos o espírito do Beato. Vemos como ele se dissolve e torna a se formar de novo e finalmente acena para nós e desaparece através do relógio. O espírito de Marietta sustenta com Migueles, por conduto da médium, um belo diálogo que envolve sublime lição de moral para todos nós. Fala que, satisfeita, vê como ele avança no caminho da evolução, objeto primordial do Espiritismo, e por tanto, objetivo principal para todo espírita.

Antes de adormecer, a médium disse que estava vendo na sala um espírito desconhecido, com vestes brilhantes, e que falava com ela, porém em uma língua que ela não entendia.

Pois bem, Marietta anunciou-nos a presença entre nós de um novo

espírito, que ia dar uma comunicação, e que depois os espíritos das crianças iam deixar um objeto em cima da mesa, destinado à médium. Poucos instantes depois vimos pegar o papel e carimbar. A seguir ouvimos sobre as nossas cabeças o roçar do lápis sobre o papel e ao lado dele vimos uma diminuta luz que seguia todos os seus movimentos. Quando concluiu, dobrou o papel, e tendo nós pedido para entregá-lo à médium, foi depositado entre os cabelos dela.

A caixa de música entra na sala, e somente deixou de tocar enquanto Marietta falava. O costumeiro aroma deixou-se sentir e ao mesmo tempo pequenos doces caem sobre a mesa. A caixa de música continua tocando e sobe até a altura de uma estante de livros, e para nós não duvidarmos, eles batem com os dedos no vidro. Termina uma sessão que por muitos conceitos foi magnífica. Nela houve detalhes de grande valia. Quando a lâmpada foi acesa encontramos o objeto anunciado. É um vaso com uma linda roseira, dividida em dois finíssimos troncos, com sete rosas, e por baixo delas um fruto que não conhecemos. A comunicação está escrita em italiano e assinada “Vittorio Emmanuelle”.

VI

O Espírito de Marietta Fala

13 de novembro de 1878. —Várias manifestações.

À tarde. – Quando estavam no gabinete, MIGUELES, DIÉGUEZ, NICOLAU, MANUEL e a médium ISABEL (eu saíra de casa), caiu um apport de flores (rosas, cravos, nardos, heliotrópio e gerânio perfumado). Ao mesmo tempo caía na sala de jantar, onde as meninas estavam, com o SIMON, outro apport consistente em quatro rosas.

À noite. – Estando eu e as meninas com ISABEL no seu gabinete, sobreveio um aroma que imaginei ser precursor de algum outro fenômeno, como acontecera inúmeras outras vezes. Com efeito; pouco tempo depois elas saíram e eu fiquei no gabinete; então a médium entrou para me dar uma carteirinha que tinha ido buscar, e nesse momento vi cair como do teto alguns objetos sobre ela; eram uma rosa, dois cravos e dois magníficos amores-perfeitos; os cravos ficaram na cabeça da médium, o resto das flores caiu no chão. O quarto estava completamente iluminado. Este é um de tantos apports que vi à plena luz e em ótimas condições de observação.

Dia 14. – De manhã, quando eu estava no gabinete com M., e com a médium possuída de um Espírito que nos dava conselhos morais, tivemos um magnífico apport de doces e flores, e outras manifestações.

Dia 15. – À noite sessão de comprovação, em relação com Barcelona e Naval Moral de la Mata. (No capítulo seguinte abordarei estas importantíssimas sessões).

Dia 16. – Leves manifestações.

Dia 17 e 18. – Sem manifestações. Os espíritos não desejam desgastar o fluido da médium, com o fim de conservá-lo para as sessões de materialização que vão acontecer nos dois dias seguintes, se o permitirem as forças da médium.

Dia 19 e 20. – Sessões de materialização onde são reproduzidos os fenômenos das sessões anteriores, além de alguma coisa nova e acima de tudo, sendo possível apreciar muito bem o avanço da materialização que

vai conquistando maior facilidade de movimento, maior vitalidade, deixando de ser a estátua que se apresentava à nossa contemplação, para transformar-se no ser que se comunica conosco na linguagem dos sinais. Pronuncia a palavra “Antonio”.

De 22 a 30 de novembro estive em Aragão. Durante a minha ausência aconteceram algumas notáveis sessões de comprovação, em presença dos membros do Círculo espírita de Navalcarnero, viajando em Madri naquelas datas, a sonâmbula Encarnación García e esposo, Francisco Seva.

VII

Aniversário, notável sessão

Dia 20. — Sessão de materialização. Primeiro aniversário da fundação do grupo Marietta.

“ATA. — 120 minutos. — Assistentes: Isabel, Manuel, Simon, Lara, MIGUELES, Diéguez, Paula, Encarnación, Seva, Agramante, Couillaut e eu. As portas são fechadas à chave, lacradas e seladas, e o quarto é minuciosamente revistado. As chaves ficam nas fechaduras.

Mal a luz é apagada, ouvimos tocar ao nosso lado a campainha e a caixa de música.

A maioria dos presentes percebe uma grande claridade no quarto, e todos nós ouvimos leves pancadinhas em vários lugares.

Como em outras sessões, sob o relógio aparece o vulto do beato Simon de Rojas, que divisamos com maior clareza que nunca e que nos deixou perceber notáveis jogos de luz, produzidos com a luz fluídica peculiar aos espíritos.

Após dez minutos luz e vulto se desvaneceram. Ao mesmo tempo destacava-se do quadro de Estrela a estrela de cores brilhantes, que avançou para nós como de outras vezes, até o centro do gabinete.

O Espírito diretor conversa conosco, por boca da médium, dando como sempre conselhos morais e proveitosos ensinamentos. Anuncia que vão tentar a materialização, apesar de que o estado da médium poderia causar dificuldades, e pede para mandarmos bastante fluido a ela.

Acendemos a lâmpada. A médium cai em êxtase, muito cansada e convulsa. Alguns minutos são passados e a materialização não aparece. Os videntes vêem que existe uma força cortando o cordão fluídico que vai da médium até os espíritos que já foram formados atrás da cortina, mas que não podem aparecer às nossas vistas. Eram correntes fluídicas malévolas, que são vencidas graças a evocarmos com fé, e mandarmos fluido para a médium com muita força de vontade.

Vencida essa contrariedade, afasta-se a cortina da porta do gabinete e diante de nós apresentam-se no limiar três vultos: Marietta à direita,

distinguindo-se claramente; à esquerda M.R. sem movimento e com o rosto coberto com gazes, como Marietta se apresentava nas primeiras sessões em que se manifestou materializada; e no centro o vulto fluidificado do Beato que se compenetra com ela.

Marietta avança, cumprimenta-nos e mostra as flores com que anunciara obsequiar os três fundadores do grupo. Entrega para Isabel uma preciosa camélia branca, para mim uma magnífica rosa branca com um botão entreaberto, e para M. outra rosa branca, também com o seu correspondente botão. Através de sinais, mantemos uma conversa com o espírito. Ele diz, entre outras coisas, que mais adiante cortaremos um cachinho de seus loiros cabelos; mostra-nos a coroa de flores naturais colocada sob o relógio no lugar ocupado pelo quadro de Isabel, e aparece embaixo. A coroa está acompanhada de sua dedicatória: “para a favorecida por elevados espíritos: para a médium predileta de Marietta.”

Dirigindo-se a mim, o Espírito, como para responder a observações feitas por mim em sessões anteriores, leva a mão ao rosto e belisca a própria face, a fim de nos demonstrar que o rosto antes marmóreo vai conquistando elasticidade. Fica de perfil, faz vários movimentos, e acenando para nós com carinho, desaparece atrás da cortina.

O segundo vulto materializado não faz qualquer movimento, nem sequer mostra o rosto em detalhes. É o autômato que aparecia nos primeiros dias da anterior materialização.

O desenvolvimento desta, que vamos estudar pela segunda vez, é um extremo interessante, pois mostrando as sucessivas fases, faz ver o resultado de um dos mais maravilhosos produtos do laboratório dos espíritos, que é a materialização, que abre caminho para nossas pesquisas sobre os mais importantes problemas de ordem psicológica e biológica, lançando muita luz na demonstração da verdade do Espiritismo.

Com a luz novamente apagada, continuam as manifestações como em sessões anteriores, agradando-se os espíritos de nos fazerem algum obséquio e alguma brincadeira; entre outras, trazerem um grande bolo que a médium reservava em um guarda-comida da sala de jantar.

A cortina é afastada e vemos o gabinete inundado de claridade e cheio de espíritos. A brilhante estrela reaparece. Vemos os espíritos atravessar em todas as direções, e entre aqueles que se aproximam da porta, M. R., o

Beato e Laura. Esta aparece muito melhorada, já com a luz na mão direita, mas não a luz pequena e vermelha e sim uma branca e em disco grande. Perguntando se isso significa que avança em sua evolução, responde afirmativamente, com visíveis demonstrações de alegria. Tudo desaparece; a sessão termina lá pelas onze e meia.

Quando acendemos a luz de novo, encontramos o grande bolo em cima da mesa do escritório de M. e na nossa mesa duas cestinhas com belíssimas flores e um vaso com um abacaxi temperado.

As portas continuavam com os selos e lacres intactos.

Desta ata, testemunhando a veracidade dos fatos e a exatidão do relato, obteve-se cópia que assinaram todos os assistentes à reunião: o Vizconde de Torres-Solanot, Eugenio Couillaut, Manuel de Salvador Madre, Simon P. de Ramón, Hilária Satorres de Ramón, Francisco Migueles, Joaquim Diéguez, Paula Díaz de Diéguez, Encarnación García, Francisco Seva e José Agramante.

VIII

Considerações sobre os Apports

Com as sessões de materialização revezam-se, a partir de meados de Novembro, as sessões de comprovação, que serão objeto do capítulo seguinte.

Vômitos de sangue comprometem a saúde da médium, que além disso, magoada por causa da guerra dos inimigos do grupo e por certas dúvidas minhas, mostra inclinação e desejos de desencarnar. Visível intervenção dos Protetores, que conseguem vencer a crise no dia 7.

Dia 8 de Dezembro. – Notabilíssimas manifestações. – Deveria ter sido uma sessão de materialização, porém não sendo permitido pelo estado da médium, tivemos fora de sessão muitos fenômenos, interessantíssimos do ponto de vista da pesquisa.

Uma série de apports, à plena luz e nas mais satisfatórias condições, para afirmar a realidade do fenômeno.

De manhã, várias manifestações dos espíritos familiares. À noite manifestações de espíritos atrasados.

11 de Dezembro de 1878. – Segundo aniversário do dia em que a médium e sua família passaram a ser espíritas. Com este motivo celebramos uma das nossas festas espíritas, e os Protetores nos presentearam com notáveis manifestações, além daquelas da sessão de materialização, prometida há tempos para este dia. Copio das minhas anotações: “Na hora do almoço (doze horas), com a médium, Simon P. de Ramón (o médium que a convertera ao Espiritismo e depois foi genro), as meninas e eu, todos em pé ao redor da mesa da sala de jantar, caiu em cima da mesa um magnífico apport de cravos belíssimos e rosas, que estes dias andam bem escassos em Madri.

Vi com toda perfeição e de um modo nunca tão bem observado até agora, a dilatação da massa fluídica onde se continha o apport que saiu por cima da lâmpada da sala de jantar, sendo que as três correntes e o arame que sustenta a lâmpada foram abalados fortemente no estalido do apport. As flores descenderam com violência, porém sem tropeçar no

écran nem em parte alguma da lâmpada, e como colocadas por alguma mão, apareceu uma rosa em cada um dos pratos dispostos sobre a mesa, para cinco dos seis comensais. A flor correspondente à médium, maior do que as outras, caiu sobre o vestido dela, onde ficou aderida um bom tempo. Além disso, dois grupos de cravos caíram, um em cada cabeceira da mesa.

Considerações. – Este apport veio complementar as minhas observações a respeito da produção mecânica, por assim dizer, de tal fenômeno. O apport ficou suspenso no espaço, seja em estado completamente fluídico ou revestido de um invólucro fluídico que o contém, imperceptível à vista e com a mesma diafaneidade do ar. Um estalido mais ou menos forte determina a aparição ou solidificação dos corpos ou objetos que compõem o apport. O estalido produz um abalo no ambiente, abalo que notei refletir-se na médium, a quem arranca um grito, sempre que o fenômeno acontece perto dela. Além da força que o produz, tem poder e inteligência suficientes para deixá-lo colocado em uma determinada forma. Coisa notável! Já vi centenas de vezes esses fenômenos se reproduzirem, mas sempre oferecem alguma coisa nova para a minha admiração e algum detalhe de maior precisão sobre aqueles já observados.

À tarde. – Apport de um vaso com uma bela planta de cravo cor de salmão, igual a um daqueles aportados de manhã, sendo este apport um pedido da médium.

À noite. – Sessão de materialização de 140 minutos, com a assistência das cinco pessoas da casa, Couillaut, Julio Vizcarrondo, uma sua cunhada, o capitão Espinosa e Nicolau Hernández, de Navalmoral. As manifestações costumeiras deste tipo de sessões. Apresenta-se a materialização de Marietta, afastando-se a cortina como das outras vezes. Existe uma maior mobilidade e liberdade nos movimentos da materialização, a qual, em linguagem mímica diz-nos algumas coisas, e lança-nos um beijo quase imperceptível, mas que eu percebo perfeitamente sair de seus lábios.

Chama a nossa atenção o fato de a materialização de M. R. ter evoluído muito. Com efeito: aquilo que vimos nas primeiras sessões, que era só um vulto branco, sem forma, e na última vez era uma estátua coberta por véus de gaze, hoje já é uma figura bem contornada, cujo rosto eu posso

distinguir claramente. Não possui outro movimento além de um leve balanceio igual ao de uma massa inerte. Marietta me acena para observá-la, sem dúvida para eu apreciar o progresso acontecido desde a última sessão, e aqueles que terão lugar até a seguinte.

Marietta despede-se acenando com as mãos e enviando um beijo mais sonoro do que o anterior.

A cortina cai. No lado onde estava Marietta, a abertura da porta não fechou, e isso permite enxergar parte da saia do vestido que aquele espírito veste, e que foi se esvaindo do mesmo modo que no horizonte se desfaz uma branca nuvem.

Com a luz apagada, continua a sessão às escuras. Luzulas, apports de flores e de doces, comunicação escrita como em outras vezes.

Quando a sessão é levantada, a médium está muito enfraquecida.

Encontramos em cima das duas mesas do escritório as duas bandejas de biscoitos e docinhos, que a médium reservava no guarda-comida da sala de jantar para nos obsequiar com o chá que ia servir para nós depois da sessão.

A mesa estava coberta de flores: rosas, cravos, nardo, heliotrópio e gerânio.

No chão, aos nossos pés, também bastantes flores.

Encontramos o acordeom e sua caixa em cima de uma das mesas. Antes da sessão estava no meu quarto.

A comunicação, ditado de Marietta, é belíssima.

Terminada esta notável sessão, saímos para a sala de jantar.

Estávamos ainda em pé e eu explicando aos presentes como tinha caído o apport do meio-dia, quando cai outro, do mesmo jeito. Algumas flores vão parar no chão e aquelas que estavam em cima da mesa não ficaram tão simetricamente como de manhã, sem dúvida pela falta de fluido na médium enfraquecida após a sessão.

IX

Assistência de representantes de Barcelona, Tarragona e Navalmoral de La Mata

Continuam as sessões de comprovação com Barcelona e começam com Navalmoral de la Mata (Cáceres).

Quase diariamente apports de flores e alguns doces e dentre as flores as camélias sobressaem; algumas são belíssimas.

Dia 28 de Dezembro de 1878. – Sessão de materialização, de 135 minutos, com a assistência das cinco pessoas da casa, do Sr. Medin Tallada, representante de Barcelona; Sr. Gregório Oliva, representante de Tarragona; Sr. Nicolau Hernández, de Navalmoral; Sr. Júlio Vizcarrondo, Couillaut, Diéguez e Paula.

A materialização de Marietta, saindo do gabinete escuro, avança até a médium, dando a ela uma preciosa camélia para Tallada, um buquezinho de violetas para Oliva e outro para Hernández, os três representantes de associações espíritas de províncias. Das minhas anotações:

“Notamos considerável adiantamento na materialização de M. R., cujo rosto completamente detalhado já se apresenta com uma cor saudável. Faz vários movimentos, ainda que sem sair do lugar. Alguns irmãos observam que esses movimentos são muito parecidos com aqueles que me são habituais”.

Junto com os dois espíritos já materializados aparece outro que está se materializando.

Dia 30. – Sessão de materialização, com assistência das mesmas pessoas da sessão anterior.

Também não vou detalhá-la, porque seus pormenores serão vistos depois em atas de outras sessões que vou copiar. Só vou me limitar a registrar, reproduzindo as minhas anotações, aquilo que diz respeito ao adiantamento das materializações.

Com a lâmpada acesa novamente, a cortina oscilou, recolheu-se e apareceram os dois espíritos materializados e aquele que está em vias de materialização.

O espírito de Marietta adiantou-se, e depois de nos cumprimentar com a

mão, de nos mostrar os cachos de seus cabelos e de fazer alguns movimentos, levantei-me e entreguei-lhe um lápis. Foi até a mesa do meu escritório, e em um pequeno envelope branco que no começo da sessão pediram que eu colocasse sobre a minha escrivaninha, o Espírito escreveu a dedicatória seguinte, para Isabel:

“Aceita resignada os espinhos que o mundo te oferece, que tornará em flores. – Marietta.”

Aproxima-se outra vez de nós, devolveu-me o lápis e deu-me o envelope.

É de se advertir que enquanto o Espírito escrevia, em nossa presença, notamos o estalido de quebrar a ponta do lápis, por isso as duas últimas palavras, a partir da letra onde a ruptura acontece, estavam escritas com caracteres um pouco mais grossos do que o resto da dedicatória. Examinei depois o lápis e, com efeito, estava de ponta quebrada.

O espírito de M. R., cuja materialização progrediu consideravelmente a partir da última sessão, segurava na mão um magnífico cravo, que deu a Marietta, e esta o colocou na mão da médium.

Desapareceu por um momento e tornou a aparecer o espírito que está se materializando, apresentando-se entre os dois já materializados na entrada do gabinete escuro.

X

Excursão. O espírito de Marietta corta um caracol de seus cabelos e dá esse caracol de presente. Representantes de Alicante, Cuenca e Valladolid.

Dia 1º janeiro de 1879. — Sessão análoga à do dia 30 e com os mesmos assistentes. Fenômenos quase iguais, porém de menor intensidade, por causa da falta de forças da médium.

Dia 14. — Viagem a Navalmoral de la Mata. A médium, M. e eu. Notável sessão naquele grupo. Apport de lindas flores. Elas não existem naquele lugar tão seco.

Dia 20. — Sessão de materialização com o motivo do meu aniversário. — Assistentes: as pessoas do grupo e dona Anita Olona, de Barcelona.

O Beato fluidifica-se no lugar da poltrona de Manuel. Com rouca voz fala: Antonio. Felic... Adeus.

As materializações apresentam-se mais adiantadas, principalmente a de M. R., que traz uma camélia para mim, que Marietta me dá, apertando a minha mão com seus dedos. Dá outra camélia e quatorze galhinhos de jasmim para a médium.

Dia 26. — Sessão de materialização. — NOTABILÍSSIMO FENÔMENO. — 90 minutos. — As cinco pessoas da casa, os três de Diéguez, Couillaut e Anita Olona (A médium sofrera dias atrás uma grave indisposição, da qual estava convalescente).

As manifestações costumeiras do princípio destas sessões. Conselhos morais e ensinamentos do espírito diretor. No gabinete aparecem o espírito da estrela luminosa, o Beato com seu disco avermelhado e outros espíritos.

Depois de alguns instantes de recolhimento e oração, acendemos a lâmpada. A médium cai em êxtase, e agita-se em convulsões. Notáveis alterações no seu pulso. Há a necessidade de atenuar a luz mais do que habitualmente, para a materialização poder aparecer. Após um bom tempo e com grande agitação da médium, a cortina é recolhida e Marietta e M. R. avançam. M. R. traz em sua mão um belíssimo cravo, que entrega a Isabel; a mesma coisa faz Marietta com uma preciosa camélia branca.

Aumentamos a intensidade da luz.

NOTABILÍSSIMO FENÔMENO. – No começo da sessão pediram para colocarmos as tesouras do meu escritório em cima da mesa. A médium entrega essas tesouras a Marietta, e esta, separando um caracol de um dos cachos de seus cabelos, corta-o às nossas vistas e faz entrega dele a Isabel, em meio ao assombro geral e ao nosso arroubamento em receber tão significativa prova do poder dos espíritos. Marietta dá-me as tesouras com que cortara a mecha de cabelos que faz tempo nos ofereceu, e depois de enviar fluido para a médium e de nos dar a entender que devíamos cuidá-la bem, retira-se para o gabinete; e também M. R., que adiantou hoje muito mais do que em nenhum dos outros dias. É notável o progresso da sua materialização.

Dia 27. – A pesar da fraqueza da médium quando saiu da sessão de ontem, com o motivo da presença em Madri dos representantes da Sociedade Espírita de Alicante, recomendados pelo Sr. Ausó e o bom espírita de Valladolid Sr. Hernández, a médium pediu uma sessão para esta noite aos seus espíritos protetores, e eles a concederam.

Aconteceu com assistência dos Sres. Pascoal Asensi, de Alicante, e um seu irmão residente em Madri, do Sr. Hernández e de D^a Anita Olona.

As manifestações destas sessões. De extraordinário houve a profusão de luzulas. Na parte de sessão com luz, somente se apresenta o espírito materializado de Marietta.

Dia 4 de fevereiro de 1879. – Às quatro horas da tarde, o apport de uma belíssima camélia, que cai à vista de todos no gabinete. Vem no momento em que se preparava outra camélia, já um pouco estragada, para que Anita Olona a entregasse a Anita Fernández.

Estou escrevendo isto imediatamente depois do apport, e cai outro também à nossa vista: dois soberbos cravos, um branco e outro vermelho, quatro galhos de jasmim e outro de uma flor vermelha. Sem dúvida são destinados pelos espíritos para Barcelona, e nós os enviamos.

Dia 8. – Sessão de materialização. – 95 minutos. – Assistentes: as cinco pessoas da casa, Diéguez e esposa, Nicolau Hernández, Júlio Vizcarrondo e o Sr. Leandro Rubio, que assiste pela primeira vez.

As costumeiras manifestações, porém menos intensas. Só aparece Marietta, que dá uma camélia à médium. Adiantamento na materialização;

pronuncia um monossílabo.

Sessões dos dias 16 e 17; de 105 minutos. – Na sessão do segundo dia, quando Marietta aparece, cumprimenta-nos dizendo com voz argentina: Buena sera fili miei, e na despedida: Addio.

Dia 24. – Sessão de 105 minutos também. – Apesar de assistirem quatro fluidos novos, todas as manifestações dão-se bem. Percebo as carnes de Marietta mais rubicundas. Dirige-nos algumas palavras. Em vários movimentos, podemos contemplá-la com toda a luz da lâmpada.

Dia 7 de Março. – Os espíritos surpreendem-nos com uma sessão que não esperávamos, sem dúvida porque está presente o Sr. Francisco Romero Ramos (que depois entrou para o grupo), recomendado do Sr. Fernández, que vem de Barcelona, procedente de Buenos Aires, pertencente à sociedade “Constancia”, daquela cidade. Notável sessão de 120 minutos, com assistência do grupo e do Sr. Romero. Pela primeira vez a seqüência das manifestações muda, e são reproduzidas todas as destas sessões.

Marietta ostenta movimentos mais desembaraçados do que nunca. Vem até perto de nós e entrega à médium uma belíssima camélia. Em suas mãos aparecem, sem que pudéssemos ver de onde saem, algumas flores que se multiplicam quando lançadas em uma cestinha ao meu lado que os espíritos trouxeram do meu quarto, onde eu a deixara no começo da sessão.

Nas sessões dos dias 16, 19 e 23, às quais assistiram representantes dos círculos e sociedades espíritas de Navalmoral, Cuenca, Tarragona, Valladolid e Barcelona, notamos assinalados progressos na materialização de Marietta. Destas sessões eram levantadas atas, que assinavam todos os presentes.

XI

O Fenômeno de Bicorporeidade

Para comemorar o aniversário espírita, o grupo celebrou uma solene noite literária no dia 31, e no dia 30 de março e 1º de abril deram-nos duas sessões com as atas que aparecem abaixo:

ATA. – Sessão extraordinária em comemoração ao XXXI aniversário da divulgação do Espiritismo na América, e X do desencarne de Allan Kardec. – Uma hora antes do começo da sessão, e com o objeto de procurar a conveniente preparação dos fluidos, reunimo-nos no local onde o grupo Marietta celebra as sessões, sendo vinte e duas as pessoas assistentes, entre elas várias que compareciam pela primeira vez; esse excessivo número ao qual nessas sessões de materialização não era costume chegar, e a circunstância de que muitos dos fluidos eram novos, tudo isso recomendava aquela precaução aconselhada ao mesmo tempo pelos espíritos e pela experiência.

Depois de dirigir algumas carinhosas e atenciosas frases de gratidão aos presentes, a senhora dona I. B. M., de quem partiu a iniciativa e os convites para esta sessão, e depois de o presidente e o vice-presidente do grupo, senhores Vizconde de Torres-Solanot e Sr. Eugenio Couillaut, fazerem as oportunas e acertadas considerações a respeito das sessões da índole daquela que ia acontecer, teve lugar uma muito escrupulosa inspeção do quarto, tirando do lugar e examinando todos os móveis, separando da parede os quadros, e examinando paredes e portas. Estas foram fechadas à chave, a qual ficou na fechadura no intuito de não ser possível fazer entrar outra chave pelo lado de fora. As duas portas e três varandas foram lacradas com largas faixas de papel, onde três dos presentes colocaram a sua assinatura.

Aqueles que deviam revistar o quarto rejeitaram insistentemente o cumprimento dessa missão, que poderia ofender a delicadeza dos donos da casa, cuja honestidade era de todos conhecida, mas depois consentiram, a pedido dos mesmos donos e por obediência aos espíritos.

Às dez horas da noite começou a sessão, a qual durou 130 minutos, com

os assistentes sentados ao redor de uma mesa e formando corrente magnética. A luz é apagada e nesse momento começaram a soar pancadas em vários pontos; rajadas luminosas foram vistas e acordes de uma caixa de música foram ouvidos. De posse da médium, o espírito de Marietta dirigiu palavras a vários, especialmente aos novos assistentes e aqueles que, de fora de Madri, tinham vindo presenciar estas sessões. Caem doces e flores sobre nós, em diversos pontos do círculo que formamos. Os doces são pequenas pílulas ou pastilhas; as flores estão borrifadas com água.

Os médiuns videntes acusam aquilo que à sua vista vai sendo apresentado: luzes, nuvens luminosas, espíritos, etc., um escudo de armas e um retrato por cima da cabeça da médium. O primeiro parece ser o timbre nobiliário dela, e o segundo, o retrato de Allan Kardec.

Uma vez afastada a cortina da porta do gabinete, neste apresenta-se, como de longe, um pequeno ponto luminoso que vai aumentando até formar o vulto do Beato Simon de Rojas. O corpo deste vulto é constituído por uma espécie de farol formado por uma roupagem branca; dá para se distinguir um braço materializado que não parece partir de ombro algum; a mão, ora de tamanho regular, ora extraordinariamente grande, vê-se em alguns momentos quase separada do antebraço; uma e outro são opacos algumas vezes, e outras, transparentes.

Adianta-se o vulto, responde com sinais às perguntas, algumas feitas mentalmente; e depois de uns dez minutos, com voz pouco sonora, diz adeus e se desvanece.

O Espírito diretor continua a nos falar por boca da médium, e responde a diferentes perguntas que lhe são dirigidas. Faz-nos a encomenda de com a nossa vontade mandarmos fluido para a médium, para tentar a materialização e procurar que presenciemos pela primeira vez um notabilíssimo fenômeno.

A luz acende, a médium entra em transe e depois de alguns instantes a cortina da porta do gabinete afasta-se automaticamente e Marietta aparece. Em sua mão porta uma belíssima camélia branca, e mais duas que parecem coladas nas gazes das suas vestes, perto da cintura. Entrega a primeira para a médium, e pegando sucessivamente nas outras duas, dá uma ao presidente e a outra ao secretário geral do grupo, que são os três fundadores deste. Por meio de sinais, Marietta diz que outro dia dará

flores aos outros irmãos. Surge em sua mão um pequeno ramalhete de flores, que lança em um cestinho que momentos antes os invisíveis tinham transportado dos quartos interiores. Quando inspecionamos o cestinho depois da sessão, fomos encontrá-lo repleto de flores.

Marietta, por meio de sinais, responde várias perguntas; avança e retrocede; manda fluido para a médium; mostra-nos seus cachinhos loiros, iguais em comprimento, apesar de em uma sessão ter cortado e presenteado o grupo com um deles. Às nossas vistas rasga o véu, com um barulho que todos nós percebemos claramente, e ato seguido, torna a mostrá-lo completamente intacto.

Marietta permanecia em pé no limiar da porta do gabinete: afastando-se um pouco à sua esquerda, vemos a menina Visitação que ficara na sala de jantar brincando com algumas amiguinhas suas. Esta aparição, o fenômeno da bi corporeidade, durou breves instantes, e foi vista por todos os presentes exceto alguns, cuja visão ficava impedida pela interposição do espírito materializado entre eles e a aparição, a qual impressionou vivamente àqueles que puderam contemplá-la mais de perto. Desaparece a menina, e pouco depois Marietta, dizendo Addio, ficou oculta atrás da cortina que cai automaticamente, do mesmo modo que fora alçada.

A materialização permaneceu às nossas vistas por uns vinte minutos. Tendo verificado o pulso da médium enquanto o fenômeno era produzido, o Sr. Couillaut reconheceu que estava pulsando no dobro de celeridade do que no estado normal. Os dois indivíduos que seguravam as mãos da médium (que também participa da corrente) puderam apreciar bem o estado de agitação dela, presa de convulsões por momentos. Acordou trabalhosamente, limpou o suor do rosto e a sessão continuou, tornando a apagar a luz. O espírito volta a tomar posse da médium, e dá explicações sobre o notabilíssimo fenômeno observado, e diz que a menina Visitação tinha adormecido, e por isso os espíritos conseguiram realizar esse importante fato de bi corporeidade. Acrescenta que a menina está bem, e recomenda-nos, no momento de encerrar a sessão, chamar todas as meninas, que irão nos explicar como Visitação, quando estava brincando, sentiu a necessidade de dormir, contra a própria vontade, precisando deitar sobre algumas cadeiras. O relato das meninas coincidiu,

com perfeita exatidão.

O espírito dá a cada um de nós muito bons conselhos, e perguntando a M., um dos indivíduos do grupo, se tem alguma coisa para lhe dizer, este irmão manifesta a sua gratidão pelo benefício que lhe foi outorgado no dia 14 de fevereiro passado, quando, vendo que ia desaparecer nos abismos do mar o navio no qual navegava, pediu sua proteção, e em breves instantes o barco ficou livre de todo perigo, por um desses fatos que o incrédulo atribui a uma irracional casualidade, o crente considera como produto de uma Providência que não explica, e o espírita sabe que são devidos à influência dos espíritos, que agem com permissão divina como no caso atual, onde o acontecimento foi anunciado ao grupo pelo elevado espírito de Marietta e o protetor de M., advertindo o primeiro que procuraria salvar o mencionado irmão. Assim aconteceu. O fato está comprovado. Quando se ocupou deste episódio, o Espírito diretor deu certeza de que cessariam todas as manifestações que distraíam a atenção, e isso mesmo foi o que aconteceu.

Fora deste intervalo, apports de doces e flores caíram com profusão, continuaram as pancadas, muitas luzulas foram vistas, e foi percebido na sala o movimento de muitos espíritos, os quais eram descritos pelos médiuns videntes. É preciso fazer constar certos detalhes importantes. Enquanto M. contou o episódio relatado acima, seu espírito protetor manteve-se ao seu lado, marcando sua altura com um pequeno disco branco; tocava seu ombro com uma mão para afirmar os fatos, e a colocava sobre a sua testa como para fazê-lo lembrar e para melhor testemunhar, e ouve-se com frequência dizer: Sim.

Durante a presença de Marietta ouviu-se barulho de movimentar o piano, coisa pesadíssima e com muitos pequenos objetos em cima dele. O espírito, por indicações, pareceu dizer para a médium A.: “Atenta para este fenômeno, e conta-o onde tu sabes”. Quando a sessão terminou encontramos o piano fechando a passagem para o gabinete, com a banquetta colocada na frente, o teclado ao descoberto e sem que nenhum objeto tivesse mudado de lugar.

Um dos indivíduos do grupo, cujo assento nesta ocasião estava encostado na estante dos livros, sendo que em outras vezes ficava um pouco separado, quando o círculo dos assistentes era mais estreito, pediu

mentalmente reproduzirem-se as manifestações que outras vezes tiveram lugar naquela estante, e que nesta ocasião somente poderiam ser produzidas por seres que pudessem andar pelos ares. Respondendo ao desejo mental, foram ouvidas pancadas na estante, luzulas apareceram nela, e a caixa de música tocou lá dentro, apesar de as vidraças não poderem ser abertas por causa das cadeiras ali encostadas.

O médium M. encontrou dentro do medalhão da sua corrente de relógio uma pequena folha de gerânio, sem dúvida colocada ali pelos espíritos.

Quase todos os presentes foram acariciados por mãos materializadas.

Às doze horas e dez minutos a sessão terminou, e então foi recolhida uma grande quantidade de docinhos e belíssimas flores que tinham sido aportadas.

Examinadas portas e sacadas, foram encontradas fechadas à chave, e todos os selos e lacres intactos, ficando completamente evidente que nenhum ser humano ou corpóreo penetrara naquele quarto durante a sessão; portanto, foi sem dúvida atribuída ao mundo invisível aquela série de manifestações acontecidas, muitas das quais seriam impossíveis de explicar como efeito de causas humanas, pois o bom senso reclamaria contra isso.

E para que conste assim, impulsionados pelos sentimentos de alta gratidão, reconhecida justiça e amor à causa espírita, que tanto partido para a propaganda poderá tirar do estudo de fenômenos tão portentosos como os que foram relatados, atendendo com o maior prazer o pedido do presidente do grupo Marietta, assinamos junto com ele esta ata em Madri, em 1º de Abril de 1879. — O presidente, Vizconde de Torres-Solanot. — O Vice presidente, Eugenio Couillaut. — O Secretário geral, Manuel de Salvador Madre. — O Secretário 1º, Simon P. de Ramón. — O secretário 2º, Francisco Romero Ramos. — Joaquim Diéguez y Romera, vogal da Junta Diretora do grupo Marietta. — Francisco Migueles, vogal da dita Junta. — Hilária Satorres de Ramón. — Paula Díaz de Diéguez. — Nicolás Hernández y Joaquim Diéguez y Diaz, sócios numerários do grupo espírita Marietta. — Francisco Yera. — Francisco Alvarez. — Bernardo Alarcón. — Miguel Pinedo. — José Hernández. — Adela Muñoz de Alarcón. — María Sirgo. — Encarnación García. — Ana Peyro de Olona. — Julián Maroto.

Extrato da Ata da sessão de materialização celebrada no dia 1º de Abril de 1879 pelo grupo espírita Marietta, com a assistência de vinte e oito pessoas que assinam este documento (1).

(1) Publicamos somente o extrato da ata desta sessão, sendo que o original está na secretaria do grupo Marietta, para não repetir o relato da sessão do dia 30 de Março anterior, em tudo aquilo que é quase exata reprodução.

Prévia uma escrupulosa revista do quarto e os preliminares análogos aos da sessão do dia 30, a de hoje inicia-se quando são quinze para as dez horas da noite, terminando às doze horas. O Espírito diretor toma posseção da médium logo após a luz apagar.

Manifestações da caixa de música e outras como na sessão anterior; do mesmo modo, o Espírito dirige a palavra a vários irmãos. A uma das filhas daquela senhora, diz: - “Tu és o retrato de Anita, a esposa do Sr. Fernández, de Barcelona, não é verdade?” – “Sim”, respondeu a interrogada. – “Pois bem, no momento de encerrar a sessão, tu vais mostrá-lo aos assistentes”.

O Espírito fala que para agradar à médium aceitou que assistissem várias pessoas que não tinham sido convidadas, e que com fluidos assim heterogêneos, existirá certa dificuldade para a produção dos fenômenos.

Dirigindo-se ao Sr. Migueles, diz que, ao referir na anterior sessão o perigo que correu no mar, em 14 de fevereiro, esqueceu alguns detalhes que convém dar a conhecer para os assistentes apreciarem uma boa prova espírita. Mal ele começa o seu relato, interrompe-se dizendo que está enxergando, diante da médium, um grande foco de luz a modo de pequeno sol (fenômeno puramente subjetivo). Assim o manifesta ao espírito, e este responde que vai ser realizado um notável fenômeno durante a sessão.

Acontece a manifestação do espírito do Beato Simon de Rojas na forma presenciada na sessão anterior. O secretário geral do grupo dá certas explicações necessárias aos novos assistentes. Desvanecido aquele vulto, recebemos a encomenda de com a nossa vontade mandarmos mais fluido

para a médium, que está precisando dele mais que nunca, por estar com as forças esgotadas.

A luz acende, a médium cai em transe, e a sublime Marietta aparece. Os detalhes da sua manifestação são como foi registrado na ata da sessão anterior. O espírito materializado entrega uma magnífica camélia à médium e mais duas respectivamente aos Sres. Couillaut e P. de Ramón. Na precedente sessão teve a mesma gentileza para com os três fundadores do grupo. Por meio de sinais, dá a entender que em outra sessão (sem dúvida aquela oferecida ao grupo como encerramento da primeira série de estudos experimentais) obsequiará do mesmo modo o resto dos indivíduos.

Marietta se retira um pouco para a sua esquerda, e enxergamos, adiantando-se em direção a ela, vinda de perto da sacada do gabinete, uma senhora que se aproxima dela, sendo imensa a surpresa daqueles que reconhecem nesta senhora a esposa do Sr. José Maria Fernández de Barcelona. O vulto desaparece pelo lado oposto a aquele de onde tinha surgido, e como alguns dos presentes não puderam apreciar este portentoso fenômeno de bi corporeidade, ele torna a se produzir, e podemos detalhar, não somente sua fisionomia, que se destaca como se estivesse especialmente iluminada, mas também todas as peças que compõem suas vestes. (Este fenômeno realizava-se às onze horas da noite) (1).

Marietta despede-se de nós dizendo Addio com voz bem clara, e deixa um pequeno ramalhete, aparecido instantaneamente em sua mão, dentro de um cestinho. Como acontecera na sessão anterior, encontramos depois o cestinho cheio de flores.

Custou muito para a médium voltar ao seu estado natural; a seguir, o Espírito tomou posse dela, e apagando a luz, continuaram as manifestações costumeiras, como ficou descrito na ata da sessão anterior.

O Espírito fala que vão nos dar uma comunicação por escrita direta, e em breves instantes uma rajada luminosa permite-nos ver no ar duas folhas de papel; ouvimos o timbre do carimbo no espaço, e enquanto eles escrevem, dá para se ouvir com clareza o roçar do lápis. Concluída a escrita, os invisíveis dobram a comunicação e prendem-na com um grampo nos cabelos da médium, como se fosse uma flor. Assim foi que

nós a encontramos quando a sessão terminou.

Não havia na sala papel, carimbo ou lápis, objetos que estavam em um cômodo afastado para onde tínhamos mudado o escritório durante estes dias.

Os videntes continuam manifestando o que estão vendo. A senhorita Olona sente uma forte emoção, porque o espírito do seu pai se apresenta. A mesma coisa acontece com madame Léontine, que percebe o toque do espírito daquele que foi seu esposo, detalhado pelos dois médiuns ao mesmo tempo. O Sr. Vizcarrondo em certos momentos consegue enxergar todos os circunstantes, como se o quarto estivesse iluminado.

O espírito diretor responde várias perguntas e dá conselhos saudáveis. Depois convida o Sr. Migueles para continuar o relato que tinha deixado pela metade. Ele relata como detalhe precioso e que merece atenção, que seis meses atrás o espírito anunciou a ele que um desgosto o esperava na cidade de Corunha, e o prevenia para que cada vez que tivesse de ir lá, falasse antes com a médium, para ela lhe dizer coisas convenientes. O Sr. Migueles não deu a este aviso a atenção devida, e em fevereiro pôs-se a caminho para Corunha. A médium escreveu a ele pedindo que ficasse em Madri por uns dias, mas ele não desistiu daquela viagem. Ela escreveu novamente falando que o espírito protetor dele estava pedindo encarecidamente para ele ficar em Madri. Não recebendo esta carta, ele embarcou, acontecendo o incidente de 14 de fevereiro, relatado na sessão anterior, que prova patentemente a intervenção e saudável influência que os espíritos protetores e os elevados exercem sobre a nossa vida.

Durante o relato do Sr. Migueles, seu espírito protetor ficou do seu lado, dando várias provas da sua presença, e respondendo com o mesmo timbre de voz que teve na Terra as perguntas que ele lhe dirigia. O médium vidente Sr. Hernandez (Nicolau) ficou vendo o mar com todo aquele horroroso aspecto que apresentava a costa galega em 14 de fevereiro, cuja descrição, como também a descrição da atitude do senhor Migueles nos momentos mais solenes daquele lance, o Sr. Migueles achou perfeitamente exata.

O Espírito diretor despede-se de todos nós, dando por encerrada esta primeira etapa dos trabalhos experimentais do grupo.

Levantada a sessão, depois de acordar a médium (o qual levou um bom

tempo e vários passes magnéticos), o chão foi encontrado coberto de pequenos doces e flores. O lápis e o lacre estavam sobre a mesa, como também uma pequena cestinha cheia de flores artisticamente colocadas. Esta cestinha não estava na sala no início da sessão.

Examinadas portas e sacadas, as fechaduras e selos de lacre foram encontrados do mesmo jeito que antes estavam.

O relatado acima é expressão fiel da verdade e um dever muito agradável para todos é o que nos faz assinar esta ata. Madri 2 de abril de 1879. – O presidente, Vizconde de Torres-Solanot. – O Vice-presidente, Eugenio Couillaut. – O Secretário geral, Manuel de Salvador Madre. – O Secretário primeiro, Simon P. de Ramón. – O Secretário segundo, Francisco Romero Ramos. – Joaquim Diéguez y Romera, vogal. – Francisco Migueles, vogal. – Hilária Satorres de Ramón. – Paula Díaz de Diéguez. – Nicolau Hernández e Joaquim Diéguez y Díaz, sócios numerários. – Bernardo Alarcón. – Adela Muñoz de Alarcón. – Leontina Tintorer de Marín. – Enrique de Olona. – Francisco Yera. – Ana de Olona. – José Hernández. – María Sirgo. – Miguel Pinedo. – Júlio Vizcarrondo. – Julián Maroto. – Encarnación García. – Ana Peyró de Olona. – J. C. – J. N. de C. – Francisco Gutiérrez.

(1) A Revista de Estudos Psicológicos, de Barcelona, correspondente ao mês de Abril de 1879, relata a sessão celebrada pelo grupo La Paz, que dirigia Fernández-Colavida e na qual aconteceu o fato a que se alude, da maneira seguinte:

Fenômeno de Bicorporeidade. – Na noite de 1º do mês atual, reunidos aqueles que nos dedicamos exclusivamente a estas pesquisas. A sonâmbula Ana foi magnetizada duas vezes no intervalo de duas horas. O estado de todos os presentes era estranho, e não podíamos entender o que estava acontecendo ao nosso redor; não compreendíamos a importância do estado excepcional da sonâmbula; também não soubemos apreciar os diferentes incidentes que aconteceram durante a sessão; somente chamaram a nossa atenção as palavras que sublinhamos, ditas pela sonâmbula: “Estou no centro Marietta; TODOS ME ENXERGAM. A sessão concluiu sem outros incidentes a não ser a paixão de sono que a dominava, ainda depois de acordá-la. Outras vezes, a nossa médium, nas sessões do grupo Marietta, somente era vista pelos médiuns videntes.

No dia seguinte recebemos um telegrama de Madri, expedido às onze horas e quarenta e nove minutos da manhã, confirmando o fato; *ELA FOI VISTA POR TODOS OS MEMBROS DO GRUPO.*

A seguir, recebemos cópia da ata da sessão celebrada no grupo Marietta e outras notícias de diferentes amigos que conhecem pessoalmente a sonâmbula referida.

Da ata de 1º de abril de 1879, assinada por vinte e oito testemunhas presenciais, extraímos o parágrafo seguinte: Retira-se um pouco à direita (o espírito de Marietta), e todos no maior espanto, enxergamos uma senhora ao lado dela, sendo imensa a surpresa daqueles que reconhecem a esposa de Fernández. Ela desaparece, e como alguns dos presentes não puderam apreciar bem esse portentoso fenômeno, ele torna a se produzir, e podemos detalhar, não somente sua fisionomia com exatidão, mas também todas as peças que compõem suas vestes. De uma correspondência de 2 de Abril, escrita às duas horas da madrugada: - “... Quando, de súbito, aparece atrás de Marietta outro espírito... uma unânime exclamação de surpresa retumbou no local. Situação indescritível, suspensão do ânimo, que não tenho como contar; só sei que ouvi: Anita...!!!, o segundo espírito: Anita...!estava a um metro de distância de mim; ainda não sabia que aquilo era um fenômeno de bi corporeidade, então lembro, etc...”

De outra carta: - “... afastou-se um pouco para a direita (o espírito de Marietta) e todos viram com espanto uma senhora, em quem, muito admirados reconhecemos a Anita...”

De outra, falando longamente do mesmo fenômeno. – “Surgiu do lado da sacada; parecia que não podia ficar quieta; seus movimentos eram inimitáveis e seu rosto destacava como inundado por uma claridade. Mal a vi, exclamei: Anita Fernández! E aqueles que a conheciam pessoalmente disseram a mesma coisa. O vulto atravessou o gabinete; por um instante ela passou a menos de três metros de distância de mim, etc.”

De outra correspondência. – “Tenho o prazer de escrever-lhe estas linhas, para testemunhar em qualquer tempo e ocasião, que aqui vimos Anita, no mesmo espaço de tempo em que ela estava aí, no seio da sua família. – Pode sustentar em qualquer lugar a verdade do caso, admirado

por 28 pessoas, dentre as quais, muitas delas têm o prazer de conhecer Anita. – Mme. L. sofreu uma pequena síncope, por acreditar que o fato de sua amiga se apresentar era por consequência de ter passado a uma vida melhor.”

De outra. – Para o caso de você querer manifestar publicamente a impressão que em mim causou a bi corporeidade de Ana, faço constar: que foi tamanha a surpresa que causou nas 28 pessoas que presenciavam a sessão do grupo Marietta, no dia 1º deste mês, quando se apresentou a bi corporeidade da sua esposa, que alguém até pensou que ela tinha deixado a matéria; contudo, de minha parte, eu não acreditei que isso tivesse acontecido, em atenção... etc.”

De outra assinada por três conhecidos da sonâmbula. – Confessamos amigo Fernández, que quando pela primeira vez vimos aparecer a sua esposa entre nós, passou pela nossa mente a idéia triste de o seu espírito ter abandonado este planeta, idéia que surgiu em nós mesmos, mas que o espírito Marietta cedo fez desvanecer-se com suas consoladoras demonstrações.

XII

Encerramento da primeira série de sessões de materialização. Considerações e comentários sobre os fenômenos observados. Sessão enciclopédica.

Dia 9 de abril de 1879. — Para o encerramento desta primeira série de sessões de materialização, iniciadas em 30 de novembro de 1877, que deixamos em suspenso por um breve tempo para a médium poder recuperar com descanso as suas alquebradas forças, e no intuito de que o grupo Marietta consagrasse suas tarefas ao estudo dos fenômenos observados e a desentranhar a ciência e a doutrina contidas nas comunicações que recebeu; para o encerramento, tiveram lugar sessões em 30 de março e 1º de abril, e mais uma, que os espíritos nos ofereceram, exclusivamente para o grupo. Diéguez (pai) não pôde comparecer por estar doente. O médico Dr. Julián Maroto, a quem escrevemos que não viesse à noite, pois não íamos estar em casa, impulsionado por essa força inexplicável que às vezes nos obriga a agir (influências espirituais), em vez de comparecer à tarde, como lhe era pedido na carta que se lhe escreveu, apresentou-se na hora da sessão. O Espírito diretor não fez observação alguma, e os indivíduos do grupo não opuseram dificuldade para ele assistir.

Copio das minhas anotações:

Dia 9 de abril de 1879. — Portentosa sessão de materialização e notabilíssimos fenômenos. (De todas que tivemos, foi a de maior duração). 140 minutos. — Começa às nove horas e quinze minutos da noite. — Assistentes: 13; os indivíduos do grupo menos Diéguez (pai), e os Sres. Maroto e Alarcón. Fechadas com chave as portas e examinado o quarto pelo presidente acompanhado dos dois indivíduos não pertencentes ao grupo, ocupamos os nossos respectivos assentos ao redor da mesa, designados pela médium obedecendo à indicação dos espíritos, assim: Semicírculo da esquerda, a partir da cadeira da médium: Vizconde, Couillaut, Migueles, Hernández, Ramos e Alarcón; semicírculo da direita: De Salvador, Pelegrin e esposa, esposa e filho de Diéguez, e Maroto.

Colocada a cortina na porta do quarto que serve de gabinete escuro para nós, foi levada para dentro dele a poltrona onde a médium sentava nas primeiras sessões, e colocada no mesmo lugar. Instantes antes, a médium, que desde o início dos preparativos para a sessão, faz tudo obedecendo a indicações e instruções que sucessivamente vão sendo dadas pelos espíritos diretores, pegou a corda com que antes era amarrada por nós, que por uns instantes ficou com ela. Não existe nenhum detalhe, por insignificante que possa parecer que não tenha a sua razão de ser e a sua importância; a de muitos deles, nós a conhecemos experimentalmente, a de outros, por aquilo que os espíritos nos disseram, e a de alguns ainda escapa ao nosso conhecimento, talvez porque ainda não é chegada a hora de serem revelados a nós, visto que em se tratando de Espiritismo experimental, ou seja, das manifestações dos espíritos, o observador deve aguardar com calma aquilo que os invisíveis desejarem e puderem lhe dar: toda impaciência supõe em primeiro termo desconhecimento do assunto, e é motivo quase sempre para não dar certo; toda imprudência afasta os espíritos bons e pode ser causa de grave acidente para o médium. Isto não exclui a iniciativa ou as precauções do observador; supõe somente a necessidade de consultar antes com os espíritos, que são os agentes, os diretores e mestres, aqueles que acedem a tudo o que é racional, justo e possível dentro das faculdades de ação limitadas pela permissão do supremo Fazedor quando se trata de espíritos superiores, e destes, quando se trata de espíritos menos elevados, limitação que responde a leis de ordem moral cuja transgressão leva em si mesma o castigo. Não existe ciência ou estudo algum que, como o Espiritismo, faça tão patente a harmonia universal, onde relevantemente equilibram-se as leis de ordem moral, reguladoras de tudo, e aquelas de ordem física que sempre são corolário das primeiras.

Para encerrar esta já muito longa digressão, devo fazer notar o objeto do detalhe que a sugeriu. O fato de a médium tomar a corda e conservá-la em seu poder por uns instantes, conforme a experiência nos ensinou, obedecia à necessidade de que aquele objeto fosse assimilado ao fluido da médium, e, portanto, dos espíritos que deviam operar um fenômeno, do mesmo modo que o magnetizador impregna do seu fluido o objeto que vai servir a ele para uma experiência ou fenômeno magnético. Anos atrás um elevado

espírito disse o aforismo seguinte: “O magnetismo é o Espiritismo dos vivos; o Espiritismo é o magnetismo dos mortos”. Aqui está a chave da explicação da fenomenalidade espírita, explicação a que não é possível chegar sem conhecimento prévio de zoomagnetismo ou magnetismo animal, do mesmo modo que este, chegando a certo ponto, não pode dar mais um passo sem o conhecimento e o auxílio do Espiritismo.

Agora, o magnetizador age, a través da vontade e do fluido, sobre os seres e sobre os objetos ou coisas; o espírito age da mesma maneira, porém colocando mais elementos em ação: sua vontade, seu perispírito ou fluido periespiritual, condutor daquela, o perispírito da médium, seus fluidos e das pessoas que a cercam, do ambiente, dos objetos, etc. Para a produção de bom número de fenômenos, formam uma entidade, uma personalidade, por assim dizer, o espírito e o médium que se complementam. Assim, por exemplo, para o fenômeno que vou relatar, havia sem dúvida a necessidade de fluidificar, de eterizar uma corda, e para isso, já porque fosse indispensável ou então para facilitar a operação, fizeram a médium ter a corda consigo até essa corda ficar saturada de fluido.

Uma vez colocados nos nossos respectivos assentos, e com a médium sentada na poltrona do gabinete, e amarrada por mim, lacrando os nós do mesmo modo como foi feito nas primeiras vezes, a sessão começou depois de atenuar um pouco a luz da lâmpada e de fazer a costumeira evocação. Dali a pouco a médium adormeceu, e tomou posseção dela o Espírito diretor, começando a nos falar. Ao deixar a médium amarrada no gabinete escuro, eu tinha baixado a cortina. O espírito mandou-me acender uma vela e entrar com ela no gabinete, acompanhado das duas pessoas (Alarcón e Maroto), que ficaram comigo enquanto eu amarrava e lacrava, para ver se os nós e os selos estavam como eu os deixara.

Isso foi o que fizemos, tornando a examiná-los e certificando que estavam intactos; depois do qual e de deixar a cortina fechando a entrada do gabinete, os comissionados para o reconhecimento fomos ocupar novamente os nossos respectivos assentos.

Poucos momentos depois, com verdadeiro espanto vimos como a médium, saindo do gabinete e com a majestosa atitude própria do espírito que se apossara dela, percorreu a sala dando uma volta em torno da mesa

onde estávamos sentados, falando conosco, ficando um momento em pé ao nosso lado, e permitindo que eu a tocassem para me certificar de que era o corpo material da médium que estava em nossa presença e não uma aparição fluídica. A médium aproximou-se da entrada do gabinete, afastou a cortina e fez-nos notar que a poltrona estava vazia, e que, além disso, a corda, que eu tinha amarrado fortemente aos braços da poltrona, desaparecera. Entrou no gabinete, deixando a cortina cair atrás de si e o espírito nos disse que a comissão inspetora tornasse a fazer o reconhecimento do lugar. Assim fizemos, e no meio do espanto, da estupefação, principalmente de quem nunca tinha visto esse fenômeno, encontramos a médium amarrada, com os nós e lacres selados exatamente como eu os tinha colocado. Todos estes fatos aconteceram no espaço de uns cinco minutos.

Este fenômeno foi-nos oferecido para responder, com o fato irrefutável, a uma observação que o Sr. José Maria Fernández, de Barcelona, nos fizera em uma carta recebida poucos dias atrás, perguntando-nos se este fenômeno, registrado em duas das nossas primeiras sessões do ano de 1877, poderia ser um caso de bi corporeidade ou duplicidade. Se bem nestes cadernos de anotações estava registrado por mim tal como ele é em si mesmo, não foi possível respondermos categoricamente porque não tínhamos visto a poltrona vazia enquanto a médium estava fora dela, e nela poderia ter ficado o corpo fluídico ou periespiritual.

Após esta notabilíssima prova, não poderia restar dúvida alguma a respeito da índole do fenômeno, demonstração do poder dos espíritos, que sem dúvida fluidificaram ou eterizaram a corda, deixando a médium em liberdade, e tornando a solidificar depois o referido cordel.

O metucioso observador que fixe sua atenção neste fenômeno, encontrará explicação para todos os apports, que são os fenômenos mais inverossímeis e mais opostos às leis até hoje conhecidas. Começamos a levantar a ponta do véu que nos ocultava o mistério da produção dos fenômenos. A lei, sem dúvida, é a mesma tanto para o fenômeno magnético como para o espírito; o procedimento é igual, se bem em maior grau para este último: vontade e fluido.

Quebrei os lacres e desamarrei os nós dos braços da poltrona e dos pulsos da médium, onde ficaram as marcas de impressão do cordel, de tão

fortemente amarrado por mim. É de se notar que as ligaduras dos dois cabos do cordel amarradas nos braços da poltrona, foram feitas por trás dos suportes dos referidos braços, de modo que era absolutamente impossível retirar a corda do lugar onde estava, a menos que ela fosse desamarrada, cortada, ou pela utilização do procedimento espiritual. O fato é que a corda não foi desamarrada nem cortada, então, para vermos a médium à solta no fenômeno relatado, por força os espíritos tiveram de exercer a sua ação, fluidificando o cordel e tornando a solidificá-lo ou reconstituí-lo. Mas, como? Com a vontade e o fluido. De que jeito? Pelos procedimentos do laboratório do mundo invisível, do qual hoje nada ainda conhecemos, além dos seus efeitos. A ciência atual não esclarece a questão; limita-se a negar; alguns sábios já testemunham os fatos, mas sem aventurar a explicação. O espiritismo já demonstrou que pertencem à categoria dos fatos naturais, e abre um caminho para chegar ao conhecimento da lei; o grupo Marietta poderá lançar mais um pouco de luz, e assim espero confiante que aconteça.

Desamarrada a médium, afastadas do seu lugar a poltrona e a cortina, a sessão continua, sentando-se a médium no lugar costumeiro, à minha direita, para formar a corrente magnética.

Mal apagada a luz, começaram as manifestações tiptológicas, ressoando pancadas de maior ou menor intensidade, ora sucessiva ora simultaneamente, em diferentes pontos da mesa ao redor da qual estávamos sentados, nas duas mesas do escritório, na estante dos livros, nas paredes, nas portas e no teto, e eram ouvidas ao mesmo tempo em vários pontos do gabinete.

Estas são as manifestações mais rudimentares que os espíritos produzem. Aqueles que se manifestam somente desta maneira recebem o nome de espíritos batedores, que geralmente são espíritos de ordem inferior. Normalmente, os espíritos superiores servem-se deles quando querem produzir esses efeitos; porém é um erro grave, demonstrado com inúmeros exemplos, acreditar que as pancadas são dadas sempre pelos espíritos inferiores ou atrasados. É deles que se valem os espíritos familiares e protetores, assim como os anjos guardiães, para nos darem notícia da sua presença e avisos saudáveis.

Muitas vezes as pancadas mediúnicas já prepararam a minha atenção

para prestá-la a um fenômeno que estava para se produzir. As pancadas, segundo a experiência espírita, quando são produzidas por espíritos de certa elevação, têm o caráter de aviso ou advertência, e daí a conclusão de que as manifestações tiptológicas não sejam privativas dos seres inferiores.

Estas acontecem no escuro e a plena luz. No primeiro caso parece que para os espíritos fica mais fácil a produção, e tomam menos fluido ao médium de que se utilizam.

Nesta sessão, aconteceram no escuro e com luz. Quando é com luz, fica fácil testemunhar o fenômeno; no entanto, isso não é menos fácil no escuro. No caso presente, por exemplo, e reparando somente nas batidas dadas na mesa à nossa frente, havia a impossibilidade de elas serem dadas por nenhum de nós: em primeiro lugar porque temos certeza de que ninguém soltou a mão da corrente, porque alguém teria notado, e eu teria reparado nesse fato, porque a minha mão, entrelaçada com a mão da médium, sentiria nela o conseqüente abalo, produzido pela quebra da corrente magnética; em segundo lugar porque, mesmo no caso de alguém se desligar da corrente sem que eu percebesse, o qual podia ser feito entrelaçando as mãos das duas pessoas colaterais, era preciso que houvesse três pessoas combinadas para a fraude; e mesmo assim não poderia acontecer, porque para uma só pessoa, sem contar que no escuro teria de alguma vez tropeçar com a lâmpada colocada em cima da mesa, era impossível alcançar ao mesmo tempo os extremos opostos da mesa; e em terceiro lugar, porque ninguém, sem que eu percebesse, poderia produzir as pancadas que aconteciam ao meu lado. Acrescente-se então, que as pancadas eram ouvidas por nós em muitos pontos, na sala e no gabinete ao mesmo tempo, e ainda no teto, onde só era possível chegar usando uma escada, e visto que este objeto era necessário e além dele o auxílio de ao menos umas oito ou dez pessoas, há que se convir que necessariamente seja preciso atribuir o fenômeno, no caso presente, a causas estranhas aos encarnados, ou então aos espíritos, o que é a mesma coisa.

Se bem as manifestações tiptológicas são aquelas que mais facilmente podem ser simuladas, também são as de mais simples comprovação. Além disso, o ouvido do observador um pouco experiente distingue com

facilidade a pancada mediúnica, e, quando ela produz também uma manifestação inteligente, como tão repetidamente tem acontecido nesta sessão, então não resta a menor sombra de dúvida sobre a sua procedência.

Simultaneamente com as pancadas, ouviam-se outros ruídos e pelo ar ressoava uma campainha (que, não tendo cabo ou agarrador, não pode, portanto, ser tocada com um som tão claro como se escutava, por nenhum ser animado) e uma caixa de música, esta última trazida sem dúvida pelos espíritos, pois na casa não existe caixa alguma como aquela. Uma e outra ressoavam como se alguém estivesse velozmente percorrendo o quarto com elas; ora longínquas, ora próximas, e às vezes, à altura das nossas cabeças e no centro da mesa, onde nenhum ser humano poderia chegar sem atravessar o círculo formado pelos assistentes.

Estas manifestações, como já disse, aconteciam ao mesmo tempo em que as tiptológicas, e sendo assim, para produzi-las era necessário o auxílio não de oito ou dez pessoas, e sim de dezesseis ou vinte, sem levar em conta que a passagem da sala para o gabinete estava interceptada pelas nossas cadeiras, que não serviam de obstáculo, no entanto, para os espíritos passarem de um para outro ponto. Nova impossibilidade material para os fenômenos serem produto de seres encarnados ou corpóreos. Além disso, os médiuns videntes acusaram a presença dos espíritos que operavam estas manifestações, e ainda aqueles que não possuem nenhuma faculdade mediúnica, tivemos e temos ocasião de testemunhar essa presença, pelas respostas obtidas a perguntas que quase todos nós fizemos, ora em voz alta, ora mentalmente.

Esta última prova é concludente, mais do que nenhuma outra; e assim podemos afirmar com a evidência, que as manifestações relatadas, apesar de obtidas no escuro, foram devidas aos espíritos. Diante de uma afirmação contrária, os nossos sentidos reclamariam conjuntamente com a nossa razão.

As manifestações cessaram por uns instantes em número e intensidade, e o espírito diretor, por boca do seu instrumento, ou seja, a médium, exercendo a faculdade falante dirigia a palavra a cada um de nós, com voz afável e estilo familiar e carinhoso. Frases de conforto para alguns, de alento e esperança para outros, saudáveis conselhos para este, palavras de

gratidão para aquele, e para todos, proveitosos ensinamentos morais.

Não era decerto a linguagem poética e elevada que o espírito fizera grassar no livro, no poema escrito pelo médium Suarez; não o florido estilo que reveste as centenas de comunicações escritas, muitas delas em minha presença, pela mesma médium que nos falava; porém o pensamento, a mensagem de fundo, a ternura do sentimento, o ensinamento eminentemente moral, eram do elevado espírito de Marietta.

Eu fui o encarregado da edição de Páginas de Duas Existências, primeira parte de Marietta, impresso em Zaragoza; editor, em união do digno e ilustrado irmão, o vice-presidente do grupo Marietta, Mr. Couillaut, daquela memorável obra, reimpressa em Madri, com a sua segunda parte Páginas de Além-túmulo (e aqui devo apontar uma importantíssima coincidência, que para o espírita é mais do que simples coincidência: que os dois editores do livro Marietta viessem a ser o presidente e o vice-presidente do grupo Marietta. Não existem coincidências no mundo, tudo acontece por alguma razão. A que obedece esta coincidência? Talvez em um dia não muito longínquo possamos responder esta pergunta. Enquanto isso, eu me limitarei a assinalar a coincidência, para ser tomada nota dela). Encarregado, dizia eu, da edição de Marietta em Zaragoza, editor em Madri, admirador como ninguém das belezas desse livro que analisei com o escalpelo filosófico e sondei bastante para me aprofundar em sua riqueza doutrinária, trabalho a que darei luz algum dia no livro que tenho esboçado com o título As Belezas de Marietta; com estes antecedentes, e outros que agora não menciono, mesmo sendo um alarde pretensioso, não cedo a ninguém o lugar dentre aqueles que mais se prezam de conhecer esse livro, poético e filosófico ao mesmo tempo; pois bem, as comunicações escritas e verbais do espírito de Marietta, que através da grande médium do seu grupo foram e continuam sendo obtidas, jamais poderão ser rejeitadas pela crítica literária. Além disso, sua autenticidade foi comprovada por mim, através de todos os seguros meios que o Espiritismo nos fornece.

Aqueles que só vêem a superfície, aqueles que não têm o hábito de se aprofundar no estudo dos fenômenos do Espiritismo, aqueles que se fazendo chamar espíritas desconhecem os ensinamentos do grande mestre Allan Kardec; em uma palavra, aqueles que podemos chamar de críticos

sem competência, e que sem terem ouvido, em uma ou duas sessões, as comunicações que a través da médium o espírito de Marietta nos transmite, pretenderam negar a autenticidade dessa procedência, baseados naquilo que acreditam razão concludente, como seja: que a linguagem das comunicações faladas não é idêntica à do livro e à das comunicações escritas de Marietta, que os aludidos críticos conheciam muito pouco, na verdade.

Agora, no grupo ao qual deu nome esse elevado espírito, nós obtivemos dele inúmeras comunicações, orais e escritas, algumas delas com parágrafos completos copiados do livro, para podermos apreciar a identidade da linguagem; mas sempre que isto acontecia, era a custo de um grande dispêndio de fluido na médium, cujo abatimento, depois de algumas provas como estas, foi reconhecido pelo seu próprio médico, e cujo desequilíbrio fluídico, eu, que a magnetizo, tive muitas ocasiões de apreciar e de restabelecer através dos oportunos passes e procedimentos que o magnetismo recomenda. Mas não é só isso. No espaço de sete anos, estudei comunicações do espírito de Marietta, dadas por diversas médiuns (que fiz sujeitar-se a todas as provas permitidas a nós); assisti ao desenvolvimento da grande mediunidade para a escrita do senhor Suarez Artazo, pelo qual obtivemos Marietta, e tive ocasiões de apreciar as dificuldades com que tropeça o desenvolvimento mediúnico, os esforços do espírito, o preparo no médium, as contrariedades e obstáculos, etc., etc.; e tudo isso também foi observado por mim nessa médium, cujas extraordinárias faculdades facilitam todo gênero de manifestações dos espíritos. Quanto maior a elevação dos espíritos, maior a facilidade para se identificarem com os médiuns, sendo maior também a consideração para com esses instrumentos de manifestação, com os quais estabelecem os mesmos laços, só que em grau maior, que existem sempre entre o magnetizador e o seu sonâmbulo.

Do mesmo modo que o primeiro, quando é homem de consciência, não abusa do segundo, também o espírito elevado não abusa do médium, pois o abuso sempre resulta em prejuízo daquele que o comete e do resultado a que se aspira. Somente o magnetizador imoral e o espírito obsessivo e retrasado abusam do seu instrumento.

O espírito de Marietta, que precisou tempo e o auxílio daqueles que nos

reuníamos em Zaragoza, para desenvolver o médium de escrita Suarez, precisa também tempo e o auxílio dos encarnados que colaboram na sua obra, para desenvolver todas as faculdades latentes e em verdade portentosas, da médium que é a sua predileta para se manifestar. Em Zaragoza tratava-se de uma só mediunidade, a psicográfica, pois foram de poucos resultados os esforços que em minha presença aquele elevado espírito fez para desenvolver outras mediunidades de Suarez, como seja a vidente, a auditiva, a falante, a desenhista, de todas as quais aquele médium apresentou-nos alguns fenômenos; em Madri trata-se de outras muitas mediunidades mais importantes do que a psicográfica ou de escrita, e eis aqui a razão de que geralmente as comunicações que recebemos de Marietta neste grupo, se bem são elevadíssimas sempre na essência, pois buscam e conseguem o nosso aprimoramento moral, que é o fim supremo da comunicação, em sua forma são acomodadas às condições peculiares da médium, no intuito de não a violentar.

Existe outra razão, a meu ver, muito poderosa: em Zaragoza o espírito propôs-se a chamar a atenção para o estudo do Espiritismo, dando uma obra mestra de literatura através de um médium não literato; em Madri, hoje, propôs-se, sem dúvida, ao mesmo fim pelo caminho dos grandes fenômenos. E isto se explica perfeitamente. Oito anos atrás, o Espiritismo alastrava-se na Europa por meio do livro e da mediunidade psicográfica e neste último terreno o elevadíssimo espírito de Marietta deu-nos, na pequena sociedade de Zaragoza, que depois mudou para Madri, o primeiro produto mediúnico que até agora foi obtido através da psicografia; atualmente o Espiritismo se alastra neste continente através da grande fenomenalidade, que conseguiu aquilo que não puderam obter todos os nossos livros e comunicações: chama a atenção dos sábios, na ciência experimental, para o estudo do Espiritismo, e eis aqui que nesse frutífero campo penetra hoje o nosso elevado espírito protetor, graças à médium que lhe serve de instrumento passivo.

Observe-se, após estas leves considerações, que o bom senso dos espíritas ilustrados e que sinceramente amam a doutrina, saberá ampliar; observe-se o valor das críticas que foram dirigidas ao grupo Marietta, baseadas no fato de que algumas comunicações orais não estavam vestidas com a roupagem poética que ostentava o espírito de Marietta no

seu livro.

A mencionada sociedade de Zaragoza, dirigida pelo espírito de Cervantes, era criticada e ridicularizada (pelos inimigos do Espiritismo) porque as comunicações, eminentemente instrutivas e morais daquele elevado espírito, não estavam na linguagem do seu conhecido “Dom Quixote”. Respondendo a aqueles críticos de broxa gorda, aquele espírito forneceu os seus famosos Conselhos, impressos por aquela sociedade e reproduzidos depois em algum livro. Que esses críticos os leiam e que os estudem minuciosamente, porque muito terão ali para aprender.

“Prestem atenção, diz o espírito, a tudo o que dizemos, e deixem de lado o estilo, que se o primeiro for bom, não importa muito se o outro é apenas sofrível; e se querem acompanhar a corrente destes tempos de pureza, que tantas vezes é corrompida, primeiro, como já disse, prestem atenção naquilo que falamos, e depois critiquem a linguagem se quiserem, pois ainda que ela não agrade, o que a nós importa é que a essência do que foi dito fique em vocês”.

“Se aparecem desejos de morder, que cada um morda a si mesmo, pois tem muito onde o fazer se quer corrigir seus defeitos, que infelizmente são abundantes”.

“Andem com muito cuidado quando criticarem as obras de outra imaginação, mesmo quando acharem que elas são pobres; porque já vi muitos críticos, dentre os muitos que estão de sobra, que por se meterem em funduras com as luzes apagadas, tropeçaram e caíram justamente naquilo que acreditavam alfinetar e morder com maior fúria, sendo que algum deles já saiu da empreitada com o nariz quebrado, por não usar dele para farejar o que é bom”.

“E para aqueles que afirmam que não escrevemos com o mesmo estilo que usávamos há tempos, falem também que, do mesmo modo que aí se diz: onde fores faze o que vires fazer, por aqui é costume dizermos: onde te chamarem fala como falarem, porque temos a grande faculdade de poder falar todas as línguas e de qualquer maneira que nos convier, mesmo que o pensamento conserve o seu estilo próprio”.

Que apliquem a si mesmos estes conselhos copiados aqueles que mais precisarem deles, e prestem atenção ao ensinamento que neles se encerra aqueles que criticam sem ter conhecimento.

Aqueles que vimos a grande médium do grupo Marietta dar comunicações escritas e orais, que pareciam capítulos arrancados do livro Marietta, aqueles que a vimos escrever corretamente em línguas estrangeiras que para ela eram completamente desconhecidas, aqueles que, em fim, apreciamos o esforço fluídico que era preciso para produzir tudo isso; não se surpreenderão se afirmamos a autenticidade das comunicações de Marietta, onde buscamos a essência, visto que a forma é um acidente necessário para distinguir as comunicações dos espíritos quando não existe outro meio de comprovação, e completamente desnecessário quando existem outros muito menos passíveis de erro. Um espírito obsessor, um espírito brincalhão, podem simular a linguagem e nos iludirem; enganação que não é cabível quando, como acontece no grupo Marietta, vários médiuns videntes, por exemplo, descrevem uniformemente o espírito que está ditando essa comunicação, e quando se lança mão, como nós lançamos, de todas as comprovações que cabem dentro do Espiritismo. Somente com essa evidência temos testemunhado e continuamos testemunhando a autenticidade das comunicações do espírito de Marietta. Se ainda assim, por causa da falibilidade humana, estivéssemos enganados, à parte de que o bom espírito não se compraz em enganar, sempre ficaria o ensinamento doutrinal e moral que brota a borbotões de todas as comunicações que temos recebido assinadas com o nome de Marietta.

Maior proveito poderiam ter tirado, para si e para o Espiritismo, aqueles que se adentraram, sem pensar, nas profundezas da crítica daquilo que não tinham estudado se em vez de se aventurarem a dizer o que um dia haveria de lhes causar vergonha e arrependimento, tivessem se dado ao trabalho de estudar as comunicações que o grupo Marietta coloca ao dispor de todos os bons irmãos quando aquelas são publicadas, como continuaremos fazendo conforme prometemos – porque a luz não foi feita para ser guardada debaixo do alqueire.

Mas, deixando de lado esses pobres seres, muito dignos de compaixão, continuarei o relato da notabilíssima sessão e considerações que surgem de cada um dos fenômenos presenciados, pois assim como a contemplação da natureza eleva insensivelmente a alma a regiões ideais e ao reconhecimento do Criador, assim a contemplação dos grandes

fenômenos espíritos desperta em nossa alma o ardente afã por conhecer, e a necessidade de amar, síntese superior das aspirações do Espiritismo, em cuja bandeira está escrito, como primeiro lema: A Deus pelo amor e a Ciência.

Enquanto o Espírito diretor falava conosco, chamou a nossa atenção um clarão que iluminava o quarto. O Espírito deixou de falar para podermos prestar atenção nos fenômenos que íamos presenciar. Aquela claridade, que partia do quadro de Estrela colocado no gabinete, era procedente de uma estrela luminosa, de seis raios, formando uma circunferência como de um decímetro de diâmetro. Sustentada por uma espécie de fantasma negro, de forma vaga ou indeterminada, a estrela avançou até situar-se na frente do espelho do gabinete, diante da nossa mesa. Projetava luz suficiente para distinguir claramente todos os objetos do quarto, e para que pudéssemos nos ver todos os presentes uns aos outros, cada um ocupando seu respectivo assento. No gabinete destacavam-se várias formas brancas, que sem fazer qualquer movimento de translação, apareciam e desapareciam das nossas vistas. A intensidade da luz da estrela, que rapidamente ficou oculta para nós depois de alguns minutos, era variável. Os três ou quatro indivíduos videntes que, além daquela que servia para a produção das manifestações, assistiam a esta sessão, distinguiram claramente os espíritos que se apresentavam sob aquelas formas, e continuavam enxergando-os quando nós, que não possuímos a mediunidade vidente, não os enxergávamos mais.

A seguir, e como se os espíritos quisessem que apreciássemos melhor os fenômenos que acabávamos de presenciar, foi-nos oferecido outro da mesma índole, porém muito mais notável.

Surgiu no gabinete, a uma distância de pouco mais ou menos quatro metros do lugar onde eu estava sentado, um ponto luminoso que foi se estendendo rapidamente e crescendo em intensidade até iluminar por

completo, um vulto que ao parecer era semi-fluídico, semi-material. É muito difícil descrever aquilo que não pode ser comparado com nada, porém tentarei dar ideia da extraordinária aparição que durante cerca de meio quarto de hora, aproximadamente, tivemos diante dos nossos olhos na sessão que estou relatando.

Uma cabeça humana, de tamanho natural, coberta com um capuz preto que deixava entrever confusamente um rosto, não bem modelado ao parecer; o capuz terminava em uma curta pelerine, e debaixo desta, como arrancando do colo de tão estranha figura, uma roupagem branca, espécie de gaze espessa, caindo em pregas até o chão. No lugar correspondente à região cardíaca daquele vulto, que tinha a estatura de um homem alto, estava o foco luminoso que tínhamos visto aparecer e crescer em intensidade, até iluminar claramente o gabinete e encher de luz a sala onde nós estávamos. Dentro daquela roupagem podiam entrever-se dois braços soltos, pois não existia tronco material de onde nascessem; tronco que, se não fosse fluídico como realmente era, teria projetado alguma sombra na roupagem fluídica, como os braços projetavam.

No entanto, o vulto apresentava-se a nós ora de frente, de um ou de outro lado, ou de costas, e sempre podíamos ver o foco luminoso no centro daquela espécie de farol vivente. Assim era a aparição, da qual só vendo é possível se formar noção exata.

Conheço tudo aquilo que de mais notável em matéria de fenomenalidade espírita tem se apresentado nos centros espíritas de pesquisa e nos círculos familiares que publicaram seus resultados, pela leitura que de há muitos anos atrás tenho feito dos principais jornais espíritas que são publicados na Europa e na América; conheço tudo o que relatam as obras espíritas mais importantes até hoje publicadas e tenho conhecimento dos inúmeros fenômenos relatados pelo mestre Allan Kardec, em suas obras fundamentais e na sua revista, que me são familiares porque diariamente estou com elas nas mãos; e, no entanto, nada encontrei em todas essas fontes, nem na minha experiência espírita de dez anos, ou nos estudos teóricos que há dezoito anos estou realizando sobre Espiritismo; nada encontrei, repito, igual ao fenômeno do qual estou me ocupando.

Nada como ele me deu cabal noção do poder dos espíritos, do seu domínio da matéria, e da facilidade com que eles condensam e fluidificam

a matéria, clave da fenomenalidade física.

O foco luminoso que ocupava o centro do vulto, cuja roupagem ou veste vinha a ser semelhante à do retrato que possuímos do Beato Simon de Rojas, pois ele era quem se manifestava a nós naquela aparição, segundo os médiuns disseram, e o mesmo espírito confirmou com sinais afirmativos; aquele foco luminoso mudava de lugar, ao parecer automaticamente, e respondia com movimentos compreensíveis as nossas perguntas, umas orais, mentais outras.

Aquela luz permitia-nos enxergar sob as gazes a roupagem fluídica, e ora um ora outro braço, verdadeiramente isolado no espaço, por vezes braços completamente materiais, segundo a sua opacidade, e outras vezes fluídicos, a julgar pela sua transparência. Esses braços apresentavam-se ora de tamanho natural, ora excessivamente grossos, ora em esqueleto, e tudo isto acontecia sem que o foco luminoso mudasse de lugar; então, o que estávamos vendo não era um mero fenômeno de ótica, e sim a solidificação e a fluidificação de um corpo material que, quando estava em estado sólido imprimia movimento à roupagem, cujas pregas delatavam o contacto de um corpo duro. A mão tomava também diversas formas, em certos momentos aparecia completamente separada do antebraço, e este também do braço, do mesmo modo que o membro todo estava separado do tronco. A mão girava em círculos, como se todos os ossos do corpo tivessem desaparecido.

Aconteceu outro fenômeno mais surpreendente; várias vezes um e outro braço, como se de repente alguém os tivesse afastado do seu ponto de sustentação, caíram ao chão com a velocidade de um corpo pesado, velocidade que não diminuía, apesar de no trajeto irem se fluidificando, segundo a transparência que sucessivamente adquiriam nos fazia conhecer, até que pouco antes de chegar ao lugar correspondente aos pés do vulto, já estavam eterizados por completo, confundindo-se a primitiva massa com a claridade interior do vulto. O nosso ouvido atento não percebia o menor ruído, apesar de que a vista nos fazia perceber o roçar dos braços (ora se apresentando pela face interna, ora pela face externa) com a roupagem.

O vulto tinha ido se adiantando sem que ao parecer fizesse movimento algum, até chegar a três metros de distância do meu lugar, onde

aconteceram todos os maravilhosos fenômenos descritos.

Os dois médicos que assistiam a esta sessão admiraram, como era natural pelos seus conhecimentos anatômicos, mais do que os outros circunstantes os fenômenos relatados, testemunhando que nenhum ser humano era capaz de executar os movimentos do braço e da mão que tinham visto. E não existe observador algum capaz de atribuir à simulação tudo o que relatei. O mais suspicaz teria de rejeitar toda dúvida. Enquanto aconteciam esses fenômenos, a sala estava iluminada pelo foco luminoso no interior do vulto, sendo que todos os presentes podíamos nos ver; as portas estavam fechadas à chave, que permanecia na fechadura, o qual impossibilitava que fossem abertas pelo lado de fora; nenhum dos circunstantes podia fazer movimento algum, porque tudo se passava à plena luz, e se algum malicioso pretender que durante o tempo de sessão no escuro alguém poderia ter se levantado para abrir a porta e facilitar a entrada para alguma pessoa, - visto que nesta sessão as portas não estavam lacradas, pois para nós essa precaução é inútil - poderei objetar que seria preciso ter ensurdecido todos nós, para não ouvirmos o barulho da chave, ruído que não predominou sobre nenhum outro, pois na primeira parte da sessão, mesmo sendo ouvidas muitas e diversas pancadas, nenhuma foi muito forte.

Além disso, somente existem duas portas de comunicação ou entrada, a porta da sala ou escritório e a de saída do gabinete; para se abrir a primeira, por efeito do úmido inverno atual, são necessários grandes esforços e um barulho estrepitoso, e quanto à segunda, ficando interceptada a passagem para o gabinete, não existia meio algum de se passar para ele sem pular por cima de alguma das duas mesas do escritório, cheias de papéis e dos consequentes objetos de escritório, com os quais era forçoso tropeçar.

Quero conceder, no entanto, que por artes espíricas, por assim dizer, visto que por artes humanas era impossível, uma porta se abrisse daquelas que nos separavam do resto do quarto; somente poderia ser para dar entrada a alguma das únicas pessoas que além de nós assistentes à sessão,

estavam naquela casa, sem que ninguém pudesse entrar ninguém do exterior que não fosse percebido por nós, porque a porta da escada, que não pode ser aberta sem fazer barulho, fica contígua à porta da sala.

Em todo caso, teria entrado, para simular o indissimulável, uma das duas meninas, o menino ou a babá; porém as duas primeiras estavam dormindo com um sono muito profundo (graças ao qual foi produzido o fenômeno que depois relatarei) e o menino estava brincando com a babá, segundo soubemos por testemunho unânime das quatro pessoas a que perguntamos, como depois se dirá, quando a sessão terminou.

Mas prescindindo de tudo isso e de que existe muita palidez no meu relato, ao lado da realidade dos fatos, é absolutamente impossível para o homem produzir o que acabei de narrar, razão pela qual devem ser atribuídos a forças extra-humanas, até mesmo pela pessoa mais incrédula. O espírita reconhece facilmente a causa real e verdadeira: a ação dos espíritos.

As manifestações análogas àquelas da primeira parte da sessão continuaram, sendo mais intensos os ruídos, que depois pararam.

Por indicação do Espírito diretor ficamos alguns instantes em recolhimento, e repetimos mentalmente a evocação, pedindo o auxílio de Deus e dos nossos protetores, com oração mental também, para que nos fosse permitido obter a materialização.

A eficácia da oração é incontestável no terreno moral; por isso, em uma ou em outra forma, ela foi consagrada por todas as crenças religiosas. O espiritismo veio provar, pela razão e pela experiência, que a oração é eficaz até em outro terreno mais tangível do que o puramente moral: na produção dos fenômenos espíritas, isto é, nas relações do mundo dos espíritos com o nosso, que nos têm permitido descobrir algumas das leis fluídicas onde encontramos explicação para o poder do pensamento, e da oração, que nada mais é do que “um pensamento dirigido a um objeto determinado”.

Bem entendido, é claro, que estou me referindo à oração verdadeira, à prece do coração, e não ao rezo pronunciado inconscientemente pelos

lábios.

Muitas pessoas acreditam, erroneamente, que a palavra oração não envolve nada mais do que a noção de súplica ou pedido. Representa bem mais, como diz Allan Kardec. No que diz respeito à Divindade, é um ato de adoração, de humildade e de submissão manifestado por quem ora; e no que diz respeito aos espíritos, que são apenas as almas dos nossos irmãos, a oração é uma identificação de pensamentos, um testemunho de simpatia; aqueles que estão sofrendo clamam por ela com insistência, o qual é a prova de que estão precisando dela.

Mas além da ação puramente moral, a oração produz efeitos de certo modo materiais, resultado da transmissão fluídica. A sua eficácia em certas doenças foi demonstrada pela teoria e testemunhada pela experiência; o seu influxo poderoso para a produção de fenômenos espíritas é reconhecido por todos aqueles que se aprofundaram nestas pesquisas.

Suprimir a oração é retirar ao homem seu mais poderoso apoio nas grandes adversidades. Depois de orar, o fraco sente-se forte, o triste sente-se consolado. É que a oração eleva a alma, fazendo o homem entrar em comunhão com Deus, identificando-o com o mundo espiritual, desmaterializando-o, em suma, quando ele dirige ao céu os pensamentos antes apegados a coisas materiais.

Se alguém que acredita em manifestações espíritas rejeitar a oração, sua doutrina não é do Espiritismo, porque ele ensina o contrário.

Assim, nas reuniões espíritas a oração é indispensável, não para transformá-las em assembléias religiosas, mas para predispor ao recolhimento, à seriedade, ao desejo de fazer o bem, e para provocar a harmonia de vontades e de fluidos, unificando os pensamentos em uma ideia comum, expressada na mesma oração. Se isto é necessário para se obterem comunicações boas, muito mais para conseguir certos fenômenos. Eis aí porque nas sessões onde existem elementos para se obterem grandes manifestações, o canto e a música são usados, para elevar também a alma, unificar as vontades e facilitar a emissão de fluidos, que darão lugar às criações fluídicas.

Sendo que os fluidos são o veículo do pensamento, este atua sobre aqueles como o som sobre o ar. Disso tive demonstração nas repetidas

experiências de telegrafia humana, ou melhor, telegrafia psíquica, realizadas entre Barcelona e Madri; lá, sob a direção do ilustrado espírita Sr. José Maria Fernández, auxiliado por diferentes médiuns e sonâmbulos; aqui, sob a minha direção, com numerosas provas, não tanto para testemunhar o fenômeno (cuja realidade ficou demonstrada com as primeiras perguntas realizadas em Madri e respondidas instantaneamente de Barcelona e vice-versa), como para comprovar a teoria e descobrir alguma nova lei dentre aquelas que regem estes importantíssimos fenômenos, muito pouco estudados até agora, do ponto de vista científico. Esta pesquisa leva à conclusão de que nos fluidos existem ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, com um papel análogo aos das ondas sonoras e os raios luminosos, e que o organismo humano e o ser espiritual formam uma espécie de pilha onde o pensamento não somente é refletido como também cria imagens fluídicas, auxiliando-se do invólucro periespiritual como de um espelho. Do mesmo jeito que são reproduzidas as imagens, da mesma ou parecida maneira que no fenômeno da miragem, umas vezes com ilusões e outras com criações reais. A fotografia espírita e a telegrafia do pensamento confirmam a nossa teoria com o fato irrefutável, estabelecendo um princípio que deverá ser bem fecundo em conseqüências, e que, em um dia não muito longe talvez se explique simplesmente pela ação direta do homem sobre as coisas e também sobre as pessoas que o cercam, e pela influência dos espíritos com a atuação da vontade e do fluido.

Estabelecidas estas premissas, não é possível se duvidar do mecanismo imenso que o pensamento põe em jogo, e dos efeitos produzidos de um para outro indivíduo, de um para outro grupo de seres, e, em fim, da ação universal dos pensamentos dos homens que podem determinar uma poderosíssima vontade atuando harmonicamente para atingir um fim único: o progresso universal.

Agora, assim como a menor densidade dos corpos representa uma maior força de expansão, assim no mundo espiritual à maior depuração corresponde maior irradiação e por tanto atividade e potência maiores. A oração contribui moral e materialmente para este efeito; observe-se por que com a oração nós ficamos predispostos para conseguir o grandioso fenômeno da materialização; e observe-se também por que quando damos

a ela tanta importância não obedecemos a uma ideia pré-concebida, mas estamos falando em virtude do que a observação e a experiência têm nos ensinado.

E observe que quase tudo está por explorar nesse imenso campo onde só percebemos vultos confusos; o estudo dos detalhes será a consequência de um conhecimento mais completo das leis que regem a ação dos fluidos.

Talvez estes enunciados provoquem o sorriso em aqueles que recusam admitir tudo aquilo que não cai logo sob os sentidos materiais. Mas as caçoadas dos presunçosos, o que importam? Com Allan Kardec podemos dizer “Todas as suas negações não impedirão as leis naturais de seguir seu curso e que novas explicações sejam encontradas, à medida que a inteligência chegar ao estado de sentir e apreciar os efeitos”.

Sem quebrar a corrente magnética, acendi a luz da lâmpada que estava em cima da mesa, o espírito incorporado na médium despede-se de nós, para tentar se manifestar em uma forma mais surpreendente; então a médium caiu em êxtase, isto é, no estado que os ingleses designam graficamente com a palavra transe, espécie de êxtase, ou melhor, letargia peculiar onde permanecem os médiuns de efeitos físicos durante certas manifestações, principalmente enquanto não é produzida a materialização do espírito.

Segundo aquilo que a ciência espírita nos tem ensinado, para este fenômeno a força fluídica da médium fica concentrada no coração; por isso nos médiuns que não possuem a potência fluídica suficiente para a materialização se produzir a certa distância deles, ela começa a se formar saindo uma espécie de nuvem branca do lado esquerdo do médium, e aos poucos vai se condensando o vulto, que mesmo se afastando, está sempre unido ao médium por um cordão fluídico que os sonâmbulos e os médiuns videntes enxergam. Quando existe suficiente força no médium, basta ele dirigir o cordão fluídico para o gabinete escuro onde sempre é formada a materialização, por muito que depois possa se exhibir à plena luz artificial, e algumas vezes, à luz do dia. Isto é rudimentar em matéria de Espiritismo fenomenal.

Por essa razão, ao se tentar produzir a materialização nas nossas sessões, a médium é colocada dando seu lado esquerdo à frente para o gabinete. Os médiuns videntes e os sonâmbulos presentes acusam logo a existência do dito cordão fluídico, e qualquer um, mesmo não tendo aquelas faculdades, pode apreciar o fenômeno fisiológico, somente examinando o pulso do médium agente da manifestação. Nós fizemos isto muitas vezes, quero dizer, um dos médicos que pertencem ao nosso grupo; e as observações dele foram comprovadas por mim, nesta sessão. Antes de começar o fenômeno, mas já com a médium em êxtase ou transe, seu pulso que antes era regular adquiriu lentidão e grande força ao mesmo tempo, acusando desordem nas funções do coração; as contrações dos músculos da face e a tendência da médium a levar a sua mão esquerda para a região cardíaca (mão que eu segurava com a minha direita, com o dedo polegar sobre seu pulso para apreciar as variações anormais), indicavam que ela sentia dor no coração, sensivelmente afetado segundo acusava a pulsação, que ia diminuindo à medida que as emissões fluídicas ficavam maiores, chegando até, em certos momentos, a deixar de ser percebida.

O excesso de emissão de fluido, que causa às vezes grande abatimento físico, é notado no fim da sessão, quando, com os médiuns já acordados e fora da influência dos espíritos que lhes dão vigor com seu fluído periespiritual, seu pulso é tomado, como foi feito com a médium na sessão que relato, pelos dois médicos presentes, que perceberam o pulso dela como o de uma criança.

A materialização demorou um pouco mais para se apresentar do que é costume acontecer nas nossas sessões; sem dúvida, a duração e intensidade das anteriores manifestações deixaram a médium com as forças fluídicas enfraquecidas, presa de algumas convulsões que eu não podia acalmar como em outras vezes, apesar da grande quantidade de fluido que mandava a ela com a vontade. E aqui devo fazer notar que possuo um grande domínio magnético sobre a médium, para fazê-la cair instantaneamente no sono sonambúlico; e que nas experiências desse tipo que durante os estudos do grupo Marietta eu tive ocasião de realizar, registro o caso de ter conseguido fazer que em poucos minutos ela reagisse, provocando nela suor copioso, sem nada mais do que o fluido

mandado com a minha vontade e uma leve imposição da minha mão direita, fazendo-a voltar de um acidente quando já estava com um frio cadavérico.

A cortina, que estava baixa, começou finalmente a ondular, e foi se afastando aos poucos, para nos apresentar a materialização de Marietta; porém seu visível esforço fluídico e também o nosso não puderam impedir que a cortina tornasse a cair, coisa nunca antes acontecida nas nossas sessões; é verdade que nunca a médium tinha chegado tão cansada ao momento da materialização como nesse dia, porque nunca aconteceram nas nossas sessões tantos e tão variados e intensos fenômenos como esses da sessão que relato.

Os médiuns videntes falaram que viram o cordão fluídico quebrar, e eu percebi uma sensível variação no pulso da médium, que sofreu algumas convulsões. O ser físico dela estava, sem nenhuma dúvida, sob uma impressão dolorosa.

Todos nós procuramos concentrar o nosso fluido e mandar todo o possível para a médium, cuja excitação se acalmou um tanto. Os médiuns videntes falaram que já ficara restabelecido o cordão fluídico. Então a cortina começou a se afastar pausadamente, sem estar sendo tocada por nenhum ser visível.

No limiar da porta do gabinete, isto é, a uns dois metros de distância daqueles que estavam mais próximos, a materialização de Marietta apareceu, produto do laboratório do mundo espiritual, e sua paulatina formação foi o trabalho de dezesseis meses, sem ainda estar acabado aquele que podemos chamar de período genesíaco, pois ainda não chegou ao completo desenvolvimento aquele vulto, material e vivente enquanto está em nossa presença.

Este fenômeno, bem comum nos Estados Unidos da América, berço do Espiritismo moderno, e onde maior extensão alcançou a nossa racional e consoladora crença, e por tanto maior progresso teve a fenomenalidade espírita; este fenômeno, para cuja trabalhosa produção é indispensável o auxílio de uma mediunidade peculiar e de extraordinária potência, e que mais do que nenhuma outra precisa de tempo para seu desenvolvimento, quase desconhecida na Europa, fora da Inglaterra, única nação européia onde até faz pouco se apresentavam as grandes mediunidades de efeitos

físicos que produzem esse fenômeno, e às quais são devidos os importantíssimos estudos experimentais que os sábios Wallace, Varley, Perty, Crookes e Zollner na Europa; Hare, Buchanan, Diaper, Halloek, Denton Puebles, Beecher e outros na América; estudos que assinalam o começo do verdadeiro período científico do Espiritismo, onde não poderia ter entrado sem o auxílio das grandes mediunidades que hoje são a alavanca da nossa propaganda, e que providencialmente aparecem em tempo, lugar e circunstâncias oportunas.

O Espírito cumprimentou-nos com voz clara e movimento quase imperceptível dos lábios, falando em correto italiano: buona notte, figli miei. Seu rosto é reprodução fiel do retrato mediúnico que sete ou oito anos atrás forneceu ao médium Suarez, em desenho a lápis, e que um pintor influído pelo mesmo espírito passou para a tela. Seu aspecto geral lembra a bela e lacônica descrição que do seu corpo, na encarnação de Nápoles e quando estavam com dezesseis anos, faz o espírito no primeiro capítulo de Páginas de duas existências: “De elevada estatura até o ponto de, como as flores de haste alto, era levemente inclinada para a frente; loira e de dourados cabelos que descansavam sobre os seus ombros em longos cachos; de passo majestoso e pé miúdo, que quase não se percebia sob as franjas do meu vestido azul, como fugindo da minha própria admiração; olhar profundo, como ocultando um mistério: a minha beleza, pois que a tinha, era estranha na terra da Itália: beleza velada pela tristeza lânguida e tranquila”. – Assim era a aparição tangível que surgia às nossas vistas, com uma só diferença: ao vestido azul substituíra o de brancas e finíssimas gazes, com o qual costumeiramente apresentam-se os espíritos materializados, sem dúvida porque para eles é mais fácil solidificar e fluidificar esse tecido. Desconhecemos ainda as leis a que o fenômeno obedece, e somente podemos registrar fatos e aventurar hipóteses racionais.

Suspensa de uma fita de seda azul, como aparece no retrato de Marietta, pendia-lhe do colo uma cruz dourada, descansando no peito alabastrino.

O primeiro movimento feito por Marietta foi mandar fluido para a

médium, dirigindo a ela alguns passes magnéticos e seu olhar, e indicando-nos por sinais, dirigidos a mim em especial, que enviasse à médium o meu fluido.

A materialização nunca como naquele dia se apresentara a nós tão desenvolvida; até os olhos, que sempre apresentavam imóveis, tinham o brilho e a animação da vida. Poderia dizer-se que o espírito associava-se ao imenso júbilo de que todos nós estávamos possuídos, diante das portentosas provas da realidade da vida de além túmulo que estávamos recebendo nesta memorável sessão.

Incontestavelmente, aquele elevado espírito e os outros que formam a falange de protetores do grupo Marietta tomavam parte no nosso regozijo, sendo que eles foram os primeiros a contribuir para ele, e entre eles contavam-se, sem dúvida, os nossos anjos guardiães, esses seres que, como diz uma notável comunicação publicada por Allan Kardec, (O Livro dos Espíritos, capítulo IX) estão sempre ao nosso lado para nos aconselhar, fortalecer e ajudar a caminhar pela trilha do bem; seres que são amigos mais firmes e leais do que os mais íntimos que podemos ter na Terra; seres que, por ordem de Deus, e por amor a Ele estão ao nosso lado, cumprindo uma missão bela, porém penosa; que não se afastam de nós, mesmo quando não podemos enxergá-los, mas nós sentimos seus impulsos em nossa alma e a nossa consciência escuta seus sábios conselhos.

Sim; sem dúvida alguma estavam do nosso lado e participavam no nosso regozijo esses espíritos familiares que tanto influem na nossa alma; temos essa certeza, porque eles eram descritos pelos médiuns videntes, e os próprios espíritos deram, a cada um de nós, provas pessoais corroborando com esse irrefutável fato a grande e sublime doutrina espírita, que afirma a lei de solidificação universal, não como simples conceito ideal, e sim como um fato que sentimos e tocamos na comunicação com os espíritos, realizada a través do imenso veículo do fluido universal, que relaciona seres e mundos na Criação infinita, e representa plasticamente, por assim dizer, a presença de Deus em toda a parte.

Marietta adiantou-se com passo majestoso, e deu uma belíssima camélia que trazia na mão para a médium, a qual para poder pegá-la, alongou automaticamente o braço, que eu segurei.

O espírito retirou-se para a porta do gabinete, sem nos dar as costas, e dali a pouco na sua mão direita apareceram doze belíssimos cravos de cores variadas. Adiantou-se de novo e passando aquele buquê para a mão esquerda, tomou com a direita um dos cravos, fazendo sinais para que eu o pegasse. Assim fiz, colocando-me em pé e conservando a corrente magnética com a mão esquerda. Ao me dar a flor, o espírito materializado apertou fortemente a minha mão com seus dedos; eu também apertei os seus, percebendo sob a luva branca com que a materialização se apresenta, a solidez da mão, que segundo me pareceu, não tinha o calor natural humano.

Sucessivamente, e por ordem de antiguidade no grupo, cada um dos dez irmãos que assistiam a esta sessão foram se levantando, e depois também as duas pessoas que não faziam parte do grupo, sendo a corrente conservada por aqueles que permaneciam sentados, e sem que aqueles que se levantavam deixassem o contacto com eles. Cada um recebeu a sua flor correspondente, e o aperto de mão para poder testemunhar a realidade do ser momentaneamente vivente de quem recebia aquele inestimável obséquio. A grata emoção por todos nós sentida, naquele instante, não há como descrever; quase não podia ser expressa pelo lábio, mas transbordava no coração.

Outro gênero de emoção nos esperava a seguir. O espírito retornou para a entrada do gabinete, e girando um pouco deixou ver ao seu lado o corpo periespiritual da menina Visitação, filha caçula da médium; quase ao mesmo tempo, e da mesma maneira, enxergamos a sua filha mais velha; as duas, quando a sessão começou, tinham ficado nos quartos interiores, com o menino e a babá. Não tendo, alguns dos circunstantes, reparado direito na aparição da segunda, ela tornou a se apresentar, como para podermos nos certificar do duplo fenômeno notabilíssimo de bi corporeidade ou duplicidade, que foi acompanhado pelo grito unânime de

espanto de todos nós.

Mesmo que por breves instantes, e ao mesmo tempo em que o espírito materializado, as duas meninas ficaram diante dos nossos olhos, e com toda certeza nós sabíamos naquela hora estarem na sala de jantar. Eram elas mesmas, pela sua roupa, pelos seus movimentos, pelo seu rosto. Mesmo que nestas desse para percebermos claramente essa falta de expressão que caracteriza o sono, no entanto elas se movimentavam, e estavam de olhos abertos, dois seres reais à nossa frente. Se bem para comprovarmos o fenômeno de bi corporeidade era suficiente a nossa completa certeza de que nenhum ser corpóreo material, nenhum encarnado penetrara nos aposentos onde estávamos celebrando a sessão, quando esta terminou entramos na sala de jantar, e lá, imersas em profundo sono, encontramos as duas meninas, cujo corpo fluídico ou periespiritual tinha sido transportado para o gabinete, graças à faculdade da alma de se emancipar e à faculdade de condensação, bases do fenômeno que acabávamos de presenciar, produzido pelos espíritos, com o necessário auxílio de um médium de poderosas faculdades, e aproveitando o estado de sono, senão provocado, mantido pelos espíritos, para que o perispírito daquelas duas pessoas fosse transportado para o gabinete e ali se condensasse, tomando a total aparência daqueles cujo corpo material encontrava-se a bastante distância.

Custou certo esforço acordar as meninas, sendo necessário dar-lhes alguns passes magnéticos. Não conservavam reminiscência alguma daquilo que seu espírito e seu perispírito contribuíram a operar. Tanto elas como o menino e a babá, confirmaram a nossa certeza de que não saíram da sala onde as deixáramos quando a sessão começou.

Outro fenômeno notabilíssimo.

O espírito materializado levou suas mãos à fita azul que ostentava ao colo com a cruz dourada, e como se essa fita se multiplicasse, desprende dela um pedaço de trinta centímetros de comprimento (tinha um e meio de largo) que tomei da sua mão e coloquei em cima da mesa. (Conservamos esse pedaço de fita).

Como se não bastassem essas maravilhas operadas às nossas vistas, demonstração prática da teoria espírita que nos foi legada por Allan Kardec, o espírito pegou uma das gazes que o envolviam, rasgando-a e tornando a recompô-la, e separando um grande pedaço que caiu no chão, através de sinais ofereceu nos dar um bocadinho dele.

Dei a ele o lápis, e dirigindo-se à minha mesa de escritório, pegou nela um pedacinho de papel de cartas fazendo-nos ver que estava em branco, e sobre ele escreveu o belíssimo pensamento ditado em Zaragoza para o cabeçalho do prefácio do livro Páginas de duas existências, prefácio suprimido na edição feita em Madri, o qual pensamento, com leve variação em sua forma, foi reproduzido no final da introdução escrita para a primeira parte do livro impresso aqui.

“As virtudes ocultas são como as estrelas inacessíveis; vocês não podem vê-las, mas nem por isso elas deixam de brilhar. – Marietta”.

Depois disso, voltou para o gabinete, de onde mandou fluido para a médium, que estava convulsa e com pulso quase imperceptível. Por alguns momentos foi dada toda a intensidade da lâmpada, com o fim de podermos apreciar a materialização em todos os seus detalhes, e com leve sorriso, manifestado na contração dos músculos do rosto, por cima dos pômulos, despediu-se de nós, dizendo: Addio.

O pedaço de gaze que tínhamos visto cair no chão, ainda que desprendido completamente, seguiu o espírito na sua retirada para o gabinete.

A materialização permaneceu visível para nós durante vinte e sete minutos, desaparecendo atrás da cortina, que caiu automaticamente.

Depois de um bom tempo com grande fadiga, a médium voltou a si, extraordinariamente abatida e sem saber onde estava. O espírito tornou a se apossar dela, e ela então mudou absolutamente de fisionomia.

Tendo apagado a luz, continuou a sessão, comentando os notabilíssimos fenômenos que acabávamos de presenciar e ouvindo as instrutivas indicações que sobre eles o espírito nos dava. Depois as manifestações ruidosas começaram, com bastantes pancadas em diferentes pontos da sala e do gabinete; com a campainha, a caixa de música e grande quantidade de luzulas e mãos materializadas que tocavam em vários dos circunstantes.

O relato de tantos e tantos detalhes seria interminável. Baste dizer que todos nós, em maior ou menor escala, recebemos pessoalmente provas patentes de terem estado ao nosso lado os espíritos familiares.

Das provas de convicção que tocam a cada um, só cada um pode responder, então vou registrar apenas algumas que são a mim referidas.

Respondendo o meu pedido mental de me tocarem com a caixa de música, ela foi colocada pelos espíritos no meu ombro direito. Nesta sessão aconteceram vários desses fenômenos de transmissão de pensamento de encarnado ou desencarnado.

Em uma das duas sessões anteriores os espíritos familiares pegaram a chave que estava dentro da gaveta da minha mesa de escritório, batendo em mim de leve com ela algumas vezes, e a fizeram desaparecer. Pedi a eles várias vezes para me darem a chave, porém eles não a devolveram. Nesta sessão falei para os amigos invisíveis que faziam brincadeiras comigo: ¿Querem fazer o favor de me devolver a minha chave? E uma voz às minhas costas respondeu: Não. Essa palavra foi ouvida pelas pessoas que estavam mais perto de mim, e foi dita com um tom de caçoada que excitou vivamente a nossa hilaridade.

Por alguns momentos essas brincadeiras foram generalizadas, corroborando a doutrina exposta por Kardec sobre os espíritos familiares e brincalhões.

Tive então a ideia de dizer, recordando que a malevolência de certos mal chamados espíritas supôs que a materialização real de Marietta, que se apresenta nas nossas sessões, era uma cena de farsa representada por uma das filhas da médium, que acabávamos de ver (em corpo periespiritual, porém verdadeiro em aparência), ao mesmo tempo em que o espírito materializado; tive a ideia, repito, de dizer: Pobre Marietta! Aqueles que antes imaginavam que era representada em indigna e inverossímil farsa pela filha da médium, agora não tinham outro recurso a não ser dizer que quem representava Marietta era – a cozinheira! A única mulher em casa naquela hora. Mal pronunciei estas ou parecidas palavras, soaram, à maneira de estrepitosos aplausos, repetidas e fortes pancadas em todas as mesas e estantes de livros.

Outro detalhe importantíssimo. Os médiuns videntes disseram que ao lado do Sr. Couillaut sentado perto de mim, estava o espírito de sua mãe, a qual forneceu a ele várias provas de sua presença e identidade. Ele pediu ao espírito para fazer o favor de dizer qual era o nome carinhoso que esse espírito, quando encarnado, chamava à esposa dele; dali a pouco escutei uma voz clara, sem que pudesse determinar a procedência, que disse: “Petit”, em correto francês.

Com efeito, aquele era o nome, que nenhum de nós conhecia, exceto Couillaut. Julgue-se de seu espanto e contentamento por tão inequívoca prova; e note-se que somente eu escutei aquele nome, não ao ouvido, mas como se fosse pronunciado à distância e com força bastante para ser ouvido por todos.

Essas manifestações prolongaram-se um bocado. Depois caiu sobre nós, por três ou quatro vezes, com pequenos intervalos, uma chuva de docinhos e flores, fazendo um barulho que era ouvido por nós como sendo no ar, à altura do teto.

Por indicação do espírito diretor ficamos um tempo em oração mental pelos nossos inimigos: encarnados ou desencarnados, e por certos espíritos em sofrimento que precisavam de oração. Depois, o espírito disse: Orai por um espírito que desencarnou faz poucas horas! Tendo notícia de que um tio da médium estava gravemente enfermo, perguntamos se era ele, e responderam que sim e que nesta mesma noite seria recebido um telegrama com a notícia; que preparássemos a médium, quando estivesse acordada, para recebê-la, porque ficaria abalada.

Esse notável fenômeno foi logo comprovado. Eis aqui o telegrama recebido:

“Zaragoza, 9, 8h15min tarde. – Madri 9, 12h noite. – M. S. – Almagro, 8, sobreloja. – Titio expirou às seis e meia. – L.”

Fatos dessa natureza são bem frequentes no Espiritismo, principalmente quando os espíritos querem e podem nos dar essas irrecusáveis provas; porém eles estão sempre sujeitos à lei da sua produção, que explica a nossa racional doutrina, dentro da ordem dos fatos naturais.

O espírito que nos deu a notícia às onze horas da noite sabia, sem dúvida, pelos seus próprios meios naturais de conhecimento, que o telegrama fora cursado em Zaragoza três horas antes, anunciando o desencarne acontecido às seis e meia da tarde talvez em presença desse mesmo espírito, ou de outros que entre nós estavam e foram parentes, na última encarnação, daquele defunto, ou seja, do recém-nascido para a vida espiritual. Vista a existência ou imortalidade do espírito, vista a faculdade de translação pelo pensamento que ele possui, e dada a relação entre as almas daqueles que vivem e daqueles que já morreram, todas elas verdades plenamente comprovadas pelo Espiritismo, aquele ao parecer sobrenatural fato entra na categoria dos fenômenos naturais. É verdade que estes fenômenos não são oferecidos a cada passo e menos ainda para satisfazer uma curiosidade, mas eles se apresentam mais amiúde do que acreditamos, e é incomum não serem verdadeiras essas notícias dos espíritos, quando são dadas espontaneamente por eles. Também é verdade que em muitas ocasiões o pesquisador, o espírita pouco experiente e acima de tudo o curioso que desconhece a doutrina, ficam burlados; porém nestes casos, o médium opera obsedado, ou então os pesquisadores deixaram-se surpreender por um espírito brincalhão e atrasado. Estas nossas afirmações, que são do Espiritismo, não são levadas a sério por aqueles que não se aprofundaram na nossa doutrina nem penetraram no imenso e pouco explorado campo experimental, mas não importa o riso e a caçoada de hoje, aí está o fato e a doutrina espírita, a prova irrecusável e o raciocínio inconcusso; eles seguirão seu caminho, levando aos poucos a convicção à maioria que não acredita, e àqueles que, sem negarem o fundamento de certos fatos, desprezam os de índole análoga a alguns dos relatados, aventurando afirmações opostas ao ensinado pela doutrina compilada por Allan Kardec, e ao que diariamente mostra a fenomenalidade espírita. Dentro dela existem muitos pontos para se estudar, para desentranhar, mesmo o mais insignificante dos fatos, o menor incidente espírita que surge ali onde com propósito científico e principalmente moral, os espíritos são evocados. Não por não sabermos apreciá-lo deixará de ser grande aquilo que às vezes bem pequeno nos parece. Quem será capaz de assinalar o alcance das obras da Providência?

Como se esta sessão de encerramento da primeira série das experimentais do grupo Marietta fosse oferecida a nós em uma espécie de sessão enciclopédica ou então sintética de tudo o que a fenomenalidade espírita pode oferecer à nossa pesquisa hoje em dia, tivemos ocasião de testemunhar em certos momentos a presença dos espíritos retrasados e bagunceiros, que sempre comparecem lá onde existem médiuns e onde fenômenos são produzidos. Porém, a evocação e o auxílio dos espíritos superiores, e a oração pelos inferiores ou retrasados que tentam introduzir a perturbação, podem afastá-los e conseguir sua evolução a través dos conselhos e das preces dos encarnados. Conhecendo por experiência a eficácia dos procedimentos que para esses casos a nossa doutrina recomenda, não foi fácil afastar as influências malévolas, que poucas vezes persistem ali onde os espíritos retrasados e perversos não encontram elementos afins, e muito menos onde impera o desejo de estudar e a vontade de fazer o bem, únicos propósitos plausíveis dentro do Espiritismo.

Ao encerrar esta notabilíssima sessão, onde aconteceram importantes fenômenos até hoje não vistos nem pesquisados na Espanha, e se prestam a considerações que abrangeriam o doutrinal espírita inteiro, e que deverão nos oferecer matéria para proveitoso trabalho durante o tempo que a médium precisar para restaurar suas forças físicas, notavelmente alquebradas pelas grandes emissões fluídicas necessárias para a produção de certos fenômenos e acima de tudo para a materialização; ao encerrar a sessão, repito, encontramos perto de nós uma mesinha que antes de começar estava na ante-sala; em cima dessa mesinha, uma grande bandeja de metal, que estava na sala de jantar, e essa bandeja, repleta de belíssimas rosas artisticamente colocadas. Em cima da nossa mesa e no chão encontramos grande quantidade de flores e docinhos, e naquela mesa treze doces de tamanho maior, um para cada um dos assistentes. Estava também em cima da mesa um pedaço de gaze branca, de finíssimo tecido, igual àquelas gazes que o espírito materializado nos mostrou, e que prometera nos dar, mas que pela falta de fluido na médium não tentou cortar aquele pedaço com as tesouras em nossa presença.

Custou-me um bocado desanuviar com passes magnéticos a médium, que estava sem forças quando acordou. Os médicos tomaram seu pulso e manifestaram não estar mais forte que o de uma criança. E era assim mesmo.

Foi cumprimentada cordialmente por todos nós, pelos portentos que acabamos de presenciar devidos à sua extraordinária mediunidade, e do fundo da nossa alma mandamos a nossa gratidão aos elevados espíritos que se dignaram assistir, e em primeiro lugar ao Supremo Fazedor, que concedeu a permissão para produzir esses extraordinários fenômenos que corroboram, com a força brutal do fato, a verdade da doutrina espírita, e erguem uma ponta do véu que nos ocultava os mistérios da vida de além-túmulo.

Os possuidores da fé espírita não precisam dessas evidentes provas para sustentá-la; mas é um fato que essas provas alentam a crença, fortificam a esperança e predispõem o ânimo para praticar a caridade e adquirir a ciência que leva a Deus.

Examinadas as portas, encontramos as fechaduras do mesmo jeito que nós as deixamos no começo da sessão. Ninguém poderia ter entrado por elas; nenhum encarnado, apesar de tudo que a maledicência tem espalhado, pôde tomar parte nas manifestações que nós presenciamos. As considerações que deixo registradas, com referência aos primeiros fenômenos produzidos nesta sessão, possuem uma força maior do que os últimos relatados. O bom senso rejeita qualquer intervenção humana, e o senso espírita é forçado a afirmar, com a mais completa das evidências, que todos os fenômenos presenciados foram produzidos pelos espíritos. Esta afirmação é mantida com o grupo Marietta por todos aqueles que os pesquisaram, e aqueles que, sem estarem presentes nas nossas sessões, puderam comprová-los através da mediunidade e do sonambulismo.

Capítulo IX

I. Sessões de comprovação com o Grupo “La Paz” de Barcelona e grupo de Navalmoral. Um artigo de Fernández-Colavida. — II Resenha dos trabalhos. — III. Comunicações e fenômenos por irradiação entre Madri e Barcelona. — IV. Telegrafia humana. O espírito da Rua Cardeal Cisneros. — V. Exatidão das comunicações psico-telegráficas. — VI. Comprovações com o grupo de Navalmoral. Novos espíritos visíveis para todos os assistentes à sessão. — VII. A casa dos duendes. Um infanticídio. — VIII. História do espírito de Laura ou o duende da Rua Cardeal Cisneros. — IX. Considerações acerca da aparição deste espírito. visível para todos.

I

Sessões de comprovação do Grupo La Paz De Barcelona e Grupo de Navalmoral

Os importantíssimos trabalhos do grupo Marietta, as grandes manifestações de além-túmulo revoltaram os eternos inimigos do espiritismo, encarnados e desencarnados, empreendendo uma cruzada contra nós, iniciada por alguns mal chamados espíritas, que obedeciam, sem dúvida, a perniciosas influências de alguns invisíveis; e conseguiram atrair para essa corrente do mal a alguns bons espíritas, ainda que poucos.

O fundador da Revista de Estudos Psicológicos, o meu queridíssimo e inesquecível amigo Sr. José Maria Fernández, o Kardec espanhol, procedendo com alteza de miras, e como bom espírita que era, imaginou as sessões de comprovação das quais vou dar notícia. Em um artigo inserido no número de setembro de 1878, intitulado: Comprovação dos fenômenos do centro Marietta, explicava assim de que maneira tinham começado aquelas notáveis sessões: “A excelente médium daquele centro teve rivais, como todos os bons médiuns tiveram, e nada foi perdoado pelos eternos inimigos da verdade, para neutralizar os efeitos dos grandes

fenômenos que ali são estudados com perseverança, e à custa de grandes sacrifícios.

Também penetrou naquele centro o elemento perturbador com a intenção deliberada de promover um conflito, porém sua perniciosa presença foi rejeitada.

Os próprios espíritas, com um zelo que é uma honra para eles, bem prevenidos contra a fraude, e com muitos anos de experiência no estudo dos fenômenos do espiritismo, mais predispostos a rejeitar cem verdades do que a aceitar uma mentira, foram surpreendidos em sua boa-fé pelas histórias ridículas, que os declarados inimigos do centro Marietta inventaram a seu bel-prazer; mas tendo sido provada a realidade daqueles fenômenos, sem esforço algum e guiados pela fria razão, voltaram-se para verdade, como só assim poderia acontecer, deixando em completo isolamento a reduzida atmosfera de onde surgiram os primeiros elementos de discórdia.

Fomos observadores constantes de tudo aquilo que estava acontecendo, com notícias e dados muito curiosos facilitados por pessoas competentes, escolhidas por nós mesmos para assistirem a aquelas sessões, visto não termos possibilidade de assistir pessoalmente apesar dos convites do Vizconde; mas apesar de que não nutríamos nenhuma dúvida sobre as faculdades incomuns da médium, manifestadas já nos seus primeiros anos de vida, tivemos a ideia de que os fenômenos do centro Marietta podiam ser comprovados daqui mesmo, com o auxílio de médiuns e sonâmbulos de certas faculdades; estudos que já tínhamos ensaiado em outras ocasiões, com muito sucesso, em presença de numerosas pessoas.

Ainda não leváramos à execução o nosso projeto, que guardávamos bem reservado, quando fomos agradavelmente surpreendidos um dia por um médium vidente, que sem qualquer preparo e fora de sessão, anunciou-nos a presença de dois espíritos. Perguntamos o objeto daquela espontânea visita, e eles responderam que tinham vindo para nos dizer que continuássemos com o nosso plano. Isto veio nos alentar mais ainda, e dali a poucos dias começamos as nossas sessões de comprovação, preparando antes a sonâmbula com alguns trabalhos de magnetismo.

Vamos omitir os detalhes dos fenômenos comprovados, porque a narração destes fatos notáveis cabe ao centro Marietta, que o fará

fielmente, com a oportunidade costumeira; e guardaremos nesta redação as atas comprovadas, para satisfação dos espíritas que desejem examiná-las, limitadas somente a dar uma leve noção do resultado dos nossos trabalhos, e inserindo fragmentos de algumas comunicações recebidas por irradiação, em Madri e Barcelona ao mesmo tempo.

Na sessão de 16 de agosto passado começamos a obter alguns resultados; a nossa sonâmbula forneceu-nos notícias detalhadas e precisas de todos os fenômenos que estavam acontecendo no centro Marietta, chamando a atenção daqueles irmãos com sua presença; levantamos ata com todos os pormenores da sessão, que foi remetida ao Vizconde de Torres-Solanot. O efeito que ali tiveram os nossos primeiros ensaios foi admirável e comovente.

A seguir ficamos em relação com os amigos de Madri, confirmando as nossas sessões com regularidade.

O método estabelecido foi o seguinte: Concluídas as nossas sessões, em Barcelona como no centro Marietta, tendo feito uma cópia da ata com todos os pormenores dos fenômenos que aconteceram nela, é mandada para o correio; a correspondência cruza-se pelo caminho, e quando o envelope chega ao seu destino, é aberto em presença das pessoas assistentes às sessões, que queiram se reunir com esse fim. O efeito causado pela leitura das atas de comprovação, mutuamente trocadas, é ao menos tão interessante como as próprias sessões; a comprovação não poderia ser mais exata: apports; aparições de espíritos; movimentos e translações; indicação das pessoas que assistem às sessões; precauções que o diretor do centro Marietta toma antes de começar as sessões, fechando e lacrando portas (precauções que a nós parecem excessivas, e que são devidas ao grande cuidado do mais zeloso dos investigadores, o Sr. Vizconde de Torres-Solanot); telegrafia psíquica, pondo-se à fala como se diria na telegrafia ordinária; o modo como os objetos transportados e aportados são embrulhados em massas fluídicas e os espíritos que dirigem estes trabalhos; tudo aparece comprovado com admirável precisão.

Para nós, que consideramos muito naturais estes fenômenos, que sabemos que existe uma lei para regê-los, e que diante de fatos reais e patentes não cabe discussão, nem outra explicação a não ser aquela que a

ciência espírita nos dá, em relação somente ao nosso progresso realizado, que, aliás, é muito pouco, todos esses fenômenos não constituem surpresa, porém causa-nos grande satisfação ver os nossos desejos se cumprirem; e aceitamos como um dom da Providência nos facilitar os meios de descobrir e comprovar a intensidade da luz que brilha no horizonte do nosso futuro; felizes aqueles que não fecham os olhos para essa luz! Mil vezes dignos de compaixão aqueles que os fecham porque lhes convém...!

Aqui copia pedaços de comunicações recebidas ao mesmo tempo em Madri e Barcelona por irradiação, isto é, o espírito ditando, simultaneamente, a um sonâmbulo no grupo de Barcelona e fazendo a médium em Madri escrever, e termina assim o aludido artigo da Revista:

“Não precisa encarecimento, porque salta à vista, a importância destas experiências e as pesquisas a que dão lugar, comprovando a realidade de um fenômeno com outro fenômeno, tão surpreendente como o primeiro, porém dentro da lei que rege as manifestações de ordem psíquica, explicáveis apenas com o auxílio da ciência espírita. Essas manifestações, com caracteres físicos e caracteres inteligentes ao mesmo tempo, são palpável demonstração da solidariedade do mundo material e o mundo moral, são a comprovação positiva da nossa doutrina e evidenciam que o fenômeno espírita entra na sempre, como última e superior consequência, o ensinamento moral que tende à nossa evolução, através da qual vem o progresso nos mundos”.

II

Resenha dos trabalhos

A partir de meados de Agosto de 1878 combinamos celebrar sessões simultâneas, o grupo La Paz de Barcelona, dirigido pelo Sr. José Maria Fernández, em correspondência com o grupo Marietta.

No dia 24 recebemos uma carta de Barcelona comprovando os fatos das nossas sessões. Um espírito forneceu-me detalhes das cenas de Barcelona quando receberam a minha carta confirmando o que acontecera ali, e a excelente impressão que isto causou em Fernández, porque estava cumprido o seu propósito.

Combinamos celebrar sessões nas segundas e sextas-feiras, e nos contarmos mutuamente através de carta o que acontecia. As cartas cruzavam-se no correio. É indescritível o efeito que em nós causava ver confirmado tudo aquilo que os espíritos nos falavam, sem errarem nunca no menor detalhe, a mesma coisa acontecendo em Barcelona. Nesse tipo de trabalhos ou experiências, acredito que seja o melhor já obtido, ou ao menos, publicado, em Espiritismo.

A partir da sessão da sexta-feira 30 de agosto comecei a tomar anotações e levantar atas que conservo nos meus cadernos de apontamentos, de onde resumo estes capítulos. Nessa sessão aconteceu o notabilíssimo fenômeno da visão que no dia 23, dia da morte do melro, teve o médium Anton no copo d'água; que também foi tida pela médium Isabel no dia 27, anunciada pelos espíritos. Isabel sofreu três grandes vômitos de sangue, que nos fariam temer pela sua vida se os invisíveis não tivessem nos dado tranqüilizadora segurança. São notabilíssimas as circunstancias que concorreram. Apesar desse acidente, no seguinte dia 31 tivemos uma grande sessão de apports e materialização.

A carta de Fernández, de Barcelona, chegou no dia 2 de setembro, confirmando com precisão todos os detalhes e informando sobre algumas coisas insignificantes que eu tinha omitido nas minhas notas. À noite, sessão de comprovação. Apresenta-se pela primeira vez, respondendo à nossa evocação, o espírito de Laura, que durante os nossos estudos dá

lugar a importantes manifestações, merecedoras de item à parte, depois de deixar registrados certos detalhes a respeito dessas notáveis sessões ditas de comprovação, ideadas pelo inesquecível Fernández-Colavida.

III

Comunicações e fenômenos por irradiação
Entre Madri e Barcelona

Em 6 de setembro celebramos a 7ª sessão de comprovação. Eis a cópia das minhas anotações:

Reunidos Couillaut, Manuel, família Diéguez, os médiuns Isabel e Anton, Ricord, Paso e eu.

Às 9h23min da noite soa uma pancada forte na porta do escritório, contíguo do gabinete onde nós estamos.

As pessoas do grupo de Barcelona saúdam o nosso grupo. Nós também mandamos saudações. Perguntam como a médium está se sentindo. Respondemos que está melhor.

Ouve-se a caixa de música, pendurada fluidicamente no teto do escritório. Ela toca a Mandolinata.

Os médiuns pediram uma determinada coisa aos espíritos. Eles respondem que irão nos obsequiar. Uma coisa fluídica entra pela sacada do meu escritório. Docinhos caem; alguns entram para o gabinete.

Os médiuns enxergam um apport que coloca braços materializados em cima da mesa do centro do escritório. Outros braços atiraram doces; são vistos por Paso e Ricord.

Apresenta-se no escritório o espírito de um cunhado da médium, que avança em direção aos médiuns. Fala com eles, dizendo que o cheiro da cera, no dia 3 ao meio-dia, é porque estavam dando o viático ao seu filho, que desencarnou hoje às 3h2min da tarde.

No escritório está o espírito de Marietta e os outros protetores do grupo.

O apport está formado por lindas rosas, mas um pouco despetaladas pela falta do fluido, cravos, estranhas flores brancas, e alguns cachos de uva.

A caixa de música voa no ar pelo escritório, mas sem tocar.

O médium de Barcelona percorre os cômodos. No quarto das meninas, uma delas grita: Ai, meu Deus! Naquele mesmo momento sussurram ao ouvido dos médiuns: Fogo. Todos nós saímos dali com grande alarme e vemos o clarão das chamas no quarto das meninas; uma das cortinas da

janela estava queimando. As meninas e a empregada Pepa estavam assustadíssimas. Apagamos o fogo e voltamos para a sessão. Só a cortina queimou.

Falam que a sonâmbula de Barcelona ficou abalada por causa do fogo e a sessão foi suspendida. Vai ser feita uma comunicação pelo beato Simon de Rojas que está lá e irradia em Madri.

Ouve-se uma pancada na porta da alcova, é a despedida.

Os médiuns vão para o escritório e, sentados cada um a uma mesa, escrevem.

O espírito do Beato dita a Isabel uma comunicação bastante longa.

Depois, todos nós entramos no escritório e encontramos os apports de doces, flores e uvas que os médiuns viram entrar pela sacada.

No dia 8 recebemos, com uma carta de Fernández, de Barcelona, a comprovação da sessão do dia 6, enviando de lá uma cópia da comunicação reproduzida por irradiação em Madri, sendo as duas completamente iguais. Admirável precisão também, até nos menores detalhes da nossa sessão.

Na sessão de comprovação de 9 de setembro, com assistência das pessoas da casa, família Diéguez, Ricord (pai e filho), Couillaut e Paso, dez pessoas no total, apresentou-se pela primeira vez o espírito da Rua Cardeal Cisneros, ou seja, o espírito de Laura.

A comprovação veio no dia 11. Completa exatidão de detalhes.

IV

Telegrafia humana.
O espírito da rua Cardeal Cisneros

À sessão do dia 13 assistiram, além das dez pessoas da sessão anterior, o senhor Federico Avellana e seu amigo Sr. Federico Argüelles. O espírito de Laura que se apresentou visível também com a sua luz na mão, continuou sua história começada. Depois vou me ocupar dos interessantíssimos detalhes referentes a este notável fenômeno.

Eis aqui as minhas restantes notas dessa sessão:

A médium diz que em Barcelona estão as pessoas de costume, e também Cinta, Esperança e mais quatro cavalheiros.

Ouve-se na porta do escritório a pancada que assinala o começo da sessão de Barcelona. O espírito de Dominica acusa sua presença. (Este espírito familiar toma parte muito ativa nestas sessões). Cumprimenta. A sonâmbula de Barcelona percebe entre nós duas pessoas novas que não conhece: elas são Avellana e seu amigo Argüelles.

Contam ali um susto que esta tarde os espíritos deram a uma mulher que trabalha lá como empregada e que é médium.

Ouve-se no escritório (nós estamos no gabinete contíguo) a caixa de música tocando a Mandolinata.

Os médiuns vêem alguma coisa fluídica entrando pela sacada do gabinete. Devem ser docinhos, que caem em cima da mesinha de jogo do escritório.

Pela sacada, onde foi dada uma pancadinha, aparece o espírito da Rua Cardeal Cisneros, com a luz, hoje diferente dos outros dias, na mão. A médium pediu para o espírito atravessar o escritório e ficar visível para todos; então posso ver perfeitamente como ele surge do chão, entre o parapeito e a vidraça da sacada, levantando-se aos poucos até ficar em pé; a seguir mostra a luz e avança, deslizando na direção que lhe foi pedida. Fala para a médium que quer continuar a sua história, por termos orado muito por ele. Ela responde: Vá até a porta da entrada; todos devem ver você sair, e depois volte. Assim faz ele, em meio ao espanto geral por tão

notabilíssimo fenômeno.

O espírito volta, sendo visível somente para os médiuns, e coloca-se no centro do semicírculo formado por nós no gabinete. (Continua a sua história, que oportunamente relatarei).

Fernández congratula-se pelas felicitações que são recebidas e pelo muito e grande trabalho que o grupo Marietta faz. Nós respondemos: - Obrigados a Fernández pelos seus trabalhos para o bem da doutrina e por este grupo.

A médium pede ao Fernández para não se esquecer de colocar na próxima Revista alguma matéria sobre a comprovação.

O médium Anton pede a Fernández o número da Revista com a publicação das comprovações.

Fernández cumprimenta seu antigo amigo e irmão Avellana e encomenda a ele aconselhar a C. para abandonar o caminho por onde enveredou. Além disso, pede a Avellana uma carta pelos correios, confirmando o que viu.

Avellana também cumprimenta e diz nada esperar de C., mas que ele cairá porque deve cair.

Fernandez parabeniza Argüelles pela sua assistência. Pergunta ao Antonio se continua sendo publicado O Critério ou qualquer outro jornal. Anton diz que responderá pelos correios. Dão uma pancada na alcova do gabinete.

Os médiuns começam a escrever, cada um em uma das mesas do escritório. Isabel faz uma comunicação mecânica. Anton escreve bem devagar as letras do alfabeto. Quando terminam, o espírito diz: A última palavra ditada em Barcelona, a última palavra que a médium escreve e a última letra feita por Anton, terminam ao mesmo tempo. Da escrita deste médium nada é dito em Barcelona.

Lembro perfeitamente bem os detalhes desta sessão notável, cujo extrato os espíritos ditam depois para mim. Durante a sessão somente escrevi o princípio, porque ver o espírito com a luz, a impressão de tão maravilhoso fenômeno, a sentida história e os comentários a que tudo isso dava lugar, tiraram-me o tempo para escrever, e, à maioria dos assistentes, a atenção para reparar em todos os detalhes, que foram fielmente registrados.

Os nossos irmãos de Barcelona perceberão que nestas sessões de

comprovação reparamos de preferência no espírito da Rua Cardeal Cisneros; não devem surpreender-se por esse fato, pois envolve a maior importância, tanto do ponto de vista científico como do ponto de vista moral, sendo, além disso, indescritível a grata emoção que nos é causada contemplando esse ser infeliz, em perturbação, que diante do nosso olhar atônito fluidifica-se ou materializa-se para nos resolver o grande arcano de além-túmulo e para nos ensejar ocasião de fazer o bem.

Quando a sessão terminou, fomos encontrar em cima da mesinha de centro do escritório oito doces deliciosos, oito amêndoas semelhantes às de Alcalá e um punhado de tabletes de hortelã, com algumas destas também no chão.

A comprovação de Barcelona chega no dia 15. Notável a igualdade nos detalhes. A nossa satisfação é imensa.

Na sessão do dia 16 de setembro houve também uma comunicação psico-telegráfica escrita pela médium e ditada ao mesmo tempo em Barcelona. Nessa sessão a médium pediu ao espírito de Laura que saísse pela galeria, atravessando o quarto, ficando visível para todos. Quando passou pelo corredor para sair pela galeria, as pessoas que lá estavam assustaram-se bastante vendo o fantasma negro atravessar, e fugiram para os quartos interiores.

Dia 20 de setembro. – Pouco antes da hora de começar a sessão (9 horas da noite), a médium sofreu um vômito de sangue e deitou na cama. Com uma pancada na alcova avisam de Barcelona que lá a sessão vai começar. A sonâmbula de Fernández fica assustada ao ver a toalha cheia de sangue.

Um pequeno apport de flores cai na alcova, atingindo de leve uma das pessoas que lá estava.

A médium, deitada, fala conosco e escreve uma comunicação que é reproduzida em Barcelona.

Pouco depois das nove horas e meia dão uma pequena pancada na alcova, onde eu estava com Solano. É o sinal para terminar a sessão.

Em cima da cama cai outro apport de rosas, cravos e uma flor-de-lis vermelha. Ao mesmo tempo aportam sobre o criado-mudo três pílulas, daquelas para cortar a hemorragia que eles já trouxeram da outra vez.

No dia 14, um dos espíritos médicos que comparecem às nossas sessões, falou que Fernández, às três horas, sentira grandes dores de estômago e

vômitos, que o obrigaram a se deitar. Às cinco horas, já estava acalmado.

Foi recebida uma carta de Fernández, confirmando a sua indisposição. Tudo exato. Depois da sessão do dia 25 de setembro, as sessões de comprovação ficaram suspensas até 15 de novembro, quando houve uma, com Barcelona e Navalmoral de la Mata em relação ao mesmo tempo.

Enquanto eu fiquei ausente de Madri houve algumas sessões, cujas atas foram levantadas pelo secretário do centro Sr. Francisco Migueles. Não sendo presenciadas por mim, não vou relatá-las.

V

Exatidão das comunicações Psico-telegráficas

Dia 13 de dezembro de 1878. – Sessão de comprovação em correspondência com Barcelona e Navalmoral. – Copio das minhas anotações. – Assistentes: As pessoas da casa, Couillaut, Paula, Joaquinzinho, Espinosa, Julio Vizcarrondo e Carmem. – Nove horas e cinco da noite.

Simon faz Sara adormecer. Atenuamos um pouco a luz da lâmpada e fazemos a evocação. Adormecida, Sara diz que o Beato quer nos dizer alguma coisa. Ele dita a comunicação a seguir, que eu vou copiando:

“Em nome de Deus: Sem a caridade não existe felicidade possível. Este é o emblema que acima de tudo vocês devem desenvolver se quiserem que o belo período de harmonia seja estabelecido entre vocês. (Dá para perceber os fluidos de Barcelona). A caridade benévola abrirá as portas do futuro fechadas pelo egoísmo. (Ouvem-se pancadas na alcova e no escritório; as primeiras correspondem a aviso de Navalmoral). Ali, ela unirá vocês como verdadeiros irmãos, tão fatalmente desunidos por causa do orgulho; conduzirá vocês de felicidade em felicidade desconhecida (minutos antes das 9, Encarnação, é adormecida em Navalmoral pela influência de Manuel, que atuava daqui), que vocês almejam, porém sem compreendê-la. Como é grande cumprir a caridade bem entendida! Essa esmola que a maioria chama de caridade e que cobre de vergonha o ser que precisa dela, não é caridade, não. Como é bela e encantadora a palavra Caridade! Quantos perfumes nesse conjunto de amor, nessa bela imagem da perfeição moral! Quando todos e cada um por si cumprirem bem os sagrados deveres de amor e caridade, então vocês deixarão de sofrer, então poderão usufruir a felicidade (muitos espíritos nos cercam), então vocês contemplarão as belezas da harmônica Criação. A caridade! Rico tesouro que a minha filha Isabel conserva intacto; ela elevou você, Isabel da minha alma, ela colocará você à altura que você merece. Meus filhos, a todos vocês eu digo, tenham caridade e gozarão da paz que deseja para vocês o seu Padre Rojas”.

Em outro dia ele falará mais extensamente da caridade, porque há muito para se dizer. Ele parou porque vão acontecer outras manifestações.

Isabel percebe um novo fluido de encarnado em Barcelona. Está aqui Maria Cinta, Mercedes, Fábregas e Rovira.

Isabel sente-se abraçada. A Isabel, e também a Sara e o Simon, dizem que é Encarnação. Esta também sente o abraço de Isabel. Isabel faz o gesto de bater em Nicolau, ele sente a batida em Navalmoral e tenta dar um beliscão em Isabel. A música começa a soar no escritório.

Isabel enxerga as pessoas do grupo de Navalmoral. Eles estão formando corrente. Neste momento (9h5min) a médium Encarnação está vendo Laura.

Manifestações luminosas acontecem no escritório.

Isabel diz: neste momento (9h15min) o espírito de Manuel está comunicando em Navalmoral. Eles começaram a sessão perguntando pelos fenômenos da sessão 13. Sete assistentes em Navalmoral. Encarnação muito animada. O espírito de Cervantes comunica. Estão muito satisfeitos porque perguntaram pela sessão daqui antes de ver Nicolau, e tudo foi confirmado.

Outro abraço da médium de Navalmoral.

Encomenda do Beato para Isabel: Que com sua vontade e fazendo o gesto, abrace Encarnação. Esta sente a impressão e sorri. Está abraçando o livro Marietta. Isabel consegue vê-la, como vê a nós. Fala-se que está pedindo aos seus espíritos para fazer alguma coisa do que Isabel faz. A música continua.

Impressões dos espíritos de Barcelona.

Aparição de Laura que entra pela sacada do lado da minha mesa no escritório. Adianta-se, a pedido de Isabel, colocando-se diante da mesa de centro. A luz que traz hoje é mais branca e mais resplandecente.

Todos nos aproximamos da porta que comunica com o escritório. Temos Laura a dois metros de nós. À direita da mesa de centro do escritório aparece um espírito coberto de gazes brancas, e no armário dos livros, sobre a estante à esquerda, aparece um menininho. Desvanece-se, e torna a aparecer. Como alguns de nós não podemos enxergá-lo direito, pedimos a ele para descer ao chão, para se destacar melhor sobre o tapete. Desce ao chão. O outro espírito, aquele das gazes, desliza até ficar na frente do

sofá. Pedimos a Laura para ir iluminar melhor o menino, dando para tanto uma volta ao redor da mesa. Isso faz, e a pedido de Couillaut passa através da mesa. O espírito das gazes desvanece-se.

O espírito de Laura aproxima-se do menino, o qual podemos ver claramente coberto de gazes brancas e com uma espécie de turbantezinho. Enxergamos muito bem seu rosto. Posso ver perfeitamente como ele se desvanece.

A uma nossa indicação, Laura desaparece através do relógio.

Barulhos e pancadas fortes. A música na alcova sobre a cama de Isabel. Esta diz que está possuída pelo espírito de Dominica. Os médiuns escutam dois lamentos no escritório. São reclamações do espírito das gazes por se ter feito visível pela primeira vez.

Isabel fornece-nos mais alguns detalhes de Navalморal.

É muito importante notar que aqueles fenômenos e tudo que Isabel vê em Navalморal, são vistos por ela estando acordada.

Oramos por Laura e a sessão fica levantada às 10 horas.

Dia 14. – Nicolau vem de Navalморal e confirma todos os detalhes que de lá nos foram dados na sessão de ontem, que foi verdadeiramente notabilíssima, porque com Isabel acordada, teve força bastante para fazer materializar em Navalморal o espírito de Laura. Lá também foi vista Isabel. Explosão de entusiasmo. Exatidão nos detalhes e precisão no horário. Não era o livro e sim o retrato de Marietta que Encarnação abraçava. Abraço a Isabel, batida em Nicolau, beliscão deste: tudo, em fim, comprovado com pasmosa precisão.

VI

Comprovações com o Grupo de Navalморal

Dia 17 de dezembro. – Sessão de comprovação com Navalморal.

Assistem as pessoas da casa e Couillaut. – Às 8h25min ouve-se uma batida na alcova. Anuncia Isabel que muitos espíritos estão conosco.

Espíritos retrasados dão pancadas na porta. Evocamos e essas manifestações cessam.

Com a ajuda do fluído de Manuel, Encarnação, a sonâmbula de Navalморal adormece. Simon faz Laura adormecer. Esta diz que Encarnação está adormecida, e temos o grupo todo dos espíritos, inclusive Marietta.

A música soa.

Isabel abraça Encarnação, e sente-se abraçada por ela. Assim é anunciado em Navalморal.

Aparição de Laura pela segunda sacada do escritório.

Ela avança e o menino aparece ao lado do armário; e também dois espíritos, um em cada lado da mesa do centro. Laura responde as nossas perguntas com sinais afirmativos e negativos. Um daqueles espíritos desaparece. Algumas palavras são ouvidas. O espírito de Dominica dá algumas pancadas. Laura avança um pouco mais. Isabel entra no escritório até ficar ao lado de Laura. Tenta tocar a sua luz e só encontra uma coisa fluídica. A segunda figura também desapareceu.

Vejo o menino se evaporar. A sua desapareição produz esse efeito.

Isabel puxa as orelhas de Nicolau e de Jera de Navalморal. Nicolau encolhe a cabeça até os ombros.

Isabel apresenta-se em Navalморal. Explosão de entusiasmo entre aqueles irmãos.

Laura desaparece a pedido meu, às 9 horas, pela mesma sacada por onde entrou. Antes de desaparecer, faz o gesto de dar fluído à médium.

O Beato dita uma comunicação através de Sara. Após poucas palavras, um apport de doces e flores cai na entrada do escritório. Pouco depois aparece sobre a saia de Isabel uma magnífica camélia branca. Os videntes

viram a flor antes nas mãos de um espírito.

Dominica avisa que as meninas e os serviçais estão chegando, pois todos eles estavam fora da casa. Dali a pouco a campainha toca e Isabel vai abrir a porta.

Às 9h37min Laura, de volta de Navalmoral, dá uma batida e diz afirmativamente que se fez visível lá. Termina a longa comunicação de Rojas, e Sara diz que um espírito brincalhão interrompeu por duas vezes a comunicação.

Dia 18. – Vem Nicolau e confirma todos os detalhes da sessão anterior.

Dia 20. – Sessão de comprovação. – Assistem as pessoas da casa. Paula e Joaquinzinho, Carmen Vizcarrondo, Couillaut e Espinosa.

Às três horas e meia, depois da evocação, Simon faz Sara dormir. Pancadinhas soam na alcova.

Isabel diz que Maria Cinta está ao seu lado; também vê Mercedes Fábregas. A música soa. Isabel vê vários espíritos familiares que estão ao lado de cada um de nós.

Faltando quinze minutos para as nove horas as manifestações luminosas começam no escritório.

Os médiuns enxergam o espírito de um menino. Nós somente enxergamos umas luzes sobre a mesa do centro do escritório. Isabel fornece a Espinosa algumas notícias de Cuba. Lá pelas 9 aparece Laura e dá para enxergar as duas formas brancas e o menininho. Laura dá um buquê de violetas a Isabel. Laura desaparece às nove e meia, um pouco antes dos outros espíritos.

A meu pedido torna a aparecer o menino, vejo como ele se desvanece um pouco antes de Laura ir embora.

Transportada Isabel para Navalmoral. Encarnação está acamada com uma forte dor no coração. Ela sente-se abraçada por Isabel, e esta por sua vez sente o contacto de Encarnação.

Sendo perguntada se eles vão fazer sessão, Encarnação responde que não em sua casa. Estão reunidas quatro pessoas em uma salinha perto da estação. Recebem pequenas comunicações. Às nossas perguntas sobre o porquê dessa calma, respondem que está faltando o fluido de Encarnação.

Apport.

Às 9h38min Laura volta de Navalmoral. Encontrou Encarnação um

pouco agitada, e passando fluido a ela consegue acalmá-la um pouco.

Notícias de Barcelona. Eles estão muito contentes e agradecidos; a carta está a caminho.

Sara vai para Barcelona. Anita irradiando aqui em busca do fluido de Sara. Outro fluido de sonâmbula mais forte que o daquela.

Sara continua dando notícias de Barcelona. Amália está muito contente: deseja estar em Madri.

Faltando dez minutos para as dez horas ecoa uma forte pancada de despedida.

Tendo instado Sara para abraçar Anita, ela diz que não é tão fácil; porém, consegue senti-la.

Uma comunicação foi recebida lá.

O grupo de Barcelona saúda o grupo de Madri.

Tentam tocar em Fernández. Às 10 horas senti certa sensação; ele encolhe-se.

Sara também tenta dar uma pancada.

Depois da sessão apport de duas belíssimas camélias.

Dia 21. – Nicolau chega de Naval moral e confirma todos os detalhes da sessão de ontem.

As duas últimas sessões de comprovação tiveram lugar em 25 de Dezembro e 15 de Fevereiro. Todas as manifestações foram análogas às das sessões anteriores do mesmo tipo.

VII

A casa dos duendes um infanticídio

Em meados de Agosto (1878) tivemos notícia de que o apartamento principal de uma casa da Rua Cardeal Cisneros, no bairro de Chamberi, não longe da Rua Almagro, ficava quase sempre desabitado, porque os inquilinos escutavam barulhos estranhos à noite e enxergavam uma luz que os atemorizava, e por isso deixavam a já chamada no bairro Casa dos Duendes. Um dia eu fui até lá, acompanhado por três médiuns, para ver o apartamento, onde, com efeito, ninguém morava, e os médiuns acusaram a presença de um espírito.

No dia 22 do mesmo mês, estando reunidas à noite as pessoas da casa, com a família Diéguez e o médium Antonio Ricord (Anton), evocamos o espírito da Rua Cardeal Cisneros, e apresentou-se uma mulher bem-parecida, de uns 30 anos com uma criancinha nos braços. Isabel e Anton descrevem-na por separado, coincidindo em todos os detalhes. Parece que se trata de um infanticídio, cometido há muito tempo. O espírito do menino, dizem, é o mesmo que agora anima Anton. Ele perdoa e confiamos fazer o bem ao espírito da infanticida e também à casa, liberando-a daquela influência prejudicial. Fornecem-nos notícias (que devem sempre ser tomadas com a devida cautela) de parentescos e coincidências relacionadas com aquele espírito.

Na sessão de comprovação de 2 de setembro nós o evocamos; ele veio, respondendo ao nosso chamado, porém sendo visível somente para os médiuns; depois ficou visível para todos, em forma de vulto escuro com uma luz pálida. Nós o chamamos de espírito da luz.

Eis aqui o que a respeito dele dizem as minhas anotações da sessão de comprovação do dia 9:

Soa a campainha da porta do quarto. Dominica fala que é um desencarnado; é o espírito da Rua Cardeal Cisneros; os médiuns o enxergam; Isabel pede para ele entrar e se fazer visível para todos; assim acontece; depois manda que ele se retire pela sacada; então posso vê-lo de modo claríssimo, destacando-se por completo na claridade da sacada: é

uma mulher de estatura regular, coberta com manto negro, e véu sobre o rosto, com uma luz na mão esquerda. Aqueles que estão sentados à direita podem vê-lo quando entra e quando se dirige à sacada; aqueles à sua esquerda somente podemos vê-lo quando está perto da sacada, sendo que eu, graças à posição que ocupo, posso vê-lo por mais tempo e melhor do que ninguém.

O vulto desliza pausadamente em direção à sacada, que está aberta, e fica detido no ângulo da direita pelo lado de fora. Pouco antes de ele chegar ali, extinguiu-se a luz, que não era, como no dia anterior, um disco opaco, e sim uma lingüeta avermelhada e brilhante, porém sem irradiação; posso ver como ele se reflete na vidraça da sacada.

O vulto permanece um tempo parado naquele lugar, e depois, como se passasse através de um escotilhão, vejo como vai descendo pouco a pouco, até chegar à altura de meio metro sobre o soalho da sacada; oscila então por alguns instantes, até que à voz imperativa da médium, Vá embora, ele desaparece.

Dali a pouco, ele se apresenta no limiar da porta do escritório, diante de nós, porém visível somente para os médiuns.

Perguntamos por que está naquela casa prejudicando o dono. Responde: porque ele foi cúmplice daqueles crimes. Ricord pai, naquela encarnação, era o pai daquele espírito; o medo e também o respeito que lhe inspirava, fez-lhe cometer o crime. Não pode dizer nada mais neste momento; contará, outro dia, a sua longa e triste história. Perguntado sobre o que podemos fazer por ele, pede para orarmos. Fala mais algumas coisas e retira-se instantaneamente, depois de uma descida semelhante à da sacada.

VIII

História do espírito de Laura ou o duende da Rua Cardeal Cisneros

Na sessão de 13 de setembro apareceu o espírito da luz, o espírito de Laura, conforme ficou registrado no relato desta sessão, parágrafo IV deste capítulo e continuando a sua história, diz à médium:

Meu pai, ignorando a desonra que pesava sobre mim, uniu-me em matrimônio com um jovem rico, nobre e virtuoso; este teve para comigo todo tipo de atenções e provou-me que seu amor por mim era imenso. (Isto era causa de maior infelicidade para mim, porque eu não podia corresponder a ele). O meu contínuo pensamento era me vingar do homem que tão cruelmente tinha me desonrado e abandonado. Muito tempo se passou sem que eu soubesse nada dele. Meu propósito era a vingança e o consegui. Bem caro paguei sua vida. Quando soube da sua morte julguei-me feliz (ao ditar esta frase seus olhos se iluminam).

Pensei no meu filho e como tendo cumprido um dever, disse a ele: Meu filho, você já está vingado.

Depois veio o remorso e as minhas forças foram enfraquecendo. Sucumbi deixando uma linda menina de três meses. Ela e o pai sofreram muito. A menina não sentiu a falta das riquezas, mas sim da ternura de uma mãe. Dali a onze meses, meu esposo faleceu, presa da mais cruel loucura.

Peço a todos vocês a oração; e àquele que naquela época foi meu pai, peço o perdão mais completo, assim como àquele que foi meu filho; e a vocês demonstro a minha maior gratidão, pelo grande bem que me fizeram me evocando. Mais uma coisa está atormentando o meu espírito; mas esta é só para a médium, que cumprirá fielmente a minha encomenda (fala com ela em particular). Adeus, caros amigos, e que nenhum de vocês precise andar errante como eu.

A encomenda à qual se referira o espírito de Laura era para o pároco. A médium conta que no dia seguinte, quando foi cumpri-la, houve uma notável cena com o tal pároco, que aparece em *O Critério Espírita*, que eu dirigia.

Das minhas notas da sessão de comprovação, de 16 de setembro, copio o seguinte:

Aparece pela sacada do escritório o espírito da Rua Cardeal Cisneros, chamado por Isabel, não oscilando nem um pouco, como no primeiro dia, e sim de súbito e como dobrado pela cintura; isto aconteceu porque Isabel o chamou muito precipitadamente e por estar mandando a ele fluido demais. A luz também é diferente: um pequeno rombóide avermelhado, mais brilhante do que antes. Obedecendo ao mandato da médium, avança para o centro do gabinete. A médium pergunta ao espírito: *¿Você está satisfeita de mim? ¿Desempenhei bem a sua encomenda?* E diz também: *Faça um sinal que todos possam enxergar, me chame, por exemplo.* O espírito descobre a mão direita ostentando um belíssimo anel de brilhantes; chama a médium acenando com a mão, ela aproxima-se, e o espírito diz: *Obrigada por tudo, cara amiga; peça e ore por mim*, e dizendo isso, passa a mão pelo ombro da médium, caindo *“como corpo morto cade”*. A médium retira-se e diz-lhe: Saia pela galeria, atravessando o quarto, e fique visível para todos. Ao passar pela sala de jantar, é vista por Mari e Pepa, que estavam ali; elas assustadas, dão um grito, e ao saírem correndo derrubam um castiçal.

Na sessão de comprovação do dia 23, apresentou-se também o espírito de Laura, fazendo-se visível para todos a pedido da médium; e disse a esta: *you cumpruiu a minha encomenda e fico grata. O meu espírito descansou muito, e com as preces de vocês continuará sua purificação.*

Depois de abraçar e beijar a esposa de Diéguez, Paula, que sente o abraço e o beijo, despede-se dizendo: *Adeus, e não se esqueçam de mim.*

No dia 6 de dezembro (1878) apareceu com um disco branco, onde dava para ver perfeitamente o rosto de um menino pequenino. Este detalhe, disse, respondia à sua história, que era por nós conhecida. Fala que está muito contente conosco, porque graças às nossas preces evoluíra muito. Chamou duas vezes a médium; deu a ela uma encomenda para mim, e, fazendo um aceno, desapareceu como pedíamos, pelo relógio pendurado na parede, perto do teto.

IX

Considerações sobre a aparição deste espírito visível para todos

As manifestações do espírito de Laura são bem notáveis e dão matéria para uma interessante pesquisa.

Como foi dito, fez-se visível para todos nós pela primeira vez na sessão do dia 13. A um mandato da médium, vi surgir da base da sacada uma nuvem esbranquiçada, coisa assim como uma fumaça pouco densa ou um vapor; à medida que ia subindo, ia se condensando, e quando já estava com pouco mais de um metro de altura, transformou-se em um vulto negro, adquirindo finalmente os contornos de uma mulher de estatura regular, vestida de preto e com uma lanterna de luz avermelhada na mão. Então foi vista por todos. Aquela luz, nas sucessivas sessões em que esse espírito se apresentou, foi perdendo a cor avermelhada, até se transformar em luz branca, ao passo que o espírito, mercê ao perdão outorgado e às nossas preces, ia avançando na sua purificação.

Eis aqui as considerações que deixei registradas entre as minhas anotações quando informei sobre este notável fenômeno:

O fato da apresentação do espírito da Rua Cardeal Cisneros foi, depois da materialização de Marietta, aquele que mais chamou a minha atenção, do ponto de vista científico, de todos os presenciados por mim nestas notabilíssimas sessões de investigação, e revela por si só a imensa potencia mediúnica de Isabel, a Médium das Flores.

Evocar e fazer aparecer um espírito que por expiação está restrito a um lugar determinado, já é um fato importante; mas conseguir que ele se faça visível para aqueles que não são médiuns e que ele obedeça sem esforço e sem contrariedade ao mandato do médium, com este em estado natural, ou seja, sem cair em transe ou êxtase sonambúlico, é tão extraordinário que não conheço nenhum outro caso igual.

É fato comum e frequente comunicar, durante as sessões, com espíritos da erraticidade, tanto em estado livre como em perturbação; com boas condições e com médiuns ad hoc, não é raro sentir materialmente a influência dos espíritos que vêm se comunicar conosco; e também não é

raro que todos os assistentes a uma sessão de materialização, possam enxergar os espíritos. Porém no primeiro caso, a presença dos seres de além-túmulo somente é sentida pelos médiuns, no segundo as manifestações ocorrem geralmente no escuro, e no terceiro os espíritos que podem ser vistos e tocados fizeram previamente o trabalho de materialização.

Aqui hoje, apresentou-se diante de nós, que não somos médiuns, e a plena luz, um espírito, não livre, sem os procedimentos prévios da materialização e obedecendo à vontade da médium em estado de vigília. São várias as dificuldades vencidas, todas elas a um só tempo; evocar e fazer responder um espírito ligado ao lugar da sua expiação, que ele se faça visível para aqueles que não são médiuns, que ele obedeça ao mandato, e tudo isso feito à plena luz.

Isto só é concebível com o auxílio de muito elevados espíritos, como estes que nos dão a felicidade de presidir as nossas sessões, e como uma potentíssima mediunidade, como a de Isabel. Fernández tem razão. O Espiritismo moderno ainda não chegou a tanto.

Capítulo X

I. Sessões de estudo teórico-prático. A médium concorre por segunda vez à Exposição de plantas e flores. Premio obtido. — II. Notáveis apports de flores. — III. Suspensão de trabalhos. Viagem a Paris. Notável decaimento de faculdades mediúnicas.

I

11 de abril de 1879. — Dois dias após a portentosa sessão do dia 9, inauguraram-se outras com objeto de: Explicações doutrinárias de Espiritismo, desenvolvimento de mediunidades, trabalhos sonambúlicos, e por último, evocação dos espíritos para se obterem algumas manifestações.

Assistiram à sessão inaugural: os componentes do grupo, Corrales, Alarcón e esposa, Nicolau Hernández, Francisco Jera e sua esposa Encarnação Garcia (sonâmbula de Naval Moral), Maroto, a senhora Olona e seus dois filhos.

Corrales adormeceu a sonâmbula, a médium escreveu uma comunicação (em francês, língua que não conhece), do espírito da mãe de Mr. Couillaut; e eu dei leitura à ata da sessão do dia 9.

Observou-se uma rajada luminosa ou fluídica no teto, precursora de algum apport.

Dois espíritos tentaram se materializar no gabinete, mas não conseguiram por causa da interposição de certas correntes fluídicas ruins, que em uma grande parte procediam de algumas das pessoas assistentes, que não guardaram todo o recolhimento devido. Somente caiu um bom número de flores e a médium acusou a presença de alguns espíritos familiares que, se as condições fossem melhores, teriam se comunicado.

Nas sessões dos dias 18 e 25 houve maior número de manifestações. Migueles foi o encarregado de escrever os relatos.

Dia 2 de maio de 1879. — Celebrou-se a última destas sessões de estudo. Nelas costumava se apresentar o espírito de Laura e também o de

Manolita, que em sua última encarnação esteve ligada a Migueles com laços de muito carinho, sendo visíveis para todos.

Os trabalhos foram suspensos, por eu estar muito atarefado com a Exposição de plantas, flores e aves, que aconteceu nos jardins do Bom Retiro, e com a Sociedade madrilense protetora dos animais e as plantas, à qual eu pertencia e da qual fui depois secretário.

Encarregado por aquela sociedade para dirigir e vigiar os trabalhos de instalação, já uns dias antes de a Exposição ficar aberta, eu passava o dia inteiro da manhã à noite no Bom Retiro. O concurso aconteceu de 20 a 28 de maio.

Por todo aquele tempo ficaram suspensas as sessões, porém houve numerosos apports de flores, ora em casa, ora na própria exposição, onde chamaram muito a atenção aquelas flores e plantas, todas elas de apport, apresentadas pela médium como expositora, a qual recebeu por isso um diploma como prêmio, além de atenciosa comunicação da sociedade organizadora daquele certame.

Um dia em que se celebrava o concurso de flores cortadas, os espíritos tinham nos aportado algumas flores belíssimas, para serem levadas à Exposição. Com elas, e acompanhado da médium e de uma de suas filhas, em uma berlinda de aluguel, fui da minha casa, na Rua Almagro, até o Bom Retiro, passando pela Rua Barquito. Quando desembocávamos na Rua Alcalá, caiu sobre nós, como desprendido do teto da carruagem, um apport de flores, entre elas três soberbas magnólias, que em poucos momentos figuravam na Exposição. Não havia lá magnólias mais formosas naquele dia, apesar do especial concurso.

Sob a epígrafe “A Médium das Flores na Exposição de flores e aves”, a revista O Espírita, de junho de 1879 publicava:

Os visitantes da Exposição tiveram ocasião de admirar as coleções de flores que em um pavilhão da Sociedade Madrilense protetora dos animais e das plantas exhibia a expositora Sra. D^a I.B.M., cujas iniciais correspondem ao nome da grande médium do grupo Marietta, já conhecida em ambos os continentes com o gráfico apelido de Médium das Flores. As primeiras camélias, as mais formosas dalias, a melhor e mais numerosa coleção de magnólias, os melhores exemplares em rosas e ainda em cravos, as únicas calceolárias ou sapatinho-de-vênus, os únicos buquês

de rosas de musgo e grande variedade de flores aumentadas ou renovadas todos os dias, melhorando sempre, até o último dia da exposição, chamaram a atenção geral ao mais alto grau que supõe o diploma de segunda classe, outorgado pelo júri, que, para as suas pontuações não pôde apreciar o que foi apresentado no final. Esta falta irremediável foi emendada pela Sociedade Protetora, em atenciosa carta oficial, que entregou à expositora, a qual mereceu grandes simpatias e ser obsequiada pelas pessoas mais distintas.

II

Depois da Exposição e no mês de Junho continuaram diariamente os apports de flores.

Eis aqui algumas anotações tomadas dos meus cadernos:

9 de junho de 1879. – Aniversário de Visitação, a filha menor da médium.

Apports de variadas e belas flores na véspera e na manhã daquele dia, e um vaso de fúcsia.

Acabando de almoçar depois de escutar certos barulhos lá no gabinete enquanto estávamos na sala de jantar e na cozinha, encontramos no referido gabinete, no chão, ao pé do retrato de Marietta e presidindo o retrato da menina Visitação, um magnífico apport de flores artisticamente colocadas:

- Uma bela dália.
- Três magnólias.
- Um galho com 5 flores (gerânio simples)
- Cinco galhos de açucenas.
- Quatro galhos de gladiolo.
- Vinte e seis ervilhas perfumadas.
- Setenta e nove rosas.
- Oitenta e oito cravos.

Duzentas e onze flores no total.

À noite grande apport de várias dúzias de cravos, enchendo a cama da menina.

Dia 17 de junho. – Apport de magníficas rosas brancas.

Dia 18 de junho. – Apport de flores depois do almoço, quando a médium estava na sala de jantar com as meninas. Ele cai do teto, formado por rosas, cravos, margaridas, gerânios e gerânios pluma.

Dia 23 de junho. – Às quatro e quinze da tarde, no escritório quando eu estava com Simon escrevendo, colocam um apport na mesinha do gabinete contíguo; uma porção de magníficas rosas brancas cobrindo uma caixa com tampa de vidro. Chamo a médium para ver, e quando ela entra

depois no escritório, seis cravos e docinhos caem na minha frente.

Este apport para mim possui grande valor, pois responde ao desejo ou pedido mental feito pouco antes aos espíritos, como me queixando em certo modo porque nenhum dos últimos apports de flores teve lugar na minha presença.

Dia 24. – Às quatro horas e meia da tarde, apport de flores no gabinete e no escritório, estando presentes a médium, Ramos, eu e a menina.

Quinze minutos depois, com as mesmas pessoas no escritório, cai outro apport de flores, com docinhos e três galhos de romã (remédio receitado à médium) e camomila.

Dali a cinco minutos, enquanto a médium, as meninas e Ramos recolhem as flores do chão, eu escrevo um artigo (de polêmica espírita, respondendo a O Diário Católico de Zaragoza), um precioso buquê de flores brancas cai sobre a minha cabeça, que ficou molhada com a água desprendida do buquê, na sua veloz queda, de perto do teto. Outro buquê e várias flores caem perto da médium.

Às cinco horas, umas pancadas fortes na porta do escritório e outras mais suaves aqui, e no gabinete. Presentes eu, a médium e o Ramos.

Quando Anita Olona chega, o retrato de Manuel, que estava no gabinete, aparece em cima da mesa do escritório.

Entramos no gabinete para mostrar as flores do apport à Anita; enquanto mostro a ela o buquê que antes me lançaram, três iguais caem por cima de nós, um deles em cima de mim. A parede está molhada com água, indicando o trajeto percorrido pelos buquês ao se desprenderem do teto. Também docinhos caem.

Dia 23 de junho de 1879. – Dia do Santo do Manuel. – Os espíritos que começaram ontem a festejar o dia do Santo continuam festejando hoje.

De manhã, em volta das seis horas, grande apport de flores com o retrato dele.

Ao meio-dia, depois do almoço, Ramos, Anita Olona, Simon e as crianças, comigo no gabinete e no escritório, eu tocando piano, duplo apport de magníficas flores no escritório e na alcova por cima da cama, presidindo o mencionado retrato.

O apport era composto de: 2 magnólias, 5 dalias, 8 graviolas, 12 açucenas, 40 cruz de Malta, 80 cravos e 104 rosas; no total, 251 flores e

além disso dois grandes feixes de manjeriço e um de jasmim; muitos docinhos também, tudo artisticamente colocado, sobressaindo em três pilhas. Sempre com o número três. Refere-se aos três fundadores do grupo.

Às dez horas da noite, estando no escritório eu com a médium e Couillaut, ela percebe fluidos lá para a banda da sacada que fica mais afastada da minha mesa, ao redor da qual estávamos sentados, e vê o espírito de uma das suas filhas desencarnadas.

Vamos então até aquela sacada e encontramos que foi colocada terra nova nos dois vasinhos pequenos, presente do Sr. Tallada, tirando as plantas que já estavam meio murchas, de outros apports, e colocando no lugar outras preciosíssimas. Sem dúvida pela falta de fluidos não levaram a terra velha embora, e também deixaram galhos podados pelos invisíveis das begônias que estavam naquela mesma sacada. É de se notar que naquele mesmo momento em que eles podavam aquelas plantas, eu estava lendo para a médium e Couillaut as anotações do ano passado nestes dias, onde era comentada a podadura feita pelos espíritos na planta de abacaxi aportada na época, que estava no nosso escritório.

III

Em 1º de julho de 1879 saí de Madri, e após passar uma temporada na Galícia, para restaurar a minha saúde, alquebrada pelo excesso de trabalho e os desgostos que me deram certos mal chamados espíritas, fui, em meados de outubro, até Paris, onde estava a médium com parte da sua família e os componentes do grupo, Couillaut e Diéguez.

Houve algumas manifestações.

Em 18 de outubro de 1879 as cinco pessoas do grupo, a médium, Manuel, Couillaut, Diéguez e eu, no hotel onde nos hospedávamos, celebramos à noite uma pequena sessão às escuras. Pequenas batidas, luzulas, mãos materializadas, braços que enxergo e apport de pequenos tabletes.

Em algumas noites evocamos, e obtemos algumas comunicações de Marietta, que Manuel escreve.

No dia 30 celebramos sessão para comemorar o segundo aniversário do grupo. Notáveis fenômenos.

E não houve mais manifestações. Dir-se-ia que Isabel tinha perdido a mediunidade. Não pudemos ter uma sessão com Mr. Leymarie, o diretor da Revue Spirite, nem pudemos apresentar aos espíritas de Paris os fenômenos produzidos pela Médium das Flores, para que fossem por eles estudados. Não tendo realizado esse meu propósito, voltei muito desgostoso para a Espanha, em meados de janeiro de 1880.

Capítulo XI

I. Reabertura dos trabalhos. Outra vez o espírito de Marietta. — II. Ata da sessão de 3 de abril de 1880. Manifestações espontâneas. Assistência de D. Segundo Oliver. — III. Várias sessões sem incidentes notáveis. — IV. A materialização torna a acontecer. Observações e conjeturas sobre a produção do fenômeno. — V. Últimas sessões.

I

Reabertura dos trabalhos

Foi encerrada no mês de junho de 1879 a segunda série de trabalhos, que ficaram em suspenso durante nove meses, sem outras manifestações além do pouco acontecido em Paris, e que foi acusado como perda ou suspensão da mediunidade.

As minhas anotações ficaram interrompidas em 25 de junho no 6º caderno. O 7º, que não foi completado, começou em 23 de abril de 1880.

Por separado conservo dois manuscritos, um com a minha letra e o outro com a letra do secretário S. P. de Ramon, contendo o relato que vou reproduzir, de duas interessantes sessões.

GRUPO MARIETTA. - Reabertura dos seus trabalhos. – Relato da sessão de materialização celebrada em 30 de março de 1880, para comemorar o XXXII aniversário da divulgação do Espiritismo na América, e XI da desencarnação de Allan Kardec.

Com a reunião das 14 pessoas listadas à margem (*Não conservo essa lista, mas os assistentes a essa sessão, assim como à do dia 3 de abril, devem ter sido os doze componentes do grupo Marietta, e os médiums Segundo Oliver e N. Rodríguez. Grupo: a médium, Torres-Solanot, de Salvador, Couillaut, Diéguez, P. de Ramon, Romero Ramos, Migueles,*

Hilária Satorres de Ramon, Paula Diaz de Diéguez, Hernández e Diéguez (filho), às nove horas e meia da noite a sessão começou, depois de vistoriar minuciosamente o quarto e de fechar e lacrar portas e sacadas.

Sentados ao redor da mesa e formada a corrente, a luz é apagada. Pouco depois, um suspiro da médium indicou-nos que ela já estava sob a influência dos espíritos. O espírito de Marietta dirige-nos a palavra por boca da médium, parabenizando-nos pelo fato de reatar as nossas sessões, e recordando-nos aquilo que disse aos três fundadores do grupo quando elas começaram: *Esperança e confiem; tenham fé*.

As manifestações começam: pancadinhas que ressoam simultaneamente na mesa, nas portas, nas paredes e nos móveis; o som de campainhas e uma caixa de música percorrem o espaço pelo ar; mãos materializadas que tocam, ao mesmo tempo, em vários dos assistentes. Em certos momentos observa-se uma claridade no quarto.

Acendemos a lâmpada que está em cima da mesa. O espírito despede-se de nós, para tentar a materialização, encomendando-nos procurar com a nossa vontade concentrar o fluido e mandar tudo para a médium, que cai em sonambulismo espiritual, isto é, aquilo que os ingleses chamam de transe, e sofre algumas convulsões.

Dali a pouco, com certa dificuldade, a cortina preta que fecha a porta do gabinete afasta-se, e Marietta aparece no limiar; cumprimenta-nos dizendo com voz argentina: *Buona notte, figli miei*; manda fluido para a médium, que ainda está um pouco confusa, e que se acalma, sem dúvida pela ação do fluido do espírito.

Percebo que a materialização está mais adiantada. Seus movimentos são mais soltos, o rosto é mais corado, porém ainda é completamente rígida; é o busto de uma estátua, mais do que uma cabeça humana.

Acendendo a luz vemos que os espíritos tinham tirado a gravata da médium, deixando-a em cima da mesa, e colocando-lhe no peito um soberbo cravo branco e uma belíssima marimonia, de cujo centro saía outra pequenina, com uma haste de uns dois centímetros. Acredito que seja um exemplar digno do estudo na teratologia vegetal; o secretário do grupo encontrou, colocado na casa do botão da sobrecasaca, um formoso cravo branco com pontas vermelhas, e eu também outro magnífico, vermelho. Era uma distinção para os três fundadores do grupo.

Para colocar o meu, tiveram de desabotoar o botão; porém eu não percebi nada além de estar sentindo cheirinho de cravo, visto que ele estava a um decímetro por baixo do meu nariz. Imaginava que aquele aroma era como outros percebidos durante a sessão.

À esquerda de Marietta aparece outro espírito meio coberto com a cortina: toma um objeto, avança até nós e mostra um galho de begônia real, belíssima e delicada flor que o espírito estende para a médium; como ela não alcançasse para pegá-lo, levanto-me do assento sem quebrar a corrente, e Marietta, que estava a pouco mais de um metro da minha cadeira, entrega-me a flor indicando com claros sinais que é para a médium. Quando peguei a flor apertei entre os meus dedos os dedos do espírito materializado, certificando-me de que aquele ser temporalmente vivente entre nós era corpóreo, como nós.

Por várias vezes tive a inapreciável felicidade de estar tão perto e de tocar um ser de além-túmulo materializado; mas apesar disso, é indefinível a sensação que experimento no momento de contemplar tão próximo e submeter à comprovação do tato a realidade de um espírito materializado cujo invólucro corporal, quando animava um organismo humano, faz muitos anos que está repousando no túmulo.

Pela primeira vez o espírito materializado senta-se em um assento que um ser invisível coloca convenientemente para ele. Permanece um tempinho naquela posição e, assim como veio, o assento desaparece. (Curiosas observações feitas por mim).

A médium acorda sentindo-se muito cansada; a sessão continua no escuro, e o espírito torna a se apossar dela.

Manifestações iguais às da primeira parte da sessão. Várias vezes, e, algumas, em ponto determinado e a pedido nosso, ouvem-se doze pancadas contínuas, que sem dúvida devem ter algum significado.

Grande quantidade de luzulas percorre o quarto.

Aparece no gabinete um vulto fluidificado, vestido com roupagem branca e com uma luz na mão. É o espírito do beato Simon de Rojas, segundo diretor do grupo.

Por cima de nós e da mesa, mas sem tropeçar com a lâmpada, cai uma verdadeira chuva de flores vindas de diferentes direções. Percebo que eles enchem de flores a saia da médium, sentada como sempre à minha direita.

Vários dos assistentes que fizeram esse pedido expresso são presenteados pelos espíritos com uma flor.

Somos avisados de que vamos obter uma comunicação escrita por um espírito. Ouvimos o barulho do papel que vem pelo ar e sobre as nossas cabeças começa a escrever, apoiando o papel sobre a minha careca. Notando que o ser que escreve está às minhas costas, inclino para trás a cabeça e tropeço com alguma coisa que, sem oferecer sólida resistência, é material; por um espaço de tempo encosto nele a minha careca, para apreciar no possível a índole daquele corpo, cujo contacto não produz a impressão de tecido, roupa ou carne; produzia em mim o efeito indefinível sentido algumas outras vezes ao tocar em um ser fluídico.

Terminou a sessão, depois de uma hora e meia, com a médium muito abatida, porém mostrando, pelo que tínhamos presenciado que, longe de diminuir, as suas poderosas faculdades tinham aumentado no interregno de nove meses de suspensão dos trabalhos do grupo.

Encontramos uma pilha de flores, todas belíssimas, com as quais deu para encher sete vasos; os três cravos e a marimonia e as flores mencionadas, quatro belíssimas camélias brancas, flores de begônia de inúmeras variedades, incluída uma australiana, tulipas, narcisos, heliotrópios, reseda, marimonias, rosas, granadinas, margaridas napolitanas, hera dupla, tuberosas dos Estados Unidos (não existentes na Espanha), folhas verdes como aquelas do túmulo de Kardec.

II

Ata da sessão de 3 de abril de 1880

Eis aqui cópia de alguns parágrafos do segundo manuscrito citado acima:

Cópia da Ata da primeira sessão de manifestações espontâneas de 3 de Abril de 1880.

Tendo as pessoas listadas à margem se colocado de igual modo que na sessão anterior, depois da oração preliminar ouviu-se o som de uma campainha e ao mesmo tempo barulhos e pancadinhas em diversos pontos do escritório e do gabinete. Também chegaram a ouvidos de alguns dos assistentes, alguns ais como de algum ser que sofre e se lamenta com marcada dor; a seguir apareceu no gabinete o espírito do Beato, da mesma forma que na sessão anterior.

Encarnação, sem manifestá-lo, sentia vivo desejo de que aparecesse o espírito de um menino do qual ela guardava uma feliz lembrança, e depois de ter afugentado um espírito perturbador que tentava cortar os fluidos, apresentou-se em cima da mesinha do gabinete o vulto de um menino fluidificado que subia e descia com grande facilidade.

O espírito por todos conhecido pelo nome de Manolita cruzou o gabinete em forma fluídica, vestindo brancas roupagens.

Este espírito deteve-se mais de dois minutos na porta acenando e dando pancadinhas em resposta a perguntas que lhe eram feitas.

Continuavam os ais, repetiam-se as pancadas, barulhos e o som da campainha; por duas vezes um barulho na porta da escadaria foi ouvido com perfeita claridade, e outras tantas vezes, tendo ido olhar os médiuns Simon e Segundo, não viram ali nenhum encarnado. Era o espírito de Pelet, anunciando-se como em outras vezes.

À tarde, a médium suplicou ao Segundo para comprar e trazer uma corda, pois que conforme o mandato dos espíritos com ela reproduzir-se-ia o fenômeno da poltrona; mas o Segundo, examinando cuidadosamente a corda que já tínhamos, não julgou necessário substituí-la e com essa mesma corda foi amarrada a médium por Migueles, que, ajustando os nós

das mãos sem deixar a elas possibilidade alguma de movimento, e amarrando fortemente os cabos nos braços da poltrona, demonstrou que, se bem não era possível ver nele como em outras vezes o homem considerado para com as senhoras, mostrava-se com evidente claridade o escrupuloso espírita.

A seguir foram colocados lacres e selos, e todos nós nos retiramos aos nossos assentos; mas em se sentando o secretário geral que era encarregado de baixar a cortina, já estava conosco a médium, e de posse dela, Marietta dirigiu-se a Segundo para dizer-lhe: Meu filho, com estas condições os ginastas não desamarram; depois cumprimentou em nome de Deus e retirou-se. (1) *O Sr. Segundo Oliva, que a médium conhecera em Paris poucos meses antes, dirigindo uma academia esportiva, era um antigo amigo meu, grande ginasta que percorrera os principais circos eqüestres colhendo muitos aplausos pelos seus notáveis e arriscados exercícios. Quando os irmãos Davenport, que se intitulavam médiuns, estiveram em Madri e se exibiram no teatro de Novidades com o seu célebre armarião, onde eram amarrados e apareciam desamarrados, Segundo entrou no palco trazendo uma corda para substituir a corda dos Davenport. A negativa deles causou-lhe um fiasco. Daí, sem dúvida, a insistência do espírito para que o próprio Segundo levasse uma corda sua, e a alusão aos ginastas.*

No momento ouviu-se um suspiro da médium, entramos e encontramos intactas as cordas e a médium na mesma posição em que foi deixada, e procedemos a desamarrá-la.

O médium Segundo evocou seu espírito protetor, examinou alguns doentes que estavam fora do grupo, além de dois dos presentes, diagnosticando as doenças de todos eles e prescreveu o tratamento que devia ser adotado para a cura.

Pepita Corrales também quis consultar, e depois ficou enormemente satisfeita, porque o espírito, por intermédio de Oliver, descreveu minuciosamente a sua doença, afirmando que se bem era possível contornar seus efeitos destruidores, não devia esperar-se uma cura total. (1) *A redação da Revista de Estudos Psicológicos, encarregada de revisar as provas do presente livro antes de dá-las a prelo (trabalho que não pôde atender o Sr. Vizconde de Torres-Solanot pelo seu*

delicadíssimo estado de saúde) procurou, com verdadeiro empenho, comprovar, no que fosse possível, muitos dos fatos relatados. A feliz circunstância de o Sr. Segundo Oliver estar viajando em Barcelona, o qual não conhecíamos, porém cujo nome lêramos ao pé de alguns artigos inseridos no jornal A Publicidade, de Barcelona, defendendo o Espiritismo dos ataques que a ele dirigia um colaborador anônimo de O Dilúvio, moveu-nos a indagar onde ele morava, com o propósito de pedir uma entrevista. Com suma deferência, que muito agradecemos, o Sr. Oliver dignou-se a nos visitar, e tendo mostrado a ele as páginas que relatam a sua assistência às sessões e sua participação nos trabalhos do grupo Marietta, corroborou tudo o que foi relatado neste capítulo, demonstrando possuir muito boa memória, lembrando até dos mais insignificantes detalhes, alguns deles não descritos neste livro. A seu ver, atendia-se muito à importância dos fenômenos obtidos. A mesma coisa nos foi manifestada por outras testemunhas presenciais, entre as quais o Sr. Joaquim Diéguez, tantas vezes mencionado nestas páginas, que na atualidade reside em Barcelona, tendo-se oferecido para dar testemunho da verdade dos fatos relatados neste livro. Bem que gostaríamos de ampliar o capítulo XI e outros com novas e interessantes notícias, que sobre os relatados fenômenos nos foram facilitadas pelos Sres. Oliver, Diéguez e as outras testemunhas presenciais que consultamos; porém, preferimos não alterar o texto original deste livro, por ele ser um extrato das anotações tomadas durante aquelas famosas sessões, que publicamos tal qual nos foram entregues pelo Sr. Vizconde de Torres-Solanot. – (Nota da Revista de Estudos Psicológicos)

Depois disso e de agradecer aos espíritos por tão assinaladas provas do seu poder como hoje estavam dando, terminou a sessão às onze horas e meia, o qual certifica – O Secretário S.P. de Ramon.

III

Várias sessões sem incidências notáveis

Copio do 7º e último caderno do Diário das minhas pesquisas no grupo Marietta:

Dia 23 de abril de 1890. – Retorno a Madri. Quando entro no quarto, cai por cima de mim na ante-sala um apport de magníficas flores, uma delas na mão com que seguro o punho do guarda-chuva. A médium, Manuel e a menina estavam comigo.

Pouco tempo depois, uma forte pancada faz-nos entrar no gabinete, e na cama da médium encontramos outro magnífico apport de flores.

À noite. – Reunião do conselho diretor do grupo e Corrales. Várias manifestações notáveis, pelas circunstâncias em que são produzidas.

Dia 24. – Sessão ordinária do grupo. As seis pessoas da casa, Corrales e a esposa, Anita Olona, Nicolau e Migueles. – Noventa minutos – às nove horas da noite.

Pancadas, barulhos, campainhas, transportação de objetos, aparição de espíritos fluidificados no gabinete, com a lâmpada a meia-luz. Uma freira; outro vulto que não consigo distinguir, na frente da chaminé. Por duas vezes o espírito fluidificado de Marietta atravessa, envolto em brancas roupagens. Aparição de uma mão.

Pela primeira vez, uma mão que alguns conseguem ver escreve no teto. Lança o porta-lápis na nossa frente. Em cima da cabeça da médium, aparece escrevendo com lápis a palavra Marietta no teto.

Dia 25 de abril de 1880. – Pela primeira vez, às três horas e meia da tarde, quando eu estava no escritório, com a médium, Manuel, Simon e Migueles, de sacadas abertas, ou seja, à plena luz, a médium cai instantaneamente em êxtase, e Manuel e Migueles, que estavam sentados ao redor da mesinha, enxergam na ante-sala o espírito materializado de Marietta.

Pediu-se a repetição do fenômeno; Simon e eu nos aproximamos da mesinha, e o fenômeno reproduz-se; a porta de entrada da sala (a folha da esquerda) defronte da qual estávamos sentados é aberta, e na ante-sala a

materialização de Marietta aparece, como nas sessões com luz artificial. Mal chegou a ficar por um minuto.

Isto é, sem dúvida, o mais notável que até hoje obtivemos.

Dia 1º de maio. – Agora fazemos duas sessões semanais, nas terças e sábados, porém eu não posso estar presente nelas, porque os trabalhos preliminares para a Exposição de plantas, flores e aves como no ano passado, vai acontecer nos jardins do Bom Retiro da Sociedade matritense protetora de animais e plantas, que me nomeou subdelegado.

Desde o dia da minha chegada não tem havido apports de flores. É de se notar que ainda hoje quase todas as flores aportadas no dia 23 permanecem viçosas, guardadas em vasos, sem outros cuidados além dos costumeiros.

No dia 2 voltou para casa, após muitos dias de ausência, Mari, a filha mais velha da médium, ex-freira do convento de Altabás, de Zaragoza, e cuja fuga, verdadeiramente maravilhosa, somente pôde acontecer com auxílio dos invisíveis e por ela ter condições mediúnicas. Nos acontecimentos de sua vida, novelescos e dramáticos, existem muitas coisas, inexplicáveis fora do Espiritismo.

Tenho observado que durante a sua ausência não aconteceram certas manifestações de espíritos retrasados, algumas delas terríveis, como quando suas roupas foram incendiadas, e quando, uma noite, as más influências deixaram todos nós abalados. Mercê à sua peculiar mediunidade, já tive ocasião de estudar manifestações de espíritos maus, cuja perniciosa influência felizmente ficava contra-arrestada pela mediunidade de Isabel e os nossos bons protetores.

Dia 10. – À noite. Apport no gabinete de uma belíssima rosa - chá e alguns galhos de gerânio perfumado, precedido de um forte barulho na chaminé e uma pancada na cômoda, que assustaram a médium, as meninas e a babá.

Dia 12. – Apport de um galho com 11 açucenas; 6 rosas; 11 grupos de rosas cor de creme, chamadas rosas de Vênus; um galho de flor Juliana, duas peônias e quatro mundos.

Dia 13. – Dois cravos, uma rosa muito grande, 11 de musgo e outras flores soltas. Este apport acontece às cinco horas e meia da tarde, no escritório, na presença da médium, de Manuel e de Migueles.

Durante o mês de maio as sessões continuam nas terças e sábados; estas, de manifestações, e as das terças, de estudo teórico. Constam do livro de atas de secretaria. Nada de notável ofereceram.

Durante este mês inteiro aconteceram inúmeros apports de flores.

Algumas delas apresentadas na Exposição. São premiadas com menção de honra, embora merecendo um prêmio maior.

IV

A materialização reproduz-se

Dia 8 de junho. —Véspera do aniversário da menina Visitação. – Sessão extraordinária de materialização.

Assistem os componentes do grupo: as seis pessoas da casa, Migueles, Nicolau, Alarcón e esposa, Corrales e esposa, e Anita Olona.

Inúmeras manifestações, muitas delas de caráter familiar, excitando a nossa hilaridade.

Notável manifestação do Beato, que chega até o limiar da porta do gabinete.

Ao mesmo tempo em que a materialização de Marietta, apresenta-se por um instante, atravessando o gabinete, um vulto vestido com batina preta e roquete branco. Falam que é o espírito de Luis Gonzaga, protetor da menina. O espírito escreve na minha mesa uma felicitação para ela.

O chapéu de Alarcón, que ficara na ante-sala, é feito entrar.

Notável fenômeno de aportar três flores para um vaso que eu estava segurando por baixo da mesa sobre o livro (um exemplar encadernado de Marietta), que nos serve para receber as comunicações por escrita direta.

Dia 9. – Aniversário da menina Visitação, que está completando 13.

Entre várias outras manifestações, grande apport de flores, no gabinete, às seis horas e meia da manhã.

13 cravos de distintas cores; 26 rosas brancas, 13 em cada lado; 13 dalias; 40 rosas; 4 galhos de cravina; 13 de manjerição; 7 de boca de dragão; 1 de açucena; 2 magnólias; inúmeros galhos de botão de prata; um vaso bem notável de amor-perfeito.

Além de muitos docinhos.

Houve mais dois apports de flores, e com isso, a casa está cheia.

O número 13, que são os anos que a menina está completando, ressalta em muitas das manifestações.

Dia 10 de junho de 1880. – Notabilíssima sessão de materialização. Mais de duas horas; das nove horas da noite até mais tarde das onze.

Assistentes: as seis pessoas da casa, Isabel, Manuel, Simon, Lara,

Visitação e eu; Migueles, Nicolau, Alarcón, Corrales e esposa, e Anita Olona.

As portas são fechadas e seladas. Sentamos todos doze ao redor da mesa, em cima da qual havia uma taça para vinho, cheia de água nos seus dois terços. Deu-se leitura à prece.

Tendo formado a corrente e apagado a luz, a médium caiu logo no sono sonambúlico espiritual (transe), com algumas convulsões, denotando a falta de fluido e o cansaço por causa dos trabalhos espíritas destes dias. O Espírito diretor, tomando posse dela, cumprimentou-nos e dirigiu-nos a palavra na forma costumeira, ao mesmo tempo em que eram produzidas várias manifestações: pancadinhas em diversos pontos da mesa, na porta, no estante de livros e outros pontos, música, claridade visível para alguns, etc.

A seguir começou a manifestação do Beato no gabinete. O ponto luminoso não conseguia adquirir intensidade, pela falta de forças fluídicas da médium. O fenômeno demorou mais do que nunca para acontecer, e afinal, deu-se na forma costumeira e já descrita várias vezes, sendo de notar um evidente progresso, como em todas as manifestações. A luz interior do vulto fluidificado iluminou o quarto por completo durante alguns instantes, enxergando completamente todos os objetos e as pessoas ao redor da mesa.

Depois as manifestações continuaram: barulhos, pancadas, luzulas, música, campainhas, mãos materializadas que tocaram em todos nós, etc. Estas manifestações eram fracas, no intuito de reservar o fluido da médium para as manifestações que deveriam acontecer logo mais.

Depois de uns instantes de oração mental por certos espíritos retrasados, e para solicitar o auxílio dos protetores e do Ser Supremo, com o fim de obtermos as provas que tentaríamos fazer, a luz da lâmpada acendeu, despedindo-se o espírito de Marietta apossado da médium, e que ia se materializar.

A médium foi acometida de grandes convulsões, como nunca tínhamos observado, e com espanto, demos de cara com a cortina do gabinete afastada e a materialização às nossas vistas, sendo que sempre demorava um tempo mais ou menos longo em se apresentar, depois de acendida a luz. Sem dúvida, o fato de a materialização acontecer tão

instantaneamente, foi o que causou as convulsões na médium, efeito do excessivo gasto de fluido para conseguir esse fenômeno.

Notei um visível progresso no vulto materializado, que no modo de andar e em todos seus movimentos mostra uma grande desenvoltura. Aquilo que antes parecia um manequim, já é um ser quase semelhante em tudo a um encarnado, chegando a esse desenvolvimento ao longo das nossas sessões de materialização.

Marietta aparece com várias flores no peito e algumas delas embrulhadas entre as brancas e finas gazes das suas roupagens. Estas flores, conforme oferecido pelo espírito em uma das sessões anteriores, são destinadas para presentear cada um dos doze indivíduos do grupo. Faço notar aqui o fato de que há muitos meses as manifestações dos espíritos assinalavam o número doze.

Marietta se aproximou até pouco mais de um metro da minha cadeira e da cadeira da médium, as mais próximas do gabinete onde a materialização acontece; o espírito tomou a flor que trazia na parte superior do seu peito, uma magnífica dália vermelha escura, quase se confundindo com o preto, e com talo também muito escuro, que ofereceu à médium, e que esta pegou estendendo o braço. Levantei-me depressa para pegar de mãos de Marietta a magnífica dália branca que me oferecia e que trazia também ao peito, do lado do coração; ao mesmo tempo deixou cair outra dália branca, que trazia no lado oposto do peito, que ofereceu a M., e, pegando-a do chão, colocou-a nas mãos do espírito para que a desse a ele. Depois entregou a S. outra dália de pétalas vermelhas com as pontas brancas, e a seguir pegou o buquê de goivos que trazia e foi distribuindo-os aos assistentes, pela ordem das cadeiras e da antiguidade no grupo. Eles levantavam-se sucessivamente, sem quebrar a corrente, aproximavam-se do espírito materializado e de suas mãos tomavam a flor.

A menina, que não pôde dominar completamente sua emoção nestas sessões a que ainda não estava acostumada, foi objeto de distinção especial por parte do espírito, ao lhe entregar a correspondente flor.

A distribuição das flores demorou bastante para terminar, e nesse tempo Marietta mandava fluido para a médium, falando para nós fazermos a mesma coisa.

Aproximou-se de nós mais um pouco, tomou das mãos da médium a taça

de água que antes mencionei e levando-a aos lábios, o espírito materializado bebeu o conteúdo, fazendo ressaltar o barulho dos lábios ao sorver e o da ingurgitação, se bem exteriormente não foi possível perceber o movimento natural da laringe quando pelo órgão correspondente passa uma quantidade de líquido em direção ao estômago.

Sem dúvida para nos fazer notar ainda mais este fenômeno, produzido em raras ocasiões até agora, e que é um dos que mais chamaram a atenção dos observadores; e talvez aquele que lança mais luz para explicar o fato estranho da real e íntima relação do espírito materializado com o médium. O espírito fez um rápido movimento com a taça, da qual se desprenderam algumas gotas de líquido que restavam, e que com esse movimento, foram lançadas ao meu rosto, como para provar que o líquido não se tinha evaporado e que realmente fora bebido. Devo fazer notar que apesar da violência com que as gotas de água bateram no meu rosto, não produziram em mim a conseguinte sensação desagradável. Outra circunstância é mais significativa ainda para apreciar o fenômeno. Depois de beber e quando já ia se retirando para o gabinete, pronunciou por duas vezes consecutivas a palavra beber, com voz gutural, rouca e cavernosa, fazendo para isso visível esforço.

É de se notar que aquele espírito materializado, quando em outras ocasiões nos dirigira alguma palavra ou frase curta, sempre foi com timbre argentino, e como se o som fosse produzido na boca ou nos lábios, nesta sessão, porém, quando pronunciou a palavra beber, foi possível apreciar clara e distintamente que o som vinha da laringe, do órgão da voz. Poderia isto demonstrar que no ser materializado também estavam desenvolvida a faringe e o esôfago, talvez para verificar a função realizada? Ou apenas, pelo contrário, provava que existia laringe, mas não faringe, nem a sua continuação esôfago, visto que, em vez de ir se depositar no estômago do ser temporalmente vivente, o líquido vai para o médium?

Se como acredito, isto for assim, o líquido não passa do fundo da cavidade bucal do ser materializado, nem chega a penetrar na faringe, e por isso não determina os movimentos de contração da laringe notados no exterior quando alguém bebe.

Imediatamente depois de Marietta ter apurado a água da taça, olhei para

a médium, esperando que ela vomitasse a água bebida pelo espírito, como costuma acontecer neste fenômeno. Com efeito; a médium lançou pela boca uma quantidade de água equivalente àquela bebida pelo ser materializado, e notei que a última parte do líquido expulsado parecia misturado com saliva, como se a água tivesse passado pela primeira elaboração necessária sofrida pelos alimentos na boca para serem introduzidos no canal digestivo, determinando a sua primeira transformação química.

O fenômeno de o espírito materializado beber água, e ela ser vomitada depois pelo médium, tem chamado justamente a atenção das poucas pessoas que, segundo as minhas notícias, puderam observá-lo até agora. Dentre todos, ressaltam os notabilíssimos que durante dois anos e meio tenho presenciado, e acredito que estudado com analítico cuidado, e este deve ser um daqueles que vão deitar mais luz para explicar a materialização e acima de tudo, a relação particularíssima entre o ser que se materializa e o médium.

Pelas experiências e observações feitas até agora, é possível afirmarmos que a materialização realiza-se, principalmente, à custa do fluido roubado ao médium, talvez em estado de matéria radiante. Também contribuem a atmosfera fluídica que podemos chamar de permanente e também a accidental do lugar onde se verifica o fenômeno; a primeira, efeito da elaboração dos espíritos e dos trabalhos de desenvolvimento da materialização, e a segunda, do estado dos circunstantes, ora emprestando voluntariamente e de forma passiva o próprio fluido, ora lhes sendo arrebatado pelos espíritos que operam. Corroborando isto já fiz inúmeras observações e experiências em mim mesmo, que não deixam lugar a dúvidas; como ter notado no final de algumas sessões um grande abatimento nas forças, fraqueza nos membros, dor nas articulações, etc., e como aquilo que senti na sessão anterior, quando segurando por baixo da mesa um vaso sobre um livro, os espíritos colocaram no vaso três flores; a dor e o peso sentido em meus braços demonstravam o contingente fluídico com que contribuí para a realização do fenômeno.

As concludentes experiências feitas em Londres (e que algum dia desejo reproduzir e completar com a pesagem do espírito materializado) pesando os médiuns, que durante a materialização chegavam a perder até dois

terços do peso, explicam aquela formação; isto foi corroborado pelos médiuns e sonâmbulos que nos nossos estudos falaram que, partindo da região cardíaca do médium, ia parar no ser materializado.

Agora, esse cordão fluídico deve ser o transmissor do fluido vital do médium que vai dar momentânea vida ao ex-materializado espírito (e isto é corroborado pelas materializações que são reabsorvidas pelo médium) e esse cordão deve ser também o veículo por onde a água bebida, transformada em fluido, passa do espírito ao médium, para que ele a vomite. Na sessão que estou relatando somente me foi possível fazer observações e tomar notas para acrescentar às inúmeras já compiladas. Não rejeito, em ocasião oportuna, analisar quimicamente a água vomitada pelo médium, para deduzir conseqüências que venham corroborar aquilo que hoje não passa de simples indução. As conseqüências que hoje pudéssemos obter careceriam por completo de base racional, pois a observação não forneceu até o momento presente nada além de elementos para testemunhar a realidade do fenômeno. Somente em virtude de novas experiências, e quando estas puderem ser verdadeiramente analíticas, poderemos entrar no terreno das acertadas deduções que venham confirmar as teses ou hipóteses admitidas, ou então façam nascer outras novas, e algum dia a confirmação de uma lei conhecida ou a descoberta de alguma das tantas que ignoramos.

Em suma e para terminar as observações e conjeturas (já que não é possível fazer outra coisa por enquanto) a respeito deste ponto que é importante registrar nestas anotações, que são compilação dos notáveis trabalhos do grupo Marietta, acredito que o fenômeno de beber a água seja, depois das materializações, o mais importante que nas nossas pesquisas temos presenciado, e por isso o espírito repetiu a palavra beber, à qual não posso dar outro alcance, sob pena de invadir o terreno da imaginação, com interpretações alheias ao caráter científico das minhas pesquisas e renhidas com o positivismo, por assim dizer, que deve revestir tudo aquilo que tem relação com a parte experimental do Espiritismo, se é que desejamos elevá-lo a verdadeira ciência. Fiquem, embora, as interpretações ou conjeturas de ordem puramente imaginativa, para quando a ciência experimental tiver falado, e adentremos no terreno moral, da superior finalidade, porém que sempre terá de abranger grandes

conjuntos de fatos e extensas relações, não um fato isolado e sem relacionar.

A sessão continuou no escuro depois de desaparecida a materialização por trás da cortina, que pela primeira vez e com grande desembaraço de movimentos o espírito materializado segurou e afastou em certos momentos. Reproduziram-se, sempre com pouca intensidade, manifestações como aquelas que costumam acontecer nas nossas sessões de materialização.

Pela primeira vez, pouco antes que esta acabasse, abriu-se a cortina do gabinete e depois de uma espécie de relâmpago luminoso, visto pelos assistentes que não estavam de costas para o gabinete, apareceu um foco luminoso que parecia partir do lugar que ocupa o retrato a óleo de Allan Kardec.

Ouve-se barulho de abrir a sacada do gabinete onde a mesinha estava interceptando a passagem e impedindo abrir completamente as portas da sacada. Dali a pouco e continuando sempre a luz que iluminava somente determinados pontos do gabinete, um vulto humano apareceu coberto com negro manto procedente do lado da sacada colocou-se no centro do gabinete, banhado por completo pela luz mencionada, luz essa de aspecto parecido com a elétrica, porém não tão radiante, apesar de completamente clara, era uma espécie de luz de luar tingida por raios solares. Assim foi como eu a vi. É de se notar que alguns fenômenos, apesar de serem objetivos, costumam ser vistos de modo diferente pelas pessoas que presenciam ao mesmo tempo esses fenômenos, ficando então com certo caráter de subjetividade.

O ser coberto de roupagens pretas e iluminado pela estranha luz que surgira à nossa presença era o espírito de Laura. Assim foi reconhecido por nós e assim foi confirmado pelos espíritos. Caminhava com lentidão, e deteve-se por alguns instantes no ponto indicado, mostrando-se a nós de perfil. Em suas mãos, ocultas sob as roupagens, segurava uma folha de papel dobrado ao longo, e com ele realizou alguns movimentos e acenos. Depois foi até a alcova do gabinete, e ao mesmo tempo a luz desapareceu instantaneamente.

A sessão ainda continuou um tempinho no escuro, com apports de numerosas flores enchendo a saia da médium, e com muitas delas

lançadas por cima de quase todos nós.

Fui objeto das brincadeiras e carícias dos espíritos familiares notando especialmente a vertiginosa rapidez de uma pequena mão que tocava nas minhas pernas, corpo, cabeça, sucessivamente, sem que nesses rápidos movimentos na escuridão tropeçasse essa mão em parte alguma, e sem que o meu atento ouvido pudesse perceber barulho de movimento.

Na última parte da sessão inúmeros seres fluídicos invadiram o quarto. Em certa ocasião Migueles e eu achamos que entre as nossas cadeiras e uma das mesas do escritório passavam sucessivamente vários seres fluídicos, visto que não era possível serem materiais, por não haver espaço para eles sem tropeçarem conosco.

Todos os assistentes foram objeto de alguma manifestação especial dos espíritos.

Antes da aparição de Laura ouvimos o barulho de abrir uma das gavetas da minha mesa de escritório e tirar papel, onde os espíritos escreveram uma comunicação, que era o papel que Laura segurava e que depois trouxeram para a saia da médium, onde apareceu quando a sessão concluiu.

A comunicação dizia: *Em nome de Deus; felicitações para a grande médium pela segunda série de trabalhos, Laura.*

É verdade que ela é digna de felicitação e assim nós todos a cumprimentamos, a médium que produz os maravilhosos fenômenos da sessão relatada, epílogo da segunda série de trabalhos do grupo Marietta, e espécie de resumo, como da primeira série o foi a sessão de 9 de abril de 1879, copiada dos meus cadernos de anotações nos números de O Espírita correspondentes a junho e julho do ano passado (1878).

V

Últimas sessões

Dia 14 de junho de 1889. – Última sessão da segunda série de trabalhos. 130 minutos.

Com os mesmos assistentes da sessão anterior. Diéguez no lugar de Alarcón, que se ausentou de Madri.

Repetição dos fenômenos da sessão do dia 10. A manifestação do Beato é mais notável, sua luz interior mais clara e mais intensa.

A manifestação de Marietta apresenta-se com maior desembaraço de movimentos do que nunca. Ela já é um ser igual a nós. Por várias vezes mostra seus pés levantando o vestido. Faz um verdadeiro alarde de agilidade de movimentos.

Com alguns sinais bem compreensíveis, indica que vai acontecer outro fenômeno, e aparece o segundo espírito que há tempos começara a se materializar, tendo progredido bastante.

Marietta traz uma belíssima rosa para a médium e beija-a antes de entregá-la. Toma de mãos da médium um pequeno tablete, que coloca na boca sendo depois vomitado pela médium. No final da sessão reproduz-se o fenômeno da sessão anterior, mas em vez do espírito de Laura, outro se apresenta de saia branca e manto preto.

Repetem-se, durante a última parte da sessão no escuro, os apports de flores e tabletes pequeninos. Tira-se da minha gaveta um papel que voa pelos ares e por cima das nossas cabeças, e em um instante está sobre a minha careca, enquanto se escreve uma longa comunicação assinada Rosas e da qual copio os parágrafos seguintes, dirigidos à médium.

Algumas vezes tem aparecido aos olhos dos teus próprios irmãos, coberta por um véu de nuvenzinhas e sofrendo certos eclipses que deram como resultado um grande bem; o bem que provém da experiência do desengano, ou seja, o conhecimento deste, para poder evitá-lo no futuro. – Se a Astronomia com seu potentíssimo olhar adentrou nos céus, e escreveu em sua bandeira a pluralidade dos mundos habitados; se a Física tem demonstrado a unidade de forças, e a Química a unidade da

matéria, as portentosas manifestações que por teu intermédio aconteceram neste círculo, proclamam em voz alta a solidariedade do Universo, a identidade da essência, um mesmo princípio e um fim igual. – Tu compreendeste perfeitamente que era injusto considerar o trabalho como um castigo e o contemplavas como meio de constante elevação. Não buscaste o ideal da perfeição em fugir do perigo, já que heróis não fogem, e sim vencem, e vencem porque combatem. Se a Terra apresenta rios, mares, bosques, o homem constrói pontes, canais e amplas estradas. Se a sociedade ameaça com escolhos, tu tens buscado esquivá-los, caminhando decididamente pelas duas únicas trilhas que conduzem a Deus: pelo trabalho e pela caridade. – Esta é a verdade e é inútil ocultá-la; ela provém de Deus, e Deus saberá mostrá-la com refulgente claridade.

Com data de 20 de junho os componentes do grupo, ao terminar a segunda série de pesquisas, assinaram uma comunicação felicitando entusiasticamente a Médium das Flores, e agradecendo a ela pela abnegação, para que esse espontâneo ato servisse, senão de prêmio, sim de satisfação e algum tanto de lenitivo para os grandes dissabores e sofrimentos que sua firme e entusiasta adesão à ideia espírita lhe causou.

Capítulo XII

I. Explicações, particularidades e detalhes. — II. Vigilância cuidadosa.

I

Explicações, particularidades e detalhes.

Quase todas as comunicações recebidas nas sessões de materialização foram obtidas pela escrita direta ou pneumatografia, ou seja, sem ser executada pela mão da médium. Isto aconteceu em formas diversas, conforme consta dos relatos das sessões que foram publicados.

Fora de sessão obtínhamos muitas vezes a escrita direta em forma equivalente à dos quadros-de-giz. Para isso utilizava-me de um exemplar do livro Marietta, edição de luxo, encadernada. Sob uma das capas colocava uma folha de papel, daqueles de tamanho pequeno que costumava usar para escrever cartas, e um pedacinho de mina ou ponta de lápis. A médium ficava um tempinho com o livro nas mãos, sempre às nossas vistas, e na seqüência a comunicação escrita aparecia. Algumas vezes observei que o pedacinho de mina ficava um pouco desgastado, como se tivesse sido utilizado para escrever. Isto era no começo. Mais tarde o procedimento variou, por indicação dos espíritos. Depois de colocar o papel, mas não a mina ou pontinha de lápis, sob a capa do livro, este era amarrado com uma corda, lacrando os nós; a médium segurava o livro entre suas mãos por alguns minutos e imediatamente deixava-o em cima de uma mesa, quase sempre a mesinha das nossas experiências, ao redor da qual sentávamos três, quatro e às vezes até mais pessoas. A médium colocava a palma de sua mão direita sobre o livro, por cima de sua mão eu colocava a minha e sucessivamente todos os outros assistentes à experiência; entre os nossos dedos passava o lápis, que assim era segurado em posição vertical. Em uns instantes, quando a médium anunciava que a operação estava terminada, nós tirávamos as mãos, eu cortava a corda, e, a princípio com grande surpresa nossa, e sempre com

contentamento, olhávamos a comunicação que acabava de ser obtida por escrita direta, através de um procedimento parecido ao dos quadros de giz usados pelo médium Sede e outros.

Eis aqui algumas particularidades notáveis que tive ocasião de observar.

A escrita saía da cor do lápis que usávamos para a experiência; o caráter da letra era sempre o mesmo da médium; algumas vezes escreveu em língua desconhecida para ela, porém corretamente; a duração era proporcional ao tamanho da comunicação.

Um particular muito curioso, que prova o poder dos espíritos e a inutilidade de certas precauções, quando eles desejam ludibriá-las.

Sem ninguém perceber, eu costumava colocar uma marca quase imperceptível nas folhas de papel que serviam para escrita direta. Um dia observei que o papel da comunicação não tinha aquele sinal que eu fizera a lápis em um dos cantos. Não disse nada da minha impressão, porém os espíritos me disseram por boca da médium: *Vai olhar na tua escrivaninha*. Ali encontrei a folha de papel que eu tinha marcado e que tinha certeza de ter colocado dentro do livro. A seguir, os invisíveis me disseram: *Para nós são completamente inúteis certas precauções. Você tem suficientes provas para não duvidar*. A prova que acabavam de dar-me era inconcussa. Já recebi tantas, que ainda que fossem negados por todos aqueles que presenciaram os fenômenos do grupo Marietta, eu, com a mão na consciência, poderia afirmá-los.

II

Vigilância cuidadosa

Em meu desejo constante de certificar-me da realidade dos fatos e evitar mistificações e fraudes, exercia cuidadosa vigilância e tomava toda sorte de precauções compatíveis com a índole das experiências. Por essa razão quis que essas pesquisas acontecessem em minha casa, e aluguei um quarto em casa isolada e nos arredores de Madri, e sem reparar em despesas, levei para morar comigo a numerosa família da médium, e transigi com certas coisas que poderiam parecer abusos e até me fazer passar por explorado, e sofri resignadamente contrariedades e desgostos. Bem valia a pena isso e muito mais, para ver as coisas que eu vi, por tudo que aprendi e espiritualmente desfrutei naqueles anos de experiências que me permitiram observar e estudar em umas condições que poucos investigadores, ou quem sabe nenhum, tiveram a sorte de reunir.

Eu esperava ainda mais, não pelo que pessoalmente me afetasse, mas porque oferecer aos sábios o estudo daquela notabilíssima mediunidade era o meu desejo mais ardente e um dos meus afãs. Não pôde ser assim; sem dúvida é que não era para ser assim. Paciência. Não tenho remorsos de consciência; eu fiz o que me era possível. E agora sinto muito mais não ter conseguido cumprir todos os meus propósitos, quando observo o que aconteceu com Eusápia Paladino (a cujas sessões eu assisti em Nápoles) que tanto está chamando a atenção, sendo que a sua mediunidade é insignificante, se comparada com a poderosíssima da Médium das Flores.

Conclusão

Dissolução do grupo Marietta. — Um artigo da Revista de Estudos Psicológicos de Barcelona. — Desencarne da Médium das Flores.

Depois das últimas sessões, realizadas nos dias 10 e 14 de Junho, a médium ficou muito enfraquecida. Conseguiu se aliviar um pouco no resto do mês, porém houve pouquíssimas manifestações. Na primeira quinzena de Julho, não houve manifestação alguma. Imaginei que não aconteceria mais nenhuma, e o grupo dissolveu-se. Deixei de morar em Madri e mudei para Zaragoza, onde publiquei alguns suplementos a O Espírita, que tinha sido o órgão do centro geral do Espiritismo na Espanha, que eu presidia, e do grupo Marietta.

No número de Agosto de 1894 da Revista de Estudos Psicológicos, de Barcelona, falando na célebre médium do grupo Marietta, eu dizia que ela por antonomásia era chamada de Médium das Flores, e com razão, pois os anais do Espiritismo moderno não registram nenhum outro médium tão poderoso para apports de flores.

Na minha casa de Madri, onde fiz experiências pelo espaço de três anos com essa médium, desenvolvida por mim, cheguei a juntar sessenta belíssimas camélias procedentes de apports obtidos em poucos dias, quase todos à plena luz. O quarto estava constantemente cheio de flores, e inúmeros vasos da mesma procedência transformavam em um jardim a sacada da minha casa da Rua Almagro; por último, plantas e flores de apport foram premiadas nas Exposições de 1879 e 1880, realizadas no jardim do Bom Retiro pela Sociedade Madrilense Protetora de Animais e Plantas.

Imensa quantidade de flores de apport, e ainda plantas, indígenas e exóticas, recebi naqueles anos de experiências, principalmente a partir do completo desenvolvimento da médium nesse tipo de fenômenos. Com a leitura deste livro será possível fazer uma ideia e ver-se-á que o título de Médium das Flores estava justificado por completo.

Aquelas pessoas que tiverem presente a história do Espiritismo na

Espanha dos anos 77 e 90, lembrarão as vicissitudes que o grupo Marietta teve de enfrentar e os graves desgostos que alguns irmãos nos deram, e também a opinião favorável dos centros Espíritas da Espanha e do estrangeiro, registrada em O Espírita. Uma lembrança de gratidão ao inesquecível Fernández, que foi aquele que mais nos alentou, com a sua interessantíssima correspondência epistolar, e desde as colunas da sua Revista; testemunho de gratidão para todos aqueles que se colocaram do nosso lado; perdão para aqueles que nos causaram os desgostos e diminuíram parte dos resultados que esperávamos da nossa investigação. Porém dissabores, desgostos e perdas materiais (que não foram pequenas), tudo isso eu aceito como sendo bom, agradecendo a Deus e aos bons espíritos, principalmente ao espírito de Marietta, aquilo que conseguimos obter no terreno das manifestações físicas do Espiritismo.

Faz poucos dias soubemos do desencarne na América da célebre médium, de quem não tínhamos notícias e que possivelmente perdeu boa parte, mas não por completo a sua poderosa mediunidade.

Espírito de superior inteligência, alma nobre e generosa, coração aberto sempre à caridade e disposto ao sacrifício pelos outros, além dessas e de outras qualidades possuía também grandes defeitos, reminiscências talvez de outras encarnações, que não soube dominar nesta, sem dúvida por ter escolhido uma prova superior às suas forças. Se é que foi assim, devemos nos compadecer do espírito que sofre as justas conseqüências, estando envolto em trevas quando tão brilhante luz poderia irradiar. De qualquer modo, elevemos por ele ardente prece, que a oração sentida é sempre bálsamo consolador para o espírito; por isso nós a pedimos para aquela que foi chamada de **Médium das Flores**.

Apêndice

Olhai para o céu

Vou dar fim a este livro complementando as indicações feitas na Introdução, com os seguintes preciosos parágrafos do elevado espírito de Marietta, contidos no capítulo intitulado “Olhai para o céu” da primeira parte desse poema intitulado Marietta.

Com quanta indiferença tem passado até aqui o mar da humanidade, empurrado pelo fluxo das ondas das suas gerações, atrevendo-se apenas a aventurar algum olhar, mais curioso do que investigador, sobre esse céu azul que eternamente vem protegendo-o com a luz dos seus dias e a escuridão das suas noites!

E essa humanidade por séculos e séculos tem buscado, nas entranhas das vítimas sacrificadas à ferocidade dos seus deuses inventados, a certeza dos seus destinos, acreditando ouvir em seus oráculos e profetas falsos a voz da verdade, que sempre se manifesta somente onde está, ou seja, atrás desse céu azul que sempre foi visto.

E o que existe, o que se encontra nesse além que se estende eternamente sobre as vossas cabeças, sob os vossos pés eternamente, e eternamente à vossa direita e à vossa esquerda? E quem poderia sabê-lo?

A inteligência mais poderosa fica cansada, e a cada passo busca um ponto de repouso ao se espriar pela imensidão dos espaços; porque para remover a imensidão das distâncias com a alavanca do pensamento, esses pontos de repouso são indispensáveis, é preciso um ponto de apoio, como precisou Arquimedes para remover o mundo.

E é possível perderem-se no infinito os raios que em todas as direções partem do ponto que cada ser ocupa? Não terão de chegar a um limite, por mais que a distância seja imensa? Não; jamais.

Se a imensidão tivesse um limite, seria pequena; e nela não cabe nada que seja mesquinho, nada que seja passível de comparação. Existem seres capazes de dominar grandes imensidões, como o homem domina o mundo, e se lhes fosse dado escolher o maior entre um grão de areia ou um mundo, não saberiam com qual ficar, porque para eles ambos possuem uma mesma magnitude.

E a verdade, que tanto se agitam em buscar cada vez mais todas as humanidades que povoam todos os mundos, poderá porventura ser encontrada somente em algum deles? Não; cada ser busca a verdade necessária dentro de cada geração, cada geração dentro de cada humanidade, e, todas as humanidades reunidas, somente conseguirão encontrá-la ali onde está ela, em Deus. Ah! Todo o ser inteligente, seja livre ou sujeito a qualquer humana individualidade, por muito grande que seja a esfera da sua ação, sempre encontra além a eternidade insondável, que, se bem para olhá-la de frente obriga a levantar o olhar, precisa também ajoelhar o pensamento.

Elevem a testa, filhos da terra; arranquem segredos ao pedaço de firmamento que os envolve, e leiam nesta só página do grande livro da eternidade onde Deus escreveu sua grandeza, as primeiras palavras que nele indicam o certo conhecimento da verdade.

Empreguem seus esforços em abrir caminho para a ciência, removendo as entranhas da terra, para surpreender a história do seu passado, escrita com caracteres indeléveis em suas camadas superpostas; busquem nos movimentos do Universo a história do seu futuro, escrita, não fatalmente, como pretendem as falsas teorias de alguma ciência vã, mas sim tão naturalmente como algum dia vão encontrá-lo descrito entre as imutáveis leis do Universo.

Confunda-se em uma só análise o céu com a terra, assim como o menor dos átomos que vocês quase não conseguem perceber, com a última estrela cujo brilho quase nem podem avistar, e eles resolverão o indecifrável problema, entre cujas incógnitas desde o princípio vem palpitando a humanidade, e pelas quais tanto se afadiga; eles dirão de onde vêm aqueles que vocês vêm nascer, e aonde vão aqueles que vocês vêm morrer.

E do mesmo modo como a partícula colocada em relação com o mundo descobriu-lhes muitas e grandes leis do Universo, colocando o mundo em relação com todos os mundos que a pesquisa alcança vocês chegarão a descobrir muitas e grandes leis da imensidão.

É já tempo de vocês se levantarem abandonando o tortuoso caminhar das gerações passadas, seguindo com majestoso passo pela trilha firme da verdade, na vanguarda das gerações vindouras; é já tempo de vocês se despojarem de fatais preocupações que aprisionam e enfraquecem o espírito cortando o vôo de suas grandes aspirações; é já tempo de terminarem suas lutas materiais e de se aprontarem para os combates do pensamento, as lutas da inteligência; somente assim vocês poderão se levantar do pó que os atrai para confundir seus espíritos com a imensidão do espaço que até o momento presente estava esquecido de vocês.

Esquecido, não, confundido com esse apego exagerado que vocês têm à terra; em suas mãos está fazer que ela seja grande sendo grandes vocês mesmos: vocês podem elevá-la e fazer que ela ocupe um lugar digno no Universo, elevando com dignidade o seu pensamento; os grandes mundos, como os grandes homens, não são aqueles de maior volume, e sim aqueles que estão animados por grandes espíritos.

Já é tempo, filhos da terra, já é tempo; e já chegou a hora de que vocês, deixando de caminhar em saltos pelo caminho do progresso, caminhem como é devido para o bem de cada um de vocês, para o bem da humanidade, para o bem do Universo.

O homem já está perto do mais alto das grandes negociações para empreender o seu caminho precipitado em direção às grandes afirmações, e já está chegando ao topo, onde, condensadas todas as suas crenças contraditórias, irão conduzi-lo precipitadamente ao vértice onde está assentada a única crença só e universal.

O passado foge, o presente vem, o futuro entreabre-se pleno de sedutoras promessas para a humanidade; o passado aparece escuro, o presente claro, o futuro brilhante.

Foge, sim, esse passado envolto na escuridão dos seus tempos; foge com seus deuses falsos e iracundos, com a extravagância das suas crenças, com os desacertos dos seus poderes, com a ferocidade dos seus magnatas, com os rios de sangue abertos nas suas próprias veias pela impiedade dos seus Césares, com as ruínas dos seus extermínios, com os restos da sua pilhagem; foge, sim, em tumultuoso tropel entre o fogo da sua intolerância, com a farsa dos seus sacerdotes e a sangrenta ara dos seus altares; foge esse passado ligado somente ao presente e ao futuro pelos

laços quebrados que a palavra divina de Jesus soube amarrar, e aqueles que, depois dele, conseguiram reatar a terra com o céu. E se o passado foge vacilante entre a poeira das suas ruínas, apresenta-se o novo modo de ser da humanidade; aparece claro o presente, livre de tantos horrores, com a unidade das suas crenças, com seu conhecimento mais perfeito da Divindade, com seus filhos livres de perseguição, para se dedicarem em maior segurança à árdua tarefa de realizar em fim seus grandes desejos.

E o futuro, ah! Quem é que se atreveria a dizer uma só palavra sobre o futuro? Se eu quisesse descobrir-lhes o grandioso quadro em que ele se destaca, vocês encontrariam um fundo confuso, cores indefiníveis, formas ilimitadas; se eu quisesse descrevê-lo em traços, grandes por tudo aquilo que abrangessem, pequenos pelo que viessem a dizer, somente encontrariam noções confusas, palavras incompreensíveis, caracteres indecifráveis.

O futuro brilha sobre nós, habitantes do espaço, como o sol brilha sobre o horizonte de vocês, habitantes da terra. Os arcanos do futuro são para nós tão insondáveis como outros espaços secretos da imensidão.

Se o passado de todas as coisas assenta sua base nos abismos do tempo, e se o presente desliza aos nossos olhos com a incansável velocidade do seu movimento, o futuro, que se perde no cume das idades, causa vertigens quando tentamos alcançá-lo com o pensamento.

Vemos o futuro, mas para nós é impossível analisá-lo; vocês, cegos, somente percebem seu calor. Nós estamos dotados de uma vista capaz de sondar; a de vocês, efeito de um delicado órgão material, detém-se, fica paralisada sobre as superfícies.

Somente abrigamos uma noção tão incompleta do futuro, como aquela que vocês abrigam do mundo dos espíritos; somente podemos adivinhar o que está oculto por trás do véu de mistério que o cobre, com a poderosa força de um raciocínio propriedade de elevados espíritos; e eles só chegaram a perceber ali uma apoteose grandiosa, resumo de todos os heroísmos, de todos os gênios, das virtudes todas que a infinidade de mundos vai acumulando, e cada geração sua vai desprendendo.

Somente poderosas inteligências, livres de todo o domínio material, conseguiram enxergar que a ciência, a arte e a estética encontraram ali as suas últimas fórmulas, e que de lá, talvez, último crisol para depurá-las, poderão partir para se confundirem no lugar onde a absoluta verdade começar. E quem conhece as novas fases, as depurações novas pelas quais deverão passar, para se elevarem cada vez mais e serem mais dignas de se aproximarem de Deus?

Nada, por oculto que fique para o olhar indagador de vocês, deixa de realizar nem por um instante as funções que lhe foram destinadas. Mesmo se a humanidade inteira desaparecesse um dia da face da Terra, nem por isso no dia seguinte o sol deixaria de passar majestoso sobre ela; a emprestada luz da lua não deixa de luzir durante o sono de vocês; a solitária flor germina, exhibe suas galas, empresta seu aroma e cai murcha, mesmo sem ninguém ter reparado nela; a pérola das profundezas escuras dos mares é tão preciosa lá embaixo, como seria à luz do dia e na palma da mão de vocês; e a própria ave não deixa de alegrar o bosque, por muito solitária que nele se encontre.

Pois bem, se tudo cumpre do modo tão admirável que se vê, se tudo indispensavelmente é realizado ao redor de vocês, mesmo oculto a todos os olhares, como vocês se atreveriam a não se conduzirem em todos os seus atos quando se consideram sozinhos, como se estivessem à vista de muitas testemunhas?

Vocês, para não se sentirem tão culpados aos seus próprios olhos, poderão dizer que as leis que regem toda a matéria são a própria matéria, e que o seu modo de ser é esse, tendo somente que responder a forças exteriores também puramente materiais; enquanto vocês, seres animados, precisam ceder não somente a forças físicas, como também a muitas outras, que na maioria das vezes em que vocês vacilam entre o bem e o mal, obrigam vocês a seguirem o pior caminho, mesmo contra a correnteza da própria vontade; vocês dirão que para todos os corpos inanimados existe somente um caminho a seguir, que é o caminho da Natureza; porém aos olhos de vocês aparecem muitos outros caminhos, sedutores, que fazem vocês perderem a retidão das suas intenções.

Desculpa infame, baseada em inúmeros erros! Justamente essas mesmas forças morais, sobre as quais vocês tentam lançar todo o peso da sua

ignomínia, seriam o mais poderoso impulso que os obrigasse a seguirem o caminho certo, se não as destroçassem com as próprias mãos. Em todo o Universo não existe força exterior que não encontre o seu equilíbrio em forças interiores. Se a luz faz a sombra fugir, a sombra faz a luz se turvar; se aos olhos de vocês apresentam-se caminhos sedutores, e por causa disso precisam afundar no lodaçal de um vício; se a riqueza deslumbra, se a beleza seduz, se os prazeres encantam, também ressoa no peito de vocês a poderosa voz da consciência, misterioso tribunal que dita sentença mesmo antes de o crime ser cometido.

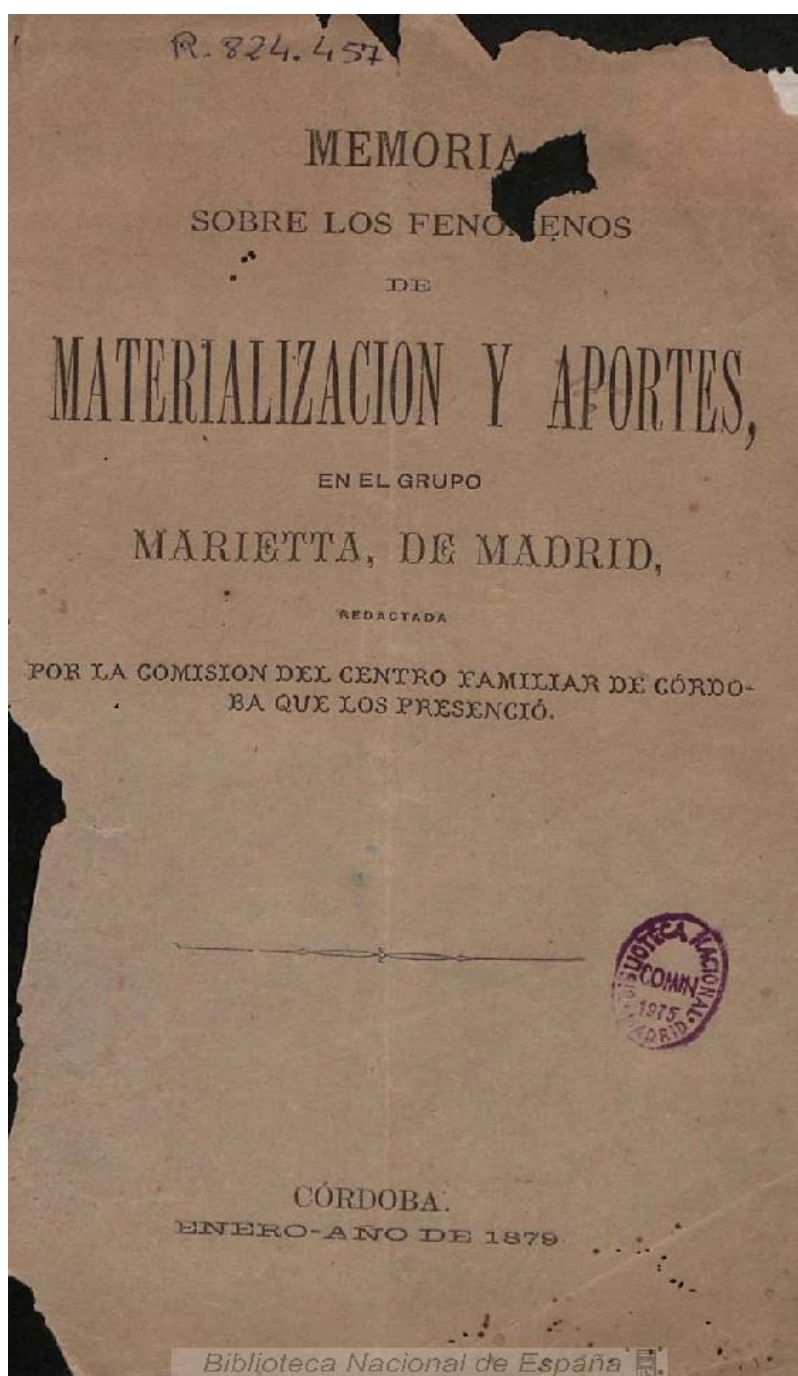
Para afugentar tantos males, tantos horrores que na terra os tornam cegos, direi a vocês mil vezes: alcem a fronte, vocês, que vão à frente das gerações que no futuro surgirão regeneradas: procurem no Universo o ponto mais elevado a que possam aspirar suas forças, e caminhem em direção a ele com a certeza de alcançá-lo; se nos seus olhos brilhar o raio da virtude, se em sua testa luzir a coroa da ciência e em sua mão a espada da justiça para se medirem com o espaço, não acreditem que são tão pequenos, não; vocês são grandes: se existem seres imperceptíveis que vocês não conseguem ver, e se existem mundos que admiram vocês pela grandeza, eles também, por sua vez, se admiram da grandiosidade de outros mundos: caminhem, então; ganhem o céu elevando-se da terra.

Eis aqui condensado o ideal mostrado pelo Espiritismo, que, como um elevado espírito disse,

É a verdade dos sábios, a alegria dos corações
humildes e singelos, a consolação dos que choram e a
esperança dos que sofrem.

Incentivando-nos a ir em direção a Ele pelo caminho da caridade e do estudo, sendo seu lema fundamental:

A DEUS PELO AMOR E A CIÊNCIA.



MEMÓRIA

SOBRE OS FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO E TRANSPORTE

NO GRUPO
MARIETTA DE MADRI

REDIGIDA

PELA COMISSÃO DO CENTRO FAMILIAR DE CÓRDOBA
QUE OS PRESENCIOU



CÓRDOBA
JANEIRO, ANO DE 1879



BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA

<http://www.bne.es>



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS

www.autoresespiritasclassicos.com

ADENDO

Na primavera do ano próximo passado era recebido neste círculo familiar de Córdoba, o opúsculo intitulado *As Mediunidades*, com o qual nos favorecia o elevado espírito de Marietta; e ao tratar do fenômeno dos transportes, explicando como eles poderiam ocorrer, espírita e fluidicamente falando, foi perguntada pelo seu parecer sobre aqueles que diziam acontecer no chamado grupo Marietta, de Madri, que tanto debate suscitavam entre os espíritas; ao qual respondeu que eram verdadeiros.

Posteriormente em varias outras sessões, no final, falava “despeço-me de vocês para levar doces ao pessoal de Madri”, ou então falava daqueles fenômenos como coisa corriqueira, afirmando produzi-los ajudada por Pitt e outros espíritos, que mesmo pouco evoluídos, possuíam grande poder fluídico.

A confiança ilimitada que tão elevado espírito nos inspira, nos fez adquirir veemente desejo de presenciar esses fenômenos, convencidos até quase a evidência de serem de fato realizados; tanto, que quando a Sociedade Espírita Espanhola publicou o manifesto, que, assinado pelo Sr. César Bassols, ocupava-se daqueles fenômenos, emitindo sobre eles um julgamento desfavorável, pedimos ao nosso orientador espiritual sobre alguma explicação sobre o particular, e ditou-nos a comunicação, que a seu pedido dirigimos poucos dias depois a vários círculos, e que foi inserida também no núm. 9 de *EL ESPIRITISTA*, correspondente a Setembro próximo passado, comunicação que também remetemos ao Sr. Bassols com carta particular, onde nos permitíamos aconselhá-lo para não julgar com tanta leviandade aquilo que não conhecia intimamente, aguardando, para estabelecer seu critério, que os fatos posteriores lançassem luz sobre os debatidos fenômenos, porque em polêmicas dessa índole vemos sempre um grave mal para a doutrina.

Naquela época nós já estávamos em relações com o Sr. Vizconde de Torres-Solanot, remetendo a ele o trabalho *As Mediunidades* para sua inserção no *EL CRITERIO ESPIRITISTA*, folheto que foi acolhido por aquele grupo com entusiasmo indescritível, visto que afirmava a certeza dos fenômenos que naquele jornal eram publicados. Nossas relações foram ficando a cada dia mais próximas, e, com sinceridade e verdadeiro

entusiasmo, escrevemos aos indivíduos daquele grupo, que era nosso desejo participar dele formando uma só família, transcrevendo, além disso, uma comunicação espiritual assinada por “Arman”, aconselhando a eles resignação e heroísmo para continuar com os fenômenos.

Com anterioridade, aquele grupo nos anunciara que, em tempo oportuno, seríamos convidados a presenciar uma ou mais das sessões que ali aconteciam. E foi assim, em verdade, pois cumprindo seu oferecimento, recebemos convite para assistirmos duas das sessões de materialização deles, além de mais duas das de comprovação, que se verificavam com o Centro de Barcelona. As sessões de materialização deveriam acontecer nos dias 22 e 23 de Setembro próximo passado: em 19 do mesmo mês saiu desta capital o irmão Pedro Solano, adiantando-se três dias na sua viagem com respeito aos outros que formavam parte deste círculo, porque ele precisava resolver outros assuntos em Madri: no dia 20 dirigiu-se à residência do seu amigo A.A. Pérez, onde naquela manhã teve a honra de conhecer o distinto Sr. J. Argüelles, ardoroso espírita e determinado campeão da verdadeira doutrina em todas as suas manifestações. Aquele senhor, junto com o não menos distinto general A., vinham assistindo de há algum tempo atrás às sessões de comprovação do grupo Marietta; e como, por certos numerosos detalhes daquelas sessões, adquiriram dúvidas muito fundadas sobre sua veracidade, suplicaram ao P. Solano não visitasse o Vizconde de Torres-Solanot até as nove horas daquela noite, quando devia acontecer uma daquelas sessões chamadas de comprovação.

Esta circunstância contrariou um tanto o P. Solano, que no seu entusiasmo desejava ir imediatamente visitar o dito Sr. Vizconde, e apertar a mão de todos daquele grupo; porém, tendo dado sua palavra a tão respeitáveis e sinceros espíritas, propôs a eles se evidenciar bastante na sessão, mesmo tendo de passar por cima das considerações sociais devidas a uma casa que ele visitava pela primeira vez; e isso com o sincero objetivo de que a médium pudesse vê-lo bem, fazendo possível se obter uma prova, mais uma, de tão sublime fenômeno de comprovação.

Com efeito, às oito horas e 45 minutos o P. Solano tocava a campainha da casa do Vizconde: começava naqueles momentos a sessão, que foi interrompida para recebê-lo com a alegria e a boa vontade que ele sempre

agradecerá; a sessão interrompida continuou, a médium sofreu subitamente um desmaio que a levou ao leito de dor, e naquele mesmo momento, um bocado de sangue vermelho manchou uma toalha que, das mãos do Sr. Eugênio Couillaut passou para as do novo observador; lembrando o P. Solano da sua proposta de se evidenciar bastante na sessão, sentou-se logo à cabeceira da doente, e ouvindo-lhe a voz um pouco rouca, deu-lhe passes fluídicos na garganta e no peito por espaço de cerca de dez minutos; sentou-se depois na cadeira ao lado do leito, e viu com surpresa um grande rosário pendurado em uma das colunas da cama; ali permaneceu Solano, até que foi convidado a sair para o gabinete, onde todos os assistentes aguardavam a próxima comunicação do beato Simão de Rojas. Levantou-se, e quando estava no meio da alcova, recebeu em suas costas um punhado de belas flores, observando que a linha trajetória ou de projeção coincidia desde suas costas com a direção da porta de saída da alcova ao interior da casa; porta por onde muito bem pôde o espírito lançar as flores.

Continuou a sessão e o Sr. Manuel Salvador de Madre entrou para entregar à médium doente duas meias folhas de papel, para receber a comunicação do espírito Simão de Rojas; obteve-se uma bela comunicação; e pelo estado fragilizado da médium concluiu-se a sessão, sem qualquer incidente além de aparecer sobre a cama da senhora doente uma quantidade respeitável de flores.

Era sexta-feira à noite, e naquela hora, 10 e 35 minutos, foi levantada a ata que deveria ser depositada nos correios, para que, no dia seguinte, sábado, cruzasse com a carta que em Barcelona fosse depositada também naquela mesma hora, contendo a ata daquela sessão, que deveria coincidir exatamente em todos seus detalhes, com o acontecido na sessão presenciada pelo P. Solano.

O domingo chegou, e amanheceram em Madri os irmãos P. Pedrero, R. Moreno e C. Garcia Torres; naquele mesmo dia, às 13 horas e 30 minutos daquela tarde, apareceram na casa do Vizconde, acompanhados dos outros irmãos A. A. Pérez e P. Solano. Não assistiram os senhores general F. A. e Sr. Argüelles, porque cientes de que imediatamente depois da comprovação seguiria a sessão de materialização, aguardavam serem convidados, porém receberam um cartão dizendo que “por indicação do

Espírito, ficavam eliminados da assistência àquela sessão de materialização que tão ardentemente desejavam ver.”

Começou, então, a sessão de comprovação: a carta de Barcelona foi aberta, e com verdadeira satisfação foi lida uma comunicação exatamente igual àquela obtida em Madri na sexta-feira às 9 horas 25 minutos da noite. Todos os detalhes da sessão estavam corretos; a repentina indisposição da médium, o aparente sangue vertido, as flores que sobre a cama apareceram; tudo, tudo igual, exceto a súbita e inesperada assistência de Solano à sessão e as flores lançadas às suas costas, fatos que não eram mencionados.

Sem querermos, com as nossas apreciações, levar ao pensamento de ninguém as dúvidas que abrigamos sobre a autenticidade da intervenção espiritual nesses fenômenos de comprovação; sem querer negar a clarividência da sonâmbula de Barcelona, filha da médium de Madri; e sem que a nossa intenção seja dar a voz de alerta aos espíritas de Barcelona, cuja boa-fé conhecemos sabendo que teriam tomado todas as precauções convenientes, chama muito a nossa atenção o fato de a presença de Solano naquela sessão não ser vista em Barcelona, principalmente quando ele se evidenciou e fez notar nela de modo claro e diferenciado; e mais ainda chama a nossa atenção por quanto, segundo relato dos mesmos assistentes a outras sessões anteriores, eram comprovados em Barcelona até os mais nímios detalhes de outras, como a queda de flores e doces, como a queima de uma cortina, como a mudança de pessoas de uma cadeira a outra, ou a outro lugar, e, enfim, do fato mais leve até o mais importante que acontecesse naquelas sessões, como, então, a presença de Solano não foi relatada? Mal intencionados espíritos poderiam dizer que ela não estava prevista, que ele era aguardado no domingo e não na sexta-feira; nós nos abstermos de fazer comentários e relatamos, mesmo que de passada, a segunda comprovação vinda de Barcelona na quarta-feira seguinte, e que se referia ao que aconteceu na segunda-feira à noite.

Deixando para depois nos ocuparmos das chamadas sessões de materialização, vamos dizer que por acordo do Sr. Vizconde e o Sr. Fernández, de Barcelona, ficou resolvido “que estando suficientemente claras e patentes as comprovações, deviam estas serem suspensas e

darem-se por encerradas, assinalando como a última deste gênero a sessão acontecida na noite da segunda-feira dia 23.

Os cinco indivíduos do Centro de Córdoba, que estamos fazendo este fiel relato do ocorrido, presenciamos na segunda-feira à tarde a sessão de materialização; mas, tendo dois deles urgente necessidade de retornar aos seus lares naquela mesma noite, não puderam em modo algum ficar para a sessão de comprovação, apesar dos repetidos convites feitos pelo Sr. Vizconde, a médium e um primo seu, o senhor Manuel Salvador de Madre. Em consequência, eles não assistiram à sessão porque se ausentaram naquela noite; os três restantes que permaneceram em Madri, também não assistiram, porque consideraram de maior interesse ocuparem-se dos seus próprios assuntos; o Sr. J. Argüelles não assistiu por indisposição de alguém da sua família; o senhor general J. A. também deixou de assistir porque naquela mesma noite viajava para Logroño. Efetuou-se a sessão, veio a ata de comprovação de Barcelona, e nela aparece que na sessão estavam os cinco do círculo de Córdoba e os dois militares aludidos. Espíritos levianos diriam “que parecia preparada de antemão aquela ata, como se fosse conhecida a assistência daqueles que expõem o próprio sossego a uma longa viagem para presenciar entusiasmados aqueles surpreendentes fenômenos.”

Por nossa parte, nada dizemos, deixando os comentários para quem quiser fazê-los.

Passemos logo a essas debatidas sessões de materialização, que tanto irão ilustrar a história da perseguição do Espiritismo na Espanha: seremos fiéis narradores de duas delas e exporemos claramente a nossa opinião, e daremos o nosso parecer sobre os fenômenos, demonstrando que eles são opostos ao sentido prático da doutrina regeneradora da humanidade; diremos também que, apesar do nosso entusiasmo, vimos aquilo que não devemos qualificar, e finalizaremos este verídico trabalho com os esclarecimentos que justamente temos pedido aos nossos espíritos familiares, colocando integralmente as comunicações esclarecedoras que eles nos deram, para que o mundo espírita observe como Deus lança mão de sábios desígnios, quando deseja salvar a sua eterna moral que ao progresso das humanidades conduz.

Porém, relatemos; às 4 horas e 20 minutos falou-se em começar a

sessão: apareceu então a médium dizendo que ia recolher-se por uns instantes para fazer suas preces habituais, com o fim de ser bem assistida; foram dadas a P. Solano as chaves das portas da sala e a da saída da alcova para o interior da casa; por si mesmo Solano fechou as duas portas e guardou as chaves, só ficando no corpo da casa duas belas filhas da médium e duas criadas, uma das filhas, modesta jovem freira professa exclaustrada de um convento de Zaragoza; essas jovens não podiam presenciar as sessões porque seus fluidos eram refratários aos espíritos que produziam os transportes, segundo afirmações da médium. Acabando de fechar as portas, Solano sentiu fortes desejos de comunicar; pôs-se ao trabalho, e com efeito, a angelical e ofendida Marietta disse: “Olhem tudo os de Córdoba, para se convencerem de não haver ninguém nos quartos” e acrescentou, dirigindo-se a Solano: você dirige, coisa que Solano não quis fazer e nem propor sequer, para não ofender suscetibilidades; e foi pena ele se negar, porque estamos convencidos de que se ele o tivesse feito, não nos veríamos no sensível caso de redigir esta memória. Solano e A. A. Pérez, em rápida conversa, comunicaram entre si a má impressão recebida ao ver que na ata vinda de Barcelona não era relatada a presença do primeiro na sessão de comprovação; e ficando sobreaviso combinaram ver o modo de estarem juntos nessa sessão, quer dizer, unidos na corrente fluídica que seria formada, para poder comunicarem-se as suas impressões daquilo que observassem na sessão; e Solano com a determinação de acender um fósforo no momento oportuno, para poder proclamar bem alto a verdade daqueles fenômenos tendo adquirido sua convicção à plena luz.

Foi colocada no meio da sala que serve de escritório uma larga mesa de pedestal, e ao redor dela sentaram-se todos os assistentes; feito isso, o Sr. M.S. de Madre apresentou-se com um lenço grande de merino preto desses de casaco de senhora, e à guisa de cortina, pendurou-o por duas pontas tapando a porta que dá passagem da mencionada sala escritório para o gabinete e sua alcova; as pontas inferiores flutuavam ao impulso do ar, ou seja, era possível entrar e sair apenas afastando o lenço. Colocada essa fantasmagórica cortina, iniciou-se a sessão com a sala completamente no escuro; uma sólida corrente foi formada ao redor da dita mesa de pedestal, com a advertência feita pelo Sr. M.S. de Madre, o

Vizconde e a médium, de que em modo algum fosse quebrada aquela corrente por nenhum incidente ou causa alguma, porque instantaneamente a médium ficaria sem vida ou doente grave por muito tempo (afirmando que tinham sido avisados sobre esse particular por espíritos de grandes conhecimentos físicos e pela sem-par Marietta).

Travaram então solidamente a corrente, segurando as mãos uns dos outros. Omitimos designar o lugar que cada um ocupava na mesa de pedestal, porque esse detalhe não vem ao caso: diremos apenas que P. Pedrero dava sua mão esquerda a R. Moreno, P. Solano dava a sua direita a A.A. Pérez, e esta dava a sua a D.G. Torres; essa era a colocação dos indivíduos deste Centro. Completamente no escuro, ouvimos um profundo suspiro da médium, suspiro que, segundo manifestou E. Couillaut, indivíduo daquele grupo, significava que a médium caíra em êxtase, e que o espírito de Marietta ia falar pela boca da sonambulizada. Nesse mesmo momento soaram fortes pancadas nas portas da sala e da alcova, dadas pelo lado de fora; acreditamos ouvir o chiar de uma chave que abrisse a porta de saída da alcova, sendo coincidente esse ranger, característico de uma chave que alguém esqueceu de lubrificar, com as pancadas dadas naquela mesma porta; tal vez era algum espírito brincalhão, com o propósito de extraviar a nossa razão. Feitas estas saudações com pancadas e chiados, a médium começou pouco mais ou menos, a seguinte conversa: “Boa noite, meus filhos”. Resposta: “Boa noite, Mãezinha” **[(1) Segundo comunicações que se dizem obtidas naquele grupo, parece ser que na última encarnação de Marietta, foram filhos seus legítimos o E. Couillaut, a médium, o Vizconde e S. de Madre; por essa razão, recordando essa felicidade fraternal e o amor filial, Marietta é chamada de Mãezinha naquele grupo].**

“Cumprimento os meus filhos de Córdoba que quiseram honrar esta querida e simpática médium com sua assistência; vocês, meus filhos, irão presenciar surpreendentes fenômenos: você vai se assustar, Solano?” Resposta: “Eu, hum”. “Parece que você não quer responder?” Segunda resposta: “Não vou me assustar”. - “Meus queridos filhos, vocês estão satisfeitos de mim?” - “Estamos sim, Mãezinha, seus favores para conosco são tantos, que somos sumamente gratos”. - “E você, Couillaut, esqueceu aquela caixa de música que me prometeu?” - “É verdade, tinha

esquecido, mas prometo lembrar”, etc., etc. Assim prosseguiu a conversa entre o espírito, por boca da médium, com seus admiradores, dando tempo Marietta, com seu carinhoso tagarelar, para que outros espíritos condensassem grande quantidade de fluido e comesçassem os fenômenos de materialização e transportes.

Subitamente percebemos ao nosso redor levíssimos passos e sentimos pequenas batidas nas costas e na cabeça: ao mesmo tempo, escutamos o Vizconde dizer terem tirado do seu bolso algum dinheiro, e que este caía na mesa desse mesmo senhor, ou em alguma de suas gavetas; logo ouvimos sobre as nossas cabeças e às costas, uma diminuta caixa de música tocar a Mandolinata, com a particularidade de que um dos tons graves soava muito asperamente, fazendo desluzir aquela tão antiga como conhecida peça musical; os harmoniosos sons da caixa foram se afastando até se perderem ao longe, como quando a corda vai acabando nesses aparelhos, e ouvindo como o espírito, lá na sua diversão, entretinha-se em dar mais corda àquele instrumento. Na sequência soou um harmonioso piano, colocado no gabinete; porém, sem dúvida alguma, não estava lá nenhum espírito filarmônico para com sua celestial harmonia solazar agradavelmente aos que o ouvíamos; as teclas do piano moveram-se de uma maneira estrepitosa, como se mil crianças juntas se empenhassem em desafinar o instrumento; nenhum som era distinguido de outro, e nenhuma harmonia cadenciosa produziram as teclas daquele piano; ouvimos na sequência a tampa do teclado cair, e acabou a música.

Um súbito e fosforescente resplendor vimos através da cortina colocada na porta do gabinete; afastada esta, apareceu uma refulgente estrela de oito pontas que ora se movia de esquerda a direita e vice-versa, sem produzir nenhum resplendor além do seu próprio, um tanto mate na sua cor vermelha; a luz fosforescente que era percebida no gabinete, era como reverberada da alcova imediata; seu foco não partia da estrela, que nos foi dito representava a simpática Estrela que tinha brincado um dia com Marietta no cenário deste mentiroso mundo. Caindo o pano de fundo, repetem-se as pancadas; subitamente vemos afastar-se o pano divisório e aparecer um vulto branco com uma luz vermelha na mão: pertencendo a maioria dos que lá estávamos ao serviço ferroviário, isso recordou-nos involuntariamente o farol de sinais usado para o perigo nesse serviço.

¡Sacrilégio, em verdade, que tentamos esquecer! Aquela luz aparecia e desaparecia, segundo o espírito a escondesse ou não com seu fluídico manto; ele avançou até nós, porém ficando a uma respeitável distância e como afirmado à mesa de S. de Madre que faz harmonia com a do Vizconde; dali a pouco vimos o espírito andar, ultrapassar os limites da porta caindo o manto que a cobria. Ficamos novamente em plena escuridão; toda claridade, todo resplendor, desaparecem e sentimos ao nosso redor passos iguais àqueles de anteriormente e, nos encostos das cadeiras o roçar dos vestidos, se quiserem, fluídicos. A.A. Pérez, incômodo no seu assento por ser este um pouco baixo, retira sua perna esquerda para fora do círculo em torno da mesa de pedestal onde os observantes estão sentados, e ¡oh, torpeza inaudita de espírito atrasado! tropeça este com aquela perna malfadada, e pouco faltou para dar de bruços com a parede próxima. Queixa-se o bom do A.A. Pérez de que sua perna ficou adormecida, e exterioriza seu desejo de que o espírito desse nele um passe fluídico para tirar-lhe a rigidez; em efeito, o espírito dá o passe, e ao sentir que a rigidez da perna desaparecera, mexe a perna e tropeça com as mãos do espírito materializado. Ouvem-se sonoros beijos dados por um espírito na médium, sentimos que uma delicada mão toca o nosso ombro, e como um depois do outro vão colocando em nossa boca saborosos doces: o irmão P. Pedrero sente o desagradável contato de uma longa unha sobre seus lábios, e no seu entusiasmo pega com seus dentes dois delgados e finos dedos que colocavam o doce em sua boca: sem dúvida o espírito encarregado daquela missão não a desempenhava muito bem, já que a escuridão fazia os vivos precisarem, para pegar os doces, fazer o que as crianças fazem para pegar maçãs com a boca na brincadeira de Carnaval; o espírito não acertava a boca dos presenteados. Como a emoção era tanta, os espíritos que nos presenteavam com tão assombrosos fenômenos, talvez acreditando que o doce antes dado poderia não ser bem engolido, imediatamente deram a cada um de nós uma taça de vinho de Xerez, que nos fez relembrar a amada terra onde o sol jamais é nublado: bebemos, pois na nossa simplicidade, acreditamos que aquele obséquio representava o fel e vinagre dados a Jesus, significando a ingratidão dos homens; e naquele aromático vinho vimos a ingratidão dos obcecados espíritas que aqueles portentosos fenômenos negassem.

Fragrante chuva de aromático perfume orvalha as nossas cabeças, e nos faz lembrar a rica água de Farina; segue-se outra copiosa chuva de doces, caídos sobre a mesa, e o nosso entusiasmo chega ao paroxismo do mais ardente desejo; a médium continua sonambulizada, fala de vez em quando, e neste momento anuncia que Marietta, a sem-par Marietta, vai apresentar-se a nós em carne e osso mortal, como vivera lá nos longínquos tempos; manda acender um lampião ou candeeiro que estava sobre a mesa, e depois, para não quebrar a corrente, diz que ela mesma vai acender, apesar do sono magnético em que está mergulhada, e quebra por si mesma a corrente sem cair ferida pela falta do fluido. A médium, pois, levantando-se sonambulizada, acendeu a lamparina com seu correspondente fósforo e colocou o tubo no lampião; acomodou a luz a essa meia-luz com a qual não se vê nem se deixa de ver; cai imediatamente em profundo sono magnético e dobrando a cabeça sobre o encosto da cadeira, inclinou sua vista em direção à cortina da porta, que no ato se afastou e apareceu Marietta: entusiasmo indescritível, e um de nós em sua boa-fé, nessa boa-fé que a gente do espaço saberá premiar, disse: “seja abençoada”, entusiasmo por um ser querido, que qual mãe amorosa delicia sua inteligência com ensinamentos superiores; entusiasmo que ela, que nesse momento está sem dúvida nos ouvindo, saberá recompensar, para que essa fé decidida jamais esmoreça, pois homens dessa têmpera é o que o Espiritismo quer: e se aquele entusiasmo foi empregado apenas na rude representação de um objeto real que vive no espaço, não por isso será motivo de menor gratidão, já que, em espírito e em verdade, é como os belos ideais são mais desejados.

Reatando o fio da nossa narração, retratemos, fotografemos no possível com tão opaca luz, aquela figura. Alta, delgada, airoso, vestida de branco com notável simplicidade, rosto marmóreo, mão calçada com luva branca, cabelos negros encaracolados, véu branco como de finíssimo tule, pé apertado em sedoso sapato; eis aí no possível, o seu retrato. Avança para nós ficando a uns 3 metros; sai acompanhada de fosforescente luz que ela não irradia, senão que parece projetada de um foco interior da sala, pois acompanha-a como uma esteira; se vemos sua fronte graciosa, é por causa da velada luz do lampião; ela sai, repetimos, até a três metros de nós; algum de nós sente o impulso de abraçar tão bela figura, porém, detido

por A.A. Pérez, contém-se, porque “tudo está julgado”, diz, e seria uma pena que ao abraçar tão simpática figura, ela se evaporasse como fogo-fátuo: mostra-nos, sacudindo-os, seus graciosos cabelos cacheados, e desliza-se sem nos dar as costas, porém mostrando-nos seus pés, propositadamente, um depois do outro. Porém, o admirável no fenômeno é que a materialização era tanta, que qual outro Dom Pedro, suas tíbias rangeram, rangido que todos ouvimos bem distintamente; por último, deu-nos a sua bênção, e caindo o pano de fundo, desapareceu. Concluída aquela simpática visão, o lampião foi apagado pela médium, sem sair, é claro, do seu sono sonambúlico; ouvimos de novo ao nosso redor os barulhos surdos de mais de um espírito, e a caixa de música tornou a nos deliciar com a Mandolinata. Nesse momento, a médium falou que ia acontecer uma comunicação por escrita mediúnica, para servir como despedida; e em efeito, ouvimos sobre a cabeça do Vizconde algo assim como o arranhar de um lápis ou pena sobre o papel. Dada a comunicação, sonoros beijos ouvimos que eram dados à médium: tudo ficou em silêncio por um instante, e dali a pouco ressoaram fortes pancadas nas portas, e o ranger da chave foi ouvido de novo; malfadado ranger, que para prevaricação nossa os espíritos faziam; e tudo concluiu: rompe-se a corrente, abrem-se as janelas, e, oh pasmo inaudito! Nada mais belo e nem mais grandioso do que aquilo que aparece na sala, toda coberta inteiramente de flores, formando perfumado tapete a rosa e o nardo, o cravo e a dália, o heliótropo e a malva; enfim, as flores mais ricas e mais belas que possam ser encontradas nas estufas. Sobre a mesa havia dois magníficos vasos com dois abacaxis americanos quase prontos para serem comidos, e duas bandejas de metal branco cheias de saborosos doces; havia também muitos doces esparramados pelo chão, e sem dúvida, com o mesmo propósito do ranger da chave, os espíritos colocaram à nossa frente uma pastilha, que no anverso apresentava a marca A. XII e no reverso Prast.

Maravilha! Hosana! Uma elegante coroa que uma serviçal da casa queria dar para a médium, como presente por ser dia do aniversário da sua patroa, e que, por medo dos espíritos brincalhões, guarda com grandes cuidados encerrada em um cofre do seu quarto, aparece colocada em uma prateleira da estante de livros existente na sala: nisto, apresenta-se a

criada, cheia de prazer com a caixa da coroa, e, oh surpresa! Ao abri-la não a encontra: estava pendurada ali, e ao vê-la, assustada por aquele transporte de objetos, sai correndo.

Porém, o mais surpreendente, o piramidal, o que espanta, é que a médium encontra em seu dedo um bonito anel, que anos atrás tinha colocado no dedo de um pedaço da sua alma que falecera em tenra idade, que foi para a fossa com aquela lembrança; e o mais pasmoso é que fora polida por algum espírito ourives, sendo retirada a ferrugem que com a decomposição cadavérica é formada sobre o ouro pelos gases sulfídricos.

Foi lida finalmente a comunicação direta, que apareceu escrita com letra da médium, terminando assim esta primeira sessão.

Como é natural, ao entusiasmo da mente seguiu-se o entusiasmo do estômago, e na sequência ouviu-se uma simpática voz dizendo: “Senhores, a sopa está servida”. Não havia como resistir esse convite, preparado de antemão; assim o requeria um dos mais elementais atos de urbanidade: o convite foi aceito então, e comemos em meio ao maior entusiasmo de uns, e dor de outros: os brindes seguiram-se à sobremesa, e oh, casualidade inaudita! Um de nós acreditou observar sobre a superfície de límpido cristal um dedo pousado, ao qual estava unida a malfadada unha que tinha arranhado seu lábio, unha e dedo que faziam parte da esbelta jovem, cujas circunstancias sociais públicas já determinamos acima.

Não comentamos ligeiras brincadeiras juvenis e inocentes que aconteceram depois da comida, e relataremos na parte necessária a segunda sessão, que teve lugar no dia seguinte, às cinco horas da tarde.

Nada de novo aconteceu nessa sessão que não fosse visto na tarde de ontem. Quatro detalhes são dignos de chamar nossa atenção. Primeiro. P. Solano fechou a porta que comunica a alcova com o interior da casa, e fechada, selou-a com cera ao longo da junta do batente da porta, deixando-a bem introduzida e rebordada; quando a sessão terminou, o selo estava no chão, fora ouvido clara e distintamente por todos o ranger da porta. Segundo. O espírito visitante e iluminado com a luz vermelha, teve a maldita ideia humorística de se embrulhar em uma colcha de cama, colcha branca com franjas vermelhas; e não foi uma nossa ilusão, pois o Vizconde, talvez menos prudente, ou não precisando guardar formas

sociais por estar em sua casa, foi o primeiro em fazer notar com estranheza aquela circunstância; porém, a médium em estado sonambúlico, disse: “Sim, essa é a colcha da cama de Isabel, que o espírito brincalhão de Pitt arrebatou embrulhando-se nela ao se materializar.” Sem comentários: o silêncio é mais eloquente do que qualquer reclamação. Terceiro. Os cabelos encaracolados de Marietta, que na tarde de ontem eram pretos como azeviche, apareceram hoje como fios de ouro; e isto é sem dúvida, que tendo ao seu dispor uma grande quantidade de fluidos, podem colori-los a seu bel-prazer com as cores do íris, tão familiares para eles. Quarto. R. Moreno, estando no escuro teve passada uma fita em volta do pescoço, talvez a mesma que o vulto de Marietta levava ao pescoço com uma cruz pingente: no seu entusiasmo sincero, Moreno apertou o queixo contra o peito e pegou-a; porém o espírito se zangou, e à guisa de alavanca introduziu uma chave na boca do Moreno, e ele não teve como não ceder diante de tamanha evidência.

Damos por concluída a nossa missão de fieis relatores dos fatos tal como foram presenciados por nós, sem aumentar nem uma vírgula, atenuando, isso sim, bastante, o colorido do quadro, porque a vista fica ofuscada e ofendida olhando para cores mal combinados.

Isto foi o que presenciamos: nossa mente saiu de lá perturbada, nossas impressões foram diferentes, como também foi diferente a maneira de manifestá-las. Houve, então, quem como R. Moreno viu naqueles fenômenos fatos reais, apesar de não o terem deixado satisfeito; e isso tem uma explicação natural e simples. A única pessoa que ele conhecia naquele grupo era o Vizconde de Torres-Solanot, apenas por alguma correspondência que entre ambos tinham trocado; e vistos os antecedentes do Vizconde, conhecidos seus escritos e polêmicas e os múltiplos e constantes esforços em favor do Espiritismo, de um homem considerado até então como um apóstolo da doutrina, como duvidar da sua boa-fé? Como imaginá-lo tão malvado que garantisse com sua autoridade uma tão ridícula e transcendental farsa? Como, por outro lado, considerá-lo tão incauto que a tivesse aceito e patrocinado inconscientemente, sem examiná-la com uma rigorosa escrupulosidade que levasse à sua evidência? Esta foi, então, a consideração que mais diretamente influiu no ânimo de R. Moreno, e por tanto, não possuindo tampouco uma prova

clara, até então, da falsidade dos fenômenos, encerrou-se em um absoluto silêncio, com o prudente porém firme propósito de não sair dele até que o tempo e fatos posteriores dessem luz suficiente para formar definitivamente seu critério.

Houve outro, P. Pedrero, que abrigando horrorosas dúvidas, e desejando evitar de início o escândalo que aconteceria se ele as manifestasse ostensivamente, limitou-se a indicar a E. Couillaut, indivíduo daquele grupo, a conveniência de se suspenderem as sessões de materialização, e cuidassem de restabelecer a aparentemente quebrantada saúde da médium, para o caso de que do seu frágil estado de saúde pudesse depender a imperfeição com que os fenômenos em geral eram produzidos.

E houve finalmente quem, fazendo já de início um julgamento desfavorável de tudo aquilo que tinha presenciado, considerou-o como uma fraude que devia ser desmascarada, porém não de uma maneira brusca que somente ao escândalo poderia conduzir, mas sim encomendando esta tarefa ao tempo, com o intuito de fazer desistir seus autores com prudentes e caridosos conselhos, e, se isso não bastasse, tomar medidas mais enérgicas que levassem ao esclarecimento da verdade.

Dentre aqueles que tiveram a rude franqueza de manifestar claramente o mau julgamento que formaram daquelas sessões, está o nosso irmão P. Solano; o que ele disse chegou (quase com o caráter de fofoca) ao conhecimento das pessoas do grupo Marietta, e isso deu lugar a uma correspondência com as pessoas desse Centro que não queremos qualificar, porque já ficou julgada diante da numerosa assembleia de espíritas que em Madri ouviu a sua leitura; correspondência que apesar das suas insultantes ameaças, desagradáveis frases e ataques gratuitos à vida particular do indivíduo, nós respondemos com uma moderação e uma prudência que já ultrapassou os limites da abnegação, e que não transcrevemos aqui para evitar aos espíritas a leitura desses documentos, que por si sós seriam suficientes para julgar certas individualidades do grupo Marietta de Madri.

Alguns dos vossos irmãos irão dizer: E como é que vocês tiveram tanta paciência? Como a vossa boa-fé não reclamou na hora, por uma coisa assim? Como é que vocês não deram a voz de alerta ao mundo espírita? A

responsabilidade de vocês é grande, porque o vosso silêncio poderia ter levado muitas inteligências à confusão e ao erro”. É verdade, iremos responder; porém certas considerações sociais e o desejo de evitar o escândalo, e acima de tudo por considerar o Vizconde completamente inocente, como também os irmãos E. Couillaut e F. Migueles, foi o que nos moveu, como já dissemos, a aconselhar em conversa particular a suspensão daquelas sessões. Os trabalhos do primeiro, a incessante propaganda que o Espiritismo deve a ele, não nos permitem duvidar nem por um só momento da sua acrisolada boa-fé e do seu inabalável, heróico e sincero amor ao Espiritismo; porém olhem o leão do deserto, dominado pela incessante picada de vil inseto, olhem como ele cai rendido de fadiga, sua coragem é vencida, porém seu soberbo espírito jamais deixará de ser o rei das selvas. Olhem o pássaro cantor que em tenro ramo descansa da sua atividade com doce sono, para cantar depois seus amores à matutina aurora; porém ele não conta com que à sombra da noite negra uma aranha cerca seu corpo, e fica aprisionado na suja teia, e ali morre o seu canto por falta de previsão na escolha do lugar para repouso da fadiga da sua vida. E não creiam que o que dizemos é dirigido a atacar a vida particular de ninguém; nada mais longe da nossa vontade: nós vamos apenas ao que toca o Espiritismo, e que é conhecido pelo público todo.

Em célebre sessão da “Espírita Espanhola”, no prolongado discurso pronunciado por uma pessoa das mais próximas ao Vizconde, que mora com ele em sua residência, e que segundo ele foi um filho de Marietta em outra existência, falou: “Tenho a honra de defender as ideias de A Fe e do Século Futuro (jornais): pelas santas ideias que eles defendem, os liberais assassinaram o meu pai, fato que eu e a minha família jamais iremos esquecer”. E assim deve acontecer, em efeito, pois até nos seus enlances procuram credenciados soldados do Papa.

Agora, com estes antecedentes, quem será o operário que recebendo um bom salário irá manejar mais ativamente a picareta contra o Espiritismo? Em qual rede de douradas malhas estaria enredado o Vizconde, para que a poderosa imaginação de um homem tão pensador e ativo, apesar da sua experiência, não enxergasse, por um entusiasmo enganador, esse falso tecido, e não procurasse romper sua prisão?

Essas considerações fizeram-nos ir mais devagar no nosso modo de

atuar, querendo evitar um espetáculo; porém o modo de proceder das pessoas daquele grupo levanta o véu daquela classe sempre por excelência soberba.

Para concluir, analisaremos os célebres fenômenos, baseando a nossa análise na autoridade de homens eminentes do Espiritismo, e nos ensinamentos que diariamente recebemos dos nossos orientadores espirituais. “Desconfiai de todo fenômeno espírita que se apresentar sobrecarregado de detalhes: os prestidigitadores conseguem fazê-lo bem melhor.” **[(1) Allan Kardec, pág. 344, not. 1ª]** .

Em efeito, se considerarmos o Espiritismo como filosofia da razão; se o considerarmos como filosofia da moral, e se o considerarmos como doutrina eminentemente cristã, vemos já de início a inutilidade de sobrecarregar seus ensinamentos com variados e múltiplos fenômenos que possam ferir os sentidos. A filosofia espírita, eminentemente espiritualista, não precisa disso para sua propagação, mas sim estar ajustada aos limites da razão dos fatos.

Não quer isto dizer que a nova filosofia proscruvia nada daquilo que se apresentar sobre a superfície do planeta, por novo e ideal que seja: dentro da ordem física conhecemos apenas fenômenos concretos, e o andar dos tempos irá nos ensinar milhares e milhares, cujas leis não conhecemos hoje: se ao se apresentar alguma dessas leis, uma imaginação mais vigorosa do que outra surpreender seus arcanos eternos, não será o Espiritismo, com certeza, quem irá pronunciar a palavra impossível; mas será sim aquele que, como soldado de primeira fila, irá entrar na luta, e esquadrinhando os recônditos seios dessa lei, aparecida de súbito, irá analisá-la, pesquisá-la e levar à razão, por muito que com essa divina faculdade entre em desacordo; pois nenhuma lei natural dentre aquelas que irão sendo conhecidas, poderia estar em contradição com as que já conhecemos; todas elas são parte de um todo, todas são fios do mesmo cabo, todas formam a solidariedade do Universo, e a partir do momento em que uma ficasse em contradição com as outras, a harmonia seria quebrada e aconteceria uma perturbação Universal que suporia faltas de previsão na Harmonia Suprema.

O Espiritismo não deve ser contemplado como alguns o consideram, para levá-lo pelos caminho da sua queda, ou seja, com caráter religioso,

conduzindo-o a constituir uma religião positiva. O Espiritismo é, como fica dito, eminentemente espiritualista, observando-se nele apenas os efeitos da alma livre; sendo assim, não podem ser admitidos dentro da sua severa lógica outros efeitos além daqueles que seja capaz de operar essa alma livre, e sempre dentro da ordem moral. A espiritualidade do Espiritismo está alicerçada no conhecimento adquirido pela alma sobre sua própria individualidade; sua ação como doutrina moral, por sua vez, tem como base o conhecimento adquirido pela alma sobre a necessidade da evolução pela prática da virtude; e sua propagação como filosofia universal e como doutrina racional tem seus fundamentos na prática adquirida pela alma na evolução e no desejo de praticar a caridade, aconselhando atuar no bem para adquirir maior evolução. Essa é a síntese e a razão de ser do espiritualismo da nossa doutrina.

Assentados estes alicerces como princípios, iremos dizer, sem rodeios, que os fenômenos que temos presenciado, se fossem verdadeiros, prejudicariam notavelmente a filosofia espírita, porque romperiam a harmonia dos mundos, pois caminhando por uma trilha desconhecida, o Espiritismo não explicaria dentro de suas leis hoje conhecidas aqueles fenômenos, os quais ficariam apenas como fatos curiosos sem aplicação prática. A razão não encontra a necessidade, que a sublime filosofia da nossa crença possa ter, dessas aparições espirituais provocadas; não enxerga a utilidade prática que poderíamos tirar do fato de as flores e os doces, os vasos e os abacaxis, deliciarem com sua profusão os nossos sentidos; não enxergamos a razão prática de os espíritos, baixando do nível que já adquiriram lá no mundo invisível, viessem se colocar à altura de simples mortais cujos ossos rangem; não o consentiria, por outro lado, o regulador das vontades; os espíritos em sua evolução estão destinados a missões mais elevadas; a tangibilidade dos seres que já viveram aqui, acreditamos que possa ter efeito apenas em duas condições: 1ª. Quando o espírito é tão atrasado que acredita que, fazendo-se visível, deixará de sofrer pela visibilidade real daqueles que abandonou. Nesse caso ele nem percebe o que está fazendo e sua visão tem efeito por um enorme esforço da sua materializada vontade; o 2º caso está dentro dos fatos de meditação moral, ou seja, dos que têm efeito apenas com altos fins morais ou científicos que levem ao geral progresso de uma geração. Nesse caso o

espírito que adquire essa sublime missão, tangibiliza-se em todo lugar e diante de determinado ser; sua parte fluídica apenas é vista por aquele eleito por ele de antemão para suas finalidades, e em modo algum se faz objeto de uma irreflexiva curiosidade.

Os objetos que os espíritos podem compor com suma facilidade (já que no estado de progresso conhecem a composição atômica primordial dos corpos e como esses átomos rolam constantemente pelo espaço) são da mesma variedade daqueles que conhecemos, pelos infinitos que afetam os nossos sentidos; e quando o espírito fabrica um objeto qualquer, toma os átomos ou componentes do corpo que lhe são necessários, junta-os e até pode solidificá-los, dando-lhes formas conhecidas; porém, a través de uma lei fluídica que talvez cheguemos em breve a conhecer, precisam misturar com aqueles componentes do objeto que estão fabricando, uma parte do seu fluido periespiritual, e a partir do momento em que separam esse fluido do objeto formado, um dos elementos deixa de atuar, e o objeto, mesmo que fosse um granito puro, evapora-se como fumaça.

É somente assim como é dado ao espírito realizar portentos, pois não passa por cima da lei de solidariedade; e isso é coisa que ele pode fazer sem precisar de médium algum, bastando apenas a necessidade do fato e a vontade de fazê-lo. Sempre, indispensavelmente, com a condição de conhecer, a través da lei do progresso, o modo de efetuar esses fenômenos.

Os espíritos também podem realizar o transporte de objetos, mas sem se oporem às leis naturais conhecidas.

Resumindo, diremos que a doutrina espírita iria cair no mais espantoso ridículo; cairia para não se levantar mais entre nós; cairia da alta cúspide onde sua eterna moral a colocou, para ficar por baixo, muito mais por baixo do que qualquer religião positiva, se aceitasse certos fatos sem um demorado e maduro exame, que fizesse conhecer e admitir as leis sob as quais são produzidos, e demonstrar sua aplicação prática.

Comunicações espirituais esclarecedoras Número 1.

Vocês chegam de Madri; suas polêmicas deliciam-me, vejo cumprido o

meu preferente objetivo. Vocês dizem que eu os enganei; não, queridos seres, que à sombra das asas clementes do Ser cumprem sua missão; não, amados irmãos, eu não devo ser quem lance vocês ao poço do erro, manchando suas roupas com o sangue da dúvida; não, meus queridos, de quem recebo a maior das simpatias; eu não poderia embriagar sua fantasia, para depois mostrar em troféu sua cabeça cortada com a espada da mentira; não, meus amados espíritos que conheci na erraticidade; a minha lealdade, a minha moralidade, o meu amor pela verdade, não poderiam permitir que vocês vagassem errantes pelo deserto, para que vil serpente pudesse cevar-se em vocês; eu quero, sim, para esse punhado de seres que me distinguem, um mais alto fim; quero que sejam a serpente de bronze, em cujo olhar todos os espíritas descubram a verdade, como israelitas que vagam em busca da terra de promessa. Já conduzi vocês como arca santa a guardar o depósito da verdade, e fiz em vocês essa escolha, não porque nessa terra abençoada de Deus, onde a fidalguia no peito é tão abundante, não existissem espíritas tão dignos como vocês; foi porque não é sempre que encontro a facilidade que encontrei aqui para emitir o meu pensamento, e também porque vi nas circunstâncias sociais de vocês uma maior afinidade para o meu objetivo.

Em vida, aqui e onde quer que eu me encontrar, não poderei nem deixarei de ser apenas um ser modesto, que só aspira à perfeição que Deus concede àqueles que com fé inabalável O invocam sempre; assim foi como faz tempo observava com profundo desdém, com mais sentimento do que ira, com mais compaixão do que raiva, os outros seres extraviados que não se detêm diante da falta de verdade com que pretendem enxovalhar a doutrina da eternidade da alma. Sim, face à perspectiva que contemplávamos desde estas refulgentes gases que nos unem a vocês com laço indissolúvel; face à compreensão que tivemos da série de consequências que essa falta de verdade que vocês têm visto poderia trazer para a doutrina da solidariedade universal; quando vimos que isso não era feito por mera diversão, mas sim possuía profundas raízes e malvados propósitos; desde então, não temos descansado até influir em vocês por todos os meios, para que contemplassem aquilo entusiasmados, convencidos de que nenhum dinheiro ou ameaça seria suficiente para destruir a sua acrisolada honestidade, e que como leais campeões, vocês

estariam dispostos a quebrar mil lanças se preciso fosse, contra o negro obscurantismo, mesmo quando as nossas explicações não os tivessem deixado satisfeitos.

E não julguem o meu papel como mal representado; não, foi um plano concebido após meditações profundas. Se vocês não mandassem o modesto trabalho Mediunidades, (não manchado pelo que conta daqueles supostos fenômenos) com certeza vocês não teriam visto tanta enganação como em meu nome é cometida; sim, enganação; e também vocês foram tomados por enganadores, ou então por completamente tolos ou malvados; e assim acreditaram, porque como ali a falsidade é representada, sendo ela afirmada aqui, disseram: “eis ali um dos nossos, vamos chamá-lo e o nosso triunfo será completo”. Que torpeza! Mas não: tu, Deus eterno, que tudo vês da altura do teu poder, que medes e contemplas as inclinações dos seres todos que povoam o Universo; tu, alfa e ômega do livre-arbítrio do homem; tu também muitas vezes permitiste que fosse utilizada a tua onímoda vontade, para fazer com que um miserável mordesse depois o pó do seu orgulho, ficando a sua vontade anulada com a verdade que da tua essência é emanada.

O progresso da humanidade, crescente como as encrespadas ondas de um mar embravecido; o progresso dos seres, que caminha para o apogeu correndo como nortada tempestuosa; o progresso, que é uma das tuas emanções, ser incriado; esse progresso tem sempre inimigos poderosos, mas eles ficarão anulados com apenas uma insignificante faísca da tua vontade.

Esse obscurantismo perpétuo, hidra daninha da humanidade, jamais deixará de querer se imiscuir nos teus desígnios regulamentando as consciências; porém, não o conseguindo, tenta derrubá-las com o próprio progresso para, assim enganadas, caírem da sua cúspide. Mas não, eu deliro; esse obscurantismo jamais poderá ser mais forte do que o progresso: essa serpente venenosa ficará decapitada pela florescente sociedade que, muito em breve, desligada das preocupações, elevará sua alma para a perfeição entre os hinos do amor, entre os acalantos da caridade, e ao conhecimento das tuas infinitas obras.

Sim, eu vi claramente desde este balcão do Universo, que espicaçando o vosso entusiasmo e a vossa curiosidade espírita, vocês cometeriam

torpezas que ao meu propósito conduziriam; torpezas que eu teria corrigido antes, se tivessem um fim desastroso, mas que guiadas com a sublime intenção de que a verdade iluminasse como luz refulgente do Universo, eram plenamente aceitáveis para o meu severo objetivo e para o castigo de tanta mentira.

Pouco importa que a nova teoria de mediunidades diga que aquilo é verdade; isso que para vocês parece um dano, há de ser a sublime mentira filha do meu desejo pela verdade: isso não mancha a teoria, porque se ao lado da robusta espiga nasce a urtiga, esta sendo arrancada, a espiga pode crescer mais viçosa; a urtiga não serve mais para a proteger dos frios do inverno: seja ela arrancada embora, e vocês podem conservá-la se quiserem, para tornar a olhá-la com prazer, lembrando que com seus espinhos vocês colheram trigo lindo e sadio.

Se o entusiasmo não tivesse cegado o vosso entendimento, teriam visto muitas vezes que o impossível misturava-se com a parte real da teoria; teriam observado o meu desgosto e com certeza teriam fixado sua atenção: porém eu tive sempre o cuidado preferente de não me deixar levar por uma cólera que vos fizesse conhecer o quanto se abusava do meu nome, porque com certeza, menos prudentes do que era necessário, vocês teriam escrito aconselhando prudência, e então o meu objetivo cairia por terra. Agora que a luta vai começar; agora que as paixões irão transbordar diante da descoberta não esperada; agora que confiando em um triunfo seguro irão encontrar o castigo merecido; agora é a ocasião da prudência e de antes aconselhar como espíritas caridosos; e, se o vosso conselho não for aceito por eles, à vista do mundo e sem contemplação alguma, digam: “A verdade filha do Eterno é morta nesse antro de iniquidades”; a verdade é de Deus, e diante d'Ele, que eu deslumbrado adoro, desejo que brilhe, mas a verdade não está ali: a verdade é que o progresso é uno e indivisível, que a humanidade progride a passos bem medidos, que a solidariedade universal é um fato, que os mundos correspondem-se entre si por uma comunhão de ideias e de aspirações, que o mundo visível com o invisível faz um comércio diário e constante, que a barreira que separa estes mundos jamais é quebrada pelo prazer, que os seres de além-túmulo vamos até vocês pelas leis universais e sem infringi-las, que nessas leis está a tangibilidade real dos seres livres, em

aparência sempre, mas que apenas para altos desígnios de Deus Onipotente é que tem efeito, ou quando a faculdade medianímica de ver pertence a um ser, e esses são bem raros; que ao acaso, por mero capricho, jamais é produzido tipo algum de fenômeno; os inesperados são aqueles que verdadeiramente ferem a imaginação, e de um ateu costumam incontinenti fazer um adorador de Deus; esses inesperados acontecimentos que aos espíritas é permitido observar, são os que garantem mais e mais para o cético a existência luminosa e livre da alma; e acredito que vocês espíritas não precisam desses deslumbrantes efeitos, porque bem modestos vocês os têm todos os dias, como nesse momento de falar-vos.

Marietta.

Comunicação Número 2.

Chorosa, a tenra criança mostra à mãe aflita sua diminuta e alabastrina mão toda ensanguentada: “menino, você não vê que a rosa em seu jardim possui espinhos afiados que a defendem do atrevido que deseja murchar sua corola? Para pegá-la é necessário o orvalho da manhã para abrandar esses espinhos”. O pai ouve esse conselho, e aplicando-o à vida real, fala para a criança admirada: “A verdade é uma rosa perfumada cultivada no campo da vida, porém cercada de mil espinhos que machucam aquele que quiser pegá-la. Essas puas são: a mentira, o orgulho, a avareza, a ira, a luxúria; saber orvalhar essas imperfeições com o bálsamo do julgamento reto e da honestidade, deve ser a aprendizagem da tua vida, e a perfumada rosa da verdade fará a delícia da tua existência”.

Sou alheia, mas muito alheia, à polêmica que vocês mantêm; ainda mais, sou oposta, mas muito oposta, a essas polêmicas que podem trazer para vocês incontáveis males; e partidária acérrima dessa fragrante rosa, cujo aroma chega e envolve os pés do Divino Artífice; sonhadora do mais belo ideal que desejo possa envolver o mundo para se unir com Deus; eu, que não tenho tipo algum de interesse, afirmo a você, Moreno, que tudo o que você viu em Madri são espinhos da perfumada flor do Altíssimo. Neste resplandecente mundo da luz da razão e da verdade, ilumina mais do que os dourados fulgores de mil sóis, onde o raciocínio percebe cá e acolá

maior claridade do que poderiam emprestar mil auroras; neste mundo, pasmem-se, existe uma lôbrega noite para aqueles que empregaram seus dias em semear espinhos. Esses, aqui como aí, semeiam abrolhos que ao serem pisados machucam o pobre e imperito caminhante aí desterrado; ele, sentindo-se irritado, por sua vez machuca seu irmão: aqui como aí, o orgulho, a vaidade e a imodéstia, mergulham o espírito em um mar de escuridão, e o mais triste desse fato, o mais lastimoso, o mais aflitivo, é ver tanta infelicidade e não poder socorrê-la. Não podemos restringir o livre-arbítrio, nem mesmo para o bem; a alma, por si mesma, pelos próprios trabalhos, pela experiência que adquire em suas evoluções, pelo pesar causado pelo sangue derramado com os pontiagudos espinhos das próprias imperfeições, precisa fazer tudo para o próprio progresso e para adquirir a essência da bela flor.

A mentira, que sempre é causa de todos os males, é o que mais delicia uma alma atrasada; então, a partir do momento em que vê onde verter sua peçonhenta baba, ali estarão milhares de espíritos que, qual tigre à sua presa, espreitam todos e cada um deles a ocasião de mentir, intrigar, criar condições e embrulhadas mil, tomando respeitáveis nomes para o melhor correr das suas maldades: e se o orvalho do reto julgamento não abrandar aqueles espinhos, ai de vocês! porque o sangue jorrará em torrentes até do vosso coração, causando profunda dor no nosso, sem o podermos remediar.

Pelos altos e incompreensíveis juízos daquele que é fragrante aroma da verdade que eu aspiro enlevada, vocês foram eleitos para fazer brotar uma magnífica rosa em meio a um frondoso sarçal; e qual é o porquê dessa eleição, de serem vocês e não outros? É juízo de Deus, como falei; vocês devem acatá-lo sem murmúrios, porque sendo Ele autor do livre-arbítrio, também impõe a sua vontade.

A obra é grande, difícil, muito difícil de ser terminada; se fosse revelado a vocês abertamente, sua fé teria vacilado; não comprometidos, vocês teriam eludido o compromisso, porque o egoísmo é um espinho que em vossa imperfeição deita raízes.

Chama a atenção de vocês que espíritos elevados os tenham conduzido por tortuosa trilha para colher a flor em um sarçal, mas não duvidam em dar à criança o doce que leva dentro de si o amargo remédio que lhe traz a

saúde. Vocês são crianças do universo, e para chegarem a homens do mundo real, precisam colher com afã e com verdade a fragrante rosa, que, qual rosa de Jericó, reverdece sempre com o orvalho da razão.

Matilde.

Comunicação Número 3.

A TORRES-SOLANOT, MIGUELES E COUILLAUT.

Vocês veem o caçador das selvas colocando armadilhas escondidas, para que o corajoso e destemido leão fique preso? Veem o tigre sanguinário espreitando a presa, e com quanto luxo de precauções surpreende a gazela, que cansada sacia a sua sede? Lembram, na história, as emboscadas mil que o inimigo débil porém vingativo deitou sempre ao caudilho corajoso e confiante? Lembram que essa confiança tem destruído poderosos exércitos que impuseram ao mundo sua lei? Pois voltem o olhar para os acontecimentos que neste debatido assunto são ventilados, e irão ver o cúmulo de circunstâncias, ao parecer casuais, que trouxeram vocês até a borda do precipício, para caírem nas garras de poderosa falange, que sempre luta escudada por negra rodela e pela desprezível ira que a sua impotência moral lhes dá: sua divisa é um sacrilégio, pois ad majorem Dei gloriam cometem sacrifícios mil, matando o sentimento da moralidade e criando o ceticismo na alma e a dúvida na mente: por subterrâneos caminhos chegam a perverter a mais santa das virtudes, a caridade; entram no fortim da honra, e muitas vezes fundem suas diamantinas paredes com o brilho do seu ouro denegridor: ao seu serviço possuem seres que, não encontrando no trabalho e no amor da família o caminho da virtude, vendem seu serviços queimando a própria honra à vil mercadoria do dinheiro. Esse é um fato de todos os tempos, infelizmente repetido sem cessar; porém deve ser evitado por aqueles que são dedicados a difundir o progresso, desmascarando tanta enganação: e não digo isto porque vocês sejam vítimas disso; porém, o caminho da boa-fé que vocês trilham poderia conduzi-los à condição de vítimas: lembrem que a alma simples e pura deve possuir a candura da pomba e a suspicácia da serpente. Reflitam bastante sobre como são insólitos certos

acontecimentos, que levam vocês a defenderem o sarcasmo que têm defendido, e sua mente honesta falará mais eloquentemente do que eu tudo aquilo que eu anseio: lá no sagrado recôndito da sua sincera consciência, meditem e pensem não apenas na vida pública e nos antecedentes políticos de quem vos rodeia, mas também na utilidade desses fenômenos, se de verdade o forem; e com certeza um grito da sua consciência dirá: “longe de mim, preocupação malfadada; se o erro em mim esteve alguma vez, eu, pessoa honesta e sincera, digo, que me uno a Deus pelo rosado laço da verdade.” Assim, podem ter certeza de que esta abençoada doutrina que tanto e tanto deve a vocês, sairá triunfante da luta, e a vossa luz aqui será tanta que, deslumbrados, chegarão àquele que é luz perpétua de verdade.

Matilde.

Tudo isso que temos contado deu espaço para dizermos com o Profeta “pelos frutos conhece-se a árvore”, e para decidirmos satisfazer os incessantes pedidos dos nossos orientadores espirituais, encaminhados a aniquilar aquilo que todo espírita sincero almeja ver desaparecer, para que uma tão grande filosofia não sofra atraso lamentável ao ser levantado o véu pelos adversários e ficar à mostra o esqueleto da triste verdade, pois, ao levantarem esse véu, diriam: “olhem como as nossas pregações são verdadeiras: isso que os espíritas têm proclamado como verdade infalível, é uma grande fraude inventada por nós para provar ao mundo que os espíritas são divididos em dois tipos: estúpidos bobalhões alguns, e os outros completos farsantes; assim então, a alma existe sempre, é verdade, porém vai para Deus ou para o Diabo; aqui, ela não volta mais, porque como vocês podem ver, tudo é falso, mesmo sendo proclamado como verdadeiro pelo apóstolo do Espiritismo; essa doutrina herética fica destruída, como destruída também fica a autoridade do seu pontífice”.

Esse seria o futuro do Espiritismo, se a nossa perseverança, a nossa energia não tivesse entrado em jogo, auxiliada eficazmente pelos espíritos elevados; porém, não desejando carregar sozinhos o peso de tão grande obra, encarregamos o nosso irmão P. Solano, enérgico e determinado, para

que, indo até Madri, se combinasse com os espíritas sinceros daquele local, e em uma assembleia geral explicasse o que foi relatado, lesse a correspondência trocada e fossem tomadas as providências que, para benefício da nossa comprometida doutrina fossem consideradas convenientes ao esclarecimento dos fatos. Ele assim fez, e reunindo uma assembleia com os mais respeitáveis e determinados espíritas de todos os Centros e Agrupações, expôs tudo aquilo que era preciso dizer, para a finalidade a que se propôs, e por unanimidade foi tomado o acordo de passar uma comunicação ao grupo Marietta, aderindo-se àquela dirigida por nós, e aceitando presenciar uma sessão com uma comissão a nomear, desde que cumprisse determinadas condições estabelecidas por nós com antecedência: esta comunicação foi enviada e respondida com evasivas; foi enviada uma outra, com a mesma sorte, e ainda uma terceira, respondida do mesmo modo.

A conduta eminentemente espírita do nosso irmão P. Solano, e a nossa, foi violentamente interpretada por aquele grupo, que quer lavar todas as desavenças com sangue, como se o Espiritismo admitisse o ódio e a morte de irmão para irmão. É verdade que na questão que explicamos é possível ver quais são os espíritas e quais, acobertados com esse respeitável nome, matam a doutrina, como se, do mesmo modo que Judas vendeu o Cristo, eles a sacrificassem ao preço de vil metal.

Expusemos com a lealdade e a boa-fé de verdadeiros espíritas não apenas a nossa sincera convicção, mas também os ditados espirituais obtidos sobre o assunto, omitindo neles aquilo que diretamente esclarece com as personalidades os fatos.

Queira Deus, a quem em espírito e verdade adoramos, fazer de agora em diante mais precavidos os nossos irmãos espíritas, para que, por trás de certas personalidades, descubram o manto negro daqueles que para maior glória de Deus não vacilam em afundar no abismo o seu irmão, seu pai e seu Senhor.

Córdoba, 1 de Janeiro de 1879.

A comissão do Círculo Familiar de Córdoba. - Pedro Solano. - Pedro Pedrero. - R. Moreno. - Carlos G. Torres. - A.A. Pérez.

